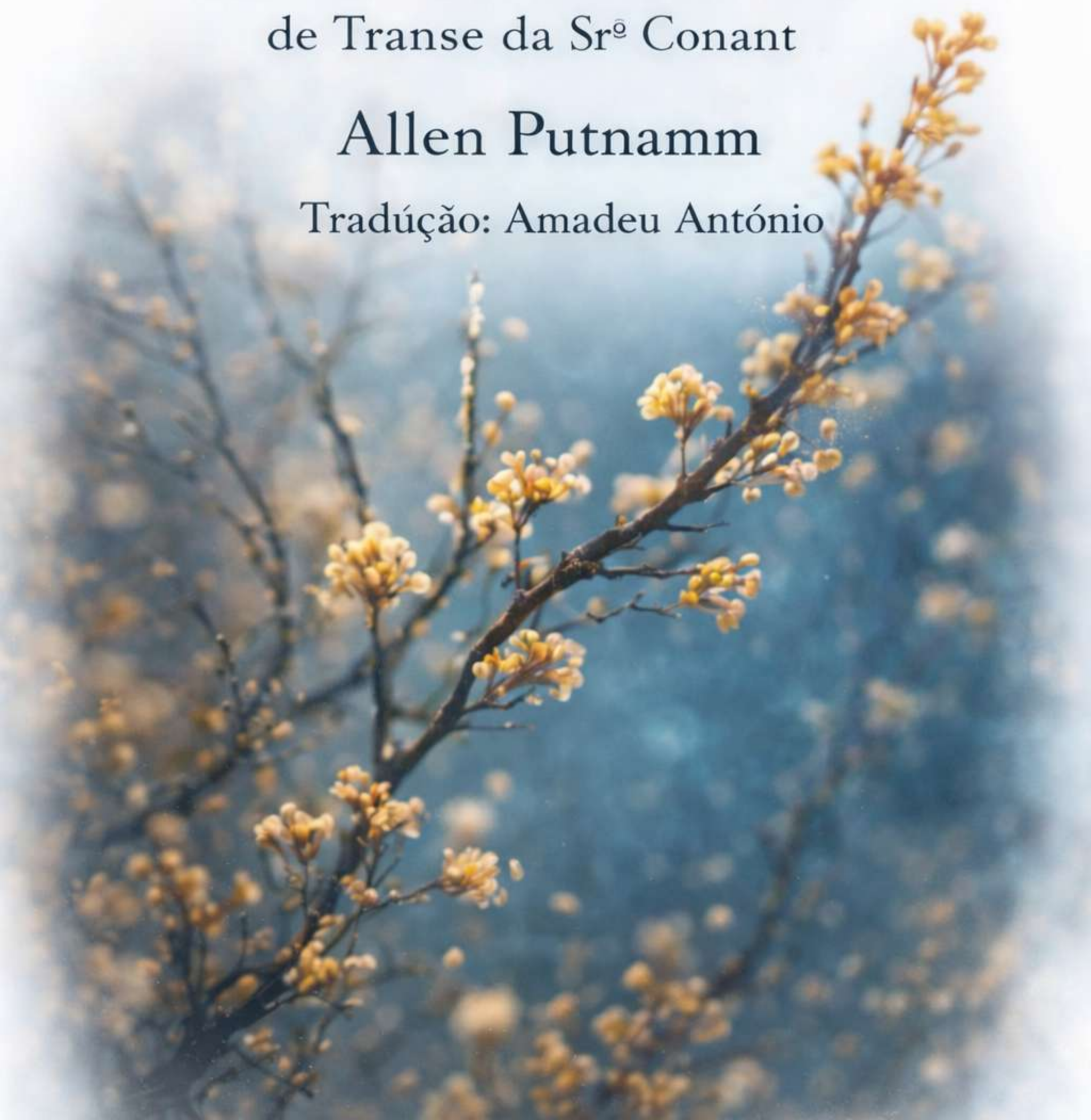


CLARÕES DE LUZ DO MUNDO ESPIRITUAL

Por Intermédio da Mediunidade
de Transe da Sr^ª Conant

Allen Putnamm

Tradução: Amadeu António



BOSTON: WILLIAM WHITE AND COMPANY, ESCRITÓRIO DO
“BANNER OF LIGHT”, 158 WASHINGTON STREET. 1872

Prefácio. Muitos leitores da obra que se segue poderão acolher um breve relato da sua origem e história. A origem, o objetivo e a influência do Banner of Light foram expostos numa sessão pública, em 4 de setembro de 1871, pelo Espírito Theodore Parker, no seguinte Discurso.

Fui solicitado a fazer uma declaração acerca do resultado dos nossos labores como espíritos ministrantes através do Banner of Light. Em prefácio direi que entramos no décimo quinto ano do nosso labor ministerial por meio desse jornal; mas há quase dezanove anos um grupo de espíritos perspicazes e enérgicos decidiu que seria ouvido na Terra através da imprensa; e, como todos os jornais então existentes eram conservadores, presos a credos e, o que é pior, presos ao dinheiro, tornou-se necessário a esses espíritos, se a sua teoria ou projeto havia de ser posto em prática, lançar um jornal próprio.

Determinado isto em convenção, enviaram-se agentes para ver quem, entre os filhos da terra, poderia ser escolhido e adaptado à obra. Depois de meses de procura, foram encontrados; mas estavam em bruto. Tornou-se então necessário empregar artistas para os talhar, martelar e polir. Isso foi feito por meio de doenças, perdas, dores, por várias provas que foram impostas a essas pessoas, até que, por fim, esses artistas anunciaram à assembleia que os sujeitos estavam prontos para ser vitalizados. Foram então visitados separadamente por um comitê escolhido para o efeito e foram batizados com um santo espírito de aspiração, de desejo espiritual, e tornaram-se prontos para enfrentar a oposição inerente à introdução de uma verdade no mundo.

Era bem sabido por este grupo de espíritos a que perigos os seus coadjuvantes mortais teriam de fazer face se conduzidos pela senda traçada; bem sabiam que seriam atacados pelo púlpito e pela imprensa e que se disparariam tiros contra eles por todas as vias da vida; mas também sabiam que seriam capazes de os sustentar; pois conheciam de que elementos eram compostos e sabiam que, uma vez que estes coadjuvantes mortais pusessem as mãos no arado espiritual, não recuariam, porque estavam tão largamente inspirados com fé naqueles que os conduziam que não podiam recuar.

E hoje o resultado dos nossos trabalhos é este: as nossas estatísticas espirituais mostram que trouxemos setenta e dois mil setecentos e quarenta e seis para o redil espiritual ainda nesta vida terrena.

Enumerámos apenas os que são espiritualistas sãos e honestos, deixando de fora todos os indefinidos. E o número que foi acrescentado às fileiras da liberdade — libertado das trevas dos credos e das várias condições de obscuridade que o espírito muitas vezes leva consigo deste mundo para a vida superior — esse número foi quadruplicado, deixando de fora todos os que não são firmes e sãos no caminho do acerto espiritual.

Isto, então, pela graça de Deus Todo-Poderoso, conseguimos fazer; e hoje o nosso glorioso Estandarte flutua em todos os climas: foi lido por todas as raças humanas; encontrámo-lo na cabana esquimó e no trono; saiu com a bênção do mundo angélico e, hoje, é mais forte do que nunca. Propõe reunir sob as suas dobras uma multidão maior do que a que já lá está; e, embora este grupo de espíritos possa não ser capaz de recompensar os seus coadjuvantes mortais como desejaria, a sua recompensa no além é certa, e nada têm a temer, pois estão tão firmemente alicerçados na verdade e na justiça que as portas do inferno não poderão prevalecer contra eles.

Penalidades da Mediunidade. Submetem por vezes os espíritos bondosos certos mortais sensíveis e escolhidos a experiências prolongadas, duras e agonizantes, com o propósito especial de os tornar subordinados obedientes e instrumentos dóceis em benéficas labores filantrópicas? O discurso anterior implica que sim. Leia-se a autobiografia do profeta Ezequiel, observando cuidadosamente a disciplina a que foi sujeito pelo “espírito que entrou nele” e assim “o levou” de modo que “ele foi com amargura”, e ver-se-á que provações humilhantes e dolorosas não são novos instrumentos para desenvolver e tornar flexíveis as suscetibilidades mediúnicas e subjugar os poderes da autodeterminação humana. Os videntes e profetas mais venerados do mundo, quase sem exceção, foram homens de dores, experimentados em tristeza, dificuldades e privações.

O juízo comum dos homens muitas vezes presume que espíritos puros, bondosos e sábios não podem usar como médiuns pessoas desprovidas de eminente valor moral. Mas nenhum mérito ou demérito moral excecional é aparente ao observador externo dos médiuns modernos, nem ao leitor da história, como pertencendo àqueles que, em todas as eras, foram talhados, polidos e batizados para os tornar instrumentos satisfatórios e coadjuvantes dos espíritos para revelar maravilhas e verdades aos mortais. Para mostrar que tal suposição comum é infundada e que a mediunidade é principalmente prole de peculiaridades

físicas, citamos parte de uma definição de mediunidade por Parker, em 16 de dezembro de 1867. Ver página 106. “Um médium é simplesmente um corpo sensível às forças do universo — forças que vós não compreendeis inteiramente; aquelas que ainda não vieram ao âmbito da ciência humana; aquelas com que a ciência humana ainda não lidou. Um médium possui uma qualidade peculiar de magnetismo e eletricidade.”

Um escritor do Novo Testamento (Heb. xi) definiu a Fé como “a prova das coisas que se não veem”, e usou a palavra Fé para exprimir precisamente essa confiança em poderes superiores que os nossos médiuns dóceis frequentemente manifestam e, muitos séculos após a queda de Jericó, incluiu a prostituta Raabe com Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaac, Jacob e José como digna de lembrança pelo que alcançou pela Fé — pela “prova” que tinha “das coisas que se não veem”. Os princípios segundo os quais os médiuns são escolhidos são os mesmos agora como nos dias de Josué; envolvem principalmente aptidão física.

Os Porta-estandartes Visíveis. Seleccionados, induzidos e ajudados por espíritos, certos mortais, em 1857, desfraldaram o Banner of Light, iniciaram uma marcha, avançaram a roçar a falência durante anos, uma vez tombaram para lá da beira e libertaram-se de um fardo de trinta mil dólares de endividamento, e, no entanto, nunca deixaram em qualquer semana subsequente de dar ao Banner um arejo. Carregado com as despesas extraordinárias muito pesadas do Departamento de Mensagens, o jornal hoje, à parte do negócio de edição de livros dos proprietários, não se mantém por si mesmo, e em todos os anos anteriores falhou em reembolsar o seu custo. Labor incansável e ansiedades financeiras têm sido experiências constantes destes Porta-estandartes. A fé na sabedoria, no poder e na justiça dos seus colaboradores invisíveis deu-lhes esperança, força e perseverança. Quer se acredite ou não no relato acima dado sobre a criação e supervisão do Banner, esse jornal já ultrapassou em longevidade todos os congêneres da sua infância e encontra-se agora numa vigorosa e eficiente maturidade.

A extrema sensibilidade e as fragilidades físicas da médium principal têm exigido visitas diárias de um médico remunerado, aposentos silenciosos, asseados e arejados, e as muitas iguarias de um inválido; o custo disso, somado às necessidades gerais dela e do marido dependente, reclama mais de três mil dólares por ano; e quando acrescentamos a essa soma a renda e o cuidado da Sala do Círculo e uma remuneração justa a um

repórter magneticamente, empaticamente e em todos os outros aspetos, apto para o lugar e para os seus deveres, será evidente que o custo do departamento de mensagens é muito oneroso.

O grupo original de trabalhadores visíveis, todos conscientemente suscetíveis às sugestões dos espíritos, eram William Berry, William White, Luther Colby e a Sra. Conant, sendo esta o canal de confiança dos oráculos. Isaac B. Rich e Charles H. Crowell, irmão da Sra. Conant, juntaram-se posteriormente à firma do Banner. Berry e Crowell juntaram-se aos pioneiros na terra dos espíritos e lá estão a ajudar a abrir caminhos e a aumentar a eficiência dos seus associados e sucessores.

Luther Colby, agora e desde o seu início redator-chefe do Banner, há muito vem deixando a sua marca e gravando a sua própria biografia nas suas colunas. Agastando-se resolutamente, de quando em quando, sob os tormentos de influências conflitantes de redor e de cima; sofrendo duramente e quase enlouquecido pelas dilacerações dessas grades, ainda assim manifesta perseverantemente a sua fé e obediência às instruções e impressões dos espíritos, mescladas com não pequena dose de independência pessoal e autoconfiança na gestão do seu jornal e nos seus juízos quanto aos métodos mais sábios e eficientes para promover a causa do Espiritualismo. Nesses labores tem sido longamente coadjuvado de forma eficiente pelo seu calmo e digno redator-adjunto, L. B. Wilson. Um dia futuro será cedo bastante para um relato alargado das inspirações, labores e sofrimentos de Colby.

O público poderá esperar ainda no presente ano uma biografia extensa e autêntica da Sra. Conant; por isso, a nossa nota sobre ela pode ser muito breve. Ela tem sido médium desde a infância. “Anjos falaram pelos” seus “lábios”, como falaram pelos de Swedenborg, na primeira infância, e têm continuado a usá-los com invulgar persistência e método. Dizem aqueles que a conhecem bem que não possui habilidades intelectuais ou literárias acima ou fora da média comum das mulheres; que a sua instrução é bastante limitada e que, no seu estado normal, é manifestamente incapaz das enunciações que os seus órgãos proferem quando usados por espíritos. Isto é mais do que credível; pois, durante várias sessões de serviço na legislatura, começando há quase quarenta anos e terminando em 1852, abarcando um período em que as salas de Massachusetts se familiarizavam diariamente com os discursos de homens muito eloquentes e cultos, lembramo-nos de apenas um ou dois que, em debate extemporâneo, não esquecessem frequentemente as lições de gramática da juventude, proferindo frases que os

envergonhariam se vistas em letra impressa. Mas nesta obra há mais de duzentas páginas de respostas improvisadas, pela Sra. Conant, textualmente como lhe caíram dos lábios. E, como tais, são um prolongado milagre de correção gramatical, de perspicuidade e pertinência.

Ocasionalmente, uma versificação muito boa, por vezes roçando a boa poesia, flui dos seus lábios; contudo, no seu estado normal, nada do gênero jamais lhe saiu da língua ou da pena.

Ao longo de muitos anos tem suportado muita debilidade física e sofrimento, acrescidos da solitudine e sustento de um marido em quem a luz da razão é vacilante e declinante, que tem de passar os seus anos em reclusão da sociedade geral, longe do lar. Raramente algum mortal poderá dizer com mais verdade do que ela: “O meu fardo é maior do que posso suportar.” Aparentemente, o seu espírito mantém-se ao corpo sobretudo pela simpatia e ajuda de outros espíritos dos dois lados do véu separador. Assim frágil, carregada e entristecida é o instrumento de enunciações claras, fortes, vigorosas e corretas. Quem maneja o instrumento? A frágil Sra. Conant, sozinha? Que responda o bom senso.

Origem das Perguntas e Respostas. O compilador, não encontrando nas primeiras séries do Banner um departamento intitulado Perguntas e Respostas, e sendo apenas sob essa rubrica que lhe foi permitido selecionar, perguntou em privado ao editor quando e porquê esse departamento fora introduzido; quando e por que razão os espíritos controladores se dispuseram a ser simplesmente respondedores às questões apresentadas pelo homem inquisitivo.

Na sessão pública de 1 de abril de 1872, o Espírito Parker disse: Posso tão bem responder aqui como noutro lugar a um pedido que me foi feito. É este: Dai-nos a origem das perguntas e respostas que compõem uma parte do departamento de mensagens do Banner of Light. A inauguração deste departamento especial teve origem numa necessidade pública — numa exigência feita aos espíritos que controlam neste lugar pelas audiências aqui reunidas. Esta exigência tornou-se por fim tão premente que já não podia ser resistida pelo mundo espiritual; e assim, em resposta a esta súplica ou exigência, este departamento especial foi inaugurado, e determinou-se que qualquer espírito que presidisse em qualquer ocasião seria o espírito que receberia e responderia às perguntas propostas, e que esse espírito, e só esse, seria responsável pelas respostas. Se fosse um Theodore Parker e dissesse uma mentira,

seria responsável por isso. Se fosse um Swedenborg e dissesse uma mentira, seria responsável por isso. Se fosse um Jesus Cristo e dissesse uma mentira, seria responsável por isso. Se fosse uma prostituta da North Street e dissesse uma mentira, seria responsável por isso.

O mundo espiritual esteve durante muito tempo na ignorância quanto aos melhores métodos de transmitir o que sabiam aos que aqui necessitavam de tal conhecimento. Durante anos, as informações do mundo espiritual vinham em tiros ao acaso; mas, graças à Providência soberana, esses tiros fizeram a sua obra. Pouco a pouco organizaram-se falanges por todos os diversos domínios espirituais — umas para um fim, outras para outro — para disseminar a verdade sobre a terra, para varrer aquelas antigas condições de treva que por tanto tempo haviam arrastado a alma para baixo e a tinham feito beber as águas amargas do erro.

A falange organizada para controlar neste lugar consistia num Presidente, Vice-presidente, Secretário, Presidente da Mesa e Comissão Geral. Sob a sua supervisão vieram todas as coisas dadas neste lugar. E, na medida do possível, era função desses espíritos presidentes saber da veracidade ou falsidade de cada espírito que regressava. Assim fizeram e, tendo-se satisfeito quanto à veracidade de cada um que desejava regressar, então se lhes tornou dever auxiliá-los a atravessar esta ponte do arco-íris da vida para que pudessem encontrar aqui os seus amados, cujos corações, sem o saberem, ansiavam pela mesma verdade que lhes podiam trazer.

As Sessões. Três vezes por semana, durante muitos anos, um grupo de espíritos tem dado respostas improvisadas às perguntas indiscriminadas do mundo, através da Sra. J. H. Conant, na Sala do Círculo do Banner of Light, 158 Washington Street, Boston, Massachusetts. As portas dessa sala, cujas paredes se acham adornadas com retratos de muitos espíritos e espiritualistas proeminentes, e com desenhos espirituais, abrem-se gratuitamente a todos os que chegam. Habitualmente não menos de cem a cento e vinte e cinco pessoas estão presentes em cada sessão.

À hora designada para o encontro, a Sra. Conant toma o seu lugar numa plataforma elevada cerca de sessenta centímetros acima do chão. As portas são então trancadas; a médium passa rapidamente para sob controlo, e o espírito controlador profere, com ênfase e fervor, uma breve invocação à Inteligência suprema. Terminada esta, pede quaisquer perguntas que o presidente possa ter. Uma pergunta, se alguma foi

enviada ou entregue, é lida ao alcance de toda a assembleia e é imediatamente respondida — por vezes com um monossílabo breve, mas geralmente por uma exposição mais ou menos desenvolvida.

Este procedimento é seguido até que todas as perguntas na guarda do presidente tenham sido respondidas. Atingido esse ponto, é dada permissão a qualquer pessoa da assistência para formular perguntas verbais relativas ao que foi dito ou a qualquer outro tema, e as questões assim propostas são prontamente respondidas. Encerrado o diálogo, o espírito controlador cede a posse da médium a algum outro invisível. Habitualmente, em cada sessão, três, quatro ou mais espíritos, sucessivamente, são autorizados a enunciar os seus desejos ou sentimentos neste local público, de onde as palavras seguirão o seu caminho para aqueles a quem se destinam especialmente.

Cartas em envelope dirigidas a espíritos específicos podem ser colocadas na mesa da médium por quaisquer pessoas ao entrarem na sala. Entre quinze e trinta visitantes costumam aproveitar este privilégio e, terminado o discurso, a médium, na presença de toda a assistência, manuseia essas cartas uma a uma e escreve rapidamente algumas palavras no envelope ainda fechado da maioria delas. Concluída essa tarefa, a mão da médium é utilizada para escrever o nome do espírito que conduziu aquela sessão e o daquele que respondeu às cartas. Este bilhete é lido pelo presidente (que costuma ser o Sr. William White, um dos editores do Banner) a toda a assembleia, e então anuncia-se que os exercícios da ocasião estão encerrados. Enquanto a assistência sai da sala, as cartas, que são propriedade privada, são reclamadas e levadas por aqueles que, respetivamente, as colocaram sobre a mesa. Eis um breve relato das circunstâncias em meio às quais nascem as perguntas e respostas.

O trabalho do compilador. A ligação do compilador ao Banner é unicamente a de empregado temporário. Quando foi convidado a assumir a sua tarefa, foi informado de que Theodore Parker desejava que fosse publicada em livro uma compilação das perguntas e respostas do Banner e favorecia o seu próprio emprego como compilador. Pouco depois, visitou a Sra. Conant no seu alojamento e teve, por seu intermédio, uma entrevista com Parker. A principal questão colocada a esse espírito foi se as seleções deveriam ser organizadas de modo a apresentar, em parágrafos consecutivos, as afirmações dispersas e por vezes discrepantes relativas a temas particulares — como expiação, perdão,

imortalidade, etc. —, ou se deveria ser preservada a ordem cronológica, como no Banner.

A resposta exigiu a manutenção da sequência cronológica, a seleção apenas de enunciados posteriores ao início dos relatos textuais (verão de 1867) e a preservação da linguagem exata de cada comunicador. O teor da informação então obtida foi que os espíritos controladores dos círculos do Banner desejavam que a compilação fosse um compêndio fiel e amplo dos seus ensinamentos sobre todos os temas de interesse geral por eles discutidos nas sessões durante um dado período.

O ato de compilar, portanto, não implicava assumir qualquer responsabilidade pela verdade, sabedoria ou influências morais do conteúdo da obra; o poder discricionário limitava-se a julgar que partes continham mais e que partes menos do que poderia ser novo, interessante ou instrutivo para o público leitor, e à exclusão do menos importante. A aprovação ou desaprovação pessoal das doutrinas ou sentimentos comunicados não devia exercer influência no juízo compilatório; e, onde quer que se encontrasse diversidade de opinião entre os mestres espirituais, seria dever deixar que a diversidade reaparecesse no epítome.

Mesmo a incredibilidade mais absoluta e a aparente absurdidade de certas declarações deviam favorecer a sua reaparição, antes do que a sua supressão. O conhecimento e a ciência astronômica e geográfica do leitor poderão ficar estarrecidos quando chegar ao que os espíritos dizem saber acerca do tamanho do nosso globo e dos seus continentes e povos ainda não descobertos; mas ao compilador não é lícito suprimir quaisquer enunciados distintos por excederem a compreensão de nós, toupeiras. Deve cumprir as instruções e restrições do seu encargo.

Os arquivos do Banner, do outono de 1867 até 1 de janeiro de 1872, continham “Perguntas e Respostas” em quantidade suficiente para constituir um volume de mil e duzentas páginas, ao passo que o livro tinha de se limitar a cerca de quatrocentas. O trabalho do compilador não requeria nem perícia nem gosto em composição e arranjo literários, mas sim muita leitura e releitura, e grande cuidado em selecionar de modo que cada orador controlador, cada tema de interesse geral e cada diferença significativa de enunciado ou opinião figurassem no Compêndio, e isso sem qualquer abreviação nem alteração de linguagem. Porém, cortes repetidos e re-repetidos não lograram reduzir o

conjunto à compressão desejada, e uma parte do material aprovado fica reservada para integrar outro volume, a publicar em algum ano futuro.

Pessoas de todos os graus de intelecto e cultura, de vários credos e movidas por diferentes motivos, reúnem-se na Sala do Círculo e formulam promiscuamente perguntas que variam do mais profundo ao mais frívolo, do mais liberal ao mais tacanho, do mais filantrópico ao mais egoísta, do mais espiritual ao mais temporal, todas as quais são gentilmente respondidas — relatadas e impressas por ordem cronológica. Além disso, essencialmente as mesmas perguntas ocorrem vezes sem conta, e não há conceito concordante do significado, nem aplicação sistemática, das palavras alma, espírito, mente, intelecto, etc., por parte quer dos perguntadores quer dos que dão as respostas.

Todas estas coisas conspiram para tornar necessária a repetição e re-repetição de muitas réplicas quase idênticas, a fim de apresentar com justiça tudo quanto foi ensinado. A obra é uma miscelânea — necessariamente —; e é uma miscelânea truncada, cortada a direito à data em cada extremidade. Tentou-se uma condensação satisfatória, mas não se conseguiu. O êxito do compilador fica muito aquém do seu objetivo.

As reflexões do compilador. Muitas dezenas de inteligências brilhantes, que levaram consigo, como talismã ou panóplia, este ou aquele dos vários e conflitantes credos da terra ao passarem pelos portais da morte, estão a regressar, revestidas da autoridade da observação pessoal e da experiência na vida espiritual, e ensinam de comum acordo que todas as crenças em credos especiais são agora impedimentos, em vez de auxílios, à sua felicidade e progresso, e que a única religião útil e plenamente suficiente do homem é simplesmente manter-se imaculado do mundo e agir com justiça para com os outros, do modo mais simples e de bom senso possível.

Ensinaram que todas as punições e todas as recompensas são resultados naturais de forças universais e constantemente atuantes. Protestantes de várias seitas, católicos romanos, judeus, turcos, árabes, chineses, índios e muitos outros, habitando a vida além, reencarnam-se transitoriamente e, à luz das suas experiências, respondem às indagações do homem. E todos ensinam, substancialmente, que cada homem pode ler o seu próprio destino futuro, a sua retribuição para além do túmulo, no simples facto, desvinculado de todas as interpretações atenuantes ou abafadoras, de que “tudo o que o homem semear, isso

também ceifará”. Ensinaram que o domínio da lei é coextensivo com a eternidade e o infinito. Tal é o evangelho revelado por estes Relâmpagos de Luz do Mundo dos Espíritos — um evangelho inspirado de simples e liberal bom senso, vindo travar combate, para vitória ou morte, com os dogmas místicos e castradores da Cristandade, não com a essência, mas com as perversões do Cristianismo.

Quando e onde, na história passada do mundo, recebeu o homem um afluxo de iluminação de além do véu tão metódico, prolongado e copioso como este que ainda jorra nos círculos do Banner? Em que outro lugar tantas inteligências despidas promulgaram aqui conhecimentos adquiridos por experiências pessoais e desdobramentos no além? Que outro conjunto de órgãos vocais humanos além dos da Sra. Conant sentiu o toque, respondeu ao chamamento e serviu a vontade de quase dez mil espíritos diferentes na enunciação distinta de mensagens de volta ao homem? Onde mais foram registados, como na Sala do Círculo do Banner, tantos nomes e antigas residências de viajantes em rota de retorno?

Esta época não vê, não precisa ver, provavelmente não pode ver o poder e a beneficência do grupo de espíritos do Banner. O Banner é hoje um profeta no seu próprio tempo e país. Tanto a ação legítima como os encantos da distância e do tempo são essenciais para medir com justiça a importância e a influência das verdades. As gerações futuras poderão rastrear a origem de reformas momentosas nos credos, cerimônias, hábitos, costumes, moralidades e governos da humanidade até às doutrinas, conselhos e auxílios que os espíritos ascensos estão agora a fornecer. Chegará o tempo — e não está num futuro muito remoto — em que o mundo terá aprendido que as inspirações e as “obras poderosas” que agora se desenrolam no nosso meio são tão divinas, tão miraculosas, tão imediatamente produções do Poder infinito como as de qualquer época anterior. O Espiritualismo moderno fará e assinalará uma brilhante época na história humana, e o Banner of Light será um dos mais extensos e autênticos registos dos seus primeiros desdobramentos.

Terá o compilador estado em terreno sagrado, colhendo relâmpagos de luz de uma “sarça ardente”? Seja como for, enquanto a sua pena registava as meditações e lampejos proféticos acima, um grave sentimento da possibilidade de que muitos, num futuro distante, considerem estas colheitas como oráculos do alto, as usem como luzes para alumiar as trevas da terra e desvendem as sendas de virtudes cujos frutos serão a paz celeste — um grave sentimento de tal possibilidade

pareceu dar-lhe, através destas páginas, uma possível ligação com as gerações vindouras e levou-o a invocar do Pai das Luzes tal iluminação das mentes dos seus filhos presentes e futuros na terra que eles possam, de imediato, discernir e evitar tudo o que possa ser falso ou nocivo, e descobrir e apropriar-se de tudo o que nestes Relâmpagos seja verdadeiro e salutar. Allen Putnam. 13 de abril de 1872.

INVOCAÇÃO

Anjos santos, guiai mortais,
Sobre as ondas temporais;
Abri bem largas as portas claras
Que às alturas sublimes levam as almas.

Erguei, erguei o véu que os veda
Dos seus amados que a morte os ceda!
Mostrai-lhes só rostos brilhantes,
Que esperam na outra margem distantes.

INVOCAÇÃO DE NATAL

Ó Tu, presença misteriosa,
Que enche a terra, o mar, a lousa,
Queremos cânticos erguer,
Só a Ti queremos render.

Dos altares da terra imensa
Nasce o pranto, a dor intensa,
Súplica de um porvir melhor,
Vigias cansados no torpor.

Fazei que ouçam vozes sonoras,
Vindas da pátria redentora,
Despertando ecos dormentes,
Fortalecendo mãos e mentes.

Fazei que a estrela da promessa
Aos dias claros os endereça,
Sobre planícies do erro, enfim,
Onde repousa o Menino sem fim.

Cantem o hino santo, outrora
Cantado por anjos em aurora:
“Paz na terra, boa vontade,
Vinda do Céu em claridade.”

Então a noite em manhã se faz,
E os anjos juntam-se em canto de paz;
O dia da concórdia desponta,
E nasce a Verdade, que tudo afronta!

INVOCAÇÃO

Ó fonte de eterna sabedoria,
Senhor da terra e da Elysia,
Mergulhar queremos cansadas almas
Na plenitude das Tuas calmas.

Beber queremos águas que correm
De altares mil, que nunca morrem;
Altares sem sangue a manchar o chão,
Nem dor a encher o coração.

Queremos erguer-nos redimidos,
De ilusões terrenas despídos,
Na santa palavra — perdão —
De todo pecado e tentação.

Habitar com santos e sábios outrora,
Cujos pensamentos ressoam ainda agora,

Chamando os homens todos a amar
O Senhor do Céu e do mar.

Ouvi a prece, anjos guardiães,
Sede para nós arautos do bem,
Levai nossa mensagem, mesmo manchada,
Ao trono do Amor, purificada.

O presidente leu uma breve lenda, transmitida por um espírito índio, que explica o costume que muitas vezes condenava as mais belas filhas do homem vermelho a um destino cruel, da seguinte forma:

“O homem branco tem costumes; o índio também os tem.
O que o índio julga certo, o branco julga errado.
O que o branco julga certo, o índio julga errado.
Há muitas luas, onde o homem branco agora caça o seu jogo, o índio caçava o seu. Os vossos grandes livros dir-vos-ão isso.

Quando duas ou mais tribos estavam em guerra, a mais fraca, após dois sóis de jejum, reunia-se em conselho, guiada por um *sachem*, para ver o que o Grande Espírito lhes diria que fizessem com as suas jovens índias (pois era costume da tribo vencedora escravizar todas as jovens, matando as idosas que caíssem em seu poder).

Ao nascer do sol, depois de uma noite inteira de conselho, era costume chamar a mais bela jovem da tribo e dar-lhe o direito de escolher entre a morte pelas mãos do seu parente mais próximo ou o risco de ser capturada e escravizada pela tribo vencedora. A sua decisão era tida como a voz do Grande Espírito, da qual não havia apelo.

Winona, tema do simples poema que se segue a esta introdução, foi a primogénita da casa de Wanandago, que era, então, *sachem* da tribo. Os terrenos de caça desta tribo eram aqui, onde agora se erguem as vossas muitas cabanas; e a cabana do *sachem* ficava no cimo da colina, onde agora se ergue o vosso grande salão de conselho.

Quando o homem branco veio de além-mar, caçava o jogo do índio e nada lhe dava em troca. Plantava o seu milho nos montes sagrados do índio e não derramava lágrimas — mas deu-lhe a sua água-de-fogo! E assim o índio se inflamou contra o homem branco e decidiu fazer-lhe guerra. Foi então que o Grande Espírito falou a Winona, e a flecha de Wanandago enviou-a para a terra do sol e das águas límpidas, onde

Metoka, a bela companheira de Wanandago, já partira quando chegara Winona.”

(A palavra sachem, entre os índios, significa profeta ou líder espiritual.)

A JOVEM ÍNDIA WINONA

À luz do sol, à luz da estrela,
Nas luas de outrora, no tempo que impera,
Antes que o solo virgem de Shawmut
Vibrasse sob o arado bruto;

Antes que os grandes lagos e rios
Ouvíssem cantos brancos e frios;
Antes que o Pai de Todas as Águas
Os trouxesse em fortes fráguas;

De terras distantes, de cabanas do sol,
Onde o guerreiro ouve o tambor e o escol,
Vivia Winona — filha da Natureza,
Primogénita bela, de fronte acesa.

À sua vinda, Metoka partira
Para o prado onde a flor não fenece nem fira.
Cresceu Winona, forte e formosa,
Mais que a primavera, pura e radiosa.

Ecoava o vale com sua doce voz,
Que fazia ressoar montes veloz;
Se o veado passava ante a sua cabana,
Logo caía com seta que o dana.

Dezasseis vezes caiu a neve,
Dezasseis vezes o sol se fez breve,
Desde que guerreiros e jovens plangiam
O hino fúnebre que a Metoka rendiam.

Então soou a estranha voz do branco,
Por toda a terra, em tom franco;
Seus pés ligeiros não hesitavam,
Mesmo ao profanar montes que veneravam.

Todo o nosso jogo caçavam sem dó,
Tornando-o seu, num ímpeto só;
Sem temor do suspiro da donzela,
Nem do olhar sombrio da sentinela.

Então a voz de Wanandago,
Suave, caiu como sopro vago:
Perguntou se Winona, bela e pura,
Iria à terra da luz segura.

Rápida a resposta, como sombra a cair,
Encheu sua alma de noite e partir:
“Irei, ó grande *sachem*, sem temor,
Para onde o céu é sempre fulgor;

Onde a caça é vasta, sem fim,
Onde as águas brilham cristalinas assim;
Onde os espíritos dos nossos pais,
Cantam hinos fortes, imortais.”

E logo guerreiros e jovens, em dor,
Cantaram de novo o cântico de amor;
Pois o espírito de Winona, altaneiro,
Fora levado à terra do luzeiro.

Mas esta noite ela vem saudar-vos,
Com brandura e amor vem abraçar-vos;
Com mãos suaves deseja guiar-vos
À terra da luz, para libertar-vos.

Onde o branco não rouba o índio jamais,
Onde o sol não se apaga nunca mais;
Onde guerreiros e donzelas enfim,
Não entoam hinos de funeral sem fim.

Na terra onde estrelas brilham mais,
E os raios da lua descem em paz,
Onde a bênção do Grande Manitu
É como sol que a todos reluz.

Ali o índio faz conselho profundo,
E seus pensamentos crescem no mundo;
Pois os anjos ensinam o perdão
Pelo terrível erro do homem do cão.

Aqui, o machado e as flechas repousam,
Sob as vossas cabanas que se elevam;
Ali, sua alma bebe a sabedoria
Da gloriosa terra da harmonia.

Adeus, mortais de face pálida,
Até que, em conselho, na hora válida,
Face a face vos encontre Winona
Na Terra da Manhã, que tudo coroa.

RECEPÇÃO DOS ESPÍRITOS ÍNDIOS

Um agradável acontecimento teve lugar, há algumas noites, em Watertown, na residência do Sr. Charles H. Crowell (*Kanagawah Lodge* — assim chamado pelos amigos espíritos índios), então casa da Sra. J. H. Conant. Pouco depois de a Sra. Conant ali se estabelecer, os seus amigos espíritos índios, que por anos tinham usufruído o privilégio de comunicar com os mortais através do seu organismo, expressaram o desejo de oferecer uma recepção a alguns dos seus amigos “de face pálida” no *lodge*. Obtido o consentimento, a data escolhida para a reunião foi sexta-feira, 17 de Agosto de 1866; e um seletto grupo de entre 50 e 60 senhoras e cavalheiros respondeu ao convite.

Pouco depois de os amigos se reunirem na sala, a Sra. Conant foi tomada em transe por Winona, uma jovem índia (tema do poema transmitido por Metoka, através da Sra. Conant, no Melodeon em Março passado), que saudou cada um dos presentes à sua maneira peculiar, retirando-se depois em silêncio, para dar a vez a **Starlight**, outra jovem índia, de cumprimentar os “pale-faces” presentes. Era muito modesta e reservada nos modos, conquistando o coração de todos. Em vida terrena era conhecida como Naonta, tendo sido educada numa escola inglesa no Canadá. Diz-se que era muito bela. A este espírito foi concedido o privilégio de dar as boas-vindas aos convidados, o que fez com graça, no seguinte estilo caracteristicamente índio:

“Homens de face pálida, Naonta, em nome do seu povo, vos dá as boas-vindas ao *lodge* dos índios. Os seus corações são calorosos para

convosco e as suas mãos cheias de bênçãos. Que as vossas assim sejam para eles. Eles vêm ao vosso encontro das montanhas e dos vales, dos lagos e dos rios, e pedem para aprender convosco, e em troca ensinar-vos-ão muito sobre a grande terra de caça, para onde também vós ireis quando dormirdes como eles dormiram. Quando Naonta se for, Metoka virá, saudando-vos com a sua fala cantada.”

Todos pareciam tocados pela simplicidade e beleza deste breve discurso, e evidentemente desejavam ouvir mais dela; mas cedeu o lugar à viva e loquaz **Springflower**, que conversou animadamente com as “donzelas e guerreiros” durante algum tempo. Depois, despedindo-se com um “boa lua”, retirou-se, e então a calma e digna **Metoka**, mãe de Winona, tomou o controlo e recitou o seguinte:

POEMA

Como a música das águas,
Como o suspiro das árvores,
Como um sussurro suave e brando
Pairando na brisa da tarde,

Vêm os mortos, os longamente partidos,
À ilha dos bem-aventurados,
Trazendo incontáveis bênçãos,
Falando de uma terra de repouso.

Não o repouso que nada conhece,
Como o silêncio do túmulo,
Mas o repouso que nasce do labor,
Do labor pelo que há de vir.

Eles vêm quando acendeis as fogueiras,
Que brilham nas paredes do vosso *lodge*,
E o seu orvalho de inspiração
Sobre todo o espírito cai, —

Cai como luar sobre as águas,
Com doçura e prata a brilhar,
Ou como estrelas através das sombras,
Roubando à noite o seu pesar.

Dos lagos e dos rios chegam,
Sobre planícies e montanhas erguidas,

Muitos bravos e muitas donzelas
Respondem ao vosso chamado.

Serão bem-vindos ao vosso *lodge*?
Vosso afetuoso cumprimento cairá,
Como o manto imaculado do inverno,
Sobre negros, vermelhos, sobre todos?

Quando o *Lodge de Kanagawah*
Sopra bênçãos por toda a parte, —
Sobre montes, sobre vales,
Sobre a maré irresistível da morte, —

Então a bênção do grande Manitu
Entra pela porta aberta,
E os vossos mortos, os longamente partidos,
Abraçam-vos de novo, junto ao peito.

Agosto, 1866.

A ESTRELA DA ESPERANÇA

[*Dedicado a Telular, a estrela do Kanagawah Lodge, por Mrs. Hemans.*]

Brilhante estrela da esperança! que os teus raios
De beleza radiante continuem a luzir
Sobre as almas libertas que habitam
Além do rio do tempo a fluir.

Ó, estende-lhes a tua mão de amor
Através das vagas que rolam sem par,
E guia-as, pelos jardins da Natureza,
À sabedoria e a Deus, sem cessar.

Repele as sombras com tua luz,
Como Moisés que a rocha feriu,
Até que cada alma no teu alcance
Sinta o choque que a vida influiu.

Entra no seio da sombra do cipreste
E rouba-lhe a sua dor sem fim,
Dourando de brilho divino
O portal que ao túmulo tem sim.

Fica junto à alma que parte,
Que teme a travessia da maré,
Conduzindo-a além de toda dor terrena,
Onde os amigos em amor estão de pé.

Fortalece os fracos e feridos
Que hesitam no caminho ao luar,
E reconduz à vereda da sabedoria
Pela verdade que nunca há de falhar.

Sê guia, farol e lume bendito
Dos errantes à beira do mar;
E contenta-te sempre com o teu destino,
Para sempre — sem cessar.

Assim o céu na terra começa
Por cada ato de puro amor,
Enquanto anjos cantam teu louvor
Nos mundos de eterno fulgor.

Banner, 18 de Agosto de 1866.

ANNA CORA WILSON

“Birdie”, a amada filha-espírito do Sr. e da Sra. L. B. Wilson, que já se tinha manifestado em várias ocasiões anteriores, depois de assumir o controlo do médium, pegou num ramo de delicadas flores que estava sobre a mesa e, voltando-se para a sua mãe, que se sentava perto, pousou-lhe a mão na cabeça, inclinou-se, beijou-a ternamente e disse: “Querida mãe, agradeço-te por estas belas flores.”
Depois, dirigiu-se a ela nestes versos de tocante significado:

POEMA DE “BIRDIE”

Não durmo, querida mãe, onde as margaridas florescem,
E os pássaros selvagens entoam hinos de louvor;
Onde as estrelas espreitam pelo silêncio que desce,
E o cipreste acena à brisa que passa em redor.

Não, não; eu vivo além do túmulo frio,
Onde o tempo já não deixa sombra a pairar,
Onde o anjo Morte jamais surgiu,
Pois a vida eterna é dom a alcançar.

Contudo, não te deixei; eu não morri,
Embora falte uma voz no trio a cantar,—
Embora vazio esteja o meu leito infantil,
E sintas faltar a mão de “Birdie” a apertar.

Eu vivo, eu amo e espero por ti
Na minha bela morada, além do mar,
Onde legiões de anjos, de coração gentil,
Esperam os seus amados que hão de chegar.

Nas longas horas de dor e tristeza,
Quando febre abrasava a tua fronte cansada,
A tua “Birdie” estava contigo, com firmeza;
Ainda que o mundo cego dissesse: “Está perdida, a amada.”

Estas linhas foram dirigidas à Sra. L. B. Wilson (mãe de Cora), em tons de afeto enternecedor, acompanhadas de tais carícias ternas que davam prova viva de que o espírito, ao deixar a forma mortal, conserva todo o seu amor pelos que ficam na terra:

UM POEMA DE “BIRDIE” (Anna Cora Wilson)

Mãe, querida mãe! da terra dos bem-aventurados,
Onde o espírito cansado encontra consolo e cuidados,
Venho com meus botões e flores tão puras,
E deponho-os, dons da alma, aos teus pés de ternura.

Sê alegre, ó mãe, dissipa as nuvens pesadas,
E não fiques mais entre ciprestes e mortalhas;
Ergue os teus olhos àquela pátria de repouso,
Onde Cora, tua “Birdie”, construiu o teu pouso.

As quatro seguintes efusões vieram de “Birdie”, através da Sra. Conant:

CANÇÃO DO VENTO DE OUTONO

Venho, venho, vigiar sem demora
Na fria costa da Nova Inglaterra—
Semear diamantes onde flores outrora,
E os ventos de verão já não cantam em banda.

Lamento e soluço onde as margaridas jazem,
Sobre as campas dos vossos mortos primeiros;
E canto uma canção leve entre pinheiros que se erguem
Sobre a sepultura sem nome dos guerreiros.

Entoo um lamento, ou um refrão selvagem,
Por cada cidade, por cada aldeia;
Persigo as folhas verdes da paisagem,
Ou mudo o seu verde em cor que se espelha.

Rujo nas montanhas, prendo as fontes,
E entro no lar do pobre sem pão;
Enquanto o bebé dorme e a mãe chora às fronteiras,
Uno-me ao seu pranto — solidão sem perdão!

Depois, corro veloz pela espuma do mar,
Onde dormem os amados, perdidos, ausentes;
Onde a guarda implacável de Netuno sem par
Mantém vigília de morte em correntes.

Beijo a face pálida, nesse retiro isolado,
Enquanto as aves do mar gritam sem fim;
Onde vida e morte se têm encontrado,
E o que dorme já não sonha enfim.

Espalho as neves, como todos bem sabem,
Num tapete de prata a brilhar,
E prendo os rios com correntes que enlaçam,
Onde outrora lírios vinham brotar.

Adeus! adeus! eu vou, eu vou
Da fria costa da Nova Inglaterra;
Pois os ventos de inverno já sopram com vigor,
E as folhas do outono caem por terra.

Pois, além, sobre rios e baías,
Na minha casa além do mar,
A foca serena e a gazela ligeira
Aguardam o meu regressar.

O ÚLTIMO DA TERRA DE “BIRDIE”

Silenciadas estavam as vozes, contido o andar
Dos amigos que velavam junto ao leito final;
Mas não viram os anjos que vieram, a entrar,
E nas asas do céu mergulharam sua ave imortal.

Sussurraram tão suave, sem som a escutar—
“Vem, Birdie, as tuas asas já não hão de se atar!”
Então, veloz como a águia ao sol a brilhar,
A tua Birdie foi livre da noite mortal.

E agora, dos cumes dos planaltos eternos,
Da terra onde não há Morte, nem noite reina,
A tua Birdie regressa, em asas de amor fraternos,
Com botões recém-colhidos da sua pátria serena.

Quando o mundo, gelado, disser: “Birdie morreu”,
Diz-lhes, querida mãe, que apenas aconteceu
Ser levada por anjos, da noite ao clarão,
Das trevas da terra à luz do Céu em mão.

O NINHO DE “BIRDIE”

Nos jardins do amor supremo
Construiu Birdie o seu ninho,
Pois a mão do Pai eterno
Guiou-a do mundo mesquinho.

Não ouves meu canto de alegria,
Que incha sobre o mar agitado?
Seria loucura, mãe querida,
Chorares meu ser, já libertado.

Ganhei uma aurora sem morte,
Todas as dores ficaram atrás,
E os anjos coroam-me forte
Com jóias do Céu, em paz.

Cessa o luto, ó mãe diletta,
Que lágrimas não mais caiam por mim;

Deus é amor — verdade completa —
E a Sua misericórdia não tem fim.

Quando as sombras da Morte caírem
E findar teu dia mortal,
E ouvires anjos a chamarem
Para a nossa praia imortal —

Então o canto de Birdie, em festa,
Expulsará o teu temor,
E os amargos botões da terra
Florirão em dia sem dor.

9 de Novembro de 1863

A VIGÍLIA DE “BIRDIE”

Aqui estou, mãe querida, embora o verão se foi,
E as rosas perderam seu fulgor;
Pois o mundo, cego, decide só por si
Que a alma, em liberdade, morreu sem vigor!

Mas estou aqui para velar e guardar-te,
Para te guiar das trevas à luz;
Aqui estarei, e esperarei que os sinos da manhã
Proclamem que a noite já não te seduz.

E então, pelo caminho brilhante das estrelas,
Onde santos e anjos já caminharam,
Guiar-te-ei para além da terra e das penas,
Ao templo espiritual de Deus que nos é dado.

RAIOS DE LUZ DA TERRA DOS ESPÍRITOS

PERGUNTAS RESPONDIDAS

Por Joseph Lowenthal, da fé judaica, 3 de Setembro de 1867.

Pergunta: As crianças que deixam este plano terrestre na infância crescem em estatura como se tivessem continuado a viver na Terra?

Resposta: A lei da vida física determina a estatura ou forma exterior dada a cada alma; e como as almas geralmente permanecem muito próximas da Terra e das suas leis, até terem adquirido certa medida de experiência — que não pode ser obtida em nenhum outro plano senão no terrestre — estão sujeitas a esta lei e, portanto, crescem em estatura exatamente como fariam se tivessem permanecido na Terra até à idade adulta.

Por John Pierpont, 5 de Setembro de 1867.

P. Na Terra, em grande medida, senão absolutamente, estamos vinculados a canais de tendência frenológica ou hereditária, muitas vezes de caráter muito infeliz. A morte remove essas restrições e confere a liberdade de nos expandirmos em todas as direções, não mantendo o homem, como aqui, exilado de muitas belas artes e aptidões, por não existir em germe, ao nascer, o dom para a sua aquisição?

R. O homem adquire lentamente um estado de liberdade perfeita. Se fosse subitamente introduzido num estado de liberdade perfeita no mundo dos espíritos, não saberia usá-la; por isso o Dispensador Universal de todos os acontecimentos providenciou quanto a isto. Todos os passos da vida são graduais e bem proporcionados. É preciso pressionar cada degrau da escada do progresso para ficar plenamente arredondado no físico, no mental e no espiritual.

P. Estão todas as almas na vida espiritual satisfeitas com a perspectiva de uma existência ilimitada e eterna, ou algumas desejam o oblívio lá, como a miséria leva algumas a buscá-lo aqui?

R. Como a felicidade e a infelicidade pertencem estritamente ao espírito — ao poder pensante do indivíduo —, este estado de felicidade ou infelicidade leva-o consigo para o mundo dos espíritos; faz parte das suas possessões lá. Portanto, há de haver almas que desejariam o oblívio, se lhes pudesse ser concedido. Há algumas que são tão infelizes no mundo dos espíritos que bem gostariam de amaldiçoar a Deus e morrer. Mas mesmo essas almas desventuradas não estão fora da lei do progresso; e, pouco a pouco, quando forem capazes de perceber que há um caminho melhor, e que o caminho está aberto para que ascendam do seu inferno e entrem no céu, como para todos os outros — se puderem perceber a verdade disto, abraçá-la-ão e ascenderão rapidamente das trevas para a luz.

P. Podem os puros e sem pecado, como os bebês, apreciar e gozar o céu tão plenamente quanto aqueles que conheceram os conflitos e as provações da vida?

R. Pois bem, o céu do infante é tão perfeito quanto o céu da idade madura. O infante pode fruir uma medida de céu tão grande, segundo a sua própria vida, como a idade madura. É apenas uma condição diferente do mesmo elemento — a felicidade.

Por Theodore Parker. 9 de setembro de 1867.

P. O espírito comunicante dará a sua opinião sobre o seguinte texto? “E Jesus, tendo sido batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descer como pomba e pousar sobre ele, e eis que uma voz do céu dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.”

R. Parece-nos que só pode haver uma opinião racional acerca desse texto. É um facto bem conhecido, ou é geralmente aceite por aqueles que afirmam conhecer as manifestações de espíritos desencarnados, que Jesus foi um médium para tais manifestações; que toda a sua vida não foi senão uma série de manifestações espíritas. Ele parecia ter um pé nas praias do espírito e o outro aqui, havendo uma perfeita distribuição do poder espiritual através da sua organização. O relato diz-nos que os céus se abriram, e ele viu o Espírito de Deus, como pomba, descer sobre si, e ouviu uma voz a dizer: “Este é o meu Filho amado.”

Pois por que não? O Espírito de Deus realiza chamados milagres ainda hoje, e realizou-os em todas as eras, pois em todas elas houve ouvidos afinados para vozes espirituais; houve olhos capazes de perceber formas espirituais; houve quem, pelos sentidos físicos, pudesse tomar conhecimento das condições da vida espiritual. Ora, como Jesus possuía uma organização física e espiritual altamente desenvolvida, ou, por outras palavras, como estava perfeitamente arredondado em forma espiritual e física, estava, então, plenamente apto a receber manifestações perfeitas do mundo da mente. Cremos tratar-se de uma manifestação espírita precisamente semelhante às manifestações ocorridas em todas as eras e que, nesta era, estão a ocorrer em larga escala.

P. O espírito controlador pode dizer-nos por que motivo os espíritos não dão os seus nomes completos quando assim lhes é pedido ao comunicarem através de médiuns de prova? Dão o primeiro nome, mas

raramente o apelido, quando, se fosse dado o nome completo, isso daria muito maior satisfação às pessoas céticas.

R. Todo o espírito é obrigado a usar o médium da matéria para comunicar no plano da matéria. Vós usais o corpo que chamais vosso. É o vosso médium, e, por longa assimilação, habituastes-vos plenamente ao seu controlo. Sabeis como o usar. Tornou-se, no externo, parte do vosso espírito, porque todas as manifestações do vosso espírito foram, até certo ponto, feitas com o médium, o corpo; por conseguinte, através desse médium podeis manifestar-vos, como espíritos, de forma mais perfeita do que através de qualquer outro. Depois chega a morte. Corta a corda que vos ligava ao médium, o corpo. A taça de ouro é quebrada, o cordão é destruído, ou cortado, mas a fonte de vida permanece.

Então, se a fonte quer voltar a manifestar-se no plano terreno, tem de procurar um médium; e o vosso bom senso dir-vos-á que, a menos que o médium possa ser usado muitas vezes pelo espírito e se torne perfeitamente assimilado com ele, as manifestações hão de ser mais ou menos imperfeitas. Se o espírito mal consegue manifestar-se de modo perfeito através do médium que a Natureza lhe forneceu — os vossos próprios corpos —, então certamente não deveis esperar manifestações perfeitas através de um médium que é simplesmente tomado para a ocasião. Os espíritos trabalham sob muitíssimas desvantagens ao regressarem para se manifestar aqui após a morte, mais do que podeis supor.

Quando regressam, são repentinamente reconduzidos ao mundo de que foram retirados, e mil — talvez dez mil vezes dez mil — coisas, pensamentos, formas, condições, pressionam-nos, e o seu médium é imperfeito; conseqüentemente, o trabalho é-lhes muito árduo, e lutam, oh, como esforçada e laboriosamente, às vezes, para dar até uma palavra. Nomes são difíceis de dar; primeiro, por esta razão: quando o consulente entra em sintonia com o médium e com o espírito que deseja possuir o médium e manifestar-se através dele, o primeiro, mais intenso e mais positivo pensamento do consulente é o nome daquele que vai controlar. É perfeitamente natural que isso surja primeiro; que ocupe o assento mais proeminente no reino do pensamento, mas a sua naturalidade não impede que seja o maior obstáculo à transmissão do nome que poderia interpor-se.

Se fosse possível ao consulente tornar a sua mente inteiramente passiva ao que possa vir, as manifestações seriam muito mais fiáveis, e os

nomes viriam muito mais facilmente. Por que motivo quase não há dificuldade em dar nomes neste lugar? Perguntai a vós mesmos, como eu perguntei. Não será porque não sabeis quem vem? Porque não tendes expectativa de que nome há de ser dado? Por certo que é. Se esperásseis que Edward Everett vos falasse em determinada ocasião, todas as vossas mentes estariam ocupadas com o nome Edward Everett, e seria quase impossível para ele dar o nome. Poderia identificar-se de mil outras formas, mas dar o nome seria difícil. Todas as pessoas habituadas a visitar médiuns devem recordar que há uma grande lei a reger todas as manifestações de espírito. Ela governa-vos no controlo do vosso próprio corpo. Esse é o vosso médium enquanto aqui estais.

A grande lei mantém-se válida depois de terdes deixado esse corpo. Se desejais regressar através de outro corpo, aí está a lei, a defrontar-vos. Não a podeis infringir, nem pô-la debaixo dos pés. Está ali, maior do que vós, e deveis obedecer-lhe. E quanto mais vos aproximardes da compreensão da lei que rege as manifestações espíritas, melhores serão as manifestações, mais perfeitas e satisfatórias. Quanto mais longe estiverdes dessa compreensão, mais vagas serão as manifestações e mais insatisfatórias. Portanto, tornai-vos estudantes, cada um de vós. Entrai na escola da ciência espiritual e estudai lá dia após dia, ano após ano, se necessário, até serdes capazes de enfrentar a lei com entendimento.

Mesmo então não a podereis controlar, mas sabereis como tirar partido dela, ou, por outras palavras, agir em harmonia com ela. A lei está-vos constantemente ao lado. Não vos podeis separar dela, nem num único pensamento ou ato. Por conseguinte, quer vivendo aqui, quer vivendo como o vosso orador vive depois da morte, tanto faz; a lei é clara, e é preciso obedecer-lhe. E se a lei diz que é difícil dar um nome que está registado na mente do consulente, então a lei tem de ser obedecida. Não há como contorná-la nem atravessá-la. É preciso inclinar-se perante ela.

Por Joseph Lowenthal, um judeu, e George A. Redman, 10 de setembro de 1867.

P. Vemos muitas vezes, através de médiuns que personificam, a cena da morte, como lhe chamamos, representada com tal fidelidade que parece apenas uma repetição do mesmo acontecimento. O que desejo saber é isto: como é reproduzida com tanta fidelidade? O espírito que parte está consciente todo o tempo o bastante para se lembrar tão nitidamente de todos esses movimentos do físico? Sempre pensei que havia um

momento em que a maioria, senão todos, ficavam inconscientes — no momento da mudança, ou imediatamente depois. É assim?

R. A alma nunca, nem por um instante, perde a sua consciência — aquilo que lhe pertence como alma imortal. Mas às vezes é excluída das experiências da vida humana pelas circunstâncias que a envolvem e acompanham a vida humana. Por isso é que, por vezes, é inconsciente das circunstâncias externas, mas nunca no absoluto inconsciente das realidades da própria alma. Essas repetições de cenas, chamadas cenas de morte, produzem-se facilmente, porque deixam uma impressão muito vívida e muito clara na mente de cada espírito.

Embora, no externo, não haja consciência, no interno o espírito está consciente e ativo, e o anjo registador nunca deixa de anotar as circunstâncias mais minuciosas. Tudo é fielmente transcrito e, portanto, pode, em circunstâncias apropriadas, ser reproduzido. Esses médiuns são espelhos que parecem suspensos entre os dois estados de ser, e, se a superfície é límpida, a reflexão será correspondentemente límpida; mas, se está manchada, a reflexão ficará correspondentemente deformada.

P. de um dos presentes. O que é o anjo registador?

R. Às vezes chama-se-lhe memória. Esse nome ou termo pode servir tão bem como qualquer outro. Muitas vezes vos disseram que o atributo da memória era eterno; que, qualquer que fosse a condição por que a alma passasse, essa condição ela a retinha em virtude do poder da memória e, sob determinadas circunstâncias, era capaz de a evocar de novo à vida ativa. As circunstâncias pelas quais toda a alma é chamada a passar tornam-se as características externas dessa alma, e nada, nem o mais ínfimo, se perde jamais.

Por Theodore Parker, 12 de setembro de 1867.

P. Têm todos os espíritos que deixaram a forma humana, depois de chegarem ao mundo dos espíritos, o poder de comunicar através de médiuns aqui, ou só têm esse poder aqueles que foram os mais mediúnicos enquanto aqui estiveram na forma?

R. Aqueles que foram mais mediúnicos enquanto aqui estiveram têm mais poder para produzir estas manifestações mundanas. Contudo, é um dom de que todos se podem valer, se assim o procuram.

P. de um dos presentes. Diz-se que o semelhante atrai o semelhante. Contudo, encontramos às vezes o contrário. Quais são as causas que atraem espíritos para pessoas de caráter inteiramente oposto?

R. As causas são legião. Seria impossível enumerá-las. Às vezes um espírito ou inteligência desencarnado é atraído a um sujeito ou médium em consequência das circunstâncias exteriores — envolventes que de modo nenhum se ligam ao médium. Às vezes é por causa de algum mal físico, às vezes pelo contrário. Às vezes a mente tranquila do sujeito atrai-os, às vezes a mente turbulenta. Na verdade, as causas que estão em constante operação para atrair todas as classes de espíritos em direção à Terra são inumeráveis.

Espírito. Chegou-nos uma questão, proveniente da recente Convenção Nacional em Cleveland, e é esta: “Que pensam as inteligências superiores, no mundo dos espíritos, acerca das manifestações dos Davenport e de outros médiuns através de quem se dão manifestações semelhantes? São autênticas manifestações espíritas, ou são malabarismo?” Pois bem, qualquer coisa que o vosso orador afirmasse seria simplesmente uma afirmação. Qualquer crença que lhe pertença, como espírito, pertence exclusivamente a ele. Portanto, qualquer opinião apresentada pertence também a ele, e só ele é responsável por ela. As manifestações dadas pelos Davenport, e outros chamados médiuns físicos, são, na sua maioria, genuínas e de origem espiritual. E quem deseje compreender isto por si mesmo só tem de colocar as manifestações num prato e a sua razão no outro, e a solução virá por sequência natural.

Essas manifestações, ou análogas, têm existido em todas as condições do ser inteligente. Nunca houve tempo, na história do mundo, em que estas chamadas manifestações físicas não tivessem existido sob alguma forma ou fase peculiar. É absoluta loucura, e denuncia a mais crassa ignorância, por parte dos que negam a sua autenticidade ou supõem que dependem inteiramente de trapaça, malabarismo, ou qualquer termo semelhante que queirais empregar. Digo que denuncia ignorância, e, mais ainda, denuncia algo aparentado com o fanatismo eclesiástico; porque há outros fanáticos além dos teológicos, e há tantos fanáticos no Espiritualismo como em qualquer outro “ismo”. Lamentamos ter de o afirmar tão energicamente, mas é absolutamente verdade. Iremos ainda mais longe e declararemos que há mais fanáticos entre os que saíram das igrejas e se declararam livres de toda a espécie de fanatismo do que se encontram nas igrejas.

O presbiteriano está atado de pés e mãos por um certo tipo de crença, e, na maioria dos casos, apega-se a ela com grande rigidez. Os espiritualistas estão presos da mesmíssima forma, pois vemo-los aqui, ali e em toda a parte a fixar certos padrões muito rígidos seus e a declarar que têm absoluta razão, sem apelo do seu padrão. Obtiveram o Espiritualismo mais elevado, o melhor e o único genuíno, quando, na verdade, as igrejas já tiveram experiência nele, e também a tiveram os que não creem em espécie alguma de Deus. Ele é livre como o ar. É tão extenso quanto a vida. Espiritualismo significa algo mais do que o que está encerrado no simples nome. Significa a ciência da vida. Significa que a vida de Deus se manifesta através de toda a espécie de forma, através de todos os possíveis graus de pensamento.

Significa que Deus pode bater numa mesa para vos convencer de que vivereis após a morte, sem se degradar, assim como pode falar através do mais elevado anjo nos átrios do céu. O Espiritualismo, em si, é humilde. Não se cinge com coroas. É sobremodo simples. Uma criança pode entendê-lo. Mas os que falam tão alto contra essas manifestações inferiores, como lhes apraz chamá-las, apenas denunciam a sua ignorância — ignorância de Deus e das suas leis, ignorância do abecedário da vida. Bem gostariam de destruir a escada por que subiram, porque, porventura, já não precisam dela, ou porque entraram no templo por outra via, embora milhares e dezenas de milhares necessitem de entrar por esta. Na sua loucura, determinam que Deus não entende o seu próprio ofício e, porque não entende, vão eles conduzir por si o carro do progresso.

Mas a pobre, diminuta humanidade há de descobrir, a seu tempo, que Deus é Deus, apesar de todas as formas e cerimónias, e que Ele desce às mais simples manifestações da vida sem perder a sua divindade. Ele floresce na violeta, ouve-se nas pequeninas pancadas. A sua voz está no trovão, e a sua sabedoria com os anjos. Ele está em toda a parte. Sim, essas manifestações são, na sua maioria, genuínas, absolutamente genuínas, e quem diz que não o são diz o que é falso.

Por William E. Channing, 16 de setembro de 1867.

P. O corpo espiritual tem órgãos correspondentes, considerados anatomicamente, aos que pertenciam ao corpo mortal? E, quando o espírito entra no mundo espiritual, mantém os mesmos desejos, inclinações e gostos que o governaram aqui? E, ainda, é o corpo

espiritual a imagem exata ou contrapartida do corpo mortal, de um corpo mortal bem desenvolvido no termo da sua vida terrena?

R. Exteriormente, o corpo espiritual corresponde ao corpo natural; mas há uma mudança interna constante em curso. À medida que o espírito, mentalmente, se torna maior, mais adiantado em sabedoria, o externo assume as mudanças do interno; torna-se mais belo, mais perfeitamente formado, mais conforme às necessidades da inteligência que nele habita. As características da alma são as agências encarregadas da formação do corpo espiritual, e nunca se soube que esquecessem, nunca se soube que fizessem representações falsas; pelo contrário, são muito precisas, e dão sempre uma delineação no externo a partir do interno. Seja o que for que um homem ou uma mulher seja no mundo dos espíritos, a representação aparece no exterior.

Não podem parecer o que não são. Não há tal coisa como disfarçar as características da alma após a morte. Todas as coisas são governadas por lei severa, imutável, e a alma não está isenta de lei; a forma não está isenta de lei, mas tudo se move em virtude de lei, e de lei adaptada ao seu desdobramento. Toda a forma existente altera as suas características externas segundo a sua própria lei interna. Estas formas humanas que existem neste continente hoje não são exatamente o que eram há muitos, muitos anos. Não; há certas características marcadas que permanecem, mas um observador atento, um analista crítico, pode ver uma mudança muito grande. Sim, o corpo espiritual conserva a vida orgânica externa no que toca à forma, se falardes dela como pertencendo à vida humana. Todos os vários órgãos estão representados no corpo espiritual.

E, se estão representados no corpo espiritual, é para uso. Sim; e a alma precisa deles. Mas as necessidades da alma não são exatamente as necessidades do corpo físico. Um pode necessitar dos grãos e frutos e da vida animal da esfera em que nasceu, e o outro também precisa dos frutos e grãos e da vida animal da esfera a que pertence. Há diferença. Um é o cru, o outro é o refinado, o etéreo. Um é a vida de fora, o outro a vida de dentro. O mecânico, no mundo dos espíritos, lida com os pensamentos do mecânico; o fruticultor, no mundo dos espíritos, lida com os pensamentos do fruto; o artista lida com os pensamentos das belas representações que tendes aqui na vida mortal.

E, no entanto, o pensamento está presente em forma tangível no mundo espiritual, clara, brilhante e legalmente definida. Não é um mundo de

imaginação. Não é um mundo vago, impalpável, irreal. Não. É um mundo substancial e real. É um passo além deste mundo físico terreno. É a bela perfeição deste mundo. Se a rosa é bela aqui, é muito mais bela lá. Todas as formas representadas na Terra — e estas formas físicas não são exceção — encontram igualmente representação no mundo espiritual. Todos vós aprendereis a verdade das minhas afirmações, mais cedo ou mais tarde. Hoje podem parecer devaneios, sem fundamento; mas, a seu tempo, perceberéis a sua verdade, a sua solidez, e conhecereis por experiência aquilo que nunca podeis conhecer por teoria.

P. Não seria melhor para o mundo e para os médiuns que têm saúde má ou maus pendores, de modo a atrair apenas espíritos maus, abandonarem a sua mediunidade? Não deveriam os médiuns ser uma classe pura e santa para fazer muito bem?

R. O vosso correspondente fala em abandonar a mediunidade como se fosse coisa fácil, quando a verdade é que não pode ser abandonada, tal como não pode ser tomada à força. A mediunidade — a mediunidade genuína — é dom de Deus. Ele a deu, e só Ele a pode tirar. Quando ouvimos médiuns, ou os que assim se chamam, declarar que, a menos que as pessoas e os espíritos façam isto ou aquilo, eles hão de abandonar a sua mediunidade, sabemos que tais não são o que afirmam ser; pois, sendo a mediunidade de Deus, é Deus quem a guarda, e só Deus a pode tirar do sujeito. O mundo espiritual está povoado por grande variedade de inteligências, das mais altas às mais baixas, e é lei da vida divina que cada alma se desdobre ou se aperfeiçoe, pelos agentes do ser, o melhor que puder.

Ora, se algumas almas depravadas descobrem que se podem desdobrar mais facilmente regressando à Terra e manifestando-se por media, quem dirá que não hão de vir? Quem tem o direito de decidir quanto à sua vinda? É vão proclamar que nenhum espírito pouco desenvolvido ou depravado pode regressar se não houver atração na vida do médium. Jesus, o mais puro de todos os médiuns, antigos ou modernos, atraiu a si uma legião de espíritos pouco desenvolvidos; e ensinou-os — pregou-lhes — libertou-os das trevas que os cercavam — conduziu-os, com a sua própria luz, ao Monte da Transfiguração.

Foi o seu Salvador. Mas, se os tivesse banido, poderia tê-lo sido? Nunca. Ide, pois, e aprendei com Ele; e, se a treva vier até vós suplicando luz, mesmo que as suas manifestações sejam da espécie mais diabólica, não

lhe volteis o ouvido, mas escutai, e talvez até ali capteis notas de anjo. Estendei a mão. Ainda que o teu irmão ou a tua irmã estejam nas profundezas do inferno, se vós estiverdes bem, não vos podem fazer mal. Cuidai que as vossas próprias vestes estejam imaculadas, cuidai da vossa santidade interior, e então nenhuma imundície se poderá colar às vossas vidas externas. Embora possais caminhar por toda a escuridão que alguma vez envolveu o espírito depravado, ela não vos poderá causar dano.

Por John Pierpont, 24 de setembro de 1867.

P. Onde permanece o espírito da Sra. Conant enquanto outro espírito toma posse do seu organismo?

R. Às vezes permanece em estado dormiente dentro da sua própria vida física. Mas, mais frequentemente, a sua parte consciente retira-se, sai por vezes para junto dos seus amigos aqui na vida terrena e, por vezes, fica atraída para diferentes terras aqui na Terra, podendo, em espírito, observar as diversas condições de ser onde se encontra no momento. Como o espírito é superior à matéria, pode romper os vínculos da matéria e dela sair à vontade; portanto, havendo poder atrativo para tais pontos, se o espírito desejar seguir essa atração, pode fazê-lo.

P. E mantém a identidade?

R. E, ao mesmo tempo, mantém a sua identidade. O corpo é apenas o médium do espírito; e, embora esteja melhor adaptado ao espírito que com ele coexistiu desde o nascimento natural, pode igualmente ser utilizado por qualquer espírito que compreenda as leis que regem tais casos. Há vários registros de instâncias em que o espírito do médium deu prova distinta, positiva e inequívoca da sua identidade em lugares diferentes daquele onde o corpo se encontrava durante a manifestação de algum espírito estranho. Ela manifestou-se em Inglaterra, na Alemanha, em Roxbury — localidades afastadas do lugar onde o corpo estava na altura. E, quando questionada acerca das respostas dadas a perguntas que lhe foram postas enquanto estava afastada do corpo — quando disso interrogada depois de regressar ao corpo —, a sua resposta foi: eu diria o mesmo se me tivessem perguntado enquanto estava em relação consciente com o corpo — provando assim que o espírito era o mesmo fora do corpo que era dentro dele e agindo através dele.

Por Theodore Parker, 26 de setembro de 1867.

P. Dignai-vos distinguir entre os fenómenos que caracterizaram os videntes ou profetas do Antigo e do Novo Testamento e os fenómenos hoje testemunhados através dos nossos médiuns.

R. Há diferença, mas não é de princípio. É simplesmente de vida exterior, de expressão exterior. As manifestações ocultas que se diz terem tido vida no passado dependiam das formas por cujo intermédio foram chamadas a manifestar-se. O curso recebe a sua forma do leito por onde corre. Os raios de luz recebem as suas cores do canal por que passam e da atmosfera mediúnica que os envolve. Assim é com as manifestações de espírito. As manifestações de cada era participam do padrão intelectual, moral e religioso da era.

As manifestações dos tempos antigos correspondiam ao desenvolvimento desses tempos — desenvolvimento da mente, desenvolvimento da matéria; e as manifestações de hoje correspondem ao desenvolvimento de hoje. Satisfazem as exigências do tempo em que existem. As manifestações de outrora mal seriam plenamente digeridas por vós de hoje. E, no entanto, a sua vida interior é absolutamente a mesma. Reduzidas aos seus primários, são uma só, e não as podeis separar. A condição existe apenas sob outra forma de manifestação.

P. Foi Jesus algo mais do que um irmão da nossa humanidade — um médium dotado e distinto?

R. Não — nada mais — absolutamente nada mais. Era filho do nosso grande Pai, Deus, e nosso irmão, dotado como todos os filhos de Deus são dotados, segundo as suas próprias capacidades de receção. Quem pode receber largamente, largamente é dotado e é capaz de dar muito aos que o rodeiam. Jesus podia receber largamente da fonte da sabedoria e da verdade e tornou-se assim uma luz brilhante, não só para a era em que viveu, mas aquela luz que continuou a fulgir pelos séculos, até hoje, radiante como sempre para nós.

Por Padre Henry Fitz James, 30 de setembro de 1867.

P. Pode um espírito, depois de deixar a forma, tomar conhecimento das formas materiais para além do que é visto pelo médium?

R. Um espírito que passou pela mudança química chamada morte percebe o exterior de todas as formas que estão à face da Terra por meio da aura eletromagnética que dimana de corpos físicos mediúnicos. Não é necessário que o espírito tenha, nesse momento, controlo absoluto de tal corpo para perceber esses objetos, mas é absolutamente

necessário que entre nessa atmosfera magnética; pois, assim fazendo, entra em rapport com as formas externas que existem à face da Terra.

Por exemplo, quando estou afastado deste corpo físico — este médium —, se eu desejar contemplar qualquer objeto nesta sala, procurarei primeiro entrar na atmosfera ou esfera magnética deste médium, ou de algum outro que esteja neste local. Quando o homem de ciência deseja obter clara compreensão dos céus, toma o seu vidro, para entrar em rapport com os corpos celestes mediante o poder peculiar do vidro. Em condições precisamente idênticas, o espírito utiliza o médium, ou a vida magnética que dimana desses médiuns, por meio da qual pode entrar em rapport com essas formas externas. Existem corpos celestes tão distantes da vossa visão externa que não os podeis contemplar sem auxílio extra; mas, se obtiverdes o auxílio necessário, podeis contemplá-los.

Assim com respeito a estes objetos. Podemos vê-los; podemos tocá-los. Podemos cheirar o aroma das vossas flores ao entrar em rapport com elas. Mas, no nosso próprio estado espiritual, contemplamos apenas a parte espiritual dessas flores. (Referindo-se a um vaso de flores sobre a mesa.)

Por William E. Channing, 1 de outubro de 1867.

P. Se creio que a administração das leis é cruel e errada, não será pecado da minha parte apoiar o governo pelo voto ou pagando impostos?

R. Toda a opinião individual deve, em quaisquer circunstâncias, ser sacrificada ao bem geral. Sempre que e onde quer que o bem das massas esteja em causa, a opinião individual deve ser sacrificada. Embora este governo não seja a forma mais elevada de governo que a alma é capaz de conceber, é, ainda assim, o melhor tipo de governo que os tempos podem dar à luz. Pertence a esta era. É resultado do crescimento da mente — mente no presente e mente no passado — e também mantém relação divina com a mente no futuro. Como se adapta às necessidades do presente, como satisfaz as exigências das massas, então, por certo, a opinião individual acerca dele deve ter pouco peso.

Por T. Starr King, 3 de outubro de 1837.

P. Há pessoas mais mediúnicas sob a influência do álcool do que em qualquer outro momento?

R. Somos informados por inteligências que fizeram da ciência da mediunidade um estudo que há médiuns que são mais facilmente trazidos sob a influência de certa classe de espíritos, desencarnados, quando sob a influência do álcool.

P. Como é que o uso do álcool torna alguém mais mediúnico?

R. Em certas circunstâncias, diminui o poder do corpo sobre o espírito, ou, por outras palavras, reduz o controlo do espírito inquilino sobre o corpo externo e, por isso, torna o corpo presa fácil de algum outro espírito mais positivo.

P. Podeis dizer-nos por que motivo às vezes um médium que visita outro não consegue obter comunicação?

R. Porque dois negativos se encontraram e, portanto, a lei não pode atuar. Dois positivos, ao encontrar-se, estão propensos a não obter resposta um do outro. As manifestações de espírito regem-se por leis elétricas e magnéticas — forças subtis subjacentes ao exterior. As forças físicas são muito poderosas. São, na verdade, a lei, e quem deseje o seu auxílio precisa de entrar em comunhão e assimilação com elas. É muito raro que um médium consiga comunicação satisfatória dos desencarnados através de qualquer outro, salvo quando o médium usado pelo espírito comunicante é, dos dois, o mais poderoso; mas, quando ambos se encontram no mesmo plano mediúnico de mente e corpo, é muito difícil para o espírito comungar com aquele que deseja a comunhão.

P. Medem os espíritos o tempo como nós?

R. Não, não medem. Não há tempo nem lugar no mundo espiritual próprio. Se medem o tempo, é segundo o vosso entendimento de tempo. É conforme as regras da Terra, as regras destas formas externas — não conforme o interno, o espírito.

P. É o espírito produto da matéria, ou a matéria do espírito, ou são ambos eternos?

R. O vosso orador crê que ambos são eternos. Há inteligências que sustentam que a matéria é resultado do espírito, e outras tantas que sustentam que o espírito é resultado da matéria. Creio que não podeis separar bem espírito de matéria. Creio que o espírito atua sobre a matéria: a matéria muda as suas formas para satisfazer os requisitos do espírito. O mecânico tem primeiro de ter a ideia, ou o pensamento, do artigo que deseja construir, antes que venha ao mundo objetivo. Aqui

vedes o espírito por detrás da forma; e assim creio que é sempre. Mas, sendo o espírito dependente da matéria para o seu modo de manifestação, a matéria depende do espírito para a sua existência. Os dois atuam em concerto. Um seria uma não-entidade sem o outro. Este mundo e o mundo da mente estão desposados. Estas formas e a vida que nelas habita estão desposadas. Mente e matéria andam de mãos dadas pela eternidade, creio.

P. A matéria transmute-se de uma forma de ser para outra. É igualmente verdadeiro quanto ao espírito? A vida animal transmuta-se em humana, a humana em angélica e, assim, de volta à humana?

R. O espírito ou essência da vida, cremos, é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Na essência, nunca muda. Sempre foi perfeita, é e sempre será perfeita. Muda apenas o exterior. Posso influenciar o cão ou o cavalo; ele pode obedecer à minha vontade e, até esse ponto, pode tornar-se meu médium ou sujeito por cujo intermédio o meu espírito se manifesta, precisamente de modo similar ao que se vê através da forma física. Na verdade, o espírito tem todas as formas por que se manifesta ao mundo exterior. O mecânico manifesta a sua vida ao construir estes objetos (mesa, etc.).

O artista, quando pinta os seus pensamentos, ali coloca a sua vida. O astrónomo, quando descobre mundos, ali lança a sua vida. O geólogo, quando penetra em pensamento nas profundezas do coração da Terra, ali lança a sua vida. A alma vai a toda a parte. A alma tem domínio sobre os peixes do mar e as aves do ar; sobre todas as coisas que alguma vez foram, são ou serão. Todas as coisas se tornam médiuns por que a alma se manifesta. Enganais-vos quando supondes que estas formas físicas são as únicas máquinas por que a alma, a parte inteligente, se manifesta. Olhai para o vasto universo e vereis, com certeza, que estais enganados.

A mente exerce-se em toda a parte, e não podeis exercer a vossa mente sobre qualquer objeto, ou em qualquer direção, sem aí lançardes a vossa vida, e essa vida ter-se incorporado no objeto. O artista manifesta-se na sua gloriosa paisagem; o escultor, na grande forma de mármore, que parece prestes a falar. A sua vida está ali; ainda que o mármore não profira som, ainda que não devolva sequer um suspiro à vossa admiração, a vida do artista está ali. Se quiserdes apenas perscrutar esta gloriosa ciência da vida, vereis, com certeza, que a mente está a agir em toda a parte; não só através destas formas, mas por todo e qualquer conceito de forma que exista.

Por Hosea Ballou, 8 de outubro de 1887.

P. À medida que as almas humanas se desdobram na vida espiritual, afastar-se-ão também mais da nossa Terra? Se assim for, apagar-se-á finalmente das suas mentes a memória de terem vivido na Terra?

R. A alma não está vinculada a qualquer localidade especial. Existe independentemente de localidade. Não é de todo necessário que a alma se afaste da Terra e das suas condições depois de subir de um estado de ignorância para um estado de sabedoria, ou da infelicidade para a felicidade, pois há tantas almas no reino da sabedoria na Terra como em qualquer outro lugar; e tantas almas no reino do céu, mesmo aqui na Terra, como na condição mais remota da existência humana que possais conceber. A alma não é governada por localidades nem pelas condições do tempo. É, em si, coisa eterna. Pertence à eternidade e progride segundo as leis da vida eterna.

P. Terá havido alguma época, na história do homem, em que a sua alma não fosse uma entidade imortal?

R. cremos que a alma é coexistente com Deus e, portanto, eterna. cremos que sempre teve existência como entidade distinta e cremos que perpetuamente continuará a tê-la; mas que mudará perpetuamente a sua forma de manifestações, de modo que, enquanto a reconheceréis pelas suas expressões externas, estareis inclinados a considerar que mudou de estado, que perdeu a sua prioridade; mas não é assim. É a mesma ontem, hoje e para sempre.

Por William S. Channing, 10 de outubro de 1887.

P. Se astrologia e profecia são verdadeiras, de modo que os eventos futuros podem ser preditos, não ensina isso a predestinação e que não somos inteiramente responsáveis pelos nossos atos?

R. Há diferentes tipos de responsabilidade: tantos quantas almas há para ser responsáveis. Creio que uma grande lei eterna atravessa todos os acontecimentos da vida. Creio também que determina acerca de todos os acontecimentos da vida; e que, queiramos ou não, moldará o nosso destino; que, queiramos ou não, somos levados por essa grande maré do ser contra a qual não podemos avançar com sucesso. Creio que toda alma humana, como inteligência, possui cada uma a sua qualidade distintiva de responsabilidade. Na medida em que essa alma compreende o que é o certo, nessa medida essa alma é responsável perante essa lei do certo. E quem pecar contra ela, peca contra aquilo

que pode propriamente chamar-se o Espírito Santo; pois não conheço nada mais santo do que a lei divina que nos torna conscientes do certo.

P. Alguém diz, no “Banner of Light”, que o espírito, a parte inteligente, a força motriz, não habita dentro do corpo. Ora, eu supunha que o corpo espiritual habitava dentro do corpo material e dele se separava na morte, tornando-se a forma imortal do espírito interior. Podeis explicar este ponto?

R. Não, não habita dentro do corpo, mais do que o executante de um instrumento musical habita dentro do instrumento. Está fora do corpo, mas adaptado a ele, na medida em que está em rapport com o corpo. Na medida em que há doença, o espírito não está presente em plena ação — perdeu o controlo, precisamente pelo mesmo princípio por que um músico perderia o controlo do instrumento quando uma das teclas está avariada. As pessoas que acreditam que o espírito habita dentro do corpo terão de desaprender o seu erro mais cedo ou mais tarde.

P. Quando controlais a médium, entraís na sua forma, ou entraís em rapport com a aura física do seu sistema?

R. Não, eu envolvo-a; encerro-a no meu abraço espiritual. Ajo sobre ela precisamente como ela, no seu estado normal, age sobre ela.

A DIVINDADE DE CRISTO

Chamou-se-nos a atenção para um artigo que apareceu no vosso último número.* Parece ser, em parte, uma crítica a um artigo que surgiu há algum tempo sobre o nascimento de Jesus, o Cristo, e, em parte, parece ser a opinião do escritor, fundada em certas pesquisas mitológicas e teológicas. Na sua opinião, Jesus, o Cristo, teve nascimento e concepção milagrosos. Na sua opinião, a Virgem Maria foi ensombrada pelo Espírito Santo, o grande princípio de Deus, e, em resultado desse ensombramento, nasceu Jesus, o Cristo.

Crê também que o seu nascimento foi predito muito antes de o acontecimento ter tido lugar; e cita, como uma das suas maiores razões para crer na concepção miraculosa de Jesus Cristo, o aparecimento da estrela de Belém; e informa-nos que a estrela desapareceu quando Jesus desapareceu da Terra em forma; que apareceu apenas no curto espaço da sua vida, e então se foi, cumprida a sua missão régia. É-nos impossível dar resposta elaborada ao artigo no curto espaço de tempo que nos é concedido nesta ocasião. Mas podemos lançar algumas pistas que, se não servirem a ele, talvez sirvam a alguém.

Ficando, pois, sobre o que ele considera a prova mais conclusiva da concepção miraculosa de Jesus, o Cristo, basta-nos percorrer o mundo, esquadriñar a história de todas as nações, de todas as diferentes tribos que existiram à face da Terra desde que a inteligência teve ser, e aprenderemos que toda a nação debaixo do céu, toda tribo distinta que tivesse alguma ideia de religião, possui tradição semelhante. Vejamos, por exemplo, os registos chineses, os mais antigos sobre a Terra. Aí encontramos uma passagem que, traduzida, corre assim: “E apareceu uma estrela no Oriente, mostrando aos magos onde repousava o rei, e os seus raios conduziram a sua vida terrena e entraram na sua vida celeste, mostrando-nos que ele nasceu da estrela e estava destinado a ser rei sobre o povo do império celeste.” Ora, esta tradição remonta muito, muito atrás no passado, e este é apenas um relato de muitos que temos em mente; na verdade, como já afirmámos, toda tribo que reivindica inteligência religiosa tem a mesma tradição. Como pode então o mundo cristão ter mais direito a ela do que qualquer outro? Não vemos que o tenha. Consideramo-la simplesmente uma tradição que pertence a todas as idades, e cremos que tem origem no culto dos corpos celestes. Não poderia ter outra origem. O autor do artigo parece impressionado com a ideia de que o Espiritualismo moderno é a exibição do Anticristo e que é para a segunda vinda de Cristo o que João Batista foi para a sua primeira aparição. Parece acreditar, se bem o entendemos, que Jesus, o Cristo, na sua segunda aparição, há de estabelecer o seu reino na Terra e reinará supremo sobre todas as nações da Terra.

(* Referindo-se a um artigo assinado “Justice” (impresso no “Banner of Light” na segunda semana de outubro), no qual o autor critica a resposta dada pelo espírito do Rev. Dr. Channing a um “Ministro do Evangelho” sobre o mesmo tema.)

...a crer na concepção miraculosa de Jesus Cristo, no aparecimento da estrela de Belém; e informa-nos que a estrela desapareceu quando Jesus desapareceu da Terra em forma; que apareceu apenas pelo curto espaço da sua vida e depois partiu, cumprida a sua missão régia. É-nos impossível dar uma resposta elaborada ao artigo no breve espaço de tempo que nos é concedido nesta ocasião. Mas podemos lançar algumas pistas que, se não o servirem a ele, talvez sirvam a outrem.

Firmando-nos, então, no que ele considera ser a prova mais conclusiva da concepção miraculosa de Jesus, o Cristo, basta-nos percorrer o mundo, esquadriñar a história de todas as nações, de todas as diferentes tribos que existiram à face da Terra desde que a inteligência

teve ser, e aprenderemos que toda a nação sob o céu, toda a tribo distinta que teve alguma ideia de religião, possui tradição semelhante. Vejamos, por exemplo, os registos chineses, os mais antigos sobre a Terra. Aí encontramos uma passagem que, traduzida, diz assim: “E uma estrela apareceu no Oriente, mostrando aos magos onde repousava o rei, e os seus raios guiaram a sua vida terrena e penetraram na sua vida celeste, mostrando-nos que ele nasceu da estrela e estava destinado a ser rei sobre o povo do império celeste.”

Ora, esta tradição remonta muito, muito atrás no passado, e este é apenas um relato de muitos que temos em mente; na verdade, como já afirmámos, toda a tribo que reivindica inteligência religiosa tem a mesma tradição. Como pode, então, o mundo cristão ter mais direito a ela do que qualquer outro? Não vemos que o tenha. Consideramo-la simplesmente uma tradição que pertence a todas as idades, e cremos que tem origem no culto dos corpos celestes. Não poderia ter outra origem. O autor do artigo parece impressionado com a ideia de que o Espiritualismo moderno é a exibição do Anticristo, e que é para a segunda vinda de Cristo o que João Batista foi para a sua primeira aparição. Parece acreditar, se o entendemos bem, que Jesus, o Cristo, na sua segunda aparição, há de estabelecer o seu reino na Terra e reinará supremo sobre todas as nações da Terra.

Crê que será reconhecido, que afirmará o seu poder; e parece crer que será acompanhado por toda a parafernália da mitologia pagã, pelo esplendor da vida, ou, como ele diz, por uma glória tão acima do sentido humano que os sentidos humanos a não podem compreender. Ora, para nós há prova clara de que ele misturou nas suas faculdades de raciocínio certas porções da mitologia pagã e da teologia cristã, e as teceu de tal maneira que ele próprio já não as distingue. Erigiu um altar, em parte real e substancial, ou espiritual e substancial, e em parte assente numa crença na ignorância das idades passadas. Prossegue provando que Cristo foi uma exceção a todas as outras formas sobre a Terra, citando o que o registo nos diz que o anjo disse a Maria. Pois bem, põem-se sobre essas palavras do registo tantas construções diferentes quantas as mentes que nelas pensam. Nem duas, mesmo na teologia, determinam exatamente de modo igual quanto a elas.

Ainda: o autor diz, se ele não era diferente de todas as outras formas, se não era totalmente distinto num sentido especial, por que motivo podia controlar os ventos e as ondas? Por que podia operar tais curas, quando mais ninguém tem sido capaz de fazer o mesmo?

Aqui havemos de divergir. No que toca à cura, há pessoas a norte e sul, a leste e oeste, que, sob condições adequadas, são capazes de fazer o mesmo que ele fez, e ainda mais; pois ele próprio diz: “Não posso operar maravilhas aqui por causa da vossa incredulidade. Não posso curar os vossos doentes aqui, porque não credes em mim nem nas minhas obras.” Os curadores modernos vão mais longe do que isso: põem de lado a vossa incredulidade e, em muitos casos, curam-vos, creiais ou não. Agora, quanto a andar sobre as águas, que ele cita como prova da sua divindade: tanto vale chamardes especialmente divinos os Irmãos Davenport porque os seus espíritos guardiães os levaram sobre a água e não se afogaram.

Há prova positiva de que isto foi feito. Tanto vale declarardes que Sadraque, Mesaque e Abednego eram especialmente divinos porque saíram da fornalha aquecida sete vezes mais do que o costume, sem sequer cheiro de fogo sobre si. É bom olhar a religião de frente, como a tudo o mais. Não é bom mantermo-nos demasiado longe dela, porque, se o fizermos, corremos o risco de perder a sua realidade. Não é bom apartarmo-nos do nosso Deus e tentar analisá-lo. Se o quisermos conhecer, temos de entrar em rapport distinto com Ele. A posição que assumimos no artigo tão severamente criticado mantemo-la ainda, porque sabemos que assenta absolutamente em boa base.

Não cremos num Deus fora e aparte da Natureza. Creamos num Deus que está na humanidade. Creamos num Deus que torna todas as coisas divinas. Creamos num Deus que santifica as flores como santifica as nossas almas; e rogamos fervorosamente que jamais nos esqueçamos de tal modo de nós próprios que venhamos a crer num Deus que conceda favores especiais a qualquer um dos seus filhos mais do que ao conjunto.

Concluindo, diríamos: se o autor do artigo tiver mais pensamentos a lançar sobre o oceano da inteligência, se formos capazes de com eles lidar, fá-lo-emos de bom grado.

Por Theodore Parker, 13 de outubro de 1867.

P. Podeis dar-nos uma ideia da linguagem usada no mundo dos espíritos? Temos a impressão de que não tendes nem fala nem riso, tal como os conhecemos; que todo o pensamento, “do grave ao jocoso, do vivo ao severo”, é compreendido mais do que expresso.

R. Se não houvesse expressão, não haveria exterior; não haveria individualização; não haveria forma; mas, por toda a parte, um vasto

vazio, que para a alma seria destituído de sentido. Mas, graças ao grande e sábio Mestre Mecânico, a forma é levada ao mundo espiritual. Expressões exteriores veem-se, sentem-se e ouvem-se mesmo lá. Há música na terra das almas, tão além da música das esferas da Terra que, se fôsseis neste instante trasladados para lá, mal a compreenderíeis. E, se tivésseis alguma devoção no vosso íntimo, muito provavelmente cairíeis e adoraríeis o Deus da Música.

Oh, sim, há som, visão e sentimento na terra das almas. Não é um mero mundo de imaginação, um algo desprovido de beleza, um grande caos, sem forma nem feição. Não. É mais belo do que esta esfera terrena de ação, possuindo formas e várias condições de ser.

P. Se não há doença no mundo dos espíritos e todos são fisicamente perfeitos, por que existe aí uma ciência médica? qual o motivo do seu cultivo onde não há objeto para o seu exercício?

R. Há doença no mundo dos espíritos, pois existem tantos males mentais quantos males físicos. Todo o género de tristeza é doença, e as almas experimentam, no mundo dos espíritos, as mais agudas tristezas. São muito mais agudas do que as de que tomais conhecimento aqui, neste mundo. Há tanta necessidade de médicos da alma como de médicos que acolham o corpo humano. E seria bom que esses homens de medicina, cujo ofício é restaurar à saúde as formas físicas doentes, levassem um pouco mais longe a sua ciência e procurassem ser médicos da alma, para que possam levar a sua prática ao mundo espiritual e ser úteis quando ali entrarem.

P. Se os nossos amigos espirituais estão connosco na vida terrena e conhecem as nossas circunstâncias, por que não controlam essas circunstâncias para nosso bem? e por que não somos conscientes da sua presença? O vosso consulente tem há muito pedido alguma manifestação da sua presença, mas sem sucesso.

R. Não se segue que, por poderem compreender as circunstâncias daqueles com quem entram em contacto na vida terrena, possam sempre controlá-las, nem se segue que sempre o desejem. Importa entender que cada alma tem deveres seus a cumprir. Tanto vale perguntar por que é que certo comerciante na Washington Street, ou qualquer outro, não deixa o seu próprio negócio para se ocupar do negócio de outro comerciante, só porque, porventura, conhece os assuntos desse comerciante e sabe que ele está em apuros?

Simplesmente porque o dever para consigo é não só a primeira lei da Terra, mas do Céu; e, por sê-lo, todo espírito deve depender das suas próprias fontes internas e externas para a felicidade — para o que deseja. Aquilo que vem do exterior, do outro, raramente é apreciado pelo espírito; mas aquilo que é laborado a partir da sua própria vida, ou colhido do exterior pelos esforços diligentes da sua vida íntima, é sempre o melhor adaptado às necessidades do espírito. Por isso é que esses milhões de espíritos compassivos que passaram pela morte, embora possam estar na plenitude da simpatia com os seus amigos sofredores, ainda assim não lhes ouvireis som algum. Podem estar, por assim dizer, fora da sua consciência, sem interferir com os vossos assuntos terrenos, porque é melhor que assim seja. Talvez seja melhor que vos deixem operar a vossa própria salvação, ainda que com temor e tremor.

P. Os seguidores de Ann Lee acreditam que ela foi inspirada e proferiu muitas coisas que dizem ter-lhe sido comunicadas do mundo espiritual. Foram essas influências do mundo espiritual, ou estava ela sob a influência do álcool na altura, como muitos supõem? Acreditam também que o seu modo peculiar de vida e a sua forma de culto vieram do mundo espiritual, pela mediunidade de alguns dos seus seguidores. É assim? E, se o sistema é o que eles creem que seja, por que não crescem como outras seitas?

R. Creio que a fundadora do Shakerismo foi médium muito superior e sob a direção especial de uma classe de espíritos desencarnados — não “espíritos ardentes”, mas almas que em tempos viveram em formas de carne. Não há muitos que desejem deixar os prazeres do mundo para entrar numa sociedade que renuncia a muitos dos chamados males do mundo. Por isso é que não há grande aumento entre eles; nem seria bom que crescessem largamente. Eles são influenciados, creio, por uma falange espiritual na terra das almas, e são-no com este fim: que irradiem certa influência magnética de que o povo do mundo precisa. São o que são mais para benefício do povo do mundo do que para seu próprio benefício, embora o não saibam. Trabalham magneticamente — ou os espíritos, através deles — pelo mundo inteiro, não por si mesmos.

Por Joseph Lowenthal, 15 de outubro de 1867.

P. As inteligências espirituais que controlam neste círculo aprovam a lei seca de Massachusetts, ou não?

R. A contenção, quando guiada por sabedoria e amor, é de bem; mas, quando guiada pela ignorância e faltando amor, costuma levar à

destruição, e o fim que se procura jamais é alcançado. Creio que muitos espíritos que visitam este lugar são a favor da lei proibicionista de Massachusetts. Há também muitos outros que lhe são contrários e parecem usar todo o poder de que dispõem para lançar obstáculos ao seu sucesso. Porque, entenda-se, os habitantes do mundo invisível vêm muito amiúde a um rapport próximo, muito próximo, com os que ainda estão revestidos de carne e exercem grande soma de poder sobre os que estão na carne e sobre as condições do tempo.

Aquela classe de espíritos que favorece a chamada lei de licença é a dos que creem que esta geração — e, particularmente, a classe de mente que encontra expressão neste continente, este povo republicano — será melhor governada pela persuasão moral; melhor governada erguendo-se para eles um certo padrão a que eles próprios subscrevam; erguendo-se-lhes um altar que estejam dispostos a reconhecer e diante do qual adorar. “Então” — dizem essas inteligências, além-túmulo — “o fim procurado por ambas as partes acabará por ser alcançado.” O vosso orador não tem opinião a oferecer, salvo crer que, como Deus caminha pelas nações, Ele próprio acabará por vos purgar de todos os chamados males que flutuam na vida social.

P. Gostaria de perguntar se grande número dos que entre nós são dados ao uso desregrado do álcool não estão, em larga medida, influenciados por aqueles no outro mundo que ainda não se conseguiram livrar dos hábitos e apetites que possuíam aqui; e, se assim é, se não será possível chegar às partes sofredoras chamando de volta o espírito de um em corpo espiritual e tratando-o através de um médium, ou de outro modo, de modo a libertá-lo da condição de que tem padecido? Desejamos saber a vossa opinião quanto à possibilidade de nos livrarmos, a nós e a outros, desses hábitos, que são doenças; e igualmente de outras doenças físicas, por essa via.

R. Uma certa porção — posso dizer uma porção muito grande — de todas as doenças, sejam físicas, mentais ou morais, é agravada pela interferência de espíritos estranhos; portanto, se quiserdes apreender inteiras as suas causas, na medida do possível, deveis também apreender tais interferências. Se quiserdes extirpar os ramos pequenos da doença, deveis começar pela raiz. Então começareis bem. Mas, em geral, é hábito dos mortais descarregarem golpes pesados sobre todos os maus efeitos, sem tocarem na causa; e assim o efeito é combatido e combatido, e continuamente ergue a cabeça como um monstro no meio de vós, sobre o qual pareceis não ter controlo. Por vezes, as doenças

mentais, físicas e morais têm a sua fonte inteiramente dentro da fisicalidade humana, e não se encontra ingerência exterior. Mas essas são exceções, não a regra. Quando compreenderdes as leis que regem por todas as minúcias da vida, sabereis como viver com saúde. A doença apartar-se-á de vós, e terá começado um céu sobre a Terra.

Por William E. Channing, 17 de outubro de 1867.

P. O facto de alguém ter cometido suicídio entrava o seu progresso no mundo espiritual mais do que se outro o tivesse morto, ou torna-o mais infeliz?

R. Sim, porque a alma que cometeu suicídio, como lhe chamais, é muito propensa a aprender que esse não é o melhor caminho; muito propensa a aprender que deve, por experiência severa, aprender o caminho melhor; e muito propensa a aprender que teria sido bem mais fácil adquirir a experiência necessária para a alma no e através do seu próprio corpo do que de qualquer outra maneira; por conseguinte, terá, por necessidade, de beber, mais ou menos profundamente, o cálice do remorso. Mas, como todos os outros erros da vida, leva sempre consigo o seu antídoto. Quando foi ministrada à alma quantidade suficiente, ela sai lavada, limpa, regenerada e rejuvenescida, pronta para a marcha da vida.

P. Como conciliamos a existência do mal neste mundo com a bondade e sabedoria de Deus?

R. Conciliamo-la assim: sendo Deus onnipresente, e não havendo lugar sem Ele, nem condição sem Ele, então Deus está no que chamais mal e, sendo mais forte do que o mal, é plenamente capaz de dele cuidar. Creio que todas as experiências da vida, todas as condições da vida, por mais baixas que vos pareçam, são uma necessidade — necessidade que dimana da condição da Terra em que existis, necessidade que dimana das condições dos planetas que vos rodeiam, e necessidade que dimana da vossa própria condição interna e externa. Portanto, se esta posição é correta, a bondade de Deus manifesta-se na exibição do chamado mal, como se manifesta em qualquer outra condição da vida.

Por William E. Channing, 24 de outubro de 1867.

P. Após longa separação, como havemos de reconhecer os nossos amigos no mundo dos espíritos? — o corpo vimos e conhecemos, mas não a alma.

R. Seguramente, não é pelas características exteriores apenas que os reconhecereis. Não é só pela forma que deveis conhecer os que vos antecederam quando com eles vos encontrardes na terra do porvir. Mas há um certo poder pelo qual a alma pode reconhecer aqueles com quem conviveu; não importa se mediaram eras desde que se encontraram no exterior ou não. Não existe tal coisa como esquecimento para a alma. A memória é eterna. É atributo da alma e, portanto, eterna. Não temais que não sejais reconhecidos pelos vossos amigos, ou que falheis em os reconhecer, pois, pela lei que vos vincula como amigos, não podeis deixar de os reconhecer. A lei está sempre ativa, e todos a podem utilizar sempre que o desejem.

P. São os envolvimentos e influências para o bem e para o mal iguais no mundo dos espíritos aos da vida terrena? Se assim é, que ganhamos com a mudança?

R. São proporcionalmente os mesmos, mas estais apenas um passo, e só um, adiante da vida terrena.

P. Há lá noite e dia? Em outras palavras, são a luz e a escuridão as mesmas de aqui?

R. Há o equivalente de noite e dia, luz e escuridão, mas não é o mesmo que tendes aqui. O que tendes aqui é adaptado às vossas necessidades terrenas; o que temos é adaptado às necessidades espirituais.

Se não há mais perguntas, avançaremos para responder, em breve, a uma questão que recebemos de um indivíduo radicalmente oposto, como nos informa, ao Rei Álcool. E, porque o é, pede que os espíritos que declaram ter poder, ou poder de exercer influência sobre as condições do tempo, regressem exercendo o seu poder para destruição do Rei Álcool. Diz: “Dizem-me que a lei da química é bem compreendida no mundo espiritual. Ora, se o é, não poderão os espíritos, tirando partido dessa lei, destruir o Rei Álcool? expulsá-lo do domínio da Natureza, para que já não se derramem lágrimas por sua causa? para que muito da miséria que agora enche a Terra possa desaparecer?”

Pois bem, admitindo que qualquer classe de espíritos desencarnados tivesse esse poder de alterar as condições que vos cercam, mortais — admitindo que lhes fosse permitido exercer o seu poder sobre vós —, seria bom que cumprissem os desejos daquele que nos interpelou? Seria bom sequer procurar expulsar o Rei Álcool do domínio da Natureza? Sostenhamos que não seria bom. Consideremos brevemente de onde veio o Rei Álcool. Analisemo-lo. Os homens de ciência informam-nos de

que nasceu do carbono, do hidrogénio e do oxigénio. Estas são as causas que o produziram. Existem por toda a parte. Não há lugar isento delas. A vida deixaria de ser vida sem elas. Se delas despojarmos o reino vegetal, ele extingue-se, e o mesmo é verdadeiro para todos os outros domínios da Natureza. Ora, sendo sempre bom atingir a causa de todo o efeito chamado mau, se esperamos destruir eficazmente o efeito, temos de começar pela causa. Suponhamos, por um momento, que tínhamos o poder de expulsar estes elementos da Natureza: qual seria o resultado? Destruição, por certo. Nada menos do que isso. Seria tão possível destruir o universo, riscá-lo da existência, como riscar a causa essencial do Rei Álcool. Não pode ser feito. O próprio Deus não o pode fazer e, ao mesmo tempo, sustentar as suas leis.

Não estamos a argumentar a favor do álcool. Argumentamos contra o seu abuso. Mas os seus usos são muitos — demasiados para os tentarmos enumerar aqui. Ora, seria prudente procurarmos destruir até este efeito desses grandes princípios na Natureza, visto que pode ser posto ao serviço de tantos bons e legítimos fins? Seria sensato procurarmos destruí-lo porque, porventura, metade da criação acha por bem abusar dele? Não, não seria. Antes procurai esclarecer homens e mulheres. Antes procurai elevá-los a um patamar mais alto, e então usarão, e não abusarão, dele. Começai primeiro lá atrás — bem atrás. Ide voltando as folhas, folha a folha, e perceberéis que nove décimos de todas as pessoas que se curvam como servos perante o Rei Álcool são absolutamente forçadas a essa condição por forças antenatais sobre as quais não têm controlo.

Procurai, pois, ordenar os vossos assuntos nesta direção. Procurai erguer os homens acima do abuso dele, e acima do abuso de tudo quanto Deus vos deu. Usai tudo, mas não abuseis de nada, lembrando que o grande Pai de Todos vos deu todas estas coisas que vos cercam — e o álcool não é exceção — para o vosso bem. Em vez de procurardes destruir estes males — males, assim os chamais —, procurai colocar-vos num plano acima deles, de modo que possais dominá-los e eles não vos dominem. Elevai as nações a um padrão que esteja para lá do abuso de qualquer coisa que Deus tenha dado, e então todos estes males cessarão, e a Terra tornar-se-á, de facto, um céu.

Por Lewis Howard, 28 de outubro de 1867.

P. A nossa última guerra resolveu já, o bastante, o elemento perturbador da escravatura e os seus enredamentos e ónus partidários, no Norte e no

Sul, para podermos evitar outro conflito? E, além disso, possui o negro as características que lhe permitirão viver com êxito e felicidade com o branco no Sul, ou não seria melhor que se deslocasse para outro país e vivesse por si, e isto sem detrimento dos seus direitos, que vemos que Deus determinou que tivesse?

R. As sombrias cenas de guerra por que esta nação há pouco passou ainda estão frescas na vossa memória, e cada cena é peculiar a si mesma e possui vida própria. Todo o filho e filha que reclama um lar neste continente americano, tendo chegado à idade do entendimento, dispensa que lhe digam que ainda vive um espírito de discórdia. A boca rouca do canhão e o fio agudo da espada não o lograram destruir. Vive ainda e tem a sua própria lei, fora da lei da vida ativa. Logo, se está em ação, sabe que culminará, de uma forma ou de outra, em algum tempo; pode ser num futuro longínquo, e pode estar muito próximo.

Creio que a cena atual de conflito — é atual, pois está convosco ainda agora — será seguida por outra num plano mental. Pode chamar-se uma guerra mental. E, como se diz que a pena é mais terrível do que a espada, assim o pensamento é mais terrível do que o ato, embora o não compreendais assim. E creio que a guerra que há de vir fará mais pela libertação dos escravos neste continente do que aquela por que acabais de passar. A guerra física trouxe o Norte a melhor entendimento com o Sul, e vice-versa. E, por isso, condicionou ambos de tal modo que esta guerra mental, quando se abrir, redundará em bem. O Norte dirá ao Sul: “Tens direito a esperar isto de mim”; e o Sul dirá ao Norte: “Tens direito a esperar isto de mim.” O negro reclama o seu lar aqui, e tem direito a fazê-lo. O solo é tanto dele como vosso, e, se tentardes removê-lo — não importa se o motivo é bom ou mau —, verificareis que a política não resultará com ele como resultou com o homem vermelho. Ele conhece-vos demasiado bem e, conhecendo-vos, exercerá o seu poder dado por Deus em consonância com o seu conhecimento. Não será expulso daqui sem guerra.

Conhece os seus direitos e lutará por eles, e o grande exército dos libertos que passaram para além lutará por ele também. A lição que o grande Pai de Todos procurou imprimir nas vossas mentes, a saber, o direito à liberdade para todos, e a justiça — como ela significa com Deus —, não a aprendestes. Apesar de as vossas casas terem sido desoladas e os vossos corações rasgados pela perda de amigos próximos e queridos, a vossa lição ainda vai a meio. Agora que o negro é, em parte, um homem livre, agora que já não o podeis comprar nem vender

corporalmente, determinai — muitos de vós — fazê-lo mental e socialmente. Agora que se determinou que tem direito à sua liberdade, muitos de vós determinam que deve exercer esse direito em alguma terra estrangeira.

Mas digo-vos: na medida em que conhece os seus direitos, lutará por eles. Os últimos anos instruíram-no na guerra e, se necessário for, lançará o seu saber na balança contra a vossa injustiça e, quem pensais que sairá vitorioso? A voz de Deus tem soado anos a fio sobre a vossa terra: “Deixai ir o meu povo!”, mas retivestes-no-lo no corpo, e, quando já o não podeis fazer, desejais que se retire do vosso litoral. Não, não pode ser. Nunca será.

P. É verdadeira a doutrina da preexistência, ou a ideia de que o homem sempre existiu como ser individual consciente?

R. Creio que é verdadeira. Se duvidasse de que existi, como inteligência individualizada e consciente, por toda a eternidade passada, não teria esperança para o futuro.

P. A influência controladora tem algum conhecimento de uma vida anterior à que experimentou aqui no corpo?

R. Absoluto, perfeito e claro.

P. Não leva consigo, como sequência natural, a teoria da progressão, em que os espiritualistas creem e que tão frequentemente surge nas comunicações dos espíritos, a ideia de um ponto de partida ou começo?

R. Não, de modo algum. Pelo facto de viverdes sob uma lei de progresso infinito, não deveis supor que houve um tempo em que estivestes além dos limites dessa lei. Não, não creio que a alma alguma vez tenha tido qualquer ponto de partida. Creio que sempre existiu, doutra forma não poderia esperar que sempre venha a existir.

Por Arthur Fuller e G. A. Redman, 29 de outubro de 1867.

P. Podem os amigos que partiram cortar o cordão de prata que nos prende ao corpo material, se o espírito que habita esse corpo o deseja e os amigos espirituais estão ansiosos ou dispostos a conceder tal desejo? Cremos que podem. Temos razão ou não?

R. Tendes, por certo, razão na vossa crença; pois, se o espírito estava possuído desse poder enquanto no corpo, está-o, por certo, depois de deixar o corpo.

P. No Banner de 22 de setembro de 1866, o espírito controlador, em resposta a certas perguntas, usa esta linguagem: “Isto é uma verdade — grande e poderosa verdade —: estais todos a trocar de lugares. O facto de morreredes prova-o; o facto de viverdes novamente para lá do túmulo é outra prova disso; o facto de, à medida que as eras voltem a rolar, voltardes a habitar formas humanas é ainda mais prova.” Quer o espírito controlador dizer que os espíritos, depois de separados do seu tabernáculo terreno, voltarão a ocupar um corpo humano como antes da dissolução? E, se assim for, estarão esses corpos sujeitos à decadência como os anteriores? A mensagem acima não é clara, e solicita-se alguma explicação e mais informação.

R. A teoria dos “ressurrecionistas” não é, de modo nenhum, destituída de fundamento. Mas chegaram a uma conclusão errada. Um dos nossos oradores mais capazes disse uma vez que o ar está cheio de verdade, e quem for mais suscetível recebê-la-á primeiro. Ora, esses ressurrecionistas perceberam a verdade e agarraram-na, mas aplicaram-na no lugar errado. Acreditam que o espírito há de regressar, passados anos, e voltar a habitar este corpo antigo, vivendo numa Terra nova e sob novas circunstâncias, mas com o corpo antigo. Pois bem, que o espírito regressará à Terra e voltará a reencarnar-se num corpo humano, há muita evidência. Na verdade, tudo quanto logramos colher é muito largamente a favor disso. Mas a nossa experiência não determina que venhamos de novo e habitemos os corpos antigos que depusemos.

A alma, a parte pensante, intelectual do homem, só encontra expressão através de forma organizada e, se se expressa na Terra, há de se expressar segundo as leis da Terra; e, sendo a forma humana a mais elevada que existe, e a forma através da qual a alma melhor se exprime, cremos que as almas dos que passaram além deste mundo de sombras e clarões hão de regressar um dia, em futuro longínquo, para viver de novo a vida humana, e essa vida humana, cremos, estará em condição diferente da vida de hoje, mas será vida organizada em forma humana. Os antigos, que acreditavam nesta teoria até certo ponto, tinham ideias mais corretas do que o mundo tem hoje.

Não nos admiramos de que muitas almas, contemplando esta teoria, se arrepiem, porquanto muitas provaram, e muito, as tristezas do tempo; mas, se parassem e considerassem que estão nas mãos de uma lei infinita que as guiará para onde quiser, queiram ou não, cessariam, creio, de carpir o que é melhor para elas — aquilo que nenhum pranto há de alterar. Toda a vida, dizem-nos, move-se por graus distintos, e move-se

em ciclos. É arredondada para o ser, passando pelas diversas experiências da vida humana e intelectual. Se isto for verdade, temos nós alguma garantia contra o regressar de novo à Terra? Mentos capazes sustentam que não; e o vosso orador crê que há muita solidez na teoria.

Por Prof. Edgar C. Dayton, 31 de outubro de 1867.

Homenagem a John A. Andrew.

Dizem-nos que Massachusetts chora hoje a perda de um filho dileto — uma criança honrada. Embora um Estado irmão o reclame por direito de nascimento, Massachusetts reclama-o por direito de amor e de funções públicas. Mas estará ele perdido? Não haverá eco que responda à pergunta? Ter-se-á calado para sempre, na morte, o poder que o impelia a atos e palavras de bondade? Já não se demorará no seio do lar? Já não abençoará a Comunidade de Massachusetts? Está morto? Estas são perguntas a que Massachusetts deve responder. O espírito da época pode respondê-las, para inteira satisfação de Massachusetts, sempre que ela lhe peça uma resposta. Estarão mortos todos aqueles espíritos guias que glorificaram a página da sua história?

Aqueles que passaram além do estado mortal; aqueles cujas formas pranteastes; aqueles cujas vozes já não ouvis: estarão perdidos? Se o estiverem, então Massachusetts é pobre, de facto. Mas, graças ao poder superior e ao Grande Espírito de amor infinito, não estão perdidos; nem foram removidos para algum clima longínquo, para alguma estrela distante, a fim de seguirem um curso de ação inteiramente diverso do que seguiram aqui. Não: o poder do amor, embora terreno, é infinito e grandioso. A morte não o pode tocar. A mudança não tem poder sobre ele. Sobrevive a toda a mudança. Desafia a morte; pois o grande Pai da vida aprovou-lhe coroá-lo com o seu próprio ser e selá-lo com o seu próprio selo. Não pode morrer.

Mesmo enquanto falamos, o morto honrado — ou aquele que está morto para vós —, mesmo enquanto falamos, o seu espírito ditoso — ditoso na consciência de ter feito o bem tanto quanto o entendeu aqui — está a ser acolhido na terra onde a alma se compreende muito melhor do que entre os grilhões da mortalidade. Toda a alma deseja ouvir aquelas palavras sublimes e alentadoras: “Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei.” E o espírito destas palavras está a ser derramado, nesta hora, sobre aquele que vos deixou agora. E sabe que o seu labor terreno não terminou. Embora a taça de ouro se tenha

quebrado na fonte, embora o cordão de prata se tenha soltado, a vida permanece a mesma, e todas aquelas sublimes qualidades de caráter que compõem um homem honesto vivem ainda e serão chamadas à ação no mundo da mente para onde voou.

Massachusetts, que pôde outrora dar-se ao luxo de executar aqueles que bem queriam trazer notícias do grande além, deve hoje dar-se ao luxo de responder à pergunta acerca dos seus mortos. Estão perdidos? ou foram achados na Terra Estival da ação? Foram removidos para satisfazer vingança vingativa? Não. Toda a Natureza responde não. Mas, em estrita conformidade com a grande lei imutável da vida universal, mudaram de estado — depuseram o mortal e estão agora erguidos na dignidade e realce da imortalidade. Chorarão eles as vossas dores e erros?

Ai, chorarão. Regozijar-se-ão com as vossas vitórias honestas? com os vossos melhores esforços? Ai, regozijar-se-ão. Entregar-se-ão, com todo o poder das suas almas, aos altos e santos objetivos que absorviam as suas vidas mortais? Entregar-se-ão. Contentar-se-ão com o gozo de um céu longínquo? Não, não podem. Porque o poder de atração para a Terra é demasiado forte, e a Terra ainda precisa deles por mais tempo. E, porque dela precisam, aqui permanecerão, trabalhando pela emancipação da humanidade em toda a parte; rogando ao grande Deus da mente universal que vos vejais, em breve, livres das sombras que vos cercam, como nações e como indivíduos.

Quando a sombra da asa do Anjo da Morte cai sobre o caminho dos corações humanos, então é, se alguma vez, que esses corações se desviam das cenas da Terra; desviam-se, para lá, muito para lá, destas cenas materiais, para as que são mais reais e mais sublimes — para as que pertencem ao espírito. Então, fora da sombra, o coração esmagado ergue a sua oração ao grande Deus de tudo, pedindo saber: “Onde, oh, onde estão os amados que nos foram tirados da vista? Vemos diante de nós a forma fria e silenciosa; mas onde, oh, onde está a centelha que alegrava o seu ser? Onde, oh, onde está aquilo que reconhecia e respondia ao nosso amor?” Em resposta a tais preces, veio o Espiritualismo moderno. Afastou as sombras e convidou toda a alma a vir, sem demora, ao trono da verdade onipotente, aí recebendo o que quer que seja necessário ao seu desabrochar.

O Espiritualismo conduz-vos ao reconhecimento da vida após a morte. Mostra-vos algo mais do que a sombra da morte. Mostra-vos o raio de sol além. Diz-vos onde os vossos amados acharam a sua casa.

Responde a todas as suas perguntas quanto à vida após a morte. Oh, então, vós que chorais a perda dos amados, volvei-vos para este anjo moderno e antigo, combinado num só, pedindo luz. E tu, Massachusetts, cujo amor é muito maior do que a tua injustiça, oh, volta com a tocha desse amor as folhas do Livro da Vida e, ao virá-las, lerás a resposta à pergunta: Onde, onde estão os nossos mortos honrados?

P. Unir-se-ão, no mundo dos espíritos, pais e filhos que foram inevitavelmente separados longos anos na Terra? — o corpo vimos e conhecemos, mas não a alma —, ou crescerão os filhos até perder toda a recordação e afeição pelos pais e sem saber sequer que alguma vez lhes pertenceram?

R. A atração, ou lei que vincula alma a alma, não depende de modo algum do corpo ou da sua experiência. Se um pai e um filho estão unidos por uma lei espiritual de atração, nada a pode romper, nenhum poder os pode separar, e gravitam um para o outro tão naturalmente como uma maçã cai ao chão se algum poder interposto não lhe quebra a queda. A lei da afinidade espiritual supõe-se, por muitos, dependente, em certa medida, de condições e experiências humanas. Mas não é assim. Está acima e à parte da vida humana. Muitos há de pais que não têm amor espiritual pelos seus filhos, e vice-versa. Esses não podem esperar gozar a companhia uns dos outros no mundo espiritual, nem o desejarão.

P. É correta, nas suas linhas principais, a teoria do lar do espírito, ou “zonas do mundo espiritual”, tal como Hudson Tuttle a descreve no seu *Arcana of Nature*? Se sim, que lhes sucede num futuro remotíssimo, quando esta Terra tiver envelhecido e passado — enquanto Terra —, como entendo que sucederá segundo quase todos os escritores da Filosofia Harmónica?

R. Tudo, espírito como matéria, está sujeito à lei do progresso. Tudo passa constantemente por uma série interminável de mudanças; logo, se o mundo espiritual é uma localidade distinta, como muitos escritores afirmam, deveis crer, se mantém ligação com a Terra, que, à medida que a Terra sai da sua órbita material para uma órbita espiritual, o mundo espiritual, ou zona, mudará para corresponder à Terra. Mas o vosso orador não crê que o mundo espiritual esteja confinado a localidade alguma. A breve experiência que foi a sua no mundo espiritual ensinou-lhe que o mundo do espírito está em toda a parte: na Terra, debaixo da Terra, acima da Terra; onde quer que haja vida, aí está o mundo espiritual.

Por Prof. John Hubbard, 4 de novembro de 1867.

P. Se é verdade que a alma teve existência prévia, sob outra forma, antes da sua ligação com o corpo, por que motivo não tem recordação distintiva dessa existência?

R. A alma existiu em embrião antes de ser projetada no mundo externo, antes de se tornar patente como indivíduo segundo as leis do tempo. E, no entanto, a alma, através do seu organismo humano, não tem memória dessa existência anterior. Consegue lembrar-se até aos dias da infância, mas não pode ir além. Parece haver um poder que rege o atributo da memória e que é, em grande medida, dependente da forma e das condições da forma. A memória exprime-se por meio da forma. Volta-se para o passado por meio da forma, e estende a sua visão clarividente do passado ao futuro por meio da forma; depende, em grande parte, das leis da forma. Por isso é que não vos lembrais de terdes tido uma existência anterior àquela que agora é a vossa, assim chamada, como indivíduos. Não tenho recordação alguma de uma existência anterior à da minha vida terrena; ainda assim, escutei muitos que declararam ter lembrança distinta de cenas muito, muito recuadas no passado, datando de muito antes das suas vidas terrenas.

P. A memória é eterna, e a lembrança pela alma de tal estado de vida antes do presente ficaria tão indelevelmente impressa no futuro da sua existência como o está a sua ligação com o corpo.

R. Essa parte do assunto cremos já a ter respondido. A memória é, de facto, eterna e, como já dissemos, depende da forma para a expressão e, quanto ao seu modo peculiar de expressão, depende da forma. O que é memória para um indivíduo não é exatamente memória para outro. O atributo da memória difere conforme as características da forma através da qual se exprime.

P. Algumas pessoas creem na transmigração das almas. Tomamos alguma outra forma e, assim, seguimos num ciclo constante de progressão? Entra a alma noutros corpos, às vezes melhores e às vezes piores do que o seu?

R. Em certo sentido, entra em outros corpos e atua através de outros corpos além do humano; e, noutro sentido, não entra. Por exemplo: o mecânico pode, para todos os efeitos, atuar através da sua habilidade mecânica e expressar a sua vida em alguma forma exterior — uma mesa, talvez, uma cadeira, uma morada. Quem há de determinar que a

vida do mecânico não está ali? Certamente ninguém. A alma exprime-se, creio, através de tudo o que lhe é inferior. Tudo se torna médium da alma.

As rochas de granito são médios da alma, os céus, o ar, a água, as flores, as feras, as aves, os peixes — tudo quanto está abaixo da alma torna-se agente da alma; e, na medida em que a alma consegue encontrar expressão por essas formas, ou pela agência dessas formas, nessa medida fica incorporada na forma a si afim. Os antigos agarraram uma grande verdade na sua teoria da transmigração das almas.

Perceberam intuitivamente o poder da alma sobre toda a matéria e, percebendo esse poder, foram muito naturalmente levados a concluir que ela o usaria e, portanto, se encarnaria noutros moldes além do humano.

Por Thomas Paine, 5 de novembro de 1867.

P. Se os espíritos, como dizem, visitam outros planetas, pergunto se são habitados; e, sendo-o, aprendeis algo deles — da sua história, caráter e condição, em comparação com os habitantes da Terra?

R. Muitos planetas são habitados por vida animal e intelectual, enquanto muitíssimos outros não o são, por não terem ainda chegado ao estágio em que consigam sustentar vida animal e intelectual combinadas. É impossível visitar qualquer tal localidade e não aprender algo em consequência da visita. Verificamos que todos os planetas com que, em algum grau, fomos dados a conhecer possuem essencialmente, e em grande medida objetivamente, a mesma vida que a Terra. Os átomos agregam-se de forma diferente, é certo, mas a essência dos átomos é precisamente a mesma, e a mesma lei geral parece governá-los. Os produtos daqueles planetas que parecem desdobrar-se em quase o mesmo plano da Terra são quase os mesmos que os da Terra. Há, sem dúvida, uma diferença; mas é no exterior mais do que no interior. O grande poder que governa esta Terra governa todos os outros planetas, e todos são subservientes a essa lei; logo, o método de desdobramento há de ser semelhante.

Por Theodore Parker, 7 de novembro de 1867.

P. Por que motivo os espiritualistas falam tão desrespeitosamente da religião e com tanta malevolência de qualquer um que tenha feito algum mal, se pertencia a uma igreja? Pertencer a uma igreja torna a pessoa pior?

R. Há muitos que se reclamam espiritualistas e só o são na expressão exterior, nada sabendo da vida interior do Espiritualismo. O Espiritualismo ensina grande caridade e também vos ensina a ser justos. Não vos ensina a expor perante o mundo a condição peculiar de qualquer indivíduo, para que o mundo censure e, por fim, condene. Não, o Espiritualismo não faz tal coisa. O Espiritualismo aponta-vos a vós próprios e ordena-vos que sejais extremamente vigilantes convosco, guardando cada ato e tornando tudo aceitável até para os anjos mais elevados na esfera além do tempo.

O Espiritualismo não tenciona fazer guerra às igrejas, nem aos seus membros, mas propõe-se combater as trevas dentro das igrejas — aquilo que lhes é próprio, não os atos exteriores de membros individuais. O Espiritualismo não vos manda culpar a igreja porque um dos seus membros comete homicídio ou qualquer outro crime. Não, a tal curso não aconselha. Ora, o vosso perguntador indaga por que agem assim os espiritualistas. Agem porque ignoram o melhor caminho — ignorância espiritual. Não veem que, por esse rumo, seguem diretamente na esteira da treva teológica e do fanatismo. Falham em ver que estão a encenar, vez após vez, o que condenam nos outros. Se o vissem, envergonhar-se-iam de si. Desviariam o passo, sabendo não ser esse o melhor caminho.

Os espiritualistas — mesmo os que só têm o exterior do Espiritualismo e nada conhecem da sua vida íntima, até aquela classe que apenas professa crer no regresso de homens, mulheres e crianças mortos — devem ser extremamente cautelosos quanto a lançar palavras e pensamentos tão amargamente acerbos contra quem quer que seja, dentro ou fora da igreja. Pois os seus opositores, norte e sul, leste e oeste, vigiam-nos, tentando ajuizar do Espiritualismo pelos frutos desses espiritualistas. Se os frutos são calúnia, que ideia poderão ter de vós ou da causa gloriosa que representais? Se os frutos são amargos, quem se poderá nutrir deles? Não, não, espiritualistas! mesmo vós que flutuais só à superfície, acautelai-vos! pois esta grande causa, que, quanto à expressão na Terra, depende de vós para crescer, acautelai-vos, digo, com o fazerdes corar por vossa causa.

Pode vir tempo em que o Espiritualismo será peneirado; quando todos os que não são espiritualistas de coração, bem como de cabeça, serão postos de lado; e por quem? Pelo Deus das suas próprias naturezas; porque se envergonharão do seu rumo, por o verem na sua deformidade, e pôr-se-ão de lado, aguardando até serem mais dignos de entrar nas fileiras do Espiritualismo puro e imaculado.

Responderemos, em breve, a uma questão que nos foi apresentada por uma das mentes liberais da época — liberal, em certas direções, na política, na religião — exceto no Espiritualismo, pois diz-nos de entrada que não formou ainda juízo sobre ser ou não verdadeiro o Espiritualismo; espera que o seja, julga ser religião gloriosa, deseja que em breve se torne extremamente popular; e poderia ter acrescentado: Quando for, abraçá-lo-ei às claras. E pergunta-nos depois qual a nossa opinião — nossa, dos espíritos que presidem nas salas do Banner of Light — acerca do sufrágio universal. “Dizei-nos”, diz ele, “vós, que afirmais ser espíritos que viveram em formas de carne, se credes correto que as mulheres votem; se credes correto que fiquem lado a lado, politicamente, moralmente, social e intelectualmente, com o homem. Sou apenas um entre muitos; logo, só por mim posso responder, como individualidade distinta. Reclamo ser responsável por tudo quanto profiro, e por nada mais. É direito das mulheres votar? É o melhor?

Julgai-las capazes de votar e de fazer justiça a si e ao país?” Essas foram questões que lhe passaram pela mente, mas não acharam expressão exterior. A nossa resposta cabe em muito poucas palavras. Se a mulher é capaz de ser mãe daqueles que fazem as leis das nações; se é capaz de educar a mente jovem até à idade madura e de moldar o seu destino físico, social e intelectual, decerto é capaz de tomar parte na política. Em muitíssimos casos, ela é superior intelectual do homem e, sei-o, tomada no seu todo, não é, de modo algum, inferior. Só a superstição das idades passadas a colocou num nível abaixo do homem. Deus nunca a colocou ali. Terá o homem, então, o direito?

Por certo que não. E o mesmo poder que disse, quanto ao negro, “Deixai ir o meu povo”, diz o mesmo quanto à mulher. Dai-lhe a sua liberdade no seu sentido mais amplo e divino. Antes de mais, a religião na mulher é contrária à guerra. Sente intuitivamente que a paz é melhor do que a guerra. A mulher, por natureza, está melhor aparelhada para receber impressões da vida mais alta e mais divina. Donde é muito possível que seja tão guardada e guiada por essa vida que não cometa erro, nem ao lançar o seu voto. Sim, como indivíduo, sou a favor do sufrágio universal. Sou a favor de romper todo o género de prisões. Sou a favor de erguer a raça mais alto, e mais alto ainda. Mas a grande vaga impetuosa do progresso humano está a resolver por vós esta questão.

Não careço de vir discuti-la; venha eu ou não, será discutida e resolvida. O mesmo grande poder que decide acerca de tudo também decidirá acerca disto; e, sendo que as comportas que a superstição ergueu contra

esta grande cheia do progresso humano estão a ser arrebatadas, precisamos temer o resultado? Eu, por mim, decerto não. Sei que, como a raça está destinada a elevar-se em tudo, também se elevará nisto. E sei também que, como o grande congresso dos espíritos exerce agora poder vasto e profundo na Terra, não há de descurar esta questão da maior gravidade.

Por D. Frei Fitzpatrick, de Boston, 11 de novembro de 1867.

P. Dizem-nos que Cristo era de pais pobres. Não teria, por certo, oportunidades de instrução. Contudo, conseguiu confundir os maiores doutores judeus do seu tempo. Como explicais isto, se não foi divinamente inspirado?

R. Pela ação de uma lei natural sobre o corpo físico. Explico-o como explicaria a mesma manifestação noutro lugar. É-nos dito, com a melhor das autoridades, que a senhora-sujeito — a médium através de quem vos falo presentemente —, aos sete anos de idade, conversava com homens e mulheres versados nas ciências do seu tempo e confundia-os por completo com a sua sabedoria. Disse-se tratar-se de misteriosa estranheza; o cérebro estaria afetado; como, não sabiam. Em todo o caso, uma soma muito maior de sabedoria era dada através dela quando sob a inspiração dos seus espíritos guardiães, ou por eles em transe, do que poderia, de modo algum, ter alcançado em sete anos de vida terrena. Ora, passais ao lado destas coisas que se dão no vosso dia; recuais mil e oitocentos anos para procurar o que foi feito pelo homem Jesus. Buscais adorar a glória do passado, esquecendo por inteiro a glória do presente. Não censurei jamais quem não possa compreender o brilho desta grande verdade, que irrompeu sobre o mundo em tal fulgor. Não culpo os que se sentam à sombra; eu próprio ali me sentei, há poucos meses. Mas rogo, com todo o fervor, que o sol brilhe depressa e as trevas do passado, que forçaram caminho até ao presente, sejam em breve expulsas pela glória da hora presente. Esta é a minha oração; e, como tenho fé em Deus, creio que será atendida.

Por Thomas Paine, 12 de novembro de 1867.

P. Podemos, depois de o espírito ter deixado o corpo, apreciar e fruir as belezas da natureza e da arte com a mesma facilidade que agora? E, sendo assim, dissei-nos: podeis, como espíritos individuais, em vós e por vós, independentemente de qualquer auxílio extrínseco — de um médium, por exemplo —, tomar plena e completa cognição de todas e

quaisquer cenas belas que costumáveis frequentar e admirar quando estáveis na Terra?

R. A alma é de tal modo constituída que pode tomar conhecimento de tudo quanto a atrai, em quaisquer circunstâncias. Mas, por necessidade, há grande variedade de graus. Por exemplo: se, quando eu estava na Terra, a observar pelos sentidos humanos a glória de certa paisagem, e, tendo o poder de me lembrar disso no meu estado espiritual, e também o desejo de a contemplar novamente, eu não poderia, sem auxílio de sentidos terrenos, tomar cognição da parte terrena do quadro glorioso; mas poderia tomar cognição da parte mais real, mais substancial, mais gloriosa — a parte que era o espírito. Fostes ensinados por aqueles que regressaram, dando as suas vistas e experiência no mundo dos espíritos, que toda a forma material tem a sua vida interior, a sua vida espiritual, a sua representação divina; e que esse interior, esse espiritual, esse divino, corresponde ao exterior. Deus, creio, seria muito parcial, extremamente injusto, se vestisse a Terra de tanta grandeza e beleza e negasse igual bênção aos céus. Tenho maior fé na sua sabedoria. Creio que o seu amor vai além dos limites da Terra; mais ainda, sei-o. Portanto, tudo o que encontra expressão na Terra, em forma natural, encontra também expressão no mundo dos espíritos, em forma espiritual, que corresponde ao exterior, ao natural.

Por Thomas Paine, 14 de novembro de 1867.

P. Vi no “Banner of Light”, de 14 de setembro, uma resposta sobre um estado intermédio. Dizia: “Não creio que alguma vez alcanceis aquela condição de perfeição, no absoluto, que tantas almas buscam tão ardorosamente. Haverá sempre um porto de descanso no futuro — algo melhor do que aquilo a que chegastes.” Ora, gostaria de perguntar: que processo tem a alma, ou espírito, de atravessar ao fazer essas várias mudanças? E são essas mudanças tão absolutas e grandes como a passagem da vida natural, ou terrena, para a vida espiritual, ou invisível, como às vezes se diz? E, sendo assim, isso ensina a imortalidade da alma?

R. Há, creio, número infinito de mudanças muito marcadas a atravessar na vida espiritual, semelhantes à mudança química a que se chamou morte. O orador, na ocasião referida, respondeu por si e apenas por si; mas há milhares e dezenas de milhares de espíritos que puseram de parte a noção de algum dia poderem chegar a um ponto de perfeição, ou sequer de repouso, do qual não haja apelo. Na verdade, todos os

espíritos com quem o vosso orador teve o privilégio de entrar em relação mental, os quais fizeram da ciência da vida estudo profundo e de alma, chegaram a essa determinação. Creem no progresso eterno da alma e, crendo nisto, não conseguem ver ou conceber tempo ou estado de ser em que a alma possa dizer a si mesma: “Não irei mais além; estou contente”; antes, pelo contrário, a alma só pode ser feliz em virtude do seu próprio ser interno e externo — estendendo-se constantemente a algo melhor do que já encontrou. Sim, bom amigo, achareis que, como espírito desencarnado, sereis constantemente chamado a passar por mudanças distintas e marcadas, e mudanças que não percebereis no exterior.

Por William E. Channing, 19 de novembro de 1867.

P. Vi no “Banner”, há algumas semanas, esta pergunta: “Quais são as funções do baço?” Agora perguntaria ainda: que efeito tem um baço doente sobre o sistema físico em geral?

R. Médicos que fizeram desse ramo da ciência médica estudo dizem-nos que o baço pode chamar-se o estômago magnético — o órgão que recebe toda a força magnética necessária para ajudar a fazer funcionar a máquina, o corpo, a partir de condições exteriores. Recebe-as e, por certos processos, adapta-as ao uso do corpo. Dizem-nos ainda que um baço doente produz efeitos desastrosíssimos por todo o corpo, porque vicia todas as correntes magnéticas e, como delas dependem todos os outros órgãos para as conexões vitais naturais, se elas não são o que deviam ser, a ligação de todos os órgãos é, correspondentemente, imperfeita. Sendo isto verdade, é da maior importância para a vida que o baço esteja em boa ordem.

P. Que ligação existe entre os fenómenos, ou prodígios, do Espiritualismo moderno e as verdades da religião e do Cristianismo?

R. O Espiritualismo moderno é uma verdade natural e bem estabelecida. A verdade que percorre o Cristianismo é a mesma. Tudo se reporta à ciência da vida; estes e todos os outros fenómenos espirituais, de qualquer classe ou género, tudo se reporta à ciência da vida. Tudo se resolve de volta à vida.

P. Não serão as palavras de um homem sábio, honesto e bom, que fale da plenitude de um coração bom e generoso, superiores a qualquer coisa já proferida por um médium, e muito mais dignas de crédito?

R. Não. Por que seriam? Se ambas são proferidas a partir de perspectivas sábias, boas e honestas, por que excluir a validade moral de uma enquanto abraçais a outra? A verdade é verdade, venha de onde vier, ou por que canal for dada.

A ignorância é ignorância; a sabedoria é sabedoria. Já vi uma manifestação de sabedoria dos lábios da infância tão grande como alguma vez vi na idade madura. Por vezes a sabedoria de um Sólon pode empalidecer perante a sabedoria da infância.

P. Qual é a utilidade prática, moral ou religiosa, resultante de comunicações como as que foram reveladas nos dois últimos círculos?

R. Para algumas almas, demonstram a vida após a morte. Isto é de mais importância do que tudo o resto junto. O Cristianismo nunca demonstrou a imortalidade da alma. O Espiritualismo Moderno fê-lo; portanto, nesse aspeto, coloca-se, de modo preeminente, acima do Cristianismo. Refiro-me àquele Cristianismo que hoje flutua de lés a lés da terra. Não me refiro àquele espírito de Cristo puro e imaculado que está tão inteiramente coberto por observâncias e cerimónias externas a que chamam Cristianismo. Refiro-me à vida de todas essas vagas cerimónias, que está inteiramente obscurecida pelo exterior.

Tenho fé em que, pouco a pouco, essa vida interna, esse princípio puro de verdade que tem atravessado todas as religiões, acabará por vir à superfície, acabará por se libertar das nuvens, da superstição e das trevas que a rodeiam, a ponto de se tornar patente à alma que busca um Cristianismo puro e imaculado. O espírito de Cristo ensina amor universal. Encontramo-lo naqueles que professam o Cristianismo? Não, não encontramos. Pelo contrário, estão muito afastados disso. Cristo ensinou os seus seguidores a amarem-se uns aos outros; procurou impor a todos os seus seguidores a sagrada lei do amor. Pregou constantemente o amor. Foi a estrela-guia que o conduziu à glória. Mas, ó, onde o havemos de encontrar entre as igrejas que hoje tomaram o seu nome? Procuramo-lo em vão.

Por John Pierpont, 21 de novembro de 1867.

P. É verdade que o pensamento toma forma com os espíritos? Por outras palavras, se um espírito pensa, digamos, numa paisagem, esse pensamento corporifica à visão espiritual uma apresentação tangível da coisa pensada?

R. Não; não o entendo assim. Creio que o pensamento, em concerto com a ação, pode produzir muitas — e, direi, todas — as cenas da arte. Mas não tenho prova de que, ao pensar numa flor bela, numa paisagem bela ou num rosto belo, na terra dos espíritos ou em qualquer outro lugar, essa paisagem, flor ou rosto belos sejam projetados na existência só porque pensei neles ou desejo que venham até mim. A terra e a terra dos espíritos estão cheias de tudo quanto é essencial à felicidade da alma. Todas as ajudas essenciais ao progresso espiritual são colocadas na terra dos espíritos e na vida terrena, ou onde quer que o espírito, enquanto espírito, possa ir. Ora, como o espírito, quando lança fora o corpo mortal, fica possuído, no mínimo, de um grau muito elevado de liberdade, é muito razoável supor que, se penso numa paisagem, lugar ou coisa belos, na minha vida exterior, eu possa começar a agir para alcançar isso. Sei, na minha vida da alma, que existe algures uma realidade tangível, e vou buscá-la. Se o meu desejo for suficientemente forte, não paro até lá chegar — até o objetivo ser alcançado e eu ficar, assim, satisfeito. Neste sentido, e creio que só neste sentido, é que o pensamento produz objetos externos ou no-los traz.

P. Se o pensamento não toma forma com o espírito, será então verdade que as objetividades do mundo espiritual aparecem fixas e permanentes, como connosco na terra? Por exemplo, três pessoas, connosco, olham para os objetos numa sala e todos vemos as mesmas coisas. A correspondência disto é verdadeira para os espíritos?

R. Sim, certamente. Nenhuma duas pessoas veem ou entendem uma coisa exatamente da mesma maneira. Devem lembrar-se disso; e, onde têm aqui muito pouco desenvolvida essa faculdade de percepção, o espírito, na sua condição libertada, tem-na muito desenvolvida. Por exemplo, posso dizer que é uma pintura muito má — um perfeito borrão. Alguém pode dizer: “É perfeitamente bela; é alimento para a minha alma.” Esses sentimentos da alma, pois pertencem à alma aqui, pertencem-lhe, em muito maior grau, no mundo espiritual.

Lá, há o espaço mais amplo para o exercício dessa liberdade que pertence ao espírito depois de lançar fora o corpo; portanto, se eu detesto o quadro aqui e não vejo beleza nele, esse sentimento será intensificado no mundo espiritual; conseqüentemente, dois espíritos que regressem do mesmo local espiritual dar-vos-ão relatos inteiramente diferentes desse local. Um dirá que é belo, outro que é um deserto árido.

A capacidade de compreender está no interior, a variedade está no exterior; mas a capacidade de fruir a variedade vem de dentro. Assim, veem que duas pessoas não podem compreender nada — nem sequer um único pensamento — exatamente da mesma forma. Haverá diferença de opinião, porque há diferença na constituição interna do indivíduo; pois é pelo interno que o externo é medido.

P. Porque é que os amigos espirituais dos que possam estar presentes numa sessão na sala do círculo não se manifestam, em vez daqueles que não têm amigos pessoais presentes?

R. Não se julga melhor permitir tal manifestação. Primeiro, porque isso implicaria um grande dispêndio da médium — demasiado grande. Segundo, porque o público, o público céptico, diria: “Oh, vem da assistência. A maior parte dos que se manifestam têm amigos na assistência. Não passa do reflexo da sua mente.” Por isso, ficou determinado que os casos de manifestações espirituais para aqueles que têm amigos na assistência sejam muito poucos — na verdade, todos ficarão impedidos de vir, salvo os que o possam fazer num plano inteiramente platónico. Se pudessem estar nos bastidores e observar todo o *modus operandi* disto, não se admirariam de que os guardiões destas sessões tenham considerado melhor adotar tal curso. E, ainda, os que se manifestam são geralmente — a maioria, de todo o modo — aqueles que não conseguem alcançar os seus amigos por nenhum outro processo; os seus amigos são cépticos e não os encontrarão em nenhum outro lugar onde eles possam falar, e este é o único lugar de onde podem dar publicidade às suas manifestações e alcançar os seus amigos.

Por William E. Channing, 25 de novembro de 1867.

P. Compreendo, pelo espírito controlador, que não há perdão para o pecado; que uma pena inevitável segue toda a transgressão de qualquer lei do nosso ser. O que é feito da pena quando as dores são removidas e as doenças curadas?

R. Os espíritos que regressam informam-vos sempre — os que foram eles próprios informados acerca deste ponto — que não há perdão para os pecados. Todo o pecado engendra o seu próprio juiz, e o juiz engendra a punição correspondente. Os três estão tão intimamente ligados que não os podeis separar. Quando cometeis um pecado contra a vossa natureza física, o sofrimento é a consequência. Quando cometeis um pecado contra a vossa natureza espiritual, o sofrimento

espiritual é a consequência — produzis punição; um estado de desarmonia; e, como o espírito vive no céu apenas vivendo em harmonia, quando vive no oposto, vive no inferno — quer na terra, debaixo da terra ou nos céus. Quando está em condição desarmoniosa, está no inferno.

Há muitos graus de desarmonia, como de harmonia. Há muitos graus de céu, como de inferno. A criança sofre certo grau de inferno ao violar inconscientemente as leis do seu ser físico. A lei não desculpa o pequenino por não compreender a lei. Age exatamente do mesmo modo com ele como com o adulto. Não faz acepção de pessoas nem de idades. O pequenino cai sob o seu golpe como a idade madura ou a velhice caem sob o seu golpe. Nunca deixa de visitar justiça e juízo sobre todos os que se colocam em antagonismo com ela. O seu correspondente pergunta como é no caso de curas realizadas por certos agentes de cura na terra. Há um fim para todas as condições de existência. As condições são mutáveis: acabam para dar lugar a outras. A doença, a desarmonia, não passam de condições da vida, sujeitas a mudança. Quando a punição tem sido suficientemente severa, a mudança chega.

Quando o sofredor sofreu o bastante para o induzir a procurar o remédio apropriado, então há tempo de mudar. O espírito recebeu castigo suficiente por ora, portanto a salvação intervém em consequência do exercício da razão. Ora, quando o criminoso desce mais e mais no crime, quando o seu espírito tem sido submergido vez após vez naquilo que se segue ao crime — esse sofrimento mental, essa inquietação, essa insatisfação —, quando, digo, tem sido submergido vez após vez, pouco a pouco começa a raciocinar. O Deus de fora diz ao Deus de dentro: “Vem, pois, e raciocinemos juntos!” e o resultado é que o homem ou a mulher começam a sentir que há um caminho melhor, e que esse caminho é para eles como para os outros.

Começam a procurar conhecê-lo, a entendê-lo, a nele andar, a sair das trevas do presente e a entrar na luz do futuro, e então começa uma existência nova; então as brumas e névoas e desarmonias que são o resultado do crime começam a dissipar-se, e a alma começa a ser ressuscitada disso. É por uma intervenção direta do Grande Pai de Todos, fora, no universo? Pode ser; mas cremos que o espírito repousa, progride e deixa o mundo em virtude daquele glorioso germe de progressão que o Infinito nele implantou. O germe não pode permanecer sempre nas trevas. Acabará por encontrar o caminho para a luz e por dispersar as sombras.

P. Compreendo que o espírito controlador afirmou que, por vezes, as pessoas podem ser limpas de imoralidades de modo algo correspondente ao das curas de doenças. Como podem tais coisas ser, sem perdão?

R. Perdão é um termo que o seu correspondente parece ter definido segundo o seu próprio entendimento. Para nós, perdão é algo que vale sem sofrimento. Por exemplo, coloco a mão no fogo. O fogo não queima. O perdão interpõe-se entre a ação da minha parte e a ação da lei. O fogo não queima. Essa é a minha ideia do que é perdão. Ora, se eu coloco a mão no fogo e o fogo queima, e eu uso os remédios habituais para estancar o progresso da queimadura, segue-se daí que fui perdoado porque o fogo não queimou completamente a minha mão? Decerto que não. Ireis aprender, cada um de vós, mais cedo ou mais tarde, que não há perdão do pecado, nem neste mundo nem no outro. Tão certo como vos colocais em antagonismo com a lei, tão certo ela vos ferirá. Não há perdão. Se pecais contra a lei da vossa própria razão, não há perdão até que tenhais pago o último ceutil pela vossa má ação.*

P. Os clarividentes e os médiuns retêm e exercem no mundo espiritual o mesmo poder, ou correspondente, que têm aqui?

R. Retêm, só que o poder é largamente aumentado pela mudança.

P. Desejo saber se as seguintes especulações, extraídas de “Mental Philosophy”, de Sawyer, publicada em 1839, são verdadeiras? “Quando, à morte, é despojada dos órgãos dos sentidos, a mente é lançada de volta às mãos de Deus, para ser provida de tais outras capacidades quanto Ele julgue conveniente conferir. A sua introdução no outro estado, à morte, será sem dúvida análoga à sua introdução no presente estado, ao nascimento, no que respeita à concessão de novas capacidades e poderes. Os poderes e capacidades necessários para a vida vindoura serão, sem dúvida, do mesmo modo conferidos à morte — o período do nosso nascimento noutro mundo. A morte despoja-nos inteiramente de todos os órgãos dos sentidos e, conseqüentemente, de toda a capacidade de experimentar sensação de qualquer espécie. O nosso nascimento noutro mundo provavelmente nos investirá de outras capacidades de natureza semelhante, mas superior.”

R. O ponto de vista aí adotado é substancialmente correto. O espírito recebe, no seu segundo nascimento, novas capacidades. Lança fora tudo de que já não tem uso e recebe o que pode usar na terra dos espíritos. A mudança é distinta; de tal modo que, se pudésseis discernir o

espírito no seu verdadeiro estado espiritual após a morte, exclamariam: “Ó Deus, quão grande a mudança!” E, contudo, a mudança é tão simples que uma criancinha a compreende intuitivamente. Quando uma criança nasce neste orbe mundano, o seu primeiro esforço é inalar a atmosfera. A natureza age em conjugação com a sabedoria do Grande Infinito que reina na natureza. A criança respira aqui porque há necessidade disso. Quem nasce na terra dos espíritos respira de maneira diferente, porque há necessidade de uma maneira diferente. Outros atributos são acrescentados à alma no mundo espiritual, além dos que possui aqui, porque verifica que deles necessitará na vida superior. À medida que avança, recebe mais e ainda mais. Sai do antigo; abraça intuitivamente o novo; e assim por toda a eternidade. Creio que estará sempre a mudar no externo, mas no interno permanecendo para sempre e sempre o mesmo.

P. A inteligência controladora crê que existe algum espírito inteligente, eterno, desorganizado e distinto do homem?

R. Creio que, sem o concurso da matéria em algum estado, o espírito não poderia exprimir-se; portanto, creio que espírito e matéria estarão sempre tão perfeitamente desposados que nunca serão separados. Se o espírito depende da matéria para se exprimir, então a matéria é tão necessária como o espírito. O espírito atravessa o reino da matéria, mudando-lhe as formas e levando-a de um estado a outro, mais alto e ainda mais alto na escala, mas, ao mesmo tempo, progride nas suas características externas em correspondência com a progressão da matéria. Creio que há um oceano de espírito eterno, sempre existente, mas creio que esse oceano de espírito depende da matéria para se exprimir. Creio que ambos estão inseparavelmente ligados. Creio que, embora possais elevar-vos às esferas mais altas de que temos qualquer conhecimento na vida espiritual, mesmo aí encontrareis matéria.

P. Não vai isto provar que a matéria é autocriadora? Se o espírito depende da matéria, não pode agir na ausência da matéria, não será a matéria autocriada?

R. Considerado de um ponto de vista, assim pareceria; mas, considerado de outro, parecerá bastante diferente. Removei o espírito da matéria, e ela torna-se inerte. Liguei o espírito à matéria, e ela torna-se plena de vida. Ora, não poderemos dizer, e com verdade também, que a matéria é autocriadora apenas mediante o concurso do espírito? Como matéria absoluta, não é autocriadora, mas, unida ao espírito, é-o.

P. Algum dia esta terra perderá o seu corpo material e se tornará exclusivamente morada de inteligências espirituais?

R. Certamente chegará o tempo em que perderá o corpo material que agora lhe pertence. Esta é uma verdade evidente por si. É exibida por toda a parte na vida. Mas não temos prova especial de que a terra venha a ser, enquanto terra, a morada especial de espíritos desencarnados. Pode ser assim. Não sabemos que não o seja. Mas não temos prova especial de que assim será. Já agora é a morada de milhões de espíritos desencarnados. Eles caminham no ar, tanto quando estais acordados como quando dormis. Portanto, para eles, é um lar espiritual. Pertence-lhes tanto quanto vos pertence a vós.

Por Theodore Parker, 3 de dezembro de 1867.

P. Explica a inteligência esta passagem — Lucas xxiv, 19: “Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; tocai-me e vede, pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho.” Se era um corpo espiritual, porque disse que tinha carne e ossos? e porque comeu?

R. Acerca deste caso particular, não temos conhecimento positivo, pois isso nasce apenas da experiência de cada um; mas, julgando pela analogia, supomos que, se Cristo passou pela mudança chamada morte, e se, depois dessa mudança, era habitante dentro de um corpo suficientemente condensado para poder encontrar os sentidos da humanidade, devemos supor que esse corpo foi formado de partículas materiais, e estas foram retiradas de corpos mediúnicos e da atmosfera. O mesmo tem sido feito nos vossos dias, está a ser feito por toda a terra, e é vão o cético clamar: “Não acredito” — vão, quanto a sustentar a luz, pois ela continuará a avançar até que toda a escuridão se dissipe.

Suponho que esse corpo que os discípulos tocaram, esse corpo que se disse que ele tinha, era composto de “carne, sangue e ossos”; era um corpo material, formado para a ocasião, como disse, a partir da atmosfera e de algum corpo ou corpos mediúnicos. Não creio na ressurreição do corpo de Jesus após a morte — do corpo material, natural. A ciência desmente essa teoria. Em nenhum sentido é verdadeira. Diz-se-nos que tudo é possível a Deus; mas sabemos que Deus age por lei eterna e imutável, e sabemos que nunca calca essa lei. É sempre a mesma. Ora, então, se Jesus tinha passado pela mudança chamada morte, havia uma separação inteira e distinta entre o seu eu espiritual e o seu eu natural. Portanto, se tinha um corpo que pudesse

ser tocado, reconhecido pela humanidade, era um corpo formado para a ocasião.

Sr. White. Não supõe que os seus discípulos eram, bem como ele, fortemente mediúnicos?

R. Creio que eram. De facto, tenho indícios muito fortes, quase conhecimento, nessa matéria.

Sr. White. Não lhes daria o estarem tanto tempo em harmonia na terra um maior poder para ele formar um corpo a mostrar-lhes?

R. Sim; e, com toda a probabilidade, se a harmonia entre os discípulos não tivesse sido quebrada pela infidelidade de um deles, Jesus nunca teria sido crucificado. Nunca teríeis tido um Calvário na religião cristã; nunca teríeis tido um Salvador em Jesus de Nazaré.

Mas um foi infiel e traiu o seu Mestre, e o que se seguiu todos vós sabeis; ou, pelo menos, sabeis o que o registo vos diz. Com o tempo aprendereis muito mais acerca disso.

P. O progresso e a felicidade da sociedade no mundo, em todas as épocas, têm sido impedidos e maculados por homens maus — monstros, eu diria —, desde os políticos sem princípios no nosso meio até reis, imperadores, papas, etc. Ora, desejo saber se esses embustes contra a humanidade ainda mantêm a sua influência no mundo espiritual?

R. Até certo ponto, mantêm. Deveis considerar que tudo o que esta vida produziu, tudo quanto lhe pertence, quer natural quer espiritual, está no estado imperfeito consequente ao estado imperfeito da terra. Ainda não chegou àquele ponto de perfeição pelo qual possa sustentar homens inteiramente bons, ou mulheres inteiramente boas. Há plantas venenosas por toda a superfície da terra, e há teorias venenosas por toda a parte. Há veneno espiritual, como há veneno material; e ambos, creio, são filhos legítimos deste planeta, a terra.

Ora, à medida que a terra cresce, se torna mais perfeita, mais desdobrada espiritualmente e mais desdobrada naturalmente, dar-vos-á um tipo mais elevado, não só no vegetal, no mineral e no animal, mas no espiritual. Mas todas estas coisas vêm por lentos graus. O mundo não foi feito em seis dias, de modo algum. O homem não foi criado num piscar de olhos, mas passaram-se milhares sobre milhares, sim, milhões sobre milhões de anos antes que o pensamento nascesse. Agora tendes na terra uma classe de homens e mulheres tão boa quanto a terra consegue sustentar. Ficai satisfeitos; trabalhai, como a terra trabalha. A terra não

se queixa. Cumpre a sua missão, e estou muito inclinado a pensar que todos cumprireis a vossa, queirais ou não.

P. Não receberá este mundo, em breve, alguma espantosa inteligência do mundo espiritual? Não se abrirão as portas do mundo espiritual, de modo que tenhamos um dilúvio de luz que varra a escuridão, a superstição, sacerdotes, papas, etc., numa ruína geral?

R. Isso mesmo está a ser feito tão depressa quanto haja necessidade de o fazer. Estais hoje a receber toda a luz que podeis suportar, toda a que estais prontos a receber. O mundo dos espíritos tem, de facto, um grande oceano de luz, sob a forma de verdades que vos são novas, para vos conceder quando estiverdes prontos para as receber. Leite para crianças, carne para a idade madura.

P. Não seria melhor os Espiritualistas organizarem-se — refiro-me aos Espiritualistas deste mundo e aos do espiritual — sobre alguma plataforma grandiosa ou universal? Tal coisa poderia ser feita sem ser sectária.

R. Sim, seria melhor, na minha opinião; e, na minha opinião, será feito.

P. Não está organizado, no mundo espiritual, um congresso para controlar e dirigir os grandes movimentos espirituais na vida terrena?

R. Existe tal grupo de espíritos como o vosso correspondente refere, mas não controlam os assuntos da vida terrena — de modo nenhum. Apenas exercem tanta influência sobre esses assuntos quanto conseguem, por e através dos instrumentos que encontram na terra. Por vezes, embora desejem influenciar largamente em certas direcções, podem ver-se impedidos de o fazer, por falta de algum instrumento através de quem se manifestar. Às vezes a atmosfera é-lhes adversa, às vezes o solo. Diferentes localidades produzem diferentes pensamentos, bem como diferentes influências materiais.

Por Theodore Parker, 5 de dezembro de 1867.

P. O Espiritualismo moderno não faz maiores apelos à credulidade do que o paganismo ou o Cristianismo?

R. Dificilmente, dificilmente. É um apelo muito grande à credulidade acreditar na fábula de Jonas e a baleia — muito grande, de facto. É também um apelo muito grande à credulidade acreditar que uma mulher pudesse conceber e dar à luz um filho por ser coberta pela sombra do Espírito Santo; isso está completamente fora do curso da natureza; e

quem quer que o creia estica a sua credulidade ao extremo. O Espiritualismo vem em trajo simples. Uma criancinha pode lê-lo. Se a mãe vem à criancinha, a criancinha conhece a mãe. Não podeis enganar a criança. E assim é com o Espiritualismo puro, simples, de Deus. Nele não há superstição, e a credulidade de uma criança não precisa de ser posta à prova.

P. A ressurreição de Jesus Cristo não está tão bem atestada, e pelas mesmas testemunhas que confirmam a sua morte?

R. Não; absolutamente, não. Sabemos, pela natureza, que, se ele alguma vez viveu, morreu. Sabemos também, pela natureza, que, se alguma vez morreu para o corpo, o corpo nunca mais ressuscitou. A natureza nunca mente — diz sempre a verdade. Não podeis forçar a natureza a uma mentira. Pode parecer que sim, mas é apenas aparência.

P. O espírito de crítica é um espírito questionador. Há algo de errado nisto, em si mesmo?

R. Certamente que não. Pelo contrário, algo gloriosamente certo. A crítica honesta e sincera deve sempre receber atenção. É uma das grandes alavancas, creio, por meio das quais o homem marcha através das várias ciências da vida. A crítica muitas vezes informa-nos dos nossos erros, pois leva-nos a olhar mais fundo para o eu, mais fundo para o que nos rodeia. Leva-nos a tornarmo-nos críticos de nós mesmos e, portanto, é do maior serviço possível para nós. Ora, o mundo não prestaria para nada sem crítica. Quando eu estava aqui na terra, nunca ficava satisfeito quando a voz da crítica se mostrava silenciosa para comigo. Sentia sempre que o meu esforço tinha sido tão pequeno que não merecia crítica. Mas, quando era mais severamente criticado, sentia que agitara as águas, das quais algum bem viria.

Por Theodore Parker, 9 de dezembro de 1867.

P. Ao controlar esta médium, possuis o corpo, como o espírito da médium o possui no seu estado normal?

R. Não; isso não é necessário. Eu envolvo o corpo. Eu o domino como o executante musical domina o instrumento musical. O instrumento não dá som algum a não ser que o músico esteja ali e toque o instrumento. Assim com este controle. Envolver a médium e, ao envolvê-la, crio uma atmosfera que me é peculiar, quase em todos os aspectos diferente da dela. Portanto, ela, achando que não está de modo nenhum em harmonia natural consigo, geralmente retira-se, sai para o mundo

espiritual exterior e torna-se ciente de cenas nesse mundo. Por vezes torna-se necessário ficar totalmente absorvido no corpo. Então a atmosfera mental é criada no interior, e não no exterior. Ato então a partir de dentro. Mas, neste caso, ajo como o músico agiria sobre o instrumento. Envolve todo o corpo. Está sob o meu perfeito controlo.

P. Então, se o espírito da médium deixa inteiramente o corpo, quanto tempo decorre em que o corpo fica desprovido de espírito?

R. Pode ficar desprovido de inteligência, ou de existência consciente, por um segundo, dificilmente mais. Todas as coisas estão tão bem arranjadas que não haverá tempo intermédio, ou quase nenhum; talvez como a passagem de um sopro, mas nada mais. Quero que entendais claramente que a vida animal que está em atividade pertence inteiramente à forma animal. Isso é distinto da inteligência. Todas as funções animais podem ser desempenhadas de modo perfeito e harmonioso quando não há inteligência. Disso estais bem cientes. Mas falo agora do tempo que passará para o espírito aqui em inconsciência. Digo que pode ser como um sopro a passar, mas um segundo de tempo.

P. Então não poderias, se quisesses, reter o controlo deste corpo e assim impedir o espírito da médium de a ele regressar?

R. Certamente que poderia.

P. Têm os espíritos um tamanho fixo? Cada espírito tem a sua forma peculiar de organização, ou são todos iguais?

R. Cada espírito possui a sua forma peculiar de organização, a sua estatura peculiar. Não são todos iguais. Encontrareis aqui a criança e a forma madura. Encontrareis o homem alto e o homem baixo; todas as diferentes características de forma, bem como de mente.

P. Como possuiria o espírito de um homem alto a forma de uma criancinha?

R. Geralmente atuando sobre ela, cercando-a como eu hoje cerco esta médium, ou talvez influenciando um ou dois órgãos. Nem sempre é necessário influenciar todo o sistema orgânico. Eu, em geral, faço-o, mas nem sempre é uma necessidade.

P. Então uma pessoa grande pode tomar o controlo do corpo de uma médium pequena?

R. Não tencionei que me entendêsseis assim. Se uma criancinha é suficientemente mediúnica para admitir o meu controlo, eu posso

controlar a criança como controlo o adulto, só que não posso dar o mesmo grau de inteligência através da criança, porque os órgãos não estão totalmente desenvolvidos. Não podeis tocar a mesma peça, ou antes, não podeis dar a mesma potência através da flauta como através do órgão, ainda que ambos sejam música. Podeis tocar “Home, sweet home” em ambos, mas há diferença de capacidade.

Por Rev. Joseph Lowenthall, 10 de dezembro de 1867.

P. Qual é a história da instituição do Sábado? Como deve ser passado, independentemente do preconceito sectário?

R. Durante a minha vida terrena, cri na observância religiosa do Sábado judaico. Era uma parte, e uma parte muito grande, da minha religião. Mas, desde que ascendi da terra para a terra dos espíritos, aprendi que Deus santificou e tornou santos todos os dias, e que requer serviço absoluto e culto divino das mãos e dos corações de todos os seus filhos todos os dias da semana. Tenho indícios que me levam a crer que a observância do Sábado, tanto judaico como cristão, se originou naqueles adoradores pagãos cuja história religiosa remonta muito atrás no passado.

Pertence àqueles que olham para os céus e ali contemplam a única verdadeira representação da Divindade; e, encontrando a única verdadeira representação da Divindade — isto é, segundo a sua conceção — nos céus, adoram a sua Divindade com toda a sinceridade e verdade, de acordo com a sua crença. Assim, segundo creio, judeus e gentios receberam essas ordenanças sabáticas daqueles a quem tanto judeus como gentios apelidam de pagãos e idólatras. Tendes muito a aprender acerca do culto, e pode ser que ídolo após ídolo venha a ser derrubado ao chão pela mão infalível da verdade, no vosso caso como o foram no meu.

P. Qual é a distância da segunda esfera à terra?

R. A segunda esfera, assim chamada, é a esfera da mente — que pode agir independentemente de carne, sangue e ossos. É a esfera onde a mente pode exhibir um grau mais elevado de poder do que enquanto ligada à mortalidade, e essa segunda esfera não é de modo nenhum qualquer localidade particular. Pode estar aqui no vosso meio, e pode estar a dez mil milhas de distância. Alguns teorizadores determinaram que a segunda esfera é um cinturão, que fica cerca de sessenta milhas para além da atmosfera da terra.

Dizem-nos que mede isto e aquilo. Dizem-nos qual é a sua atmosfera; mas, pela minha parte, não tenho prova de que a segunda esfera exista ali mais do que aqui. A mente torna-se, em maior medida, livre após a morte, e, na sua segunda esfera de ação, pode estabelecer a sua morada a sessenta milhas da atmosfera da terra e ainda estar na segunda esfera, ou pode habitar aqui entre os seus afins na terra e ainda estar na segunda esfera. As localidades especiais pertencem mais às coisas do tempo ou da vida material do que à vida espiritual. Todos aprenderéis isto quando passardes do mortal e vos tornardes mais livres no espírito.

Por Theodore Parker, 12 de dezembro de 1867.

P. Foi recentemente declarado, numa reunião pública, que Theodore Parker, quando na vida terrena, era opositor da Filosofia Espiritual, ao passo que os seus escritos estão fortemente impregnados dela. Qual é a verdade do assunto?

R. Theodore Parker, no externo, opôs-se ao Espiritualismo moderno, mas no interno não se lhe opôs. Havia algo dentro de mim que dizia, em termos claros e inequívocos, “Há uma grande verdade no Espiritualismo moderno”, mas eu não podia aceitar as manifestações externas. Via tanto joio misturado com o pouco de bom que realmente pudesse haver, que não estava preparado para aceitar nada no meu raciocínio externo. Não obstante, como disse antes, no interno eu era crente no Espiritualismo, antigo e moderno. Os que melhor me conheciam sabem que muitas vezes observei que acreditava haver uma verdade muito grande, uma filosofia maravilhosa, subjacente a essas manifestações rudimentares.

E cria também que o mundo não estava pronto para tal exibição de poder espiritual. Mas aprendi muitas coisas desde que passei além desta vida humana. Aprendi que Deus não trata os seus filhos segundo os seus caprichos. Aprendi que a natureza e a mente marcharão firmemente através da lei infinita do progresso, queiramos ou não; e podemos denunciar as manifestações da mente e da matéria quanto quisermos, é tudo a mesma coisa. Nevará, queiramos ou não. O sol brilhará, ainda que nos abraze; e assim é quanto às manifestações da mente. A mente é livre, e correrá através da lei infinita do progresso exatamente segundo a lei.

Não podemos mudar a lei. Não temos o mais leve poder sobre ela. Assim, creio que estas demonstrações espirituais são o resultado de lei,

lei infinita, e que essa lei não diz respeito apenas à mente, mas à matéria. Pertence ao crescimento da terra como ao crescimento da mente. É uma exibição de mente e de matéria, e não a podemos controlar mais do que podemos controlar a luz do sol. Podemos excluí-la dos nossos próprios poderes de raciocínio por um tempo; mas ela brilhará do mesmo modo, e o seu poder será precisamente o mesmo, quer fechemos a ela os sentidos quer não.

Por Theodore Parker, 16 de dezembro de 1867.

P. Podem diferentes indivíduos na terra ser influenciados pela mesma pessoa ou poder na terra dos espíritos ao mesmo e exato tempo?

R. Sim; por exemplo, eu posso, através do poder da psicologia, psicologizar qualquer número de corpos suscetíveis ao mesmo tempo. Posso psicologizá-los sobre um ponto especial, ou posso variar com eles como entender.

P. Do mesmo modo que o mesmerizador opera sobre os seus sujeitos?

R. Precisamente, só que em maior grau. Um espírito desencarnado tem mais poder do que um no corpo: primeiro, porque possui uma compreensão mais ampla das leis que regem o caso; segundo, porque está livre de doenças corporais e, através da atmosfera e da condição peculiar do sujeito sensitivo, pode entrar em rapport mais direto e positivo com ele do que alguma vez poderia através da carne.

P. O que constitui uma pessoa médium?

R. Um médium é simplesmente um corpo sensível às forças ódicas do universo — forças que vós não compreendeis plenamente; aquelas que ainda não entraram no âmbito da ciência humana; aquelas com que a ciência humana ainda não lidou. Um médium possui uma qualidade peculiar de magnetismo e eletricidade. O sistema nervoso está geralmente muito finamente afinado, e está constantemente a receber do mundo externo e, tão constantemente, a emitir. Há uma atmosfera peculiar, mental e física, que rodeia todo médium bem desenvolvido, e quem quer que consiga entrar nessa atmosfera fica de imediato em rapport com o médium; e quem não consegue entrar nela não pode, por qualquer meio, entrar em rapport, e fica de fora tão efetivamente como se houvesse um muro de fogo entre ambos. Os médiuns são, noutras palavras, sujeitos sensíveis não só à ação da mente no corpo, mas à mente fora do corpo; e particularmente sensíveis à mente fora do corpo.

Por Theodore Parker, 17 de dezembro de 1867.

P. Se o espírito do mortal habita fora do corpo, porque não percebem os clarividentes o espírito, ou duplo, do homem antes da morte, assim como depois?

R. Certas fases ou graus de clarividência já alcançaram esse ponto na ciência. Certos clarividentes são capazes de perceber o espírito assim como o corpo natural.

P. Quereis dizer que o espírito está fora do corpo?

R. Não; eu não disse isso.

P. Essa foi a pergunta.

R. Há pouco respondi a uma pergunta relativa ao controlo espiritual. Perguntaram-me se eu entrava no corpo da médium, ou se controlava por psicologia. A minha resposta foi que, no meu caso, havia o que achei por bem chamar de um “sobrepaio”. Eu sobrepaio o sujeito e ajo sobre ele, em vez de agir através dele. Nem sempre é assim. O espírito que pertence por natureza ao corpo age sempre através dele; mas o espírito estranho, que vem utilizar o corpo como instrumento emprestado, atua tão frequentemente sobre ele quanto através dele.

Podeis chamar-lhe psicologia, ou distingui-lo por qualquer outro termo que quiserdes; é agir sobre o instrumento, fazendo sair as minhas ideias do interno para o externo. Eu sobrepaio e ajo sobre o sujeito diante daqueles que possam constituir a minha audiência. O controlo é tão perfeito, por vezes mais; com efeito, penso que consigo controlar melhor deste modo do que por absorção. Poderia controlar desse modo, mas não creio que o fizesse tão bem. Não me entendais a declarar que todos os espíritos atuam do mesmo modo; porque certamente não atuam.

P. O espírito da médium permanece ainda no corpo, no caso deste sobrepaio?

R. Às vezes; geralmente não. O espírito prefere, em geral, retirar-se, pois há uma consciência instintiva, da parte do espírito indwelling, de que haverá maior ou menor atrito entre o meu espírito e o dela e, para o evitar, ela retira-se, tomando isso como o melhor curso.

P. Foi dito, numa sessão recente nesta sala, que as pessoas idosas necessitam de menos sono do que as mais jovens, devido a uma perda de força ou vida magnética. Poderá a inteligência informar-nos se há algum remédio para essa perda, ou algum meio de obter um aumento da força magnética? Se sim, qual é? como e onde se encontra?

R. Não; não há remédio, salvo os que iriam contra a natureza. A Natureza traçou o seu curso para a vida humana, e é um curso muito exato e sábio. À medida que o corpo envelhece, ou se vê carregado pelos anos, desfaz-se da sua vida magnética para que possa passar mais facilmente pela morte. Ora, suponhamos que conservasse toda a sua vitalidade magnética até ao último momento da sua vida terrena, qual seria o resultado? Pois bem, a mais terrível luta entre as forças magnética e elétrica; conseqüentemente, uma morte muito difícil. Vede quão sábia e humana é a Natureza ao fazer com que o corpo se vá separando gradualmente das suas forças magnéticas, para que possa passar facilmente pela mudança chamada morte. E vós, na vossa ignorância, pedis para a reter. Seria a maior das maldições se o pudésseis.

Por Thomas Paine, 24 de dezembro de 1867.

P. É positivamente essencial ao bem-estar de qualquer pessoa, após o nascimento, voltar à vida espiritual e reassociar-se, por via de mediunidade ou de outro modo, com a vida mundana?

R. Em alguns casos é essencial à felicidade no mundo espiritual, e noutros é justamente o contrário. Alguns encontram o caminho do dever a conduzi-los diretamente à terra, outros diretamente para longe da terra e das condições terrenas. A experiência de um não é a experiência de nenhum outro. Todas as almas progridem segundo as suas próprias capacidades internas de progredir e segundo a sua própria lei externa e interna. Nenhuma alma se pode desdobrar exatamente da mesma maneira que qualquer outra, por ser constituída de modo diferente; todavia, as almas de todos são essencialmente as mesmas.

P. Os apetites, paixões, propensões — numa palavra, o caráter, na vida terrena, do indivíduo — aderem-lhe quando é introduzido no reino espiritual, e tornam inevitável que ele, através da mediunidade dos que ainda estão no corpo, aperfeiçoe o seu caráter?

R. Precisamente como a morte vos deixa, assim a vida no mundo espiritual vos encontra. Não sois espiritualmente diferentes depois da morte. Apenas passastes por uma mudança química, que afetou o corpo e a relação do espírito com o corpo, enquanto o próprio espírito permanece exatamente o mesmo. O ladrão continua a ser o ladrão, o mentiroso continua a ser o mentiroso, o assassino continua a ser o assassino, o ébrio continua a ser o ébrio; contudo, todas essas camadas inferiores da mentalidade o espírito pode e irá ultrapassar — ir além.

Nem sempre é necessário que o espírito regresse à terra para tomar as suas primeiras lições de progresso espiritual. Às vezes é, mas nem sempre.

Por Padre Henry Fitzjames, 30 de dezembro de 1867.

P. A força ou poder intelectual é apenas uma modificação da força ou poder físico? Os homens de ciência dizem que eletricidade, calor, movimento e luz são apenas diferentes expressões de uma e a mesma força ou coisa. Ora, a pergunta que faço é: serão todas as expressões de força, tanto intelectual como física, apenas modificações do mesmo poder?

R. Não; certamente que não. Não considerariam o pensamento simplesmente um resultado do movimento elétrico. Se o fazeis, confundistes a sua verdadeira natureza. Há uma diferença marcada e distinta entre poder intelectual e poder físico.

P. Por que meios pode um indivíduo aumentar mais rápida e permanentemente as suas atividades e força intelectuais? Que informação especial nos pode dar o espírito controlador sobre este assunto tão importante?

R. O conhecimento é poder, e só pode ser adquirido por pensamento sério e esforço sério. Se desejais poder intelectual, deveis procurar desdobrar-vos através de todas as capacidades do vosso ser. Um desdobramento harmonioso ou bem arredondado é certamente o melhor. Quase todas as nossas — ou, devo dizer, vossas — grandes mentes foram desdobradas apenas numa direção — talvez duas ou três —, e isso à custa de todas as outras. Jesus possuía um grau muito marcado de desenvolvimento harmónico; todas as capacidades da sua natureza pareciam estar arredondadas para o uso. Era versado nas leis da Natureza no mundo externo, nas leis da mente, e, clarivamente, saía para o reino dos espíritos. É impossível traçar quaisquer linhas pelas quais o espírito, ou a mente, deva ser governado quanto à busca de conhecimento. Deve ser buscado de todas as fontes, e em nenhuma ignorado. Deveis estar dispostos a permitir que tudo e toda a mente sejam vossos mestres; e, por sua vez, deveis estar dispostos a ensinar todas as coisas e todas as mentes. Procurai desdobrar todas as energias latentes da mente e, em todas as direções, sede harmoniosos nas vossas ações, e buscai sabedoria no volume eterno de Deus 4 que está aberto a todos.

Por Theodore Parker, 2 de janeiro de 1868.

P. É conveniente perturbar uma médium em círculo, que está em transe, totalmente inconsciente e paralisada, a fim de a acordar? Não seria melhor esperar que o mesmo poder que a colocou nesse estado particular a libertasse?

R. Certamente. Não há poder na terra, sob certas condições, que possa despertar uma médium de um estado de transe completo. Tem de ser feito pelo mesmo poder que a levou a esse estado.

P. Os seres espirituais mais progredidos do nosso planeta têm o poder de visitar algum dos outros planetas do nosso sistema solar? E alguma das entidades espirituais de quaisquer dos outros planetas do nosso sistema foi conhecida por vir aos reinos espirituais do nosso planeta? e, se sim, houve já intercâmbio de ideias entre tais inteligências?

R. Sim; há certas mentes de longo alcance que não poderiam contentar-se em existir com a simples quantidade de conhecimento que poderia ser colhida de um planeta, mais do que poderiam contentar-se em existir, se fosse possível, dentro dos limites de uma casca de noz. Desejam conhecer tudo o que lhes é possível conhecer; e, descobrindo que têm liberdade ilimitada no mundo espiritual, exercem-na — fazem uso dela. Nem toda a alma conhece os seus poderes. Não importa se a alma está vestida de carne, ou se depôs a carne, há muito poucas almas que compreendem plenamente o poder com que Deus as investiu. A maioria não faz ideia de que pode ir para além dos limites desta terra; portanto, nunca tenta. Mas há os que nos dizem ter visitado muitos dos planetas além da terra e ter-se tornado bastante versados nas suas condições.

Por William E. Charming, 6 de janeiro de 1868.

P. Deus é um poder ou alma que permeia o universo, ou um ser autoexistente, com habitação e personalidade, com capacidades inconcebíveis de conhecimento, sabedoria e felicidade?

R. Não creio num Deus pessoal, exceto enquanto creio em Deus personificado através de todas as formas concebíveis. Creio que Deus é um poder que permeia toda a mente e toda a matéria, e para sempre e sempre muda tudo segundo a sua própria vida divina.

P. As esferas existem como localidades separadas ou um só mundo, como a terra, apresentando apenas um aspeto diferente a diferentes mentes, sendo a gravidade e a cultura da alma as que determinam a sociedade e a paisagem de que cada um goza e merece?

R. As esferas de que falam os espíritos que regressam não são localidades, de modo nenhum, mas condições de mente, estados de ser. O mundo espiritual propriamente dito foi derivado das emanções espirituais deste mundo; por isso, é semelhante a ele, apenas superior a ele.

P. Se os espíritos podem ou não de remanifestar-se em forma humana, podem escolher quanto a essa forma e, na medida da sua experiência terrena passada, eleger quanto às suas condições hereditárias e intelectuais?

R. A forma espiritual muda segundo os requisitos do espírito indwelling e segundo os poderes e capacidades do espírito indwelling.

P. O que sucede geralmente às famílias na vida espiritual após alguns séculos? Agrupam-se e mantêm-se unidas como na terra, ou separam-se e tornam-se absorvidas na grande família da humanidade, ou espiritumanidade?

R. Os espíritos reúnem-se em grupos, conforme as suas necessidades. Seja qual for o tipo de vida intelectual a que eu esteja atraído, para aí gravitarei; e o que é verdade no meu caso é verdade no caso de toda a alma. Se não houver atração natural ou espiritual entre as pessoas que compõem as famílias terrenas, separar-se-ão no mundo espiritual.

Por William E. Charming, 7 de janeiro de 1868.

P. Dê uma explicação e definição científica de loucura.

R. Os médicos informam-nos de que a loucura é simplesmente um desequilíbrio das forças físicas e espirituais. Informam-nos de que a causa raramente se encontra só no organismo físico, mas encontra-se nas forças que atuam sobre os órgãos. Por isso é muito difícil saber exatamente como tratar os diferentes tipos de loucura. Dizem-nos que é uma doença muito subtil, por vezes parecendo ceder a agentes terapêuticos e, de súbito, levantando-se de novo com mais vigor do que antes. Os médicos, no mundo espiritual, não aqui, informam-nos de que estão a fazer tudo o que lhes é possível no sentido de impor as suas ideias sobre a loucura aos cérebros plásticos dos médicos na terra. Os que são mais suscetíveis às influências espirituais receberão primeiro as suas ideias.

Creio que o fundamento da sua teoria é este: a loucura, residindo nas forças imponderáveis, deve ser tratada não como tratariam a doença orgânica, mas como tratariam a doença espiritual, ou uma doença que

percorre as forças imponderáveis do corpo humano. O magnetismo e a eletricidade têm sido até aqui muito pouco compreendidos. Foram reconhecidos como existências, mas nunca se procuraram os seus usos maravilhosos. Ora, os médicos informam-nos de que o magnetismo e a eletricidade são os agentes mais poderosos que podem ser usados, se usados com entendimento, em todos os casos de loucura; mas, visto que os médicos têm tão pequena compreensão dessas forças, não seria seguro que procurassem fazer uso delas até saberem algo mais sobre elas.

O magnetismo e a eletricidade estão como mestres sobre a humanidade; mas quando a humanidade vier a conhecer esses agentes, a humanidade dominá-los-á, trará à luz todos os seus usos e aplicá-los-á às necessidades do sofrimento.

P. Podem aqueles que sabem que os seus antepassados foram loucos impedir que o mesmo defeito se manifeste neles próprios por educação e autodisciplina?

R. Os médicos dizem-nos que é quase impossível prevenir a loucura hereditária; isto é, a não ser que saibais exatamente onde atingir, é muito provável que atinjais no lugar errado. Ora, como a loucura, como já referi, está localizada sobre e através das forças imponderáveis, é uma doença muito subtil e muitas vezes não se torna aparente até que de súbito irrompe sobre vós com toda a sua fúria. Os médicos dizem-nos que as sementes da loucura são muito frequentemente semeadas na concepção. Então chama-se hereditária. Transmite-se dos antepassados por uma linha direta magnética e elétrica. Se sabeis que os vossos antepassados foram assim afligidos, o único curso adequado e seguro, se desejais estancar o seu progresso, é evitardes o matrimónio.

Os médicos dizem-nos que, uma vez estando as perturbações nos imponderáveis do corpo, muito raramente as podeis afetar para o bem, salvo no momento em que se manifestaram com maior violência; quando atingiram certo ponto, então podeis afetá-las (se souberdes aplicar os agentes), geralmente com muito sucesso. Mas, mesmo que saibais que tendes implantadas no vosso ser as sementes da loucura, nada podeis fazer para as erradicar até que se tenham manifestado exteriormente. Ora, isto parece um tanto duro; mas os que parecem entender tais coisas declaram que é absolutamente verdade.

Por Joseph Lowenthall, 21 de janeiro de 1868.

P. Na minha experiência de dez anos como médium de cura, encontrei muitos casos de doença induzida pela estreita proximidade de amigos-espíritos. E creio que uma grande parte do sofrimento físico que encontramos é, de alguma maneira, atribuível a essa causa. Pergunto se nos pode dar tal explicação que nos ajude a precaver-nos contra tais influências? Podemos fazer algo, em conjunto com amigos no mundo espiritual, para evitar tão frequente recorrência destes casos?

R. O único método seguro de prevenção que conhecemos é este. Familiarizai-vos com as influências por que sois acompanhados e, através da razão, dissipai as nuvens. Se vos são prejudiciais ao bem-estar físico e espiritual, se com elas razoais, partirão. O conhecimento é o único caminho seguro para alcançar e vencer todos os males da vida. As várias igrejas espalhadas pela terra estão perpetuamente a lançar o seu clamor contra o Espiritualismo moderno, mas sabem tão pouco acerca do Espiritualismo moderno como o caracol sabe das estrelas. E, no entanto, estão constantemente a lançar os seus anátemas, esperando, assim, aniquilar o Espiritualismo moderno. Se quisessem ser bem-sucedidos na sua causa, primeiro teriam de procurar compreendê-lo, e então poderiam ter alguma garantia de sucesso.

Assim é quanto a todas as leis na vida. Estais rodeados de uma nuvem inumerável de testemunhas, assistentes invisíveis. Há quem venha para o bem e há quem venha para o que chamais mal. Alguns vêm para ganhar para si; outros vêm para dar. Alguns vêm com o propósito de se tornarem melhores — de encontrar entrada no céu. Outros vêm esperando vingar-se daqueles que lhes fizeram mal na terra, ou de quem imaginam que os tratou mal. Há todas as classes de espíritos que visitam a terra. É uma grande estrada, aberta a todos.

Ora, então, cumpre-vos a todos, como espiritualistas, como cientistas, como moralistas, como cristãos, procurar saber acerca dos poderes por que estais rodeados. Assim, se produzem mal ao corpo ou ao espírito, sabereis como o reparar e como prevenir.

P. Podeis, ou alguma vez dardejais pensamentos para a mente do homem, sem que ele, nesse momento, disso se aperceba?

R. Certamente; isso é ocorrência muito comum. A mente está constantemente a emitir os seus pensamentos, e constantemente a receber de alguma outra mente; e como o espírito desencarnado tem mais poder do que o espírito encarnado e pode, com maior facilidade, fixar os seus pensamentos em algum outro cérebro, assim, nesse

respeito, eles são superiores às mentes na carne e podem exercer sobre vós um poder maior do que o que vós podeis exercer sobre eles.

P. Há algum outro dia de juízo além do último dia da vida de um homem aqui na terra?

R. Sim; cada dia das vossas vidas é um dia de juízo. Cada dia que vos pertence como indivíduo, há juízo proferido a seu respeito. Todos os atos das vossas vidas passam perante o grande tribunal do juízo e cada um é decidido. Se são maus, trazem os seus resultados legítimos. Se são bons, também trazem os seus resultados legítimos. Uma árvore má não pode dar bom fruto. O que semeardes, isso colhereis. Não há perdão para os pecados. Tereis de pagar o último ceitil por todos os erros da vida. Ireis, com o tempo, aprender que isso é bom; pois, se o grande poder no universo vos permitisse passar sem juízo quando cometeis erros, dificilmente marcharíeis através dos admiráveis graus de progresso marcados para vós como espírito inteligente.

P. Recebemos o corpo celestial de que fala a Bíblia logo que morremos?

R. Tê-lo-eis antes de morrer. Está convosco agora. Forma uma cobertura etérea, mística, para o sistema nervoso, e sai, ou é expulso do corpo, pelas forças elétricas. Quando a força magnética se retirou, cabe à força elétrica expulsar este corpo-espírito; então nascereis de novo.

Por Rev. George Whitefield, 21 de janeiro de 1868.

P. O que é uma pergunta própria e o que é uma pergunta imprópria?

R. Todas as perguntas pessoais seriam consideradas impróprias, neste lugar.

P. Em que condições é que os espíritos conseguem mover corpos ponderáveis, orgânicos ou inorgânicos, através da atmosfera?

R. São necessárias várias condições. Primeiro, é necessário pôr a médium em rapport espiritual ou elétrico com o objeto que desejais mover. Segundo, é necessário pôr a vontade da pessoa que é o operador principal no caso em conjugação com o objeto a mover e com a médium. Estando perfeitas estas três condições, ou partes de uma, qualquer corpo, por mais ponderável que seja, pode ser atuado segundo a capacidade do poder que a médium possa fornecer. Em algumas circunstâncias, uma atmosfera seca é bastante necessária; noutras, uma atmosfera húmida parece ser melhor.

P. Foi dito por certo autor que as médiuns estão geralmente algo equivocadas quanto à presença pessoal de espíritos nos círculos. Ele afirma que é mais a presença refletida do que a real, como a sombra sobre um lago plácido. Isso é correto?

R. Em algumas circunstâncias é correto; noutras, totalmente incorreto. Às vezes o espírito está presente e tem controlo absoluto, in propria persona, da médium; outras vezes, o espírito pode estar a milhares de milhas de distância e, ainda assim, a médium pode estar sob o controlo desse espírito.

P. Na petição apresentada, segundo entendi, ao Ser Divino, qual é a natureza do arrependimento referido?

R. É uma alegria suavizada, que naturalmente se segue ao conhecimento de que nos equivocámos e de que agora estamos na posse da verdade.

P. O arrependimento não implica naturalmente que haja algo de que nos devamos arrepender? algo que fizemos mal e que deve ser retificado?

R. Assim parece. O arrependimento pode ser chamado o anjo vingador, que trata connosco por todos os erros que possamos cometer na vida.

P. Qual é a sua opinião acerca da natureza do homem? É uma dualidade ou uma trindade? Ouvi dizer que somos três partes componentes — corpo, alma e espírito.

R. Creio que, enquanto estais na terra, sois três em um. Tendes o corpo físico, que é o produto das condições terrenas, e tendes o corpo espiritual, que é um produto do vosso corpo terrenal; e tendes a vida divina, que é a mesma ontem, hoje e para sempre.

P. Com referência ao arrependimento, devo entender que é um castigo e não um ato da parte de quem exerce o arrependimento?

R. Alguns consideram-no desse modo, mas creio que é um resultado natural que se segue ao erro. Lamentamos não ter visto antes o melhor caminho, mas, ao mesmo tempo, alegramo-nos por a luz estar agora connosco.

Isto parece-me ser arrependimento. Eu próprio arrependi-me, dolorosa e sinceramente, dos erros da minha passada vida terrena; mas, ao mesmo tempo, percebo uma alegria a atravessar o meu arrependimento, que creio ser a gloriosa luz que me ergueu das trevas. Não creio que o arrependimento venha do grande e perfeito Pai do nosso espírito, em

consequência da nossa falta em si; mas creio que ele se segue, por necessidade, aos nossos erros. Se infringimos as leis que regem a vida física, a dor é o resultado, o sofrimento há de seguir-se. E assim é com todas as coisas espirituais. Todos os erros espirituais podem ser chamados, creio eu — e justamente —, violações da lei espiritual das nossas naturezas espirituais, e, na mesma medida, temos de sofrer. Podemos chamar ao sofrimento arrependimento, ou por qualquer outro nome.

P. Observo que chamais ao sofrimento arrependimento. Pergunto: qual é a causa disso? Qual é a influência espiritual que atua sobre o nosso espírito para produzir essa tristeza e a subsequente alegria?

R. Creio que é a luz espiritual que acompanha a consciência da alma que alcançou um estado melhor do que o passado. Não sei que seja derramada de alguma fonte particular. Creio que nasce da vida divina das nossas próprias naturezas.

P. A tristeza e o sofrimento não são essenciais ao aperfeiçoamento do espírito em todas as circunstâncias?

R. Creio que sim; tanto quanto as tempestades que varrem a terra são necessárias ao desdobramento da terra.

P. Pode haver crescimento sem sofrimento?

R. Creio que não. Se os seres mais perfeitos de que temos registo foram capazes de tal sofrimento intenso como o registo das suas vidas afirma, que temos o direito de inferir acerca do sofrimento? Pois, certamente, que é uma necessidade. Pode ser chamado a chave que abre os portões do céu e ordena ao espírito que fuja das sombras passadas.

P. Continuará esse sofrimento para a vida futura?

R. Vi a mais aguda de todas as tristezas no mundo espiritual. Tendes tristeza aqui na terra, mas é morna e obtusa quando contrastada com a do mundo espiritual. Oh, não vos enganeis quanto à vossa vida futura. Não suponhais que é uma vida contínua de alegria, pois digo-vos que não é. O suicida, que procura escapar às tristezas da terra esperando alcançar as alegrias do céu, acorda de um sonho enganado para se encontrar, muitas vezes, em dor mais profunda do que quando na terra. A sombra que lhe pertencia aqui seguiu-o para a terra dos espíritos, e, por lei natural e perfeita, tem de sobreviver. Quando sabemos acerca da tristeza, sabemos como fugir dela; mas quando ela é um mistério para nós, paira em nosso redor e, como as sombras do entardecer, recusa-se

a partir até que a luz matinal do conhecimento irrompa e então, por necessidade natural, tem de partir.

Por Theodore Parker, 30 de janeiro de 1868.

P. Que relação tem o Mesmerismo com o Espiritualismo?

R. Tem uma relação muito íntima; tão íntima que mal podeis dizer onde dividir os dois. O Mesmerismo, ou a aura mesmérica, pode ser chamado um dos agentes mais essenciais por e através dos quais o espírito desencarnado ou encarnado atua sobre qualquer outro espírito.

P. Um conferencista no Music Hall, em Boston, há alguns domingos, afirmou que uma chuva de flores frescas e variadas caiu sobre a sua cama, em que estava deitado, à meia-noite, em tempo rigoroso no meio do inverno, e que os caules das flores pareciam como que torcidos, e não cortados, e como se rasgados por uma corrente elétrica, levando à conclusão de que haviam sido trazidas de um clima mais quente, onde cresceram. Até aqui muitos supuseram que tais e outras produções eram formações imediatas, compostas por poder espiritual a partir dos elementos da nossa atmosfera. Pergunto qual dos processos é o verdadeiro?

R. Ambos são verdadeiros. Às vezes, sob certas condições, os espíritos versados na ciência da química conseguem formar, a partir da atmosfera — a vossa atmosfera terrestre —, flores de diferentes formas — as suas próprias formas espirituais. Conseguem criar, a partir da atmosfera, grande variedade de flores. E, por vezes, dizem-nos que os espíritos guardiões de médiuns lhes trazem flores dos vossos jardins terrestres.

São por vezes arrancadas do caule-mãe pela eletricidade que sobre elas é lançada pelos espíritos que desejam possuir a flor. Deveis compreender que há muitos químicos no mundo espiritual, e que eles se comprazem em fazer experiências químicas com respeito a todas as coisas deste mundo. Nunca deixam passar uma oportunidade sem fazer algo para se informarem acerca da natureza da terra e das suas relações com o seu lar espiritual. Querem saber quanta força podem ter sobre todas as coisas aqui, e quanto, por sua vez, vós podeis ter sobre elas; o que podem fazer com o reino vegetal, o reino mineral e o reino espiritual; o que podem fazer com tudo aqui que pertença à mente ou à matéria. Assim, as suas experiências decorrem constantemente.

P. Como explicais a palavra “vidente”, tal como usada pelos antigos?

R. “Vidente” é outro termo para clarividência, ou condição espiritual; uma condição em que o espírito pode entrar no passado e no futuro, bem como no presente.

P. Não previram efetivamente acontecimentos esses videntes, sendo, como dizeis, “mais sábios do que sabiam”?

R. Talvez. De todo o modo, não eram intitulados profetas.

P. Há algo impossível a Deus?

R. Certamente que, para mim, há. Quebrear a sua própria lei seria uma impossibilidade. Destruir-se-ia a si mesmo e aniquilaria todas as formas que existem. Não creio que Deus possa sair para fora de si. Deve sempre viver no seu próprio ser. Para realizar um milagre, segundo a minha ideia, teria de sair de si; teria de calcar a sua própria lei; teria de desconsiderar totalmente tudo quanto constitui a lei da vida. Não, não creio que seja possível a Deus criar um mundo em seis dias, nem em seis mil anos, nem em seiscentos mil anos. Não; para mim há muitas coisas impossíveis, até para Deus.

Por Thomas Starr King, 4 de fevereiro de 1868.

P. Existe um diabo fora da mente humana?

R. O maior, o mais perfeito diabo que jamais conhecemos teve existência na mente humana — naquela parte que é resultado da educação humana. O diabo, como personalidade distinta, é coisa do tempo, algo que foi elaborado através do vosso sistema educativo defeituoso. Aqui sois educados — religiosamente, moralmente, intelectualmente e fisicamente —, e aquela parte a que chamamos defeituosa, que atravessa todo o sistema por inteiro, é a que produziu esse diabo pessoal. Fez-lhe os cornos e as unhas fendidas e todos os seus vários apêndices, e apelou à humanidade para que exercesse um temor a seu respeito; mas é tudo resultado de uma educação falsa. As pessoas que nunca foram educadas de modo algum nessas matérias não têm qualquer ideia de um diabo.

P. A ciência não é um dos estudos maiores e mais importantes no mundo espiritual?

R. É o fundamento de todos os sistemas educativos verdadeiros. É a única base verdadeira em que a inteligência pode fiar-se para obter informação, aqui ou lá. Todos os espíritos, quando se despojam da forma mortal e se elevam acima dos preconceitos próprios da vida humana;

quando começam a desejar saber mais acerca de si e do que os rodeia, partem logo, acompanhados pela ciência; e esta acompanhante nunca os abandona. Nunca ficam satisfeitos com qualquer demonstração que não seja verdadeiramente científica; que não possa ser resolvida num ponto claro, acima de disputa. E seria muito melhor para os nossos religiosos da terra, para os nossos moralistas e, de facto, para todas as classes de seres, que adotassem plano semelhante e investigassem pela ciência. Que a ciência seja a base da vossa religião, e que não adoreis em santuário que não seja santuário científico. Quando o fizerdes, raramente tereis ocasião de olhar para trás com pesar pelos muitos erros que cometestes.

Por Theodore Parker, 6 de fevereiro de 1888.

Temos umas poucas palavras a dizer acerca destas cartas (as cartas colocadas sobre a mesa para respostas pelos invisíveis). Parece haver, até certo ponto, um mal-entendido a seu respeito. Pessoas que recebem respostas indefinidas e vagas não conseguem entender porque não recebem respostas claras e satisfatórias, como talvez os seus vizinhos recebam.

A culpa, em nove casos em cada dez, é delas próprias. Não entendendo as leis que regem o caso, deixam de as obedecer; por isso se decepcionam com as suas respostas. Deveria entender-se que apenas um tempo muito curto, digamos alguns segundos, pode ser dedicado a cada carta, e por esta razão: uma certa quantidade de poder magnético é abstraída e usada da médium ao responder as cartas. Os que estão no controlo sabem exatamente quanto pode ser tomado sem prejuízo para o sujeito, e tem de ser repartido conforme as exigências de cada carta; algumas requerem mais, outras menos.

Mas, se não há poder por cujo meio a carta possa ser respondida, certamente não pode haver resposta. Ora, para assegurar uma resposta que seja, em alguma medida, satisfatória, cada carta deveria conter apenas uma pergunta, ou duas no máximo. E essas perguntas devem ser de carácter que possam ser respondidas por algum dos amigos-espíritos que o escritor possa ter no mundo das almas. Muitas perguntas, lamentamos dizê-lo, são de carácter muito frívolo, pertencendo mais às coisas deste mundo do que às do outro; mais a circunstâncias mundanas do que às circunstâncias da alma.

Por exemplo, o Sr. B. pergunta: “Devo casar com a Sra. C.?” Ora vede a absurdidade da coisa. E vice-versa. Um homem pergunta: “Devo vender

certos bens por tal preço?” Outro: “Serei bem-sucedido em tal empreendimento?” Outro: “Devo ir para oeste?” Outro: “Devo ir para leste?”

E outro: “Receberei uma carta de tal amigo em tal tempo?” Todo o tipo de perguntas são feitas. Supondes que os habitantes do mundo espiritual não têm nada melhor a fazer do que voltar aqui como carteiros de tostão nessas matérias sobre as quais vós melhor podeis responder do que eles? Em todas as questões de interesse vital, os vossos amigos responderão cordialmente, quando puderem entrar em rapport com o sujeito que está a responder às cartas, e com verdade também. Mas, quando a vossa pergunta é de caráter vago, incerto, sem vida, a resposta será, naturalmente, correspondente. Se quereis boas respostas, escrevei boas perguntas.

Lembra-vos disto. É para vosso bem que falamos. Quereis a verdade, e a mais alta, a melhor que vos pode ser dada. Então, ao buscá-la, buscai-a da maneira mais elevada e melhor possível; pois só através dos vossos próprios bons esforços é que bons resultados podem chegar até vós. Lembrai-vos de que sois tão necessários nesta comunhão da alma quanto os que estão fora da vossa vista. Estais numa ponta do fio, eles na outra. Se deixardes cair a vossa, se não cumprirdes a vossa parte do dever, como podeis esperar que eles consigam fazer a deles e a vossa também? Não podeis fazer a parte deles, nem eles a vossa.

Ora, entendei-nos quando dizemos que todas as perguntas que tenham relação com os vossos mais altos interesses, feitas com honestidade, com sinceridade, para ganhar sabedoria, para obter o bem ou fazer o bem, serão sempre respondidas honestamente, ainda que não claramente. A clareza estará em correspondência com a proximidade e o poder do espírito a quem chamastes para responder. Se puder entrar na esfera imediata e controlar pessoalmente, então as vossas respostas só poderão ser satisfatórias; mas, às vezes, são respondidas por procuração. Os que chamais não podem vir, talvez, nem sequer ao círculo exterior, e muitos médiuns podem ser usados na transmissão da sua resposta até este plano mundano.

Em alguns casos, voltamos a dizer-vos, eles vêm a uma comunicação pessoal; então a vossa resposta é geralmente muito clara. Esperamos não ser obrigados a voltar a este assunto. Queremos fazer-vos todo o bem que pudermos. Queremos abrir-vos o caminho tão depressa quanto estiverdes prontos para nele andar. Queremos conduzir-vos suavemente

pelos lugares ásperos da vida. Pedimos, em troca, o vosso amor, os vossos bons votos, não só para connosco, mas para com todos os que vos rodeiam.

Por Theodore Parker, 10 de fevereiro de 1868.

P. Estamos sujeitos, na vida espiritual, a mudanças semelhantes à morte na vida terrena? Se sim, qual é a duração da vida de um espírito até essa mudança?

R. O espírito passa constantemente por diferentes mudanças, gradações da mente, assim como da matéria. Não parece haver tempo especial marcado para que venha alguma mudança definida a qualquer espírito. Estas vêm sempre em conformidade com as necessidades do espírito.

P. Qual é a lei de classificação na vida espiritual? É a nacionalidade a distinção, como na terra? Por outras palavras, distinguimo-nos como ingleses, franceses, alemães, etc.?

R. As características peculiares do lugar mortal de morada do espírito são levadas pelo espírito para o mundo espiritual; conseqüentemente, o americano é ainda o americano, o escocês é ainda o escocês, o negro é ainda o negro, o índio é ainda o índio. É certo que há grande diferença entre a vida espiritual americana e a vida física americana, mas, quando reduzidas a características, acho-las quase idênticas. Ser-vos-á muito fácil detetar um da vossa própria nacionalidade mesmo depois da morte.

P. Qual é a língua da vida espiritual? Certamente, se os espíritos têm órgãos vocais, devem ter linguagem.

R. A linguagem corresponde às necessidades do espírito. No mundo espiritual, a visão muda para percepção. A linguagem, em grande medida, está submetida à lei da percepção. E, todavia, é uma característica distintiva. Há som no mundo espiritual. Não é todo silêncio, de modo nenhum. Há forma. As formas mudam. Há grande variedade de sons. Todas as diferentes línguas da terra, como de todos os planetas habitados, estão representadas no mundo espiritual. A linguagem tem um espírito, como a flor tem um espírito. O espírito da flor é a fragrância, ou as exalações peculiares da flor. A linguagem tem as suas exalações, a sua atmosfera, o seu espírito, e é isso que existe depois que o espírito passa do corpo. É isso que vai com o espírito. É isso que o espírito emprega na comunhão com os seus após a morte.

P. Dizeis que há sons no mundo espiritual. São ecos da terra, ou são causados por espíritos no mundo espiritual?

R. Não são ecos da terra, de modo nenhum. O som tem também o seu espírito, a sua parte pura, mais glorificada, e é isso que os espíritos usam. Tendes aqui os vossos sons musicais. Nós temos os nossos lá. Os nossos são os mais etéreos, os mais gloriosos, os mais belos, os mais perfeitos. Cada som peculiar na terra derrama a sua atmosfera peculiar, ou luz, ou espírito, e é isso que os espíritos usam no mundo espiritual propriamente dito, ou naquela condição de vida que se segue à mudança chamada morte.

Não havendo mais perguntas, a inteligência observou:

Recebemos uma pergunta de certas partes que tiveram papel bastante extenso na recente rebelião. A pergunta é esta: “Que pensam os espíritos — aquela classe de espíritos que, dizem, velam pelos destinos desta nação — quanto ao direito do Congresso legislar para os Estados do Sul? Na sua opinião, é certo ou errado?”

Pouquíssimas palavras de bom senso definirão a nossa posição. Olhando além do mero exterior da questão proposta à nossa consideração, vemos que os que a propuseram ainda estão em terreno rebelde, no que toca a este governo. Mantêm ainda as suas noções peculiares que lançaram esta nação em guerra civil, e estão tão relutantes em abandoná-las como uma mãe estaria em consignar o seu bebé às chamas. Parecem tê-las como algo sagrado para si, algo que têm direito de manter. Pois bem, ninguém questiona esse direito quando considerado de um ponto de vista; mas, considerado de outro, todo o coração honesto e leal há de questioná-lo.

Paremos e consideremos, por um momento, o que foi entregue quando o General Lee e o General Johnston se renderam ao exército da União. Foram apenas uns poucos apetrechos militares? Ou foi algo mais fundo, algo de maior valor, algo de mais vital importância? Para mim, foi o último. Uma das principais noções sustentadas pelo Sul antes da rebelião — e que é sustentada hoje como então — é esta: o direito de soberania estadual; que cada estado deva fazer as suas próprias leis e governar os seus próprios assuntos internos; mas parecem esquecer-se de que isso só pode ser feito em harmonia com a constituição nacional e com o governo geral.

Ora, como essa noção de soberania estadual foi uma das principais características que levaram à guerra civil, uma pela qual lutaram — assim nos dizem —, é claro que, com outros direitos, foi rendida no momento em que Lee e Johnston se renderam a Grant. Os estados

rebeldes disseram virtualmente: “Depomos aos vossos pés, sujeitos à vossa disposição, tudo quanto alimentou esta guerra civil e o que a engendrou. Estamos, civil e politicamente, à vossa disposição.” A rendição, em palavras claras, significava isto: “Vós sois a parte mais forte; nós, a mais fraca. Considerais que estivemos em rebelião contra o governo. Lutastes contra nós. Vencestes. Não podemos lutar mais. Rendemo-nos. Fazei de nós o que vos parecer bem.”

Ora, se o direito de soberania estadual foi então rendido, o povo leal do Norte e o Congresso têm o direito de legislar para os Estados do Sul que estiveram em rebelião. Quem lhes deu o direito? Pois, o Sul deu-lho. É inútil argumentar que a Constituição dispõe de outra maneira; lembramo-nos de que os que estiveram em rebelião eram foras da lei relativamente à Constituição. A Constituição foi por eles posta de lado. Calcaram-na aos pés.

Eles não reconheceram as exigências do governo. Fizeram-lhe guerra; e, por isso, tornaram-se fora-da-lei. Não têm direito de fazer leis, nem sequer para si próprios. No que toca à política, cortaram-se do governo, e deveriam estar dispostos a esperar para ver como o governo deles disporá. Até agora tem sido muito indulgente, quase em demasia. Vemos que o Congresso tem razão no rumo que tomou nessa matéria.

O Congresso tem o direito de legislar para esses Estados rebeldes. Eles não têm direito de legislar por si mesmos. Não deram prova de que são leais, ou de que o serão — nenhuma que seja suficiente. Tempo e boas obras, fé inquebrantada, são os únicos remédios por que se pode esperar, com algum grau de esperança, no caso deles. A nação está hoje a passar por uma luta maior do que aquela por que passava há três, quatro anos. As nuvens pairam hoje mais pesadas do que então. Não obstante uma grande nuvem, uma poderosa nódoa, ter sido apagada, restam ainda outras a resolver. A guerra da mente é mais terrível do que a guerra da espada. Antes de terminar, pediríamos aos amigos que nos enviassem a questão que acabámos de considerar brevemente que, se não estiverem satisfeitos com a nossa resposta, prossigam o assunto. Vejamos o que têm a dizer — até onde se podem defender. É possível que mudemos de tática, mas não o esperamos.

Por Padre Henry Fitz James, 11 de fevereiro de 1868.

P. Se este Espiritualismo é o que pretende ser para a elevação da humanidade, não deveriam os nossos médiuns estar rodeados do mais

alto tipo de civilização intelectual e moral, para que espíritos da ordem mais elevada se possam manifestar por seu intermédio?

R. Essa condição é certamente algo desejável, mas não é absolutamente necessária. O espírito que regressa não se serve da lei moral pertencente aos médiuns. Serve-se apenas da lei física. O corpo físico torna-se apenas um instrumento nas mãos do espírito estrangeiro. Mas, se todos os médiuns estivessem rodeados, nas suas vidas terrenas, por boas influências — aquelas a que chamais altas e santas —, então atrairiam sempre a si, em virtude dessas circunstâncias, os mais elevados; mas os inferiores teriam grande dificuldade em aproximar-se.

Aquilo que se revelaria um excelente agente para uns, provar-se-ia um obstáculo formidável para outros. Uma Providência sábia fez a seleção dos seus sujeitos — a que chamais médiuns — no estrato médio da vida. Jesus foi encontrado a comer e a beber com publicanos e pecadores. Tão frequentemente estava na sua companhia que os seus opositores o chamaram de bebedor de vinho. Ele situava-se entre os altos e os baixos. Anjos ministravam-lhe do alto, demónios vinham até ele de baixo. Ele pregava a uns, recebia de outros. Se observardes de perto, vereis que sempre foi assim.

Os nossos médiuns são cuidadosamente escolhidos do estrato médio da vida humana, pois, a partir desse plano, podem ser capacitados para fazer o maior bem. Podem receber mais, podem dar mais a partir desse plano. “Há uma divindade que molda os nossos destinos, por mais grosseiramente que os talhemos.” Há um poder por detrás de toda a vida que molda e conforma todas as coisas, todos os pensamentos, todas as manifestações da mente e da matéria e, quer nele confiemos quer duvidemos, seguirá o seu curso poderoso do mesmo modo.

Por William E. Channing, 13 de fevereiro de 1868.

P. Quais são as reivindicações do Espiritualismo, à luz de uma prova comum, que é tão justa para uma classe como para outra, a saber: “a árvore conhece-se pelos frutos”?

R. As reivindicações do Espiritualismo são tão vastas, tão profundas, tão elevadas quanto o próprio Espiritualismo. O Espiritualismo reclama homenagem de todas as coisas — o verdadeiro Espiritualismo, não o que o é apenas no exterior, mas o que o é na sua vida interna. Os opositores dos espiritualistas e do Espiritualismo às vezes decidem muito severamente acerca do “ismo” e dos “istas”. Dizem-nos que não julgaram imprudentemente nem injustamente, pois julgaram pelos frutos que

percebem. Isso está certo. Os espiritualistas devem ser julgados, e devem esperar ser julgados, pelo fruto que dão, pela luz moral que são capazes de derramar sobre a humanidade, pela idade de ouro que se espera que inaugurem. Os espiritualistas devem esperar ser pesados na balança da opinião pública e, se forem achados em falta, devem lembrar-se de que não serão só eles a sofrer, mas também a causa sagrada que representam.

Cumpra a cada um que reivindica comunhão com os anjos andar honestamente, corretamente nessa fé, mantendo a regra de ouro onde a possa ver, fazendo dela parte da sua vida, estando sempre em harmonia com ela, e nunca em tempo algum se permitindo estar em antagonismo com ela. Quando considerado em conjugação com os desdobramentos externos de alguns espiritualistas, o Espiritualismo não suportará prova alguma. Se dependesse de alguns dos seus expoentes quanto ao mérito, ao valor real, revelar-se-ia tristemente carente; mas, graças a Deus, não depende de “istas” nenhuns. Na medida em que é puro e imaculado em si, pode marchar pelos séculos incólume, e aqueles que conseguem ver para além da mera superfície borbulhante, espumosa, podem vê-lo na sua pureza. Espiritualismo, ou Espiritualismo — e os espiritualistas divergem —, há uma ampla linha de demarcação entre ambos. Um é mera sombra, o outro é a realidade. Para pôr à prova o Espiritualismo, em nome de Deus, não o testem através dos espiritualistas. Lancem-no à balança, em toda a sua pureza, e pese-o, e não será achado em falta.

P. A mente, ou esse poder ou princípio chamado intelecto, é um organismo separado, ou a sua ação ou crescimento depende da organização espiritual para a sua expressão objetiva, assim como o espírito depende da matéria para seu meio de expressão?

R. A mente depende quase inteiramente da formação do corpo externo para a expressão. É o médium entre o espírito e a matéria bruta. É um espelho através do qual o espírito se reflete sobre a matéria, e as suas capacidades aumentam ou diminuem em correspondência com o aumento ou diminuição da matéria harmoniosa. Pertence à matéria.

P. Pode dar-me uma definição clara e perspicaz das relações de conexão entre os três princípios, matéria, espírito e mente?

R. Creio que o espírito é a presença omnipenetrante chamada vida. A mente, como disse antes, creio ser o médium entre o espírito e a matéria; a matéria é a máquina através da qual o espírito se manifesta — por meio da mente — enquanto na vida externa. À medida que o espírito

avança, ou muda de estados de ser, torna-se cada vez menos dependente da matéria bruta para as suas expressões. É dependente da matéria para a sua expressão mesmo no mundo espiritual, mas não do tipo de matéria de que depende aqui. É tão refinada que os sentidos humanos não dela tomam conhecimento algum; mas ainda assim é matéria.

Por John Pierpont, 20 de fevereiro de 1868.

P. É um espírito, depois de deixar o corpo, tão enfaticamente uma individualidade independente como quando no corpo?

R. Certamente que é. Há duas individualidades distintas: uma pertencente à Terra e às experiências e condições terrenas, e a outra pertencente exclusivamente à alma, às experiências e condições do espírito. O espírito leva consigo os efeitos da sua individualidade aqui — aquilo que lhe pertencia enquanto aqui no corpo. Esses efeitos exterioriza-os em atos no mundo espiritual. Mas a individualidade que pertence mais propriamente ao espírito no seu estado espiritual exprime-se mais plenamente após a morte do que antes. Aqui, nesta vida, a individualidade terrena está em ascendência.

Depois de passada esta vida, e quando assumis a segunda esfera de mudança, então a individualidade espiritual ganha ascendência sobre a material. Não é súbito; vem por graus lentos e distintos, mas vem com certeza — a individualidade, entendam, que pertence à alma, através da qual a alma propriamente dita, ou espírito, se exprime, é a que ganha ascendência após a morte. Antes da morte, a individualidade terrena está em atividade. O seu poder é superior ao da individualidade do espírito, por causa da Terra e das suas leis. A Terra reclama a individualidade terrena. As suas leis exigem-na, e são tão rigorosas e infalíveis quanto as leis divinas.

P. Então infiro que a individualidade terrena deve perder gradualmente a sua identidade.

R. Sim, é verdade. A individualidade terrena perde gradualmente a sua identidade, exatamente deste modo: perde-se a identidade da infância; foi-se. Ganha-se outra, a identidade da idade adulta. Assim é com o espírito. Não se passa subitamente da infância para a idade adulta. Não. Os graus vêm lenta e firmemente sobre vós. Assim é com todas as individualidades. A individualidade é apenas uma sucessão de estados de ser que pertencem ou ao espírito ou à vida material.

P. Então não estamos nós a mudar de individualidade todos os dias? R. Certamente que estão. Por exemplo, um homem pode, nesta estação, viver numa certa individualidade política; pode estar ligado, de corpo e alma, ao partido republicano. Todos os seus interesses políticos podem girar nessa direção. Depois começa a ver que há algo melhor. Começa a mudar as suas opiniões, a voltar a girar, e acaba por perder aquela individualidade particular e ganhar outra. E os seus amigos, que o conheceram no ano passado como republicano, este ano conhecem-no como outra coisa. Oh, sim, estão em constante mudança; e, quanto a mim, dou graças a Deus por isso. Não desejaria girar num meio alqueire por toda a eternidade, nem que pudesse. Não espero manter as mesmas opiniões sobre nada — sobre o céu, sobre mim mesmo ou sobre Deus — daqui a anos, que retenho agora.

P. Perguntaria, relativamente às cartas dirigidas a espíritos, se essas respostas são geralmente dadas por aquele a quem se dirigem, ou por algum outro espírito?

R. Isto faz-se quase sempre por procuração. Por exemplo, escolhe-se um espírito que, no momento, melhor possa entrar em rapport com o médium. Esse espírito recebe as respostas que os chamados poderão estar dispostos ou poder dar. Em alguns casos são muito indistintas, porque não conseguem perceber o que devem fazer na questão. Outras são muito distintas, porque sabem tudo sobre o modus operandi e chegam muito perto, ou em rapport, com o médium. Às vezes o espírito chamado na carta entra em rapport direto e responde à carta; mas isso é a exceção, não a regra. Permitam-me ilustrar mais perfeitamente. Imaginem-se numa assembleia a agir como escriba, recebendo respostas a perguntas que possam ter sido feitas por alguém na assembleia ou fora dela.

Por exemplo, a Sra. B. diz na sua carta: “Meu querido marido, podes responder ao meu apelo?” O espírito-escriba chama essa pessoa. Se ela estiver presente e puder responder, claro que responde. Se estiver ausente, geralmente não se escreve resposta alguma na carta. Ou, estando presente, talvez dê uma resposta indefinida. Às vezes não sabem como responder às perguntas nem metade tão bem como qualquer um na assistência saberia; e, no entanto, muitos de vós supondes que, por estarem libertos da mortalidade, estão dotados de sabedoria quanto a todos os assuntos que vos dizem respeito aqui.

Não é assim. O que quer que saibam sobre os vossos assuntos terrenos, têm de saber por linhas mediúnicas distintas de pensamento e inteligência, e de nenhuma outra maneira. Ora, considerando isto um facto científico — que o é —, não vos deveis admirar da vagueza e indistintidão de muitas respostas às vossas cartas. Depende inteiramente da condição do sujeito, da pessoa chamada e da pessoa que ditou a pergunta. É um assunto tríplice e, se um for defeituoso, os outros hão de sê-lo correspondentemente.

P. Se há duas individualidades distintas, uma material e outra espiritual, é claro que os sons que emanam de formas espirituais não nos alcançam externamente. Como, então, deles tomamos conhecimento?

R. Todos vós sois médiuns espirituais, cada um de vós, e neste sentido: as vossas individualidades espirituais estão constantemente a tomar mais ou menos conhecimento das coisas que pertencem ao mundo espiritual. Essa individualidade está mais em rapport com o mundo espiritual do que com este, mais em rapport com as coisas elevadas do que com as coisas desta vida. Por isso, quando pensamentos santos vos invadem, pensamentos de algum ente querido ausente, há então uma comunhão entre dois espíritos. A individualidade do vosso espírito chamou pela individualidade do amigo na terra dos espíritos e, nove em cada dez vezes, tem de haver resposta.

P. Não entendo claramente essas duas individualidades. Quando prendo a minha individualidade às coisas espirituais, estou espiritualmente consciente desse facto; mas, quando às coisas materiais, a minha individualidade torna-se material em consequência.

R. Oh, não. Não nos entendeis. Tendes duas individualidades plenamente distintas. Uma toma conhecimento das coisas da outra vida — é moldada por essas coisas; a outra toma conhecimento das coisas desta vida e é moldada por estas. Ambas são distintas. Uma pertence ao vosso espírito, a outra à vossa existência animal.

Por Theodore Parker, 24 de fevereiro de 1868.

P. Os espíritos masculinos e femininos unem-se em matrimónio, como na Terra, ou de modo análogo?

R. Sim; não obstante se diga nas Sagradas Escrituras que “no céu não se casam nem se dão em casamento”. É verdade que não há esse tipo de casamento que vigora aqui, e dou graças a Deus por isso. Mas há um

tipo que em si mesmo é tão divino e tão perfeito, que duas almas se fundem numa só, e a harmonia é completa.

P. Um homem passa da Terra bem desenvolvido nos seus órgãos morais e espirituais. Outro parte em condição não desenvolvida. O primeiro regressa à Terra cheio de alegria e diz-nos que se move numa atmosfera de luz. O outro também regressa, mas queixa-se de que habita em trevas. A luz e as trevas de que se fala são uma condição atmosférica real, aplicável igualmente a todas as existências da alma, ou nascem da condição de cada espírito individual?

R. É uma condição mental, não uma condição atmosférica. Há na Terra milhares, milhões de almas que estão em trevas, exatamente o mesmo tipo de trevas — não obstante o sol possa brilhar por mais forte que seja — que existe com as almas depois da morte. É precisamente o mesmo. Não se compreendem a si próprias; não compreendem o que as rodeia; não parecem saber o que melhor fariam para alcançar a felicidade. Desejam-na, mas não sabem como alcançá-la. Essa é a pior espécie de trevas.

P. Quer explicar a diferença entre transe e controlo inspiracional?

R. A diferença está no grau. Se eu quiser controlar um sujeito de forma inspiracional, não possuo esse sujeito, nem a partir do exterior nem do interior; simplesmente entro em rapport com o sujeito e, através desse rapport magnético, transmito-lhe as minhas ideias, e elas são emitidas pelo sujeito com a sua própria roupagem, conforme a capacidade do seu próprio intelecto. Entende? P. Sim; mas responde apenas a metade da minha pergunta. R. Há também diferentes graus do que se chama controlo em transe. Às vezes o espírito controla por ensombrar ou envolver o sujeito, como faço hoje. Às vezes é absorvido pelo sujeito e exprime-se do interno para o externo. Às vezes um órgão, ou dois, ou mais, conforme o caso, são controlados, enquanto outros são deixados em estado inteiramente normal. Às vezes todos os órgãos são controlados a fundo. Faço-o hoje, embora envolva o sujeito e controle através do exterior, como o músico controla o instrumento. Ele não entra nele externamente; controla-o, e ele serve ao seu propósito, torna-se seu agente.

P. Quando entrais ou possuíis o médium, a parte espiritual do médium exterioriza-se do corpo?

R. Sim, é muito frequentemente o caso. O magnetismo animal nunca está ausente do corpo. É parte do corpo e não pode ausentar-se sem

produzir a mudança química chamada morte. Mas a parte magnética inteligente, com a sua estrutura orgânica, aquilo que lhe pertence enquanto espírito, pode ausentar-se do corpo e muito frequentemente o faz, particularmente quando o corpo está sob o controlo de um espírito estrangeiro.

Por Theodore Parker, 25 de fevereiro de 1868.

P. No Banner of Light de 11 de janeiro, o espírito controlador diz: “Muitos dos planetas passaram das suas órbitas materiais para as suas órbitas espirituais, como a Terra fará um dia.” Pode dar uma explicação mais definida desta afirmação?

R. Os planetas, assim como os espíritos, têm uma vida interior e uma vida exterior. Tem-se dito, e com verdade, que todas as coisas têm alma. Sendo isto verdade, os planetas não podem ser exceção; pressupõe que virá um tempo nas experiências da vida planetária em que cada um passará da órbita material para uma espiritual — uma que se torne tão etérea, tão espiritual, tão distante da matéria bruta, não refinada, que possa sustentar apenas existências espirituais.

É um facto geológico e científico bem conhecido que os animais que existiram neste planeta há milhares de anos de modo nenhum poderiam existir aqui hoje, porque o planeta se tornou mais espiritual. Ascendeu de um material rude e não desenvolvido a uma condição espiritual mais refinada; e continuará a ascender — essa é a lei. É a lei de todas as coisas, planetas e almas. Isto foi provado para além de qualquer dúvida; não por almas na Terra, por certo, mas por aquelas que passaram para além da Terra. Mas tudo avança por graus lentos e distintos, tão lentos que os vossos sentidos humanos mal conseguem tomar conhecimento do movimento, exceto comparando o passado com o presente. Não conseguis entender que esta Terra não é hoje o que era ontem. Mas está muito mais próxima do plano espiritual. Dizeis: “Ora, parece-me exatamente a mesma.”

Assim é, quando pesada e medida nas balanças da razão finita; mas quando pesada e medida pela lei infinita e imutável, já não é a mesma. Entendei-nos afirmar que todos os planetas, todas as coisas — não importa o quê, desde o grão de areia debaixo dos vossos pés até aos mundos nos espaços — que não podeis alcançar com a visão externa, são todos dotados de almas, vidas internas, gérmes que os impelem da materialidade bruta para a existência espiritual. Mudam as suas formas e as suas condições para corresponder às necessidades do seu

ser interior. Quando a alma, o gérmen que existe apesar de todas as tempestades da vida física, que a tudo sobrevive, quando já não consegue manifestar-se, desdobrar-se através dessas formas físicas — então — que sucede? Pois entra noutra órbita e nela gira até cumprir a sua missão; depois entra noutra — e creio que não há limite para isso. Não encontro ponto de partida para a matéria; não encontro lugar onde ela termine.

Por Theodore Parker, 2 de março de 1868.

P. Reparo que, em muitas das comunicações ao vosso círculo e publicadas no vosso jornal, os espíritos dizem que é difícil voltar — comunicar connosco aqui, suponho. A alguns custa-lhes grande esforço e muito trabalho; outros estudam durante muito tempo o modo de regressar antes de o aprenderem; alguns acabam de saber que tal coisa era possível, etc., etc. Quero perguntar como se explica isto, quando têm comunicado connosco aqui há tanto tempo e por todo o mundo?

R. Enquanto uma ideia luta através do seu estádio imperfeito ou incipiente, essa ideia acha muito difícil exprimir-se, ainda que sob condições algo favoráveis. Todos os géneros de crescimento são-no em virtude da luta por que passam. Tudo quanto está a crescer está a lutar. O pequeno rebento que sai da terra na primavera luta por romper a superfície do solo, para que o sol o aqueça e lhe dê maior força. Assim é com todos os tipos de crescimento — mental, moral, vegetal, físico, animal, espiritual; todo o tipo de crescimento está sujeito a esta rude experiência. Ora, cumpre lembrar que quase todas as inteligências que vêm a este lugar para comunicar são tais que não têm a simpatia dos seus amigos a quem vêm. Eles não acreditam que possam regressar.

Vêm e lançam o seu desejo às águas da vida humana, rogando que receba resposta favorável. Sabem que, na maioria dos casos, hão de encontrar fria incredulidade; e, sabendo isto, é-lhes muito difícil comunicar. Quando o desejo, da parte do amigo terreno, é ardente para que venham, é geralmente muito mais fácil ao espírito entrar em rapport com o médium e comunicar; mas, mesmo nas melhores condições, por vezes é difícil.

O espírito que regressa receia passar pela luta, que em certos aspetos é semelhante à morte. Este regresso, este ser de novo revestido de mortalidade, de modo nenhum é coisa fácil. É geralmente prenhe de temor, cercado de uma certa dúvida e receio que o espírito ao princípio não consegue vencer. Com efeito, há uma variedade de condições com

as quais o espírito é obrigado a harmonizar-se para comunicar com os amigos que deixou na Terra e, às vezes, logo que supera uma, outra, e ainda maior, se apresenta, até que o espírito se cansa e retira.

Por Lorenzo Dow, 3 de março de 1868.

P. Lavoisier continua as suas experiências sobre a cristalização do carbono? E chegou a um resultado satisfatório? Se sim, está disposto a comunicar as suas experiências aos mortais?

R. Aí estais outra vez, como dantes, vós mortais, a perguntar como vos podeis enriquecer com as coisas deste mundo — com os brinquedos que talvez vos escapem das mãos ao sopro seguinte. “Como havemos de cristalizar o carbono para o tornar valioso?” Esse químico, que deitou fora grande parte das suas melhores energias nessa direção, está, num sentido, muito arrependido de o ter feito, porque o fez por motivos errados; e, noutro sentido, está muito contente, porque isso o conduziu de certos lugares escuros para outros mais claros. Informar-vos-ia, se aqui falasse, sem dúvida, que, se houver na Terra indivíduos que desejem saber o que ele sabe a este respeito, simplesmente porque desejam alcançar o bem e fazer o bem, exercerá todos os poderes do seu ser para transmitir esse conhecimento.

Mas, se o desejarem por propósitos egoístas e insensatos, seria o último espírito a regressar trazendo tal conhecimento. Diz-se-nos que o carbono no carvão e o carbono no diamante são exatamente o mesmo. Mas a cristalização depende do solo peculiar em que se encontra, de condições atmosféricas e climáticas, da condição particular que existe entre os raios de luz e o solo onde o carbono existe. Se conseguirdes determinar exatamente como regular esta máquina natural, tereis alcançado o vosso desejo. Se puderdes falar com o sol e descobrir como enviará exatamente aquele tipo peculiar de luz e sombra de que necessitais para cristalizar o carbono aqui neste clima setentrional, talvez possais fazer diamantes.

Mas, se o sol pudesse falar, julgo que seria bastante provável dizer-vos que ele e o solo — por exemplo, do Brasil — conseguem fazer muito melhor nessa arte do que todos os químicos na Terra ou nas esferas espirituais.

Por Theodore Parker, 5 de março de 1868.

P. Explicará a diferença, se existe, entre o poder de vontade e as influências mesméricas? Bem como os seus diferentes modos de operação?

R. O poder de vontade em cada indivíduo difere segundo as capacidades do indivíduo, e, todavia, é poder de vontade, afinal. O poder de vontade que o mesmerista exerce sobre o sujeito mesmérico é simplesmente poder de vontade. É dele ou dela. O poder de vontade que pertence ao sujeito é poder de vontade; nada mais nem menos. Mas pertence ao sujeito mesmérico, não ao operador mesmérico. O poder de vontade é a força pela qual todo o movimento espiritual se realiza. É a vida do intelecto, o movimento mental; sem ele não poderia haver exercício de mentalidade.

P. O universo material e, tanto quanto podemos entender, também o universo espiritual, são governados por leis fixas. Ora, lei implica legislador, ou, por outras palavras, uma inteligência. Será essa inteligência uma inteligência individualizada? Se não, em que sentido somos feitos à imagem de Deus e segundo a sua semelhança? Admitindo-se Deus como o nome do autor dessas leis pelas quais todas as coisas são governadas?

R. O vosso correspondente, como milhares de outros, labora sob grande equívoco quando confunde as leis de Deus com as leis humanas; pois as leis humanas pressupõem a existência de um legislador, mas não é assim com as leis divinas. A meu ver, a lei da vida é o Deus da vida; é o poder pelo qual toda a vida se exprime e se aperfeiçoa. É a personificação do poder divino; onde quer que a vejais, sob quaisquer condições em que se manifeste, é Deus. A lei que opera nos solos, nos minerais, na atmosfera, na água, nos céus, em toda a parte, é Deus. Não há poder fora desta lei que possamos reconhecer como Deus. Nenhuma grande inteligência moldada num corpo humano.

De modo nenhum; e quanto mais depressa lançardes fora estas trevas mentais e teológicas, mais depressa subireis a uma luz mais clara. Sei que é quase impossível à mente humana conceber lei sem conceber legislador; mas sei também que essa impossibilidade nasce da vossa educação aqui, e de nada mais. Vós, aqui, pondeis mãos à obra e fazeis leis para os vários departamentos da vida. Aí está o fazedor. Aí está a lei. Não é assim com a lei que governa o universo. Não é assim com a lei que te mantém a ti e a mim nos nossos devidos lugares.

Não é assim com esse poder que determina o nosso bem-estar. É um poder, uma existência omnipenetrante, que tem todas as formas por suas, mas não reclama especialidade de forma alguma. O homem é feito à imagem de Deus simplesmente porque encerra dentro da sua forma física todos os elementos que existem no universo. Não há nada, nenhum gênero de vida, que o homem, no físico, não contenha em si. É um microcosmo de tudo quanto está abaixo dele e ergue-se como a coroa gloriosa da criação. Neste sentido, e só neste, pode dizer-se que é criado à imagem de Deus. Porque, criado à imagem de todas as coisas abaixo de si, representa todas as coisas, contém todas as coisas, abrange tudo. Neste sentido está ele à imagem de Deus.

Por Rev. Joseph Lowenthal, 9 de março de 1868.

P. A organização conhecida como a Ordem do Progresso Eterno foi organizada apenas por mortais, ou os espíritos fora da forma favoreceram e ajudaram? R. Uma organização correspondente à que foi ultimamente instituída no vosso mundo mortal tem estado em processo de ação no mundo espiritual durante uma longuíssima série de eras e, através de certas mentes mediúnicas, certas ideias têm-vos sido transmitidas no estado mortal e estais agora a começar a pô-las em vida ativa.

P. A prevalência do Espiritualismo tende a diminuir a devida apreciação da vida humana? A pergunta é feita com toda a sinceridade, tendo em vista alguns dos terríveis crimes, envolvendo homicídio, por vezes perpetrados por pessoas que professam ser espiritualistas.

R. O Espiritualismo, puro e sem adulteração, ensina-nos que o dom da vida, em todas as suas múltiplas fases, é a maior e melhor bênção que o Criador conferiu aos seus filhos, e que ninguém tem o direito de procurar trocar as condições do tempo pelas do que chamais eternidade. É dever de todos procurar prolongar a sua vida aqui, até que o espírito já não se possa exprimir através da forma mortal. Então, de modo natural e harmonioso, o espírito passará e gozará das glórias dessa vida superior. O Espiritualismo ensina que o suicida e o homicida encontram ali mais infelicidade do que por qualquer possibilidade podem encontrar aqui. O Espiritualismo propõe-se esclarecer a alma acerca dos seus mais altos interesses, quer do tempo quer da eternidade.

O Espiritualismo não ensina que deveis infringir, ou procurar infringir, qualquer lei do vosso ser mortal ou espiritual. Ensina como vos podeis tornar harmoniosos com a lei e, tornando-vos harmoniosos, aprendeis o

caminho do céu. Só quando estais em harmonia com as leis que vos governam é que estais no céu, ou por qualquer possibilidade podeis saber o que é a verdadeira felicidade. E se procurardes infringir a lei, ela vos repreenderá sempre com a maior severidade. Não importa se estais aqui ou lá. A lei não vos abandona na morte. Segue-vos para além do túmulo.

P. Parece ser opinião de um grande número de espiritualistas que a mulher tem direito a exercer autoridade em igualdade com o homem, em todos os deveres da vida. Que resultaria, num caso de marido e mulher, em que houvesse divergência de opinião em matérias de negócio?

R. Que a mulher é, mental, moral, social e espiritualmente, igual ao homem, sabemos certamente. Fisicamente, é-lhe inferior e, por ser fisicamente inferior ao homem, eleva-se tanto mais alto na escala espiritual, tornou-se tanto mais espiritual, tanto mais intuitiva, tanto mais adiantada do que o homem, no que respeita às coisas da vida real. Agora, quanto à questão que propusestes, o vosso orador talvez possa dar muito pouco conselho valioso e, todavia, o que puder dar será dado com toda a sinceridade, com um propósito inteiramente honesto, e esperaria inteiramente isento de favoritismo quanto ao homem ou à mulher. Em matérias de negócio, aquilo que respeita às coisas deste mundo, aquilo que envolve a mercadoria da vida humana, lida com as formas que aqui correm, o homem sabe geralmente mais do que a mulher.

Porquê? Porque tem vivido mais nessa atmosfera do que ela. Tem aí habitado mais firmemente do que ela. Tem-se mais acostumado e assimilado a essas condições do que a mulher; por conseguinte, considerando o caso sob essa luz, deve estar preeminente em relação à mulher quanto a este tipo particular de sabedoria. Mas, quando considerado de outro ponto de vista, a mulher eleva-se acima dele; e é desse ponto de vista que a contemplamos espiritualmente sua superior, mesmo a este respeito.

Sendo as suas intuições mais desdobradas, é às vezes muito possível que os amigos íntimos do homem, no mundo espiritual, possam derramar a sua influência sobre a mulher quanto ao que é melhor fazer, mesmo nas coisas desta vida. A mulher pode ser capaz de receber a porção muito melhor do conhecimento espiritual quanto às coisas daqui, enquanto os sentidos do homem podem estar inteiramente fechados a elas. E, como o homem está lado a lado com a mulher, e como Deus os

reconhece a ambos como estando sobre um mesmo plano de vida, cumpre a ambos procurar compreender-se, e, buscando compreender, procurais também aperfeiçoar-vos mutuamente.

A mulher deve emprestar da sua sabedoria ao homem, e o homem deve emprestar da sua força física à mulher. Deve haver uma ação harmoniosa entre os dois, de outro modo não há céu para eles. Nada senão o inferno pode habitar com o homem e a mulher que são desarmoniosos entre si, em qualquer sentido que seja. Vem aí o tempo em que o homem e a mulher aprenderão quão perto estão de Deus e como Deus lhes fala através de todas as diferentes formas de vida. E, quando isto entenderem, não de escutar a voz e a harmonia virá onde a desarmonia agora reina suprema.

Por Lorenzo Dow, 10 de março de 1868.

P. Têm os espíritos, além da comunhão de pensamento ou mental entre si, também a sonoridade de voz audível que alguns parecem afirmar?

R. A lei das correspondências é uma lei absoluta e perfeita em toda a parte, não só aqui, mas no próprio mundo espiritual. Sim; temos aquilo que é equivalente ao som. Assim o é para o espírito desencarnado. Não o seria para vós, porque as aplicações não poderiam ser feitas com sucesso aos vossos sentidos humanos. Os nervos auditivos não vibrariam sob o som que pertence ao mundo espiritual propriamente dito, mas os nervos auditivos do corpo espiritual vibrarão sob os sons do mundo espiritual. Cada condição de vida é regulada pelas suas próprias leis especiais. Há leis que pertencem à Natureza, leis que pertencem à mente, e leis pertencentes a cada grau de mente e matéria, governando cada qual na sua própria esfera.

P. Tem-se dito que todas as coisas na Natureza devem tomar sobre si uma segunda vida, isto é, a espiritual. Não cai também a Terra — este planeta que habitamos — sob a mesma lei? Não entrará numa vida mais espiritual ou etérea?

R. Entrará, com certeza. Este planeta está a morrer constantemente. Mais adiante a mudança de morte tornar-se-á tão completa que passará da sua órbita material e entrará numa órbita espiritual, ou tornar-se-á a morada de seres etéreos, e não a morada de seres materiais. Todas as coisas, todas as formas, toda a condição de ser de que possais conceber têm a sua vida interior e a sua vida exterior. A interior é o poder propulsor, a exterior é a expressão desse poder. A exterior muda constantemente. Por um número infinito de graus passa até se tornar tão

eterizada ou espiritualizada que já não é reconhecida pelos sentidos materiais. Reparaí em nós: tudo tem vida interior e exterior.

P. Não será então provável que estas formas espirituais que passaram da esfera terrestre venham finalmente a regressar para habitar os mesmos lugares que outrora habitaram no corpo?

R. Não é decerto impossível.

P. Perguntaria, em relação à primeira questão, qual é a filosofia do influxo espiritual? As ideias são comunicadas por sons ou palavras, caso em que o ouvido é o médium — também através de formas, como por letras, etc., onde o olho é o médium. Ora, qual é a filosofia do influxo espiritual quando os sentidos não são convocados?

R. Às vezes, as faculdades percetivas são utilizadas como agentes para transmitir o pensamento de uma mente a outra. Em certas circunstâncias, mal uma ideia se arredonda em forma numa mente, outra apanha-a, e outra e outra, e assim por diante até se perder à distância.

P. Dizeis que o pensamento se arredonda em forma. Posso conceber uma bolha a arredondar-se em forma e depois a desvanecer-se no ar. Sucede o mesmo com um pensamento?

R. Certamente. Não conseguis conceber a realidade do pensamento simplesmente porque o não podeis medir pelos vossos sentidos humanos, não o podeis pesar, não podeis lidar materialmente com ele. Ora, para a humanidade, o pensamento é o intangível, o irreal; é o fugaz. Mas, para o espírito desencarnado, é o real, o tangível; é a vida. Sim, os pensamentos arredondam-se em forma exatamente como as bolhas, como os mundos, como as gotas de orvalho. Tudo começa num ciclo e termina num ciclo.

P. Não tem o homem um destino direto colocado diante de si, uma estrada na qual é compelido a caminhar, um destino que lhe é traçado por um poder infinitamente sábio e bom, que governa todas as coisas?

R. Sim, creio que sim. Creio que somos tão criaturas do destino como este mundo o é. Ele cumpre as suas revoluções em perfeita harmonia com a lei do seu destino. Nós fazemos o mesmo. Podemos pensar que podemos fazer isto ou aquilo, como nos apraz.

Podemos supor, na nossa ignorância da grande lei pela qual somos controlados, que possuímos uma vontade própria autosuficiente e

omnipotente; mas, afinal, ela é muito insignificante e de pouco peso quando medida pelo grande poder governante do universo.

P. Até que ponto, então, o homem é um agente livre, responsável pelos seus actos na terra?

R. Essa é uma pergunta muito difícil de responder. Porque o homem está sujeito à lei de um certo destino. Creio que essa lei não infringe a sua liberdade — todos os direitos que lhe pertencem enquanto ser individualizado. Creio que o juiz de todo o ser inteligente está dentro de si mesmo, e creio que é responsável apenas perante esse juiz; e deste modo: por exemplo, suponhamos que o homem de negócios comete hoje um erro nas suas operações comerciais; revê o terreno e vê onde poderia ter procedido melhor; lamenta o que fez e, no futuro, evita dar os mesmos passos em circunstâncias semelhantes. Ora, ele julgou-se a si mesmo; pagou a pena através do arrependimento e saiu para uma luz mais nova em consequência do erro. Sabe mais do que sabia antes; dificilmente repetirá a mesma coisa. Assim é em relação a todas as coisas da vida. Se uma criança queima a mão ao metê-la na chama, dificilmente a farás repetir o mesmo acto. Ela temerá a chama. O velho adágio, “Uma criança queimada teme o fogo”, é muito verdadeiro. Vale no domínio intelectual e em todos os outros.

P. Relativamente à minha pergunta anterior, perguntaria se não há condições na vida do homem sobre as quais ele não tem controlo, que o impedem de agir de outro modo que não o que faz?

R. Decerto. Há condições que rodeiam a humanidade sobre as quais a humanidade não tem o mais pequeno controlo. O fogo possui propriedades destrutivas e, enquanto for fogo, possuirá essas propriedades. Se te colocares numa posição de seres queimado por ele, ele queimar-te-á. Não o podes controlar. E, em todas as circunstâncias da vida, surgem constantemente condições sobre as quais não temos controlo. Por exemplo, não tiveste controlo sobre o modo e a maneira do teu nascimento — nenhum controlo sobre a vida orgânica que possuis. Descobriste que a possuías quando atingiste um certo grau de inteligência. Não tiveste voz absolutamente nenhuma na matéria. A lei, ou a natureza, operou sem sequer perguntar se podia operar no teu caso, e essa mesma lei acompanha-te por toda a vida. Na medida exacta em que compreendes a lei a fundo, podes fazê-la tua serva, e não mais do que isso. Mas nunca poderás compreender a lei completamente; portanto, haverá sempre condições sobre as quais não tens controlo.

P. A afirmação do homem quanto ao seu livre-arbítrio não brota da sua ignorância das forças que o controlam?

R. Penso que sim.

P. O bem e o mal não co-existiram sempre? Poderíamos compreender um sem o outro?

R. Não, certamente que não. Ora, se eu pensasse que o diabo estava prestes a retirar-se do mundo da mente e do mundo da matéria, eu ficaria deveras infeliz, e por esta razão: saberia que Deus, ou o grande e bom poder, seria roubado de metade da sua glória. Que saberias tu acerca de bom, fino, agradável tempo, se não houvesse tempestades? Cansar-te-ias dele muito depressa. Que saberias tu sobre apreciar o brilho do sol, se não houvesse nuvens a passar diante da face do sol? Pois eu penso que o diabo é um dos nossos melhores amigos e, em vez de lhe pormos cornos e cascos, deveríamos vesti-lo com roupagens de luz e chamá-lo como Deus o chama — muito bom.

P. Não estaremos aqui colocados para obter conhecimento a partir de circunstâncias adversas, a fim de ficarmos melhor preparados para a vida que há-de vir?

R. Naturalmente. Julgas que apreciarias as alegrias do que chamas céu, o céu do mundo espiritual, se tivesses passado sempre por uma espécie de vida fácil e sem escolhos aqui? Claro que não. Dirias: “Tinha algo quase tão bom como isto na terra.” Mal saberias qual preferir. Aqueles que foram esmagados sob as rodas da adversidade são as almas que sabem como desfrutar o céu. Ora, só lamento não ter tido mais adversidade quando aqui estive. Só lamento não ter bebido mais fundo do cálice da amargura, porque, se o tivesse feito, teria um gosto mais apurado pelas alegrias do céu. O meu gosto é agora muito apurado, mas teria sido aumentado cem vezes se eu tivesse sofrido mais quando aqui estive. É por isso que os espíritos que regressam vos dizem sempre que, embora tenham sofrido muito aqui, não podem dar-se ao luxo de se desfazerem da lembrança disso — ficam muito contentes por o ter passado.

P. Sendo isto assim, então, para garantir a felicidade futura dos nossos amigos, não deveríamos começar a atormentá-los aqui o mais que pudéssemos?

R. De modo nenhum. E não o poderíeis fazer mesmo que quisésseis, pois a lei do vosso destino tem-vos no seu punho, e não podeis escapar-lhe. Podeis atormentá-los até certo ponto, mas não além dele. Se te apetecer, podes tentar e ver até onde consegues ir. Muito depressa te

cansarias, pois verias o tormento a reagir tão plenamente sobre ti mesmo que te fartarias dele.

Por William E. Channing, 12 de março de 1868.

P. O que é a religião experimental? ou, por outras palavras, qual é a influência de que se fala como sendo a acção do Espírito Santo? porque há evidentemente algum poder invisível e actuante.

R. Todo o género de religião é, em si mesmo, experimental. Nunca houve religião que não fosse uma religião experimental, de que eu tenha tido qualquer conhecimento. Esse Espírito Santo de que fala o teu correspondente é o poder que determina a feição e a cor particulares da religião que havemos de possuir, e confere grande variedade, não havendo duas pessoas a possuir o mesmo tipo de religião. Mil pessoas podem adorar no mesmo santuário religioso e, no entanto, no culto individual essencial, todas diferem umas das outras. Esse Espírito Santo e esse Poder Divino que decide entre o bem e o mal é o poder que abrirá os portões do céu a cada alma individualmente, não colectivamente.

Estreito e apertado é o caminho. Nenhuma alma pode entrar no céu por qualquer outro caminho excepto o seu — o caminho que Deus lhe traçou. Não podes ir para o céu pelo meu caminho. Eu não posso pelo teu. Não vale a pena tentar. Podes tentar “subir” pelo meu caminho, mas não o conseguirás; descobrirás que enganaste a tua própria força. Todos têm de bater aos portões do céu através da lei do seu próprio Espírito Santo. Não podem, de modo algum, entrar no céu de outro modo; e, como todas as almas entram no céu, ou supõem que entram, por alguma luz religiosa, assim todas têm de entrar pela sua luz religiosa particular. O homem ou a mulher que não está preparado para uma religião espiritual, e está preparado para a religião do Catolicismo, irá para o céu por essa via, e não o podes evitar.

Por Theodore Parker, 16 de março de 1868.

P. Todos os espíritos tomam conhecimento do que os rodeia imediatamente ao serem desligados do corpo?

R. Não.

P. Porquê?

R. É impossível dizer porquê. Nem sempre conseguimos explicar prontamente este fenómeno da Natureza que nos é apresentado; embora o possamos dominar com o tempo, podemos não ser capazes de o fazer de imediato. Muitos espíritos que passam desta esfera para um estado de ser mais espiritual, que deixam o mortal e são revestidos de imortalidade, passam pela mudança química chamada morte, talvez sob

a influência de bebidas espirituosas, talvez sob a influência de narcóticos. Esses não despertam facilmente para a consciência do espírito. Por exemplo, um homem morre completamente bêbedo e, nesse estado, sai do corpo. O que é que está completamente bêbedo? É o corpo? Não, é a consciência. Ela sai para o mundo espiritual completamente bêbeda e assim permanece até que, pela lei natural, a condição passe, e ele seja despertado para um estado de consciência, tome conhecimento do que o rodeia, meça a si mesmo e ao que o rodeia através da sua própria consciência interior. Todas as almas são, no seu exterior, agregadas de modo especial; ainda assim, não há duas iguais. Uma percebe muito prontamente todas as condições que a rodeiam e nas quais parece viver, enquanto outra é muito lenta a percebê-las. Um espírito ouve dizer que o caminho está aberto para regressar à Terra e logo regressa. Outro ouve-o, mas os seus ouvidos não estão afinados para a verdade desse som; não acredita. Isso não lhe pode soar como verdade, e não regressa durante anos — talvez eras. Todos são constituídos de modo diferente no exterior; porém, no interior, o bosquímano, o hotentote e o anglo-saxão são todos iguais. Agora, não imagines que és melhor do que o selvagem das brenhas do Ocidente, porque não és. Em essência, eles são um contigo.

P. Esse estado de inconsciência dura geralmente muito tempo depois da morte?

R. É geralmente governado pelo poder interno, pela capacidade interna do indivíduo de lançar fora condições externas desarmoniosas. Alguns conseguem fazê-lo mais prontamente do que outros. É governado pelo seu estado interior. Para alguns dura apenas algumas horas; para outros, anos.

P. Pela tua resposta anterior, devo entender que a consciência, a alma e o espírito são uma e a mesma coisa?

R. Não; eu disse isso? Oh, não.

P. Certas formas de doença não produzem os mesmos efeitos de embotar a consciência?

R. Certamente. Tudo o que aqui tornar a consciência individual inactiva, torna-a também lá. Leva para lá essa impressão, e há que dar-lhe tempo para ultrapassar essa condição lá, tal como aqui. Não se realizam milagres em parte alguma, nem sequer com o grande Deus. Tudo é feito por lei. Podes falar de quebrar leis aqui e quebrar leis ali, mas as leis de Deus são inquebráveis.

P. Em que medida o saber aproveita ao espírito depois da morte?

R. O verdadeiro saber aproveita-lhe muito. Faz sair as forças interiores do espírito e fortalece-as, põe-nas em contacto com as coisas externas, dá-lhes aquela força activa que corresponde à força do corpo, que recebes pela acção. Quão forte estarias se não tomasses parte activa no mundo físico externo? Por exemplo, supondo que te sentas, ou vais para a cama e ali ficas dois meses; levantar-te-ias forte? Não, estarias muito fraco. Porquê? Porque os teus membros foram privados da sua actividade natural. Assim, no que respeita às tuas faculdades mentais: quanto mais as usares sem abuso, melhor será para ti aqui e no além. Por Sir Humphry Davy, 17 de março de 1868.

P. Que significado tem a grande diferença aparente na condição, crescimento e progresso do homem? Alguns aprendem muito mais depressa do que outros e com muito pouco trabalho, sendo isso um prazer; outros têm de labutar com esforço, sofrimento e repugnância, mas perseveram por necessidade ou senso de dever. Estes, comparando a sua condição com a dos mais favorecidos, hão-de sentir-se naturalmente negligenciados pela Natureza, ou pelo poder criador. Não conseguem emular a capacidade que testemunham. O sucesso parece ser o resultado de certos dotes. Um, mentalmente, é um antílope em velocidade, outro uma tartaruga. Um adquire riqueza rápida e facilmente, outro fracassa, embora empregue todos os esforços. Assim, em todos os domínios da vida parece existir um poder distribuidor e director. Dois rios, partindo do mesmo ponto, podem, pelo aparente acaso de um seixo no leito de um deles, tomar direcções muito distintas; um correndo através de uma terra que mana leite e mel, o outro através de um deserto. A vantagem ou desvantagem que vimos é real ou aparente? Cabe crédito ou descrédito ao curso de água por o seu leito ficar junto a verdes prados ou por entre areias abrasadoras? Haverá em algum momento uma equalização? — a alma, tolhida e mirrada por condições adversas, será libertada e levada a progredir proporcionalmente mais depressa pelo atraso, e alcançará ou ultrapassará a companheira cujo início foi mais brilhante do que o seu, para, por sua vez, talvez ser novamente ultrapassada, mas para demonstrar à vida em geral, por estas diferentes fases do destino, que no progresso do espírito não existe a desigualdade que aparenta; que a alma é como um oceano vastamente encapelado, cada parte do qual é por sua vez elevada ou abatida, mas em que o nível médio se mantém o mesmo — cada gota conhecendo a vertigem da elevação e o abismo correspondente, e destinada a encontrar entre ambos o justo meio que

constitui a verdadeira vitória, paz e alegria da vida?

R. Ao consultarmos os corpos celestes, verificamos que variam em magnitude e, portanto, em poder e condição. Cada estrela parece diferir de todas as outras. Na verdade, não há duas formas, quer na mente quer na matéria, que sejam criadas exactamente iguais. Existe uma imensa variedade, e é muito feliz para a alma que assim seja, pois, se o contrário fosse verdade, resultaria uma vasta monotonia. Com toda a beleza que assalta todos os sentidos a cada passo, na mente ou na matéria, nada encontraríamos que nos deleitasse, e também nada que nos deprimisse, mas mediocridade por todo o lado. Nada a que aspirar, nada a temer. Ao olharmos em redor, por toda a parte, contemplamos essa variedade, e ela manifesta-se com não menos força na organização humana do que noutros lugares. Encontramos um homem a trabalhar arduamente para alcançar os seus desejos aqui. Vai além, e ainda assim trabalha arduamente através de séculos, através de ciclos de anos; continua a trabalhar arduamente. Mais tarde chega uma mudança. Por outro lado, contemplamos um homem que parece realizar os seus propósitos e ir ao céu na carruagem da facilidade. Tudo lhe corre bem. Um desfruta de saúde física quase ininterrupta, enquanto outro padece de doença física quase ininterrupta. Assim ao longo do vasto quadro da Natureza.

Verificamos que toda esta variedade pode ser fundida numa grande escala de harmonia na vida do nosso Deus. É bom que existam estas diferenças. A alma tem necessidade absoluta da sua existência. Algumas almas dificilmente se desdobrariam sob condições agradáveis e harmoniosas. Precisam da rude fricção da aflição. Precisam de ser trazidas ao contacto com as cenas ásperas e as tempestades da vida, para que a alma possa crescer com isso; para que se desdobre de maneira diferente de todas as outras almas. Um poder sábio fêz-nos; esse mesmo poder governa-nos e guia-nos, e esse mesmo poder trará ordem do caos, harmonia da desarmonia, perfeição da imperfeição, e a grande lei da compensação não isentará ninguém.

P. Porque é que algumas pessoas praticam actos singulares quando dormem profundamente? como no caso de uma jovem que se levanta às três horas, acende o lume, enche o bule de chá e põe a mesa para o pequeno-almoço, regressando depois à cama, deixando as portas abertas atrás de si, até à rua, e que é surpreendida à mesa do pequeno-almoço com o relato dos seus serviços inconscientes para uma refeição madrugadora?

R. Há pessoas que estão dotadas organicamente de um duplo poder motor, cada um perfeito em si. Essas pessoas podem ser utilizadas por

aquelas inteligências ou mentes que depuseram as suas próprias organizações externas, ou corpos físicos. Enquanto o espírito residente detém a posse do poder motor interno, da estrutura nervosa interior, o espírito exterior e estranho pode ter o controlo do poder motor nervoso externo, e pode não haver consciência transmitida ao espírito residente, porque estes dois sistemas, ou poderes, nervosos são cada um distinto em si. Embora num corpo, são distintamente separados. Um não transmite inteligência ao outro. O espírito alheio controla o exterior, enquanto o espírito residente controla o interior. Eis, então, um duplo controlo de um corpo, cada qual perfeito em si. As pessoas que possuem este duplo sistema nervoso vocês chamam-nas médiuns, sonâmbulos. Dais-lhes vários nomes, mas são simplesmente pessoas extraordinariamente sensíveis. A sua sensibilidade consiste em possuírem este duplo sistema nervoso — nada mais, nada menos. Por Theodore Parker, 19 de março de 1868.

P. O que é Deus essencialmente?

R. Tudo. Essencialmente tu és Deus, eu sou Deus — as flores, a erva, as pedrinhas, as estrelas, a lua, o sol, tudo é Deus. Ora, isso pode parecer uma ideia muito material de Deus, mas na realidade não é. Se me conseguires mostrar onde Deus não está, então poderás forçar-me a acreditar que Deus em essência e Deus em forma não estão presentes por toda a parte para o nosso entendimento. Para mim, Deus fala através das águas e da terra seca; através dos céus, das flores, das montanhas e dos vales. Não consigo entender Deus como existindo fora da Natureza.

Por Abner Kneeland, Thomas Paine, Robert Hare e Theodore Parker, 23 de março de 1868.

P. Queiram explicar o seguinte parágrafo: — “Vegetação na Lua. — Durante muito tempo foi a conclusão comum entre os astrónomos que a Lua não possuía atmosfera e carecia de água; e que, consequentemente, nem a vida animal nem a vegetal poderiam ser sustentadas à sua superfície. Mas vários astrónomos modernos eminentes têm sustentado que a Lua tem uma atmosfera, embora de muito limitada extensão. E, muito recentemente, o Sr. Schawbe, um professor alemão de astronomia, julga ter descoberto sinais de vegetação à superfície do nosso satélite. É bem sabido que há certas linhas escuras, ou riscos, como parecem, que se estendem pelas encostas das montanhas mais altas da Lua. Estas têm sido explicadas de várias formas, havendo quem as considere leitos de cursos de água

secos; outros, canais deixados por torrentes de lava; outros ainda, de outra origem. O professor Schawbe afirmou ter descoberto nessas linhas uma coloração esverdeada, que surge em certas épocas, dura alguns meses e depois desaparece. Considera, por isso, essas linhas como faixas de vegetação.”

“Se as suas observações vierem a ser decisivamente confirmadas pelas de outros astrónomos, ficará resolvida a questão de que a Lua tem tanto ar como água e, por conseguinte, será removida qualquer presunção contra a existência de vida animal à sua superfície.” — jornal inglês.

R. O professor Schawbe está correcto nas suas conclusões astronómicas relativamente à Lua. Ela tem uma atmosfera. Há terra e água à sua superfície, e existe vegetação, embora, acredita-se, numa forma muito primordial. Os astrónomos estão a familiarizar-se muito rapidamente com muitos pontos da sua ciência que até aqui haviam descurado; pois o mundo cresce, e os astrónomos também. O grande influxo de luz que está a ser derramado do mundo dos espíritos nesta era, neste tempo, não pode deixar de alcançar, mais ou menos, todas as classes de mente, e atinge com particular força aquela classe de mente que é em si científica — aquelas mentes que desejam resolver os grandes problemas da vida. É a elas que este influxo espiritual desce com grande poder e, embora não o reconheçam ou compreendam o seu alcance, ele está com elas, impressionando-as com a grande verdade que está na atmosfera, que está na terra, que pertence às estrelas, e a elas também. O geólogo é vivificado pelo espírito para conhecer o que está sepultado na terra; o astrónomo é vivificado para conhecer o que há-de ser revelado dos céus estrelados; e assim por diante por todos os ramos da ciência. Nenhum deixa de receber a sua devida porção dessa luz que vós, Espiritualistas, chamais vossa.

“A. E. G.” apresenta o seguinte: —

P. Alguma alma humana teve existência consciente antes da sua encarnação na carne?

R. Eu próprio não tenho recordação de uma existência anterior àquela que atravessei durante a vida terrena; mas conversei com muitíssimos espíritos que me dizem ter lembrança nítida de terem vivido e actuado uma vida humana antes da sua existência na Terra. Essas mentes são, no presente, as excepções; mas quanto tempo assim permanecerão não o podemos dizer. Julgando pelo grande progresso que tem sido feito

nessa direcção durante os últimos cinquenta anos, eu próprio concluiria que, no decurso dos próximos duzentos anos, essas mentes, com as suas teorias aparentemente místicas, passarão a ser a regra. Outras mentes acrescentarão o seu testemunho, até que a maioria fique com elas, não connosco. Talvez tu e eu, muito antes desse tempo, tenhamos sido despertados para a consciência de uma existência anterior à que gozámos na Terra.

A. E. G. — Apresentarei uma exposição de factos que incidem sobre o mesmo assunto.

“O Rev. David Brainerd, que trabalhou entre os índios de Nova Jérсия em 1745, num diário da sua experiência que publicou nessa época, menciona algumas maravilhas ou feitos extraordinários realizados por, ou através de, certos adivinhos, feiticeiros, ou powwow, como eram chamados, entre os índios. Diz-se que se supunha terem poder de predizer acontecimentos futuros, recuperar doentes fazendo passes sobre eles, enfeitiçar pessoas até à morte, e que o seu espírito, nas suas várias operações, parecia ser uma imitação fanática do espírito de profecia de que a Igreja nas eras primitivas fora favorecida. Tornou-se particularmente conhecedor de um desses adivinhos, a quem descreve como sincero, honesto e consciencioso, e alguns dos cujos sentimentos, disse o Sr. Brainerd, lhe pareciam muito justos.

“Esse índio, descrevendo a Brainerd o modo como obtinha esse poder de predizer acontecimentos futuros, conhecer os pensamentos secretos dos homens, restituir os doentes à saúde, etc., disse que, antes de nascer, fora admitido à presença de um grande homem, num mundo superior e a grande distância deste, o qual informou o índio de que o amava, tinha pena dele e desejava fazer-lhe bem. Esse grande homem estava vestido com o dia mais brilhante que ele alguma vez vira, sim, um dia de muitos anos, de duração eterna. Todo este mundo estava desenhado sobre ele, de modo que nele se podiam ver a terra e todas as coisas nela. Ao lado desse grande homem estava a sua sombra, ou espírito, que enchia todos os lugares, e lhe era sumamente agradável e maravilhoso. Esse grande homem disse-lhe que tinha de descer à Terra, nascer de tal mulher, encontrar-se com tais e tais coisas, e que uma vez na vida seria culpado de homicídio. A isto o índio desagradou-se, e disse ao grande homem que nunca cometeria homicídio; mas ele respondeu: ‘Eu o disse, e assim

será.' Tudo isto depois aconteceu ao índio (isto é, veio depois à Terra, nasceu daquela mulher em particular, deparou-se com tais e tais incidentes, conforme predito, e, também, em certa ocasião, cometeu homicídio, inteiramente inconsciente, no momento, de que estava a cumprir uma predição feita acerca dele antes do seu nascimento).

“Perguntou-lhe o grande homem o que escolheria na vida. Ele respondeu: ser caçador e, depois, ser powwow, ou adivinho; ao que o grande homem disse que teria o que desejava, e que a sua sombra o acompanharia descendo à Terra e estaria com ele para sempre. Não foram proferidas palavras entre eles naquela altura. A conferência não se realizou em linguagem humana, mas tinham uma espécie de inteligência mental dos pensamentos um do outro. Depois disso, diz o índio, não tornou a ver o grande homem, mas supõe que desceu à Terra para nascer. O espírito, ou sombra, do grande homem continuou a assisti-lo, e daí em diante continuou a aparecer-lhe em sonhos e de outras maneiras. Houve vezes em que esse espírito descia sobre ele de modo especial e então, diz ele, era todo luz, e não só ele, mas também havia luz por toda a sua volta, de modo que podia ver através dos homens e conhecer os pensamentos dos seus corações.”

Quem ou o que era esse grande homem com quem o índio conversou no seu estado pré-existente, e que delineou para o índio uma obra definida, precisa e, em alguns aspectos, desagradável a cumprir na Terra? Assemelha-se ele ao “Grande Homem” de Swedenborg?

R. Eu diria que esse grande homem não era senão algum espírito guardião, cuja missão era velar por esse índio, e talvez por muitos outros.

P. Jesus, um ou dois dias antes da sua morte, disse: “Pai, eu acabei a obra que me deste a fazer, e agora glorifica-me tu, Pai, contigo, com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse, e agora vou para ti.” Pergunto se estas e outras palavras de Jesus a elas ligadas não implicam que ele tinha a ideia da sua pré-existência?

R. Jesus diz-nos que se lembrava clara e distintamente de uma longa existência anterior àquela que foi atravessada por tanta dor. Diz-nos que o sabia quando aqui esteve, mas que não lhe era permitido falar na

plenitude da sabedoria, por causa da ignorância dos seus seguidores. Foi-lhe permitido dar-lhes apenas o alimento mental que a sua condição exigia, e nenhum outro. Diz que soube que existira por todo o passado como individualidade distinta, movendo-se por diferentes esferas e actuando sob diferentes condições, mas nunca perdendo a sua própria individualidade particular. Ele diz-nos isto nas nossas esferas espirituais, e é sobre o seu testemunho que milhares de espíritos procuram saber se eles também não são, neste sentido, imortais. Imortalidade, para o espírito, não significa simplesmente o futuro, mas implica que a alma veio por todo o passado; que a sua imortalidade assenta tanto no passado como no futuro. Abraça toda a eternidade. Se a alma não foi um espírito consciente no passado, então não era alma. Não possuía aquele direito de nascença à imortalidade que supomos possuir. Embora eu próprio não tenha consciência de uma existência anterior, tenho, contudo, a máxima fé no testemunho daqueles que a têm.

P. Brainerd representa ainda o índio como dizendo “que o espírito, ou sombra, do grande homem continuou a aparecer-lhe em sonhos e de outras maneiras até que sentiu o poder da palavra de Deus sobre o seu coração; desde então o deixou completamente.” Pergunto qual foi, na opinião da inteligência controladora, a causa da cessação da mediunidade do índio, como suponho que o seu poder peculiar seria hoje chamado.

R. É impossível dizer qual foi a causa. Tu e eu podemos ambos supor o que possa ser, mas não o podemos saber. Os médiuns modernos são vigiados e guardados por uma certa classe de espíritos durante determinado tempo. De súbito, deixam-nos. Nunca mais ouvem falar deles. Não conseguem dizer por que razão assim é.

P. Dizes que todos os espíritos, que tudo, é eterno, e, no entanto, verifico que os Espiritualistas, assim como todos os religiosos, oram a uma grande Causa Primeira. Se tudo é eterno, que necessidade há disso?

R. Usamos certos termos aqui na Terra para transmitir certas ideias. São, talvez, os melhores que poderíamos usar, dadas as circunstâncias, e ainda assim não conseguem transmitir metade do que desejaríamos transmitir. Nas nossas orações ao grande Deus, o Pai e Mãe de todos nós, não fazemos senão orar àquela inteligência que é superior à nossa; àquele bem que está para além de nós em bondade; àquela coisa a que

sentimos ter de recorrer na nossa própria fraqueza individual. É como o átomo a orar à montanha. É como uma gota do grande oceano a orar a todas as outras gotas. A oração eleva-nos na escala moral do ser. Nunca deixa de o fazer; pois nunca damos à luz uma oração sincera sem deixarmos alguma da nossa escuridão abaixo de nós, sem nos elevarmos espiritualmente em alguma medida. Pelo próprio facto de termos desejado orar, sabemos que estamos a ascender, que as trevas estão a dissipar-se. Quando oramos, atraímos a nós uma classe mais elevada de inteligências; e porque são mais elevadas, dispõem-se a ajudar-nos, pois o melhor presta sempre auxílio ao que está abaixo dele. É a ordem da vida. Oramos simplesmente porque sentimos que há necessidade de o fazermos. Não podemos dizer de onde vem a necessidade. Não podemos dizer onde a oração encontrará o seu ponto de paragem; mas oramos, e a resposta vem pela nossa própria elevação moral.

Por John Pierpont, 30 de março de 1868.

P. Dizes que as formas espirituais são matéria?

R. Certamente que são.

P. Então como é que podem atravessar outra matéria, como, por exemplo, quando um espírito entra numa sala fechada? Porque é que a matéria, mais densa, não as impede?

R. Ela certamente oferece-lhes resistência.

P. Mas não impede a sua entrada?

R. Não, porque o espírito é sempre não só superior em ponto de beleza e excelência, mas superior em ponto de poder. Tenho um certo controlo sobre esta matéria bruta porque lhe sou superior. Como espírito desencarnado, posso atravessar as paredes desta sala porque lhes sou superior. Elas são, por assim dizer, apenas servas para comigo. Oferecem uma certa medida de resistência. Assim também as ondas do oceano; assim também o fogo; mas não são impermeáveis ao espírito.

P. Ao passar através das ondas do oceano, ou através do fogo, há um deslocamento das partículas de matéria. Quando a matéria espiritual passa por um meio mais denso, há também deslocamento das partículas?

R. Não; não há necessidade disso.

P. Chamamos a uma forma espiritual matéria eterizada. Suponhamos que enclausuras um objeto numa redoma de vidro; poderá o espírito atravessá-la?

R. Não há nada em todo o universo que seja impenetrável ao espírito.

P. E, no entanto, dizes que o espírito é matéria.

R. É matéria, mas tão eterizada que os vossos sentidos não a conseguem apreender. Tendes muitas condições de matéria impermeáveis aos gases que vos rodeiam, mas não tendes nada que seja impermeável ao espírito.

Pelo Bispo Penwick, 6 de abril de 1868.

P. A vida, ou a vida humana, é o resultado de ação química?

R. Sim; todo o universo parece ser um vasto laboratório químico, produzindo as suas formas múltiplas, nunca cessando de laborar. E estes corpos físicos entram no domínio da Natureza. São o resultado de um poder químico que opera no universo. Certas combinações químicas mantêm-nos nas suas esferas próprias. São máquinas químicas sobre as quais o espírito toca, para que se possa exprimir durante a sua estada na vida terrena.

P. Todos os espíritos podem comunicar aqui?

R. Se pretendes perguntar se espíritos de todos os graus de inteligência podem comunicar aqui, responderei afirmativamente. Seria absolutamente impossível que todos os espíritos encontrassem aqui acesso, pudessem comunicar aqui, visto que o canal é muito limitado, enquanto a procura é muito ampla.

P. O espírito perde alguma vez a sua individualidade?

R. Não; não creio que alguma vez a perca.

P. Não há, porventura, um momento, na morte, em que a perca?

R. Não; certamente que não. A morte não tem mais poder sobre o espírito do que tem sobre o sol. Não tem qualquer efeito sobre ele. A morte é uma mudança química que se dá no corpo físico, mas não afeta o espírito, exceto no facto de o separar do corpo físico. O espírito sai precisamente tal como era quando no corpo. Nada perdeu; nada ganhou.

P. Devemos supor que os médiuns que afirmam estar sob a influência direta de Jesus Cristo e de outros espíritos antigos estão corretos? Podem esses antigos voltar e influenciar os médiuns da atualidade?

R. Sim; estás à vontade para supor o que quiseses. Não é de modo algum impossível que esses espíritos antigos regressem, manifestando-se por meio de médiuns modernos.

Por Joseph Lowenthall, 9 de abril de 1868.

P. Foi afirmado aqui que há vastas regiões da superfície da Terra ainda por descobrir — regiões quase ilimitadas. Se assim é, os nossos geógrafos estão muito enganados. Eles representam a superfície da Terra como bastante bem explorada, salvo um pequeno espaço nas regiões ártica e antártica que ainda é desconhecido. Poderá a inteligência localizar os limites e a extensão dessas regiões?

R. Não tendes o direito de concluir que as vossas mentes científicas que exploraram certas partes da Terra estão erradas, no que respeita ao que alcançaram. Na medida em que conseguiram chegar, nessa medida têm razão. Mas, na sua ignorância, determinam que, porque há um limite ao seu progresso, materialmente, nada existe para além desse limite. Ora, os que fizeram deste assunto tema de profunda observação no mundo dos espíritos — não aqui na Terra — informam-nos de que, para além do que vós chamais regiões ártica e antártica, há extensões quase ilimitadas de terra e água, variando em clima segundo as condições que as rodeiam, segundo as influências planetárias que sobre elas atuam.

Este mundo, dizem-nos, esta esfera flutuante, não é de modo algum tão pequeno como supondes. É pequeno quando comparado com o vasto universo fora de si; mas não é tão pequeno como os cientistas da Terra determinaram. Dizem-nos que, à medida que a mente muda a sua base de operações, também a Terra muda correspondentemente; ou, à medida que a Terra muda, assim a mente muda, e virá um tempo em que os cientistas da Terra poderão investigar ainda mais, ainda mais profundamente, ainda mais perfeitamente do que no presente, e isso será por causa da mudança das influências climáticas.

Aquela porção da Terra que agora é tão fria e rarefeita que não podeis aproximar-vos dela — não podeis ir para além de um certo clima e linha de fronteira — será mudada para corresponder às necessidades da inteligência em crescimento. Tudo, constatamos, é afinal subserviente à

vontade humana, e àquela sonda todo-poderosa, a inteligência humana, que nunca se satisfaz com o presente. É impossível dar a latitude e longitude exactas desses locais. Virá o tempo — mas não nos vossos dias — em que aquilo que agora não passa de teoria espiritual será um facto fixo e demonstrado, tão certo como o facto de que o mundo se move, ou de que é quase esférico em forma.

P. O calor e o frio afetam os espíritos no mundo espiritual?

R. Só quando entram na atmosfera da Terra. Isto é, esse calor e frio que pertencem especialmente à atmosfera terrestre. Isso afecta-os quando aqui regressam, porque então vêm sob as leis que pertencem à Terra, pelas quais a Terra é governada. Por exemplo, se eu estiver nesta sala, mesmo como inteligência desencarnada, sinto a qualidade peculiar da atmosfera. Sou afectado pelo calor e pelo frio.

Por William E. Channing, 13 de abril de 1868.

P. Todos os graus de espíritos animais existem visivelmente na terra dos espíritos?

R. Sim, mas essa terra dos espíritos está aqui mesmo na Terra, e esses espíritos animais habitam corpos animais aqui na Terra. É tendência da matéria desdobrar-se, aperfeiçoar-se, crescer em formas mais elevadas e perfeitas, e, portanto, as formas animais que têm existência na Terra hoje hão de, a seu tempo, extinguir-se para dar lugar a formas superiores. A vida exprime-se sempre através da forma, e a forma depende da condição da vida para a sua expressão. Por exemplo, todas as ordens inferiores de vida animal revelam-nos certa medida de vida animal, e nada para além disso; não há razão, nenhum grau mais elevado de inteligência manifestado em parte alguma exceto através da humanidade; e, mais tarde, até estas formas humanas darão lugar a outras mais perfeitas, melhor adaptadas à vida que há de vir. Servem bem a vida que é, mas não servirão o propósito da que há de ser. Portanto, não esperes que, por todo o futuro, retenhas a aparência destas formas, porque certamente não a reterás.

P. Talvez me compreendam melhor se colocar a questão desta forma. Tomemos o caso de um cavalo. Morre. Esse espírito aparece em forma animal no estado futuro, ou desvanece-se?

R. Não. Creio que o espírito da vida animal pertence, no que respeita à sua expressão exterior, à Terra e a todos os outros planetas que geraram

vida animal. Têm espírito, por certo, mas esse espírito, no que toca à expressão animal, não é imortal. Podes estar seguro disso.

Por William E. Channing, 14 de abril de 1868.

P. Usam os espíritos linguagem vocal no mundo espiritual, como faziam na Terra? Se não, por que meios conversam entre si?

R. Sim, usam linguagem vocal, mas não seria vocal para os sentidos humanos — para aqueles sentidos que pertencem ao corpo físico. Só é vocal para os sentidos que pertencem ao corpo espiritual. Há som — todas as diferentes variedades de som — no mundo espiritual propriamente dito, como aqui.

P. Em que é que Deus existe?

R. Em tudo. Dizei-nos em quê não existe.

P. Em toda a forma?

R. Em todas as formas. Ele existe em ti, em mim, em todas estas diferentes formas — em tudo.

P. É, então, um ser pessoal?

R. Sim, no que toca à forma. Está personificado em todas as formas, não tendo forma especial, mas tomando todas. Essa é a minha crença.

P. Reconheci-lo como distinto e separado dos seres humanos?

R. Não, decerto que não. Reconheço-o como uno com eles.

P. À medida que nos tornamos mais espirituais, não se tornam mais nítidas as nossas percepções em relação a Ele?

R. Certamente.

Pelo Padre Henry Pitz James, 16 de abril de 1868.

P. Não será provável que, antes de muitos anos, a eletricidade venha a ser o motor das máquinas, em vez do vapor?

R. É, segundo nos informam mentes científicas, muito provável. Franklin está largamente empenhado em impressionar, ou procurar impressionar, o saber que adquiriu durante a sua residência no mundo espiritual sobre

aquelas mentes que o podem receber. Ele progride à medida que a mente progride na Terra. Não mais depressa.

P. Pede-se uma explicação científica da idiotia.

R. Há várias teorias acerca da idiotia. Uma certa classe de mentes científicas, connosco, determinou recentemente que a causa dela se pode geralmente encontrar nos imponderáveis da forma física — uma distribuição desigual das forças elétricas e magnéticas. Em consequência dessa distribuição desigual, o espírito é incapaz de se manifestar. Determinam que o espírito, a vida essencial, a parte inteligente, é, em si, perfeita, e, em muitos casos, o físico externo é, em si, uma máquina perfeita. Mas a causa encontra-se entre ambos, como disse antes; nos imponderáveis, nesses gases que mantêm a máquina em movimento; nessa força pela qual o espírito se manifesta através do corpo físico.

P. Não indicam os sinais dos tempos que, em breve, grandes e revolucionárias mudanças podem ser esperadas, tanto na existência material como, mais particularmente, na vida humana e política?

R. Sim, e mais do que isso, os sinais dos tempos não só indicam tal experiência, como ela já está convosco. A revolução na mente já começou por todo o mundo, e o Espiritualismo moderno é a grande alavanca que a está a produzir.

Por William B. Channing, 20 de abril de 1868.

P. Queira explicar a lei que produz as manifestações físicas, e por que razão são elas mais frequentes do que em tempos passados.

R. Seria absolutamente impossível dar uma explicação plena e clara da lei pela qual essas manifestações se realizam, sem demonstração, e como aqui faltam as condições pelas quais possamos demonstrar a lei, teremos, naturalmente, de falhar na resposta. São mais frequentes nestes dias, talvez, do que no passado, porque o homem está mais desdobrado, e a Terra está também num estado mais apto a receber tais manifestações ditas ocultas. A Terra está pronta para tal, a mente está pronta para tal. Há poucos anos — poucos quando comparados com a eternidade, decerto — um certo grupo de espíritos desencarnados regressou à Terra com o propósito de demonstrar a realidade da vida após a morte àqueles que permaneceram na Terra. Vieram, uma certa parte deles, muito perto deste local; e qual foi o resultado? Pois bem, as trevas engoliram a luz, crucificaram-na absolutamente, e, portanto, por

justiça para com os instrumentos através dos quais a luz havia de brilhar, ela retirou-se para esperar até que as trevas, por um processo natural, fossem dissipadas.

A mesma luz veio de novo; a mesma classe de manifestações que então foram dadas são dadas hoje, mas em circunstâncias diferentes. As trevas da noite passaram, por isso os instrumentos através dos quais essas manifestações se produziram já não são crucificados, como o foram nesses dias; mas virá o tempo em que a luz brilhará ainda mais; em que essas manifestações, tanto físicas como mentais, terão atingido uma altitude muito além da presente, e olhareis para o presente, sem dúvida considerando-o como a infância das manifestações espíritas.

P. No caso de manuscritos destruídos ou de obras dactilografadas de literatura, ou de registos importantes para nós aqui na Terra, tendes vós, no mundo espiritual, esses registos de ideias intactos? Se sim, estão ao vosso alcance para consulta e para nos transmitirdes o seu teor quando importantes para o desenvolvimento da ciência?

R. Mantém-se no mundo espiritual propriamente dito, pertencente a este planeta, um registo exato de todos os pensamentos, escritos ou não escritos, que encontraram expressão neste planeta. Não se perde um único pensamento. Todas as ideias antigas são cuidadosamente guardadas no mundo espiritual. Nada se perde, porque tudo tem vida interna ou imortal. Todos esses valiosos registos que o passado teve, mas que o presente não tem, no que toca à vida humana, estão todos guardados no mundo espiritual, e toda a alma que deseje informar-se acerca desses registos está livre de o fazer. São livres para todos. O mundo espiritual é uma vasta biblioteca pública.

Por Joseph Lowenthall, 23 de abril de 1868.

P. “Deus enviou o seu Filho unigénito ao mundo para que todo aquele que nele crê tenha vida eterna.” A minha mente detém-se no “unigénito” como o ponto em causa relativamente à crença dos Espiritualistas.

R. O vosso orador não acredita num Filho unigénito de Jeová. Nunca acreditou — portanto, com toda a probabilidade, deixará de fazer justiça ao assunto segundo a compreensão do mundo cristão. O vosso orador crê que todo o filho e filha da humanidade, quer tenham existido no passado, quer existam no presente, são os filhos e filhas gerados por Jeová, todos eles, não um mais do que outro. O sopro do Infinito está

com todos, e todos são criados à imagem de Deus, o que significa à imagem de todas as coisas que foram, de todas as que são, e de todas as que podem ser. Esse Filho unigénito de Deus, a quem a Igreja cristã tanto reverencia, foi, sem dúvida, um excelente espécime de humanidade, mas nada mais. Poder-se-á determinar que o vosso orador ainda paira entre as sombras da Igreja judaica. Não é assim.

Nenhuma sombra de Igreja alguma, judaica ou gentílica, paira em torno da opinião do vosso orador. Creio na grandeza, na onnipotência de Deus. Mas não creio que uma criança seja mais especialmente abençoada por Ele do que todas as outras. Tenho mais fé na sua justiça do que para o julgar um Deus parcial. Creio que Ele é o Grande Espírito que permeia a mente e a matéria, atuando através de todas as coisas, em todos os tempos, em todos os lugares, e creio que encontra expressão mais perfeitamente pelos sentidos humanos do que em parte alguma, mas não mais perfeitamente através de um Jesus de Nazaré do que através de qualquer outro homem ou mulher bons.

P. Não é necessário que uma pessoa se torne fraca no ser físico para ficar na condição própria a fim de os espíritos se manifestarem através dela? E não é o médium geralmente muito fraco e suscetível a todas as influências, boas ou más?

R. A fraqueza é por vezes uma necessidade destas manifestações, mas não sempre. Não é regra geral. É uma regra excepcional. Há médiuns cuja saúde corporal é muito excelente, enquanto há outros que, aparentemente, esvoaçam entre os dois mundos. Por vezes a fraqueza do corpo pode ser utilizada por um espírito estranho para dar essas manifestações. Por vezes uma saúde robusta serve-lhes muito melhor.

P. Gostaria de perguntar se não seria melhor resistir às influências espirituais, manter-se afastado delas e não permitir que alguém se torne médium. Estou algo sob a influência, eu mesmo, e fui reduzido de um estado forte e saudável a uma condição muito fraca. Não seria melhor para mim e para muitos outros mantermo-nos afastados de círculos onde estamos sujeitos a essas influências?

R. A vossa Bíblia ensina que não deveis resistir ao espírito. É muitas vezes essa mesma resistência que produz esta desarmonia entre o espírito residente e o corpo físico, induzindo, por conseguinte, a doença. Há, sem dúvida, ocasiões em que seria bom manter-se afastado dessas reuniões promíscuas — essas reuniões onde qualquer e todo o espírito

tem licença relativamente a qualquer e todo o indivíduo. Há organizações físicas tão suscetíveis à influência espiritual que, sob certas condições, serão controladas, quer o tencionem quer não. Deve lembrar-se que o mundo espiritual propriamente dito é o mundo mais positivo; que o espírito fora do corpo é mais positivo do que o espírito no corpo, e, portanto, tem vantagem sobre o espírito no corpo.

Todos esses subtis fios de vida elétrica e magnética que partem dos vossos corpos físicos para a atmosfera são todos agentes nas mãos de inteligências invisíveis, todos eles. Podem ser usados em vosso prejuízo, ou o contrário. Se desejais conservar a tua saúde e, ao mesmo tempo, dar-te ao uso de inteligências estranhas, é teu dever tornar-te o mais harmonioso possível — estudar as leis da vida e da harmonia — essas leis que te dizem respeito a ti, como indivíduo, não as que dizem respeito a mais alguém. Aprende o que é melhor para ti. Não se pode aplicar a todos uma regra geral; há uma lei de vida para cada indivíduo. Por exemplo, uma pessoa é obrigada a apropriar ao físico certa quantidade de alimento animal por dia, a fim de manter a máquina em bom estado, enquanto outra verifica que o alimento animal não lhe é adaptado. O vegetal serve-lhe muito melhor.

Deves estudar o que é melhor para ti. Se uma certa classe de espíritos vem influenciar-te, retirando-te a saúde e substituindo-a por fraqueza e doença, deves aprender quais são as características desses espíritos, e como e por que te prejudicam, e então procurar educá-los a eles como a ti próprio. Quando estiverem satisfeitos de que são injustos para contigo, acredita, não mais serão injustos. Tenho tal fé na humanidade, quer como é no mortal quer além da mortalidade, que me faz sentir que alma nenhuma praticará jamais injustiça quando estiver uma vez satisfeita de que algo é, absolutamente, injusto.

Por Rev. John Murray, 27 de abril de 186S.

P. Poderá o espírito controlador dar uma definição plena e completa de “aura mesmérica”, para que o leitor não instruído possa compreender a íntima relação que tal agente tem com o Espiritualismo? Dê-nos, se faz favor, uma análise científica de toda a ideia.

R. Isso levaria muito tempo a realizar, pois é, em si, muito grande. A ciência do mesmerismo está contida na ciência da vida; vida aqui e vida no além. Todas as emanções destes corpos animais podem chamar-se magnetismo animal, ou a esfera animal ou material em que vós, como

seres deste mundo, viveis, vos moveis e tendes o vosso ser. Estais constantemente a receber influências magnéticas de tudo com que entraís em contacto, e estais tão perpetuamente a derramar essa vida magnética sobre tudo com que entraís em contacto. Quando espíritos desencarnados desejam comunicar através da vida orgânica para a vida orgânica, necessariamente entram em comunicação ou em rapport com a vida magnética do espírito.

Por vezes é extremamente antagonista; então não pode haver comunhão perfeita. Outras vezes é tudo quanto se poderia desejar. Essa aura magnética é simplesmente pensamento impalpável, mas todo-poderoso, que é exercido pela mente e projetado através da vida animal. Não a podeis ver, não a podeis sentir, exceto com as percepções do espírito; não a podeis manejar, não a podeis analisar, e, no entanto, é todo-poderosa para o espírito. No que respeita ao espírito, é onnipotente; por vezes impede-vos de proferir uma única palavra, ou de dar à luz um único pensamento. É o grande agente que atua entre mente e matéria. É a força que sustém mundos nos seus lugares, e sustém pensamentos nos seus lugares; é a força que forma o pensamento, e é a força pela qual o pensamento é expresso. É infinita em si, e seria absolutamente impossível analisá-la, por causa da sua infinitude.

P. Têm os espíritos desencarnados alguma intervenção no mesmerismo, ou é simplesmente a acção da mente sobre a mente na carne?

R. Um espírito desencarnado pode mesmerizar um sujeito, ou o espírito que ainda retém o seu vínculo com esta vida orgânica pode mesmerizar um sujeito. Cada um o pode fazer. Um espírito desencarnado tem um certo grau de vantagem sobre o espírito encarnado, mas ambos são capazes de realizar a mesma coisa. É algo com que tanto o encarnado como o desencarnado podem lidar.

P. Qual é a vantagem de espíritos desencarnados orarem através de um organismo humano?

R. A mesma vantagem é colhida pelo espírito desencarnado que é colhida pelo espírito encarnado. A oração eleva sempre o espírito, esteja ele aqui na carne ou tenha passado além da carne. Eleva-o sempre para além, ou fora, dos seus cuidados e perplexidades presentes. Derrama ao seu redor uma atmosfera mais nova e mais divina, e atrai para si inteligências mais elevadas e mais poderosas, mais santas, mais perfeitas, e, pela presença dessas inteligências, o espírito orante recebe benefício. Não podeis permanecer na presença de alguém que é santo,

bom e verdadeiro, sem receberdes benefício, pois os bons derramam sempre uma influência santa que toda a alma em rapport com ela há de sentir. A oração é sempre útil, e todas as almas estão constantemente em oração. Ora, isto pode parecer uma afirmação muito ousada e errática, mas não deixa de ser verdadeira. Todas as almas estão constantemente em oração, porque todas aspiram constantemente a um estado melhor. Isto é oração. Um género de oração é revestido de palavras, outro género de atos. Há muitos géneros de oração, para além dos que se vestem de palavras.

Por Theodore Parker, 28 de abril de 1868.

P. Não haverá uma condição transitória da atmosfera, durante os meses de Março e Abril, que é mais desfavorável à saúde do que noutras épocas? e como podemos evitar ou repelir tal influência quando a ela expostos?

R. Não estou certo de que esse estado de transição das estações seja absolutamente inimigo da vida. A experiência e a observação ensinaram-nos que, durante esses meses, certos planetas parecem ter, e têm, uma influência direta sobre a Terra — uma influência para chamar do seu centro o que a superfície necessita; conseqüentemente, os elementos, magnéticos e elétricos, todos os elementos atmosféricos, estarão num estado de desassossego — num estado de trabalho — para trazer à luz vida renovada. E como o homem é apenas um animal à superfície da Terra, e um animal composto de substâncias minerais e vegetais, bem como animais e espirituais, por necessidade há de sentir essas mudanças. Mas seria imprudente determinar que lhe são absolutamente desfavoráveis.

Antes pelo contrário, penso que, se dispensássemos as condições que estes meses nos trazem, nos acharíamos muito pior do que estamos. Estes corpos que estão hoje sobre a Terra são peculiarmente adaptados às condições atmosféricas que os rodeiam; e, se vós, podendo-o, trouxésseis a mudança que muitos desejam nessas envolturas atmosféricas, o resultado seria, creio, em muitíssimos casos, fatal à vida humana. Tendes absoluta necessidade, como a Terra tem necessidade, dos vossos ventos de Março, dos vossos aguaceiros de Abril, e de todas as mudanças rápidas e sucessivas que estes meses trazem. Não os poderíeis bem dispensar; e, embora sejam, num sentido, as sombras da vida terrena, noutra sentida são os raios de sol, e aconselhar-vos-íamos

a não tomar curso algum para impedir a sua ação legítima sobre vós, pois, se o fizésseis, nas circunstâncias presentes, não vejo que vos fosse melhor.

P. É alguma vez correto exercer vingança?

R. Sim, é correto para aqueles que a exercem, mas, para aqueles que veem o lado escuro e deformado da vingança, não é correto. Seguramente não é o melhor caminho. A alma que exerce a vingança fá-lo porque ignora o melhor caminho, sempre. Nunca conheci indivíduo algum a exercer, ou procurar exercer, vingança sobre qualquer dos seus semelhantes quando esse indivíduo era assistido pela sabedoria no assunto. O desejo de se vingar nasce da ignorância. Quando a ignorância deixar de dar à luz tais monstruosidades, então elas deixarão de existir.

Por Abdal Hada, 30 de abril de 1868.

P. É verdade que os sofrimentos, tanto mentais como físicos, são, finalmente, benéficos ao desenvolvimento do espírito?

R. A filosofia da mente revela-nos este facto: que a inteligência só pode tornar-se perfeita através do sofrimento, tanto mental como físico; como a Terra só pode alcançar um estado perfeito, ou só pode crescer, por meio de tempestades assim como de sol, assim a alma, ou mentalidade do homem ou da mulher, só pode alcançar um estado perfeito através das tempestades de pesar e do desespero humano.

P. Terão os habitantes dos planetas mais antigos, que foram formados antes da nossa Terra, chegado a tal grau de inteligência que saibam como se manter em perfeita saúde? e vivem eles em amor e harmonia?

R. Muitos deles, particularmente os habitantes de Úrano e de Júpiter. É destino dos habitantes de todos os planetas sobreviverem a essas condições desarmónicas, que são uma necessidade do crescimento da Terra. Os habitantes de um planeta crescem à medida que o planeta cresce. Quando já não houver répteis venenosos, plantas ou substâncias venenosas na Terra, nem mais tornados; quando todos esses sinais exteriores de violência — sinais materiais, terrenos, de violência — tiverem desaparecido, então também terão desaparecido os sinais de violência que dizem mais particularmente respeito à vossa vida humana e física. Tal é o destino, creio, da vida humana.

P. Algum dos habitantes de qualquer outro planeta alguma vez visitou esta Terra e deu-se a conhecer?

R. Julgo que, se tal coisa alguma vez ocorreu, é decerto algo muito raro. Os habitantes pertencentes a cada planeta em separado, aqueles que passaram para lá do material à vida espiritual, são, por necessidade, mais fortemente atraídos para o planeta em que nasceram do que para qualquer outro. Na verdade, é quase impossível ao habitante de qualquer outro planeta visitar a Terra in própria persona, ou vice-versa. Tudo se processa segundo a lei e a ordem em todo o universo, e nenhuma lei absoluta é jamais violada pelo espírito.

Por Theodore Parker, 5 de maio de 1868.

P. Se uma pessoa agir segundo as impressões que recebe, fará sempre o que é certo?

R. Há um número infinito de graus do que é certo, sendo cada um um grau distinto (?). Há também um número infinito de fontes de onde uma alma individual pode colher impressões, e a alma está tão sujeita a receber impressões do inferior como do superior; portanto, nem sempre é a mais alta sabedoria seguir as nossas impressões. Sei que muitos espíritos o determinam assim, mas não o posso entender desse modo. Se estivermos certos de que, no momento, estamos em harmonia com o bem mais elevado de que somos capazes de conceber, então podemos estar muito seguros de que quaisquer impressões que então recebamos serão tais que não nos hão de desviar; mas, se nós próprios estivermos na sombra, numa condição desarmónica em relação ao superior, é muito provável que atraiamos impressões correspondentes e fiquemos sujeitos a ser desencaminhados.

Para compreender quando as nossas impressões são de carácter correto e quando não o são, e quando é provável que nos elevem ou que nos rebaixem, temos sempre de compreender quando estamos em harmonia com o grande bem que está para além de nós. Devemos aprender a medir-nos por esse grande bem exterior, esse Deus eterno, nunca esquecendo que as balanças estão dentro. A única balança em que podemos pesar a nossa condição individual de ser está dentro de nós, e chamamos-lhe razão, o mais elevado de todos os atributos com que o grande Pai entendeu dotar o humano.

Por T. Starr King, 7 de maio de 1868.

P. Os habitantes das esferas espirituais constroem habitações, jardins, etc., segundo os seus gostos individuais? e por que processo, e de que materiais?

R. Há, na verdade, jardins no mundo espiritual tão mais belos do que os que tendes aqui, que não podeis formar deles justa apreciação. Na verdade, tudo quanto aqui encontra expressão está mais plenamente representado connosco. Toda a beleza da vida, todo o poder da vida, tudo quanto se exprime na arte, na ciência, na natureza, tudo encontra contrapartida no mundo espiritual. Ser-nos-ia absolutamente impossível dar-vos análise tão minuciosa acerca do material de que são construídas toda a sua beleza e poder, porque estais cingidos pela lei dos vossos sentidos humanos. Os vossos olhos não podem ver, os vossos ouvidos não podem ouvir, nem pode entrar nos vossos corações conceber todas as glórias que pertencem de modo particular ao mundo espiritual. Podeis colher tênues vislumbres da sua realidade, mas a clara glória meridiana da realidade não a podeis contemplar, não a podeis compreender, até que também vós vos despojeis da carne e fiqueis a fitá-la através de sentidos espirituais.

P. Alguns credos ensinariam que os laços de parentesco que existem nesta vida já não existem quando entramos no mundo espiritual. Isto é verdade de algum modo?

R. Todos os laços que pertencem à alma, a alma leva-os consigo quando é ressuscitada do corpo de carne. Os amores que tivemos continuam a ser nossos; e todas as condições do nosso ser mental levamo-las connosco para o mundo espiritual, porque delas teremos necessidade ali. Os nossos amigos não nos abandonam lá, nem nós a eles. Toda a atracção verdadeira se representa com a maior clareza no mundo espiritual. Não há quebra de lei; não há rutura de laços, de modo algum; e a alma verifica que as suas esperanças serão tão plenamente, tão absolutamente realizadas no mundo espiritual que não resta lugar para dúvidas. A mãe que ama o filho encontra o filho para além do túmulo, e vice-versa; e todos os nossos amigos, que estimámos tão caros por aqueles laços que Deus nos deu, tornam a agrupar-se à nossa volta no nosso lar espiritual. Não, não; não acrediteis nesses credos que ensinam a rutura de laços que são tão caros, tão íntimos à alma.

P. Gostaria de perguntar se permanece individualidade suficiente em torno dos restos terrenos de um espírito falecido para o habilitar a

reconhecer essas partículas e sentir-se atraído por elas quando se elevam e se sublimam?

R. A terra do estio, ou mundo espiritual, é composta de partículas que outrora habitaram formas materiais, porque o espírito etéreo encontra expressão através de todos os graus de matéria. Ele sobe do inferior, crescendo para o superior, deixando para sempre o inferior e entrando no superior. Neste sentido, a terra do estio é construída de átomos que estiveram em formas naturais brutas. Há um certo poder de atração pelo qual o espírito desencarnado volta à Terra e se sente atraído para as suas vestes terrenas descartadas. Há alguns em quem a atração é muito forte, e continua a agir sobre eles com vigor até que a vida magnética e elétrica se altere de todo no corpo que deixou; por outras palavras, até que todas as partículas fiquem mais ou menos decompostas; até que tenha lançado fora todas as suas exalações magnéticas e elétricas.

Presidente. — Creio que o perguntador deseja saber se o espírito é atraído por essas partículas que se elevaram ou se sublimaram.

R. Sim, certamente; isso seria uma consequência natural. Permitti que illustre ainda. Tendes sido ensinados a que construíis as vossas moradas espirituais dia a dia antes de nelas entrar, e fazei-lo neste sentido: pelas vossas obras terrenas, pelos vossos pensamentos terrenos, exalais partículas espirituais que encontram o seu lugar adequado no vosso próprio lar espiritual. Se são brilhantes e belas, o vosso lar espiritual será correspondentemente brilhante e belo, e haveis, por necessidade, de gravitar para o vosso lar à morte. Não podeis ir a parte alguma. É a lei do vosso ser. Não podeis encontrar lugar de repouso no lar de um Sócrates ou de um Franklin, mas o vosso próprio lar é vosso, e para lá haveis de ir. Todo o espírito tem a sua própria localidade, e para lá gravitará por força de uma lei que o envolve e na qual vive. Essa lei atua sobre o lar com poder de atração; atua também sobre o indivíduo — joga entre ambos — e ides para lá por virtude de necessidade absoluta.

P. Os espíritos que vivem agora no corpo passam do seu corpo para os médiuns e controlam-nos do mesmo modo que o fazem os espíritos que depuseram o corpo?

R. Não muito frequentemente. Há raras e excepcionais instâncias desse género. Mas são a exceção, não a regra. Em geral, o espírito que não depõe o corpo externo, que deseja controlar outro espírito, fá-lo em virtude de um poder psicológico, por meio do magnetismo. Projetam a

sua vontade sobre o sujeito negativo, e este torna-se seu sujeito para todos os efeitos e fins.

Por William E. Channing, 11 de maio de 1868.

O presidente leu a seguinte carta: —

“Editores do Banner of Light: Sou leitor regular do vosso jornal, e aprecio especialmente o departamento de mensagens, e estou semanalmente à espera de uma comunicação de um querido amigo que faleceu há pouco. Mas receio que nada do que ele pudesse escrever favorecesse os seus amigos cépticos se viesse precedido de, ou publicado em ligação com uma mensagem como a que vem de Cornelius Winne. ‘Freddy Harmon, numa comunicação no mesmo jornal, diz que o Sr. Parker gostaria que a mãe do Freddy estivesse preparada para receber a verdade.’ Não consigo ver a propriedade de publicar mensagens que são, pela sua natureza, repulsivas para pessoas de inteligência e refinamento, e calculadas para as fazer sentir que os demónios foram soltos sobre a terra. Aprovarão tais publicações mentes como as de Theodore Parker e William E. Channing?

Não me oponho a tal comunicação num círculo privado, caso possa daí advir algum bem para espíritos ou mortais. Penso por vezes que há espíritos num plano baixo que influenciam e pervertem as mentes de médiuns não suficientemente acautelados contra falso ensino; não consigo de outro modo explicar a loucura e o fanatismo que amiúde passam sob o nome de Espiritualismo. Os espiritualistas afirmam ser governados pela razão e pela ciência, e há ainda mais impropriedade em seguirem cegamente tudo quanto vem do mundo dos espíritos do que para os cristãos que tomam a Bíblia como guia infalível. Nunca houve algo mais desastroso nos seus efeitos sobre a humanidade do que religião sem razão. Todo o género de crime e de perseguição foi perpetrado em seu nome. E só quando guiado por ciência, razão e sabedoria é que podemos esperar que o Espiritualismo abençoe permanentemente a humanidade. Que sejais guiados por sabedoria infinita nos vossos esforços para iluminar o mundo é o desejo sincero do signatário.”

R. Dizem-nos que Cristo não veio chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento. Não veio apontar o caminho do céu aos que já o conheciam, mas aos que não tinham conhecimento do caminho. Não veio erguer os que não careciam da sua força, mas veio levantar os

calcados — os que haviam caído no caminho da vida; os que, em consequência da sua ignorância, tinham cometido erros desastrosos na vida. A tais Jesus veio, e em favor de tais aqui estamos hoje. A nossa tribuna é livre para todos, até para o fabuloso Lúcifer. O índio e o africano de tez escura, com toda a sua ignorância, são bem-vindos aqui; aqueles que foram calcados na vida terrena, que, por consequência de ignorância, de falso ensino, de todas aquelas condições infelizes que muitas vezes se aglomeram em torno da alma enquanto aqui; aqueles que estiveram sob tais condições e entraram no mundo espiritual com toda aquela escuridão mental que faz o inferno em que a alma às vezes é mergulhada — esses também são bem-vindos aqui, com todas as suas trevas, com todo o seu pecado e com todas as suas vestes manchadas; são bem-vindos aqui.

O vosso correspondente pergunta se um Channing e um Parker sancionam tais comunicações. Muito seguramente que sim. Falo por mim, e sei que o meu bom irmão Parker diria ainda mais do que eu digo sobre o assunto. Se o fundador da religião cristã — esse espírito que por muitos séculos tem sido erguido como padrão de bondade, de moralidade, de todas as virtudes cristãs — não julgou impróprio andar e falar e comungar com publicanos e pecadores da mais baixa classe, faremos nós menos? O espírito da verdade chama todos ao seu estandarte, o alto e o baixo, o cativo e o livre, o sábio e o ignorante, e o vosso correspondente comete um lamentável erro ao supor que a casta divide as almas nesta livre terra do espírito. Não é assim. Tal loucura pertence à terra. Não tem lugar na gloriosa terra do espírito — nenhum, absolutamente nenhum.

O africano e o índio de tez escura são tão preciosos aos olhos do grande Deus quanto o loiro anglo-saxão. A alma vergada sob ignorância e crime é igualmente cara ao grande Pai. Nenhuma escuridão, por mais moral, por mais mental, espécie nenhuma de escuridão é tão densa que o espírito de verdade e de amor e sabedoria infinitos não possa entrar ali. O vosso correspondente receia que a mãe não receba uma comunicação do seu ente querido se ela surgir lado a lado com um dos humildes da terra. É tempo de o vosso correspondente sair dessa escuridão para melhor luz, e elevar-se acima dessas brumas e nevoeiros, e envergar uma veste que não possa ser contaminada por quaisquer das condições da vida humana.

P. Gostaria de perguntar se a influência controladora reconhece como facto que o poder que controla o universo é, em si, consciente da consciência humana.

R. Não o creio. Creio que a grande consciência universal se exprime através das formas, na consciência humana, e talvez em parte nenhuma tão perfeitamente. Há um género de consciência que pertence a certos planos inferiores da existência animal, mas quando ascende ao humano torna-se mais perfeita, mais bela, mais elaborada. Não consigo conceber uma consciência à parte da forma, à parte daquilo que percebemos em torno de nós através dos nossos semelhantes. Não creio num Deus à parte das suas obras. Um tal Deus ficaria tão para além da minha compreensão que eu não o poderia adorar. Creio que Deus actua através das suas obras, e manifesta consciência onde quer que haja órgãos adaptados a tal expressão.

P. Reconheceis vida em algum lugar, em qualquer condição, sem uma consciência que corresponda a essa condição?

R. Reconheço. Sim, creio que há infinita variedade, ou número, de espécies de vida que não possuem condição consciente distintiva. Ainda assim, a vida está ali.

P. Então a consciência tem de ter um princípio.

R. Não necessariamente. Em todo o caso, seria muito difícil determinar onde a consciência começou. Não temos conhecimento de que alguma vez tenha tido começo. No que respeita às formas, naturalmente, aí teve um princípio. A consciência teve um princípio neste planeta, mas, sem dúvida, existira noutro lugar milhões de anos antes de este planeta vir à vida.

P. É geralmente aceite que tudo quanto teve princípio, necessariamente tem fim; e, se a consciência não se encontra onde quer que a vida se encontre, parece-me que tem de ter um princípio em algum lugar, e teria, necessariamente, um fim.

R. No que toca à forma, tem, sim, um fim. A consciência que pertence à vossa forma física terá um fim, no que respeita a essa forma. Mas a consciência viverá. Depende da forma para a expressão, e muda conforme a forma; mas não creio que seja criada pela forma, nem que termine com a decadência da forma. É possível que tenha havido um tempo em que a consciência nasceu, em que foi criada; mas de tal tempo não temos conhecimento. Se nos fosse possível recuar nas nossas

próprias vidas conscientes milhões de anos no passado, ainda assim encontraríamos, creio, milhões de anos mais em que a consciência teve vida.

P. Tem-se dito que os cristãos raramente se manifestam aqui. Podeis lançar alguma luz sobre o assunto?

R. Isso é falso. Atrevemo-nos a dizer que, pelo menos, sete em cada dez que aqui se manifestam estiveram de algum modo ligados a alguma igreja cristã quando na Terra. As pessoas que pensam de outro modo só têm de ler os números antigos do nosso jornal; poderão satisfazer-se. Estou bem certo de que os que aqui pertenceram a diferentes igrejas, e que comunicaram neste local, são de longe a maioria.

Por Edgar C. Dayton, 14 de maio de 1868.

P. Se a memória permanece sempre connosco, não poderá tornar a vida futura desagradável ou intolerável?

R. Sim, em muitos casos fá-la-á, decerto, extremamente desagradável. O homem que defraudou o seu próximo em qualquer sentido, que praticou as várias espécies de injustiça que se exibem na Terra, que cometeu erros contra a própria consciência — tal homem não pode deixar de esperar condenação em consequência de recordar esses atos no mundo espiritual. Levamos connosco todas as luzes e sombras do nosso ser aqui para o mundo espiritual, e, se a sombra predomina, então, por certo, não poderemos deixar de ser infelizes. Pois então, vede que não leveis para o mundo espiritual aquelas coisas que, ao recordá-las, vos hão de causar arrependimento. Porque, se o fizerdes, levareis convosco o vosso inferno. Tende disso certeza.

P. Não alcançamos uma condição celeste pelos nossos próprios esforços e aspirações, ou somos auxiliados por influências divinas?

R. Alcançamo-la por ambos. Para além das nossas próprias aspirações, do nosso próprio desejo de obter o melhor que Deus tem reservado para nós, temos também o auxílio de todo o bem que há na Terra, porque todo o bem está inseparavelmente ligado. Fazemos o nosso próprio céu e o nosso próprio inferno, mas verificamos que a lei é reforçada por condições exteriores.

P. Há, no futuro da alma, distinção entre pecados de intenção e de ignorância?

R. Certamente que há, no que respeita ao indivíduo. Se cometes um erro, e sabes, no momento em que o cometes, que é um erro — que não é o melhor caminho —, quando vier o remorso pela comissão desse erro, ele será muito mais agudo do que se tivesses cometido o erro por ignorância.

Por Thomas Paine, 19 de maio de 1868.

P. A mente humana torna-se alguma vez diminuída?

R. Certamente que sim; pois a mente é apenas o espelho colocado entre o organismo externo e a alma ou espírito, através do qual o espírito se reflete sobre as coisas externas. Sendo um resultado da vida exterior, atua sob a lei da vida exterior e está sujeita às condições variáveis dessa vida. Se o corpo está doente, também a mente o está. Se o corpo é fraco, a mente é correspondentemente fraca; mas estais muito propensos a confundir a mente com a alma, quando a verdade é que são dois corpos ou entidades de ser distintos, tão distintos entre si como a alma é distinta do corpo externo.

P. Podes descrever a alma?

R. Não, decerto que não; tanto quanto eu poderia descrever Deus. Ela descreve-se a si mesma. Escreve a sua própria história. Figura-se a si mesma sobre todas as coisas do ser. A alma é expressa pelo artista na sua tela, pela musa quando ele profere sons harmoniosos. A alma exprime-se através da mecânica e de todas as várias artes e ciências da vida.

P. Relativamente à primeira pergunta, queres dizer que há distinção entre a mente e a alma nos animais inferiores, ou que eles não têm parte imortal?

R. Creio que todas as coisas, num certo sentido, são imortais. Creio também que aquilo que é instinto nos animais é o mesmo que a mente é para o animal superior, o homem. Não é senão o espelho através do qual a parte interior se exprime — se reflecte sobre o mundo externo.

P. O outro ramo da questão — são eles imortais?

R. Num certo sentido, são. Mas, no que respeita à sua individualidade em forma, não creio que o sejam. Não tenho evidência de que o sejam.

P. As mentes instruídas e não instruídas estão juntas no outro mundo?

R. Certamente que estão, exactamente como aqui. Se não estivessem, teria eu pouquíssima esperança para os não instruídos.

P. Os não instruídos progridem no outro mundo?

R. Certamente; exactamente como aqui, só que os meios para a sua instrução são muito melhores do que aqui.

P. A telegrafia espiritual não virá um dia a suplantar o nosso sistema actual de telegrafia física?

R. De modo nenhum é uma impossibilidade. Pelo contrário, é altamente provável. Há uma classe de mentes que crê que o tempo não está distante em que esta fase da ciência espiritual será trazida à Terra e usada com sucesso. Ela está inconscientemente em acção entre vós todo o tempo. A mente está perpetuamente a telegrafar à mente, por todo o mundo, e é certamente muito razoável supor que virá o tempo em que tereis uma compreensão cabal da ciência e a tornareis aplicável ao mundo externo — a tornareis útil. Durante milhares de anos, sim, por milhões, pelo que sei, o relâmpago não teve qualquer serviço conhecido possível para o homem. Ele não sabia que podia usá-lo. No seu estado selvagem, temia-o, e houve muitos que o adoravam, mas nenhum que compreendesse o seu poder e como torná-lo útil à vida humana. Depois, levantou-se um Franklin, e o relâmpago tornou-se um brinquedo nas suas mãos. E, em anos mais recentes, é o vosso mais humilde servo. Ora, considerando que a alma marcha através de todas as condições do ser, analisando tudo e tornando tudo subserviente a si, é muito razoável supor que não deixará isto de lado.

P. Os homens deterioram-se alguma vez no outro mundo?

R. Não creio que alguma vez o façam; nem aqui nem lá.

P. Não há alguns a subir e outros a descer, lá como aqui?

R. Nada vi que me leve a crer que a alma alguma vez cai do seu alto estado. Pode parecer que cai, a sentidos que não compreendem o modus operandi da vida, mas não posso crer que o faça. Há montanhas e vales na nossa experiência. É tão essencial descermos aos vales como ascendermos às montanhas; mas, porque há montanhas e vales, não posso crer que a alma perca algo do seu alto estado, da sua primeira vida pura, por descer ao vale. Pelo contrário, creio que está sempre em ascensão, aproximando-se sempre da sua grande fonte. Vós chamais a essa fonte Deus. Talvez seja tão bom nome quanto qualquer outro.

Por William E. Channing, 26 de maio de 1868.

P. Nesta pergunta vou usar as palavras esposa e marido, primeiro no seu sentido convencional e depois no que chamo sentido espiritual.

Sabemos, de facto, que neste mundo um homem por vezes casará com três ou quatro esposas, uma mulher com três ou quatro maridos; mas, falando espiritualmente, pode um homem ter mais de uma esposa, ou uma mulher mais de um marido?

R. Não, não creio que possam, porque penso que o positivo e o negativo formam o todo. O único homem e a única mulher formam o todo — o ser completo. Um é imperfeito sem o outro. Há-de vir o tempo, mas está distante, em que compreendereis que esse casamento que não é da alma não é casamento nenhum; que aquilo que é provocado por condições externas é de todo ilícito. Aquilo que Deus uniu ninguém pode separar, mas aquilo que é unido pelas condições da vida humana quase qualquer pessoa pode separar; e é legítimo que assim seja, porque as partes estão ilicitamente ligadas. Há de vir o tempo em que compreendereis este assunto, em que ele será mais simplificado, em que entrará como parte de toda a educação humana e se tornará, até certo ponto, base da educação humana.

P. Considerando o estado presente da sociedade, e quão pouco o sentido moral é cultivado em comparação com o que será no futuro, não é conveniente que, por agora, haja o que chamamos uma forma de casamento, e que as pessoas que entram no estado matrimonial façam certas promessas à sociedade e recebam a sanção da sociedade para viver nessa condição?

R. Decerto que sim. “Render unto Caesar the things that are Caesar’s, and unto God the things that are God’s.” A sociedade, no seu estado presente, exige certas coisas, que é correto conceder.

P. Podeis lançar alguma luz sobre a natureza psicológica do que chamamos loucura? Para mim é um problema menos aliviado pela luz do que quase qualquer outro e, como as circunstâncias me puseram em contacto com várias pessoas que sofrem dela, estou particularmente desejoso de obter alguma informação sobre este fenómeno tão assombroso e doloroso.

R. A loucura divide-se em muitíssimas fases, e é induzida por outras tantas causas. Por vezes é filha de condições antenatais — muito amiúde é. Por vezes é filha de condições espirituais — muito amiúde é. Por vezes é filha dos arredores humanos, gerada a partir das condições mal ajustadas da vida humana. Ora, para lidar com êxito com todos os géneros de loucura, temos de compreender, em cada caso especial, qual é a causa, depois lidar com ela de acordo com as necessidades do caso, e de modo nenhum mexer nos efeitos. Assim estarás seguro de conseguir a cura quando for possível.

P. Penso que entendo, até onde foste; mas perguntaria: o que é a loucura em si — na sua própria essência?

R. É uma distribuição desigual das forças nervosas. As forças nervosas, em todos os géneros de loucura, venha ela de que causa vier, estão desigualmente distribuídas. Há uma desarmonia entre as forças, positiva e negativa, e tudo quanto possas fazer para produzir ali harmonia ou equilíbrio, há de, por certo, efetuar a cura. Reside nos imponderáveis do sistema, quase sempre; não nos sólidos.

P. Permitir-me-á que faça uma declaração pessoal? Há vários anos tenho tido muita experiência ligada a este triste fenómeno da loucura. Conheço um caso de uma pessoa que, de quando em quando, tem ataques severos e, enquanto duram, está em estado de grande violência e ingovernável. Ora, se eu entro no quarto enquanto ela está neste estado, basta-me ficar de pé e olhar para ela, e dizer, muito calmamente, “Senta-te”, e é precisamente como as ondas que desceram aos pés de Jesus quando ele disse, “Cala-te, aquieta-te”; essa mulher fica tão perfeitamente calma e senhora de si como eu estou neste momento. Podeis explicar como isto se efetua?

R. Pela mais simples de todas as regras. Transmites, pelo teu pensamento, pelo teu desejo, exatamente aquilo que é necessário para produzir esse equilíbrio das forças nervosas. Lanças sobre o sujeito uma vida magnética que, de imediato, acalma as ondas mentais.

P. O poder de lançar este magnetismo sobre outrem é um poder independente do indivíduo que o possui? Não sou parente desta mulher. Há dez anos eu não sabia sequer que tal pessoa existia. Nenhum parente consanguíneo, nenhum amigo seu mais querido, tem o mais pequeno poder sobre ela. São certos de a irritar ainda mais. Eu, como digo, acalmo-a. Como é que eu o posso fazer, quando ninguém em simpatia com ela o consegue?

R. Simplesmente porque estás em rapport magnético com ela, e eles não. Ela é recetiva da tua vida magnética, e não o é da deles. A tua é peculiarmente adaptada a acalmar esta perturbação; a deles não.

Por Theodore Parker, 28 de maio de 1868.

P. Desejo perguntar relativamente a testar os espíritos que vêm ter connosco. Fomos por vezes tristemente induzidos em erro. Quando um espírito pretende estar presente, como podemos saber com certeza que é o espírito que afirma ser? Frequentemente vimo-los testados perguntando se estavam dispostos a dizer “ámen” à Oração do Senhor. Este teste foi-me sugerido por William Howitt, que disse nunca lhe ter falhado. Podeis indicar-me algum teste em que possamos confiar sempre?

R. Meu caro e bom amigo, de modo nenhum podeis, em mortal, nas circunstâncias presentes, estar completamente seguro da identidade de qualquer espírito que regresse, porque o espírito que regressa está fora da vossa vista, para além do âmbito e esfera dos vossos sentidos naturais, e esses sentidos, só por si, são os poderes pelos quais podeis pesar e medir todas as coisas com que entrais em contacto. Ora, eu posso dizer-te que sou o espírito de tal indivíduo que viveu em tal tempo, e posso dizer-te o que é absolutamente verdadeiro. Tu podes crê-lo, mas não o podes saber. Tens apenas a minha palavra. Não me podes ver — estou atrás do véu de outra vida. Vês apenas essa vida, e tanto da minha própria quanto eu consiga dar através dessa vida orgânica.

Ora, pouco importa quantas orações possas recitar, ou quantos “ámens” o espírito lhes acrescente. Não fará a menor diferença no que toca a testar a identidade do espírito. Só o podes testar até onde as tuas faculdades racionais te levarem — não além. “Até aqui chegarás, e não mais além”, diz a vida exterior. Pois então, atrever-me-ei a dizer que sete, pelo menos — e isto é pôr baixo —, em cada dez espíritos que regressam vêm com propósito honesto. Dão-vos exatamente tanto quanto é possível, dadas as suas condições, e não tencionam de modo algum enganar. Os que o fazem são a exceção, não a regra. Encontras aqui os que enganam, os que amam enganar. Vão para o mundo espiritual com as mesmas tendências; regressam com as mesmas, e manifestam as mesmas até que as tenham ultrapassado. É lei da vida celeste que a alma há-de ultrapassar todas as suas imperfeições.

Há de passar para além de todas as suas trevas mentais. Há de aproximar-se tanto do Infinito que se despojará de toda a grosseira

materialidade, de tudo aquilo que a prende, de tudo o que a torna, em qualquer sentido, moralmente deformada. Entendei-nos ao dizer: não conhecemos modo algum pelo qual possais, com certeza absoluta, testar a identidade de qualquer espírito que regresse. Somos honestos ao dizê-lo. Deveis medir tudo pelos vossos sentidos; receber tudo quanto caiba no teste dos vossos sentidos; tudo quanto sentis, na vossa vida interior, ser bom, ser verdadeiro, ser o que diz ser, recebei-o e apropriai-o ao vosso próprio uso, tanto quanto puderdes. Mas tudo quanto não puderdes assim pesar, ponde-o de lado até poderdes; mas, de modo nenhum, rejeiteis como sem valor aquilo que não podeis testar ou compreender, pois, ao fazê-lo, podeis fechar as portas ao mais brilhante anjo que jamais visitou a vida humana.

P. Muito vos agradeço a resposta explícita, embora não fosse o que eu esperava. Mas gostaria de mencionar um caso concreto. Vem um espírito e diz-me que é meu dever dar um certo passo que envolve uma mudança importante na minha vida, influenciando para o bem ou para o mal a mim, a minha família e as minhas perspectivas futuras. Nada há na mensagem em si que pareça irrazoável. Pode parecer uma coisa perfeitamente própria de fazer. Seria correto confiar no espírito e seguir a sua orientação? Para tornar o caso mais claro, suponhamos que o espírito diz: “Deves deixar a tua atual esfera de trabalho; o clima é prejudicial à tua saúde, e, indo para outro lugar, farás grande quantidade de bem.” Ora, eu sou incapaz de dizer se o clima me é nocivo, ou se, mudando-me, farei mais bem; mas, se estivesse certo destes factos, naturalmente seguiria de imediato o conselho do espírito. Qual seria o meu dever nas circunstâncias?

R. Pois bem, meu caro amigo, pela experiência que colhi em tais matérias durante a minha vida como espírito desencarnado, só te posso dar uma resposta, e é esta: seria absolutamente errado deixares-te conduzir em qualquer direção por qualquer espírito ou espíritos, por mais elevados que sejam, à custa de abdicares da tua própria razão. Se não consegues ver que seria correto para ti fazer tal mudança, seria absolutamente errado fazê-la. Qualquer espírito que regresse pedindo-te que depouses, ao seu aceno, o ornamento mais brilhante da tua hombridade, podes estar bem certo de que está enganado quanto ao teu bem mais alto e melhor. Só posso responder do meu posto de experiência; mas encarei esta questão de frente e fiz dela assunto de investigação séria, e só posso chegar a esta conclusão: que a razão que temos na vida humana é o oráculo que se ergue entre o nosso Deus e

nós, apontando sempre o caminho. Devemos atendê-lo e, por mais que possamos receber o conselho de outros, nunca o devemos apropriar senão quando está de acordo com a nossa razão mais elevada. Compreendes?

P. Compreendo perfeitamente o que dizes, embora não tenha conseguido remover a minha dificuldade. Neste caso, não vejo razões particulares nem a favor nem contra. Mas, se estivesse perfeitamente certo de que o espírito me aconselhava a fazer o que sabia ser correto, segui-lo-ia. Não tenho outra evidência que me guie.

R. Então eu diria: fica, por todos os meios, exatamente onde estás até que a tua evidência seja suficiente para te conduzir.

Por Joshual Beri, um rabi judeu, 2 de junho de 1868.

P. Podes dizer-nos o que foi feito dos antigos videntes e sábios? Podem eles comunicar connosco, ou estão tão longe que não podem aqui voltar?

R. Os antigos videntes e sábios estão muitas vezes no vosso meio, comunicando os pensamentos que colheram durante a sua experiência na vida espiritual. De modo nenhum passaram para além do limite que os separa do seu antigo lar terreno; pelo contrário, estão dentro da esfera da Terra e estão constantemente a emprestar a sua vida intelectual para benefício dos que permanecem na Terra.

P. Então é possível que venham diretamente e nos falem pessoalmente, é?

R. Certamente que podem, e certamente que o fazem.

P. Já comunicastes pessoalmente com o espírito de Jesus?

R. Certamente que sim. Não com o ídolo da Igreja cristã, mas com o manso e humilde Nazareno, que saiu das trevas da Igreja e procurou dar uma nova luz ao povo que então habitava a Terra. Ele derramou a sua luz, e a escuridão religiosa crucificou-o. Era humilde nas suas circunstâncias, nas suas aspirações humanas. Não era de todo aquilo que o mundo cristão supõe que seja, e regressa à Terra hoje tão estranho àqueles que professam conhecê-lo melhor quanto o foi nos dias em que viveu no corpo.

P. Não é esta a segunda vinda de Cristo, em significação espiritual?

R. Decerto que é.

P. Não em sentido literal, mas espiritual, quero dizer.

R. Em ambos, literal e espiritual. Aquilo que é literal é tão diferente do que supondes que não o consegues reconhecer. A tua Igreja declara que o seu salvador aparecerá nas nuvens do céu com poder e grande glória; com muitos anjos assistentes; com mais glória do que um rei terreno poderia comandar; com toda a pompa que atende os soberanos terrenos. Ó vergonha! vergonha! A verdade, por si, é suficientemente grandiosa sem mostras exteriores. A sabedoria não precisa que os seus filhos a exaltem. Ela há de exaltar-se a si mesma.

P. Quem ordenou a Moisés que saísse contra os midianitas e vingasse os filhos de Israel?

R. Não o Jeová Infinito, cujo amor é igual à sua sabedoria, mas as trevas dos tempos, a superstição da época.

P. Não terá algum espírito antigo representado a si mesmo como o único Deus, acomodando-se à superstição do povo?

R. A antiga Igreja tinha por hábito consultar os espíritos dos mortos, e, na sua ignorância, acreditavam, ou o povo comum acreditava, que esses espíritos familiares não eram outros senão o Senhor, o Jeová. Quando Moisés consultava espíritos desencarnados, voltava ao povo com um “Assim diz o Senhor”. Mas deveria ter voltado com um “Assim diz o espírito com quem tenho estado a comunicar”. É bem possível que o espírito fosse inferior a Moisés em moralidade, muito abaixo dele intelectualmente, mas a morte, para uma mente não esclarecida, reveste a inteligência de sabedoria superior; porém, para uma mente esclarecida, a morte nada tira à alma nem lhe acrescenta.

P. Então estão os antigos muito adiantados em relação aos modernos em desenvolvimento?

R. De modo nenhum.

P. Eles tiveram o benefício do desenvolvimento no mundo espiritual, e nós no material?

R. Sim; e ambos, em geral, acompanham-se.

P. Não poderá esta era ser, com toda a propriedade, considerada a aurora do milénio?

R. Decerto que pode.

P. E já se encontra inaugurado?

R. Para mim, sim.

P. E dentro de muito pouco tempo, também?

R. Sim.

Por T. Starr King, 8 de junho de 1868.

P. Têm os espíritos poder de prever acontecimentos e, se sim, de onde lhes vem esse poder?

R. Que têm poder de prever acontecimentos está perfeitamente demonstrado muitas, muitas vezes. O velho adágio de que “os acontecimentos vindouros projectam as suas sombras antes” é muito verdadeiro. São essas sombras que o espírito desencarnado percebe, e, a partir delas, julga acerca da forma objectiva que terá lugar na vida terrena. Toda a ideia que se realiza plenamente na vida terrena congrega em torno de si um longo e vasto comboio de circunstâncias que são invisíveis para vós, mas não para as inteligências desencarnadas; e quem quer que seja capaz de somar todas essas circunstâncias invisíveis é capaz de vos dar uma resposta correcta quanto ao desfecho de todos os pontos, dos menores aos muito maiores.

P. Não tentarão muitos profetizar sem serem competentes?

R. Certamente. Muitas pessoas supõem ter resolvido um problema correctamente, mas uma coisa é supor que se fez algo exactamente certo, e outra bem diferente é fazê-lo exactamente certo. Mas o fracasso de um indivíduo não diminui o poder de outro. De modo nenhum.

P. Onde vem o material que forma as mãos espirituais tão frequentemente vistas na presença de médiuns?

R. Da atmosfera, ou do que na atmosfera está contido, focalizado e condensado através da vida mediúnica.

P. É feito a partir de compostos elementares?

R. É. Estais bem cientes, ou devíeis estar, de que a atmosfera contém os elementos de que todas as formas são feitas. Toda e qualquer forma concebível que encontra expressão na Terra pode ser encontrada nos elementos da atmosfera peculiares à Terra.

P. Vi H. Melville Fay executar bastantes truques, se assim lhes podemos chamar, com os Irmãos Davenport. Ele diz que os está a desmascarar. Achais que ele é médium?

R. Tenho a certeza de que é. Mais ainda: sei que é. Sei também que se entrega à trapaça e suportará uma dose muito grande de crítica.

P. Então pensais que os espíritos o assistiriam nas suas trapaças?

R. Sem dúvida que sim.

P. Então os espíritos, por vezes, ajudam no embuste?

R. Porque não o fariam? Há espíritos desencarnados que estão no mesmo plano que ele, e deles deveis esperar condições mentais semelhantes. Fariam o que ele faria. Não estão nem acima nem abaixo. Estão prontos a ajudá-lo em tudo quanto for possível. A mediunidade, ou as manifestações espirituais, de modo nenhum dependem de alguma lei moral elevada. Pertencem à Natureza; e a Natureza, por vezes, dá-nos manifestações muito rudimentares, e outras vezes dá-nos muito belas.

P. Não foram os Irmãos Davenport bons médiuns ao início?

R. E assim são agora.

P. Achais benéfico para o Espiritualismo permitir que Fay continue?

R. Decerto que não prejudica o Espiritualismo. Não pode.

P. Nem aos olhos do público?

R. Não; nem sequer aos olhos dos seus opositores. O Espiritualismo, enquanto ciência natural, não pode ser prejudicado pela trapaça de um, dois ou mil indivíduos. Todas essas pessoas que praticam trapaça sob o nome de Espiritualismo apenas excitam o povo a investigar, a saber o que é verdadeiro e o que é falso. Aquilo que queriam usar contra o Espiritualismo o grande Deus lança na balança e usa em seu favor.

P. Estão os espíritos no outro mundo sujeitos a impressões dos elementos como nós? Experimentam, noite e dia, os benefícios do sol, etc.?

R. Experimentam; não no mesmo sentido em que vós, mas num sentido semelhante. Têm as suas épocas de descanso e de intensa actividade.

P. Mais do que neste mundo?

R. Não; talvez não.

P. Lêem o tempo como nós?

R. Oh, não. Não há tempo no mundo espiritual — não tal como vós o reconheceis.

P. Não contam por minutos e horas, como nós?

R. Nada disso. O tempo, se é medido, é medido por acontecimentos.

P. Como regulam as horas de descanso?

R. Pelas suas necessidades. O espírito descansa quando tem necessidade de descansar.

P. Então deve haver um limite para o seu poder?

R. Certamente.

Por Theodore Parker, 10 de junho de 1868.

P. Haverá alguém na Terra que possa ensinar e explicar verdadeiramente o mistério da piedade? Se sim, pediria agradecido aos espíritos que proclamassem o nome da pessoa, através do médium, para que o mundo seja abençoado.

R. Aqueles que ensinam e continuamente pregam o mistério da piedade encontram-se entre as pequenas crianças da Terra. Não conheço nada em todas as formas de mente e matéria que pregue tão eloquentemente de Deus como a pequena criança; e, se quereis ser piedosos, aprendei com elas. Elas nunca vos hão-de desencaminhar.

P. Como, e com que propósito, são produzidas as luzes espirituais?

R. Por efusões eléctricas; e são produzidas para satisfazer mentes inquiridoras acerca do poder dos espíritos desencarnados. São focalizadas por meio do poder que é extraído do corpo do médium, e são acesas pelo mesmo poder. São capazes de arder na vossa atmosfera até que esse poder se esgote, e não mais.

Por John Pierpont, 23 de junho de 1868.

P. Existe no mundo espiritual algum sistema de propriedade análogo ao que temos na Terra, no que respeita a propriedade fundiária, pessoal ou monetária?

R. A lei do “meu” e do “teu”, no que toca à natureza universal, só tem existência na Terra, e eu, por mim, dou graças a Deus por isso. Tudo o que a alma tem absoluta necessidade de possuir, na terra do espírito, isso tem — e nada mais. Não pode acumular tesouros nesse reino do além. Não pode juntar a si mais do que consegue usar; mas tudo quanto possa usar, para seu próprio bem e para o bem dos seus semelhantes, isso encontrará sempre. Proprietários de terras, como os que encontramos na Terra, perderão a ocupação na terra do espírito. Aqueles que encontram o seu céu na esfera do imobiliário sairão do céu quando a morte os visitar. E aconselharia todos esses a mudarem de esfera enquanto aqui, porque, se não o fizerem, remorso terrível e insatisfação de espírito hão-de, com certeza, colhê-los.

P. As leis da Natureza, da justiça e da harmonia não garantem a todos o uso livre de todos os elementos naturais, como a luz solar, a atmosfera, a água e a terra, em quantidades apenas quanto as necessárias ao uso efectivo? E não proíbem todo o monopólio dos mesmos?

R. Pois, naturalmente. Os dons de Deus são livres para todos. O sol brilha tanto sobre o criminoso como sobre o piedoso. Não há diferença. A água é tão pura para o pecador quanto para o santo. As flores desabrocham no jardim do mau como no do bom.

P. Porque há-de a terra ser monopolizada por alguns, à custa de muitos, quando a água, o ar e a luz do sol são livres para todos?

R. Segundo a sabedoria superior não deveria haver monopólio, e, quando a alma entrar na esfera dessa sabedoria superior, não haverá. É apenas porque habitais na escuridão. Ignorais o melhor caminho, e por isso escolheis esse.

P. Não pode a humanidade ser ensinada a um sistema melhor para a distribuição do solo, em quotas equitativas para todos, de forma que cada um e todos tenham lar e abundância, em vez de, como agora, os dois extremos viciosos da riqueza excessiva e da pobreza extrema?

R. Sim, podem ser ensinados nessa direcção, mas será por graus lentos. Levaram muito tempo a aprender a acumular. O espírito de ganância há demasiado tempo é hóspede da casa. É um dos ídolos, e, quando for demolido, haverá pranto e lamento por causa da sua morte. Mas, pouco a pouco, a alma será ensinada a compreender que tudo o que junta a si e que não pode usar será droga no mercado do céu. Ora, lembrai-vos disso, cada um de vós. Se tendes um dólar a mais do que sabeis o que fazer com ele, livrai-vos dele o mais depressa que puderdes.

P. Não poderiam as leis humanas ser elevadas para harmonizar com as naturais ou divinas, garantindo essa distribuição equitativa da terra, em quotas proporcionadas à população? e não faria isso mais do que qualquer outra coisa para abolir a pobreza, a degradação e o crime da sociedade, e para estabelecer justiça, abundância, harmonia e felicidade entre os homens?

R. Sim, mas, como já disse, só pode ser feito por graus lentos. Não pode haver reviravolta súbita nessa direcção. Tem de ser levado a cabo por um processo de desenvolvimento lento e uniforme. Por nenhuma possibilidade se poderá fazer de outro modo e ficar assente em base firme.

Por Joseph Lowentball, 29 de junho de 1868.

P. Têm os espíritos poder de visitar outros planetas?

R. Têm, certamente.

P. E visitam-nos?

R. Sim.

P. E regressam a este planeta?

R. Regressam.

P. As inteligências de lá são instruídas como as daqui?

R. Muitas delas, dizem-nos, são muito instruídas. Algumas estão adiantadas, em muitos pontos, relativamente aos filhos da Terra. Em alguns planetas, as artes e as ciências estão muitos passos à frente do que tendes aqui. Seria muito egotista supor, no estado atual da inteligência, que esta pequena Terra fosse o único dos corpos celestes povoado por seres inteligentes, que saíram da meninice da raça e entraram na sua virilidade e feminilidade.

P. Ao visitar outros planetas, têm os espíritos a mesma capacidade de entrar na esfera externa do planeta que têm na esfera da Terra?

R. Disseram-me que encontram muitas dificuldades em tais expedições, mas que todas são superadas com êxito pelos perseverantes.

Por Theodore Parker, 30 de junho de 1868.

P. Quando o espírito deixa o corpo — se for muito puro — não ascende a grande altitude acima da atmosfera e vive no elemento chamado eletricidade? E, se o espírito é grosseiro ou não progredido, não é obrigado a permanecer sobre ou perto da Terra até se purificar?

R. Não é necessário que a alma passe para fora da atmosfera da Terra para habitar o estado mais elevado do céu. A atmosfera que pertence particularmente à alma pode ser encontrada em toda a parte. Não há lugar especial reservado para ela. Tem existência onde quer que haja harmonia. Sempre e em todo o lugar em que a alma é feliz, em que repousa em estado de contentamento e paz, aí está nessa atmosfera rarefeita a que chamais céu. Não é necessário que a alma se eleve, passe para além da atmosfera terrena, a uma outra mais rarefeita e elétrica pertencente às coisas humanas. Tendes tanta propensão a confundir as condições que pertencem à mente com as que pertencem à matéria, que é quase impossível fazer-vos compreender que o céu, ou a atmosfera em que a alma vive, não é uma localidade. Pode estar aqui; pode estar a milhões de milhas; pode estar em toda a parte. É ideia errada haver uma terra para onde a alma gravita após a morte, sessenta, setenta, cem ou mais milhas fora da atmosfera terrestre. Isto é raciocinar de um ponto de vista inteiramente material, e a alma não toma parte nele.

P. Dizeis que a alma sempre existiu como entidade individual — isto é, existiu em embrião antes da concepção. Não será esse o caso de todos os germes organizadores de vida, quer vegetal quer animal?

R. Sim, assim creio.

P. A inteligência controladora afirmou, recentemente, que a força motriz que controla o corpo atua fora do corpo e o controla e guia como o músico ao seu instrumento. Se assim é, porque nos foi dito de modo diferente — isto é, que o espírito existia dentro do corpo e o deixava na morte? Além disso, se o espírito existe fora do corpo, de onde veio? Emanou do corpo, ou existiu como entidade antes da existência do corpo?

R. Ambas as afirmações são igualmente corretas. Permitti que ilustre. Há um princípio de vida dentro da flor, e esse princípio de vida existe para além dos limites externamente visíveis da flor. Não está confinado inteiramente ao interior, mas vai para além dos limites materiais da flor, está ligado à forma, pertence à forma. Alguns espíritos exercem o seu poder sobre a sua máquina, o corpo humano, do exterior para o interior, enquanto outros exercem o seu poder do interior para o exterior. Alguns trabalham de dentro para fora, outros ao contrário. Não há duas almas a tocar estes instrumentos humanos exatamente do mesmo modo. Cada uma varia.

Pode parecer ao observador exterior que o executante musical atua sempre do exterior para o interior, mas isso é erro. Tanto quanto os vossos sentidos externos podem perceber, sim; mas há sentidos que vão além deles. Eu conheço muitos executantes musicais que executam do interno para o externo, mesmo nas coisas rudimentares desta vida. É comum, e vós não podeis senão medir tudo pelos vossos sentidos humanos, e tudo o que não puder ser medido por eles não o podeis compreender. A alma ilude esse poder. Não a podeis apreender. Não a podeis deitar nas balanças dos vossos sentidos humanos para ser pesada. Não a podeis trazer para o âmbito do vosso entendimento analítico para ser analisada. Não a podeis matar; ela escapa à morte. É uma inteligência subtil que predomina sobre todas as coisas. Creio que sempre teve existência e sempre terá. Enquanto espírito controlador, envolvo este sujeito e atuo do exterior para o interior. Aproprio-me de todas as faculdades do seu ser, mas faço-o a partir do exterior.

Uma certa parte da minha vida é absorvida, mas é uma parte muito pequena. Há outros espíritos que são largamente absorvidos, tanto que

são obrigados a agir do interior para o exterior. Isso porque a lei da vida do sujeito tem poder controlador mais forte do que o do espírito estrangeiro externo. Eu fico do lado de fora e extraio as forças, enquanto outros são atraídos para o interior e projetam as forças. O sol derrama os seus raios sobre a Terra e chama do seu glorioso celeiro, mas certa porção dos raios do sol é absorvida pela Terra. Estudai a partir do grande volume da Natureza. Está aberto; é livre; e quem o quiser fazer seu tem de o estudar seriamente por si.

P. A diferença que vemos na capacidade natural ou nas mentes dos homens deve-se inteiramente à organização e às circunstâncias, ou há, desde o princípio, mais elemento de alma, espírito ou mente em uns do que noutros?

R. A alma, quando se exprime por condições terrenas, é obrigada a conformar-se à lei das condições terrenas e, como todos os sujeitos terrenos, ou corpos humanos, variam em carácter e em ser, assim a expressão de duas almas não pode ser exatamente igual. E, como todos os corpos são constituídos de modo diferente, assim o são todas as almas. Há uma lei pela qual as almas são agregadas, tal como há uma lei pela qual os corpos são agregados. Certos átomos espirituais compõem a alma, tal como certos átomos materiais compõem o corpo. Todas as almas são compostas de modo diferente. As partes componentes da minha alma diferem das tuas. E assim é através da vasta cadeia da vida eterna. Mas o princípio de vida, a essência eterna e onnipresente, creio ser a mesma no bosquímano e no hotentote como no anglo-saxão.

P. Dizem os médiuns que a clarividência se deve à organização peculiar do clarividente. Podereis dizer-nos como ela difere da do não-clarividente? Os anatomistas parecem não encontrar diferença. E, se a causa não está na organização, qual é?

R. Algumas almas têm, de tempos a tempos, o poder de ganhar ascendência sobre a matéria, ultrapassando as suas leis, transpondo os seus limites. Essas almas são capazes de perceber coisas para além dos limites do tempo ou do presente. São capazes de estender a sua percepção ao passado e ao futuro, como ao presente imediato. A esses chamam-se clarividentes, videntes, pessoas dotadas de segunda vista ou vista anormal. Não sei que essas pessoas possuam organização material diferente da de todas as outras. Creio que a faculdade ou poder de

clarividência reside mais no espírito do que no corpo. Creio que é dom espiritual mais do que material.

Por Theodore Parker, 2 de setembro de 1868.

Espírito Controlador. — Em resposta a uma pergunta que nos foi colocada neste local, mas que não foi respondida, será lida uma seleção pelo autor, que tem estado ausente do corpo de carne há cerca de catorze anos, na esperança de que responda às necessidades desse espírito sofrido e o ajude a pensar na direção certa. A pergunta é esta: “É correto que eu, ou qualquer pessoa, procure obter um lar permanente na Terra?” E acrescenta: “Procurei-o toda a minha vida, mas em vão, e cheguei a pensar que não é correto continuar a procurar um lar na Terra. Ainda assim estou em dúvida. Ó anjos, dai-me luz.”

«Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura.»
Heb. xiii. 14. Não há cidade aqui, nenhuma habitação constante

onde depor os nossos corações palpitantes e temores;
não há cidade aqui, onde a mágoa e a vexação
não possam entrar e trazer o peso dos seus cuidados;
nenhum lar de descanso, onde a mudança nunca possa entrar;
nenhum lar que o tempo não possa desfazer;
nenhum laço tecido pelo amor que a morte não consiga quebrar;
nenhum lugar onde as trevas não sigam o dia!

Confiamos na amizade — como o oceano revolto
as ondas do tempo podem depressa desfazer o feitiço;
confiamos no amor — uma palavra, um olhar ou gesto
pode levar embora os sonhos que tanto amamos;
confiamos na fama, e achamo-la apenas uma bolha,
cujos matizes, quando os agarramos, se desvanecem em silêncio;
confiamos na riqueza — é um mar de tribulação;
toma asas e voa num só dia!

Não temos lar, nenhuma região livre de mágoa —
pobres, sem tecto, errantes num deserto lúgubre —
nenhum lugar a que chamar nosso, nenhum doce amanhã,
onde o prazer venha imaculado de uma lágrima.
Sem lar? sem lar? De asa pendida e cansada,
como a pomba solitária que vagueou para longe da arca,

havemos de errar, sempre tristes, sem bênção, sombrios,
sem uma esperança, um raio diurno no escuro?

Ah, não! ah, não! Da larga expansão do céu
um espírito sussurra, através do azul brumoso,
«O Pai tem muitas e espaçosas moradas;
há um lar, um lar feliz para vós —
um lar onde a morte e o tempo nunca podem entrar;
permanece incólume ao voo dos anos,
um fio de bem-aventurança cintila no seu centro;
é a própria cidade de Deus, sem liga de lágrimas.
Ali, nesse lar, nenhum latejo de profunda aflição
pode travar a alegria do coração jubiloso;
mas, docemente cingidos no verdadeiro afecto de Deus,
nada pode romper esses laços que se agarram.

Não temos lar na terra, mas, tristemente impelidos
rio abaixo do tempo, onde a mágoa deixa rasto,
espera, alma triste; há um lar no céu —
um lugar estável, firme e seguro de permanência.
Não choremos, embora a vida nos traga mágoa;
depressa podemos depor a argila pesada.
Temos uma esperança, uma esperança gloriosa para amanhã —
um lar no céu, um lar de dia constante.
Não temos lar na terra; então apartemos
os nossos pensamentos da terra e do seu amor sedutor,
e escutemos a voz do anjo, que sussurra sem cessar:
há acima um lar de constância.

Por Theodore Parker, 8 de setembro de 1868.

P. Andrew Jackson Davis diz: «Nunca permitais que qualquer alma
passe para fora do corpo físico através da agonia de penas ou de
algodão, quer por baixo, quer em pregas à volta do sofredor.» Porque é
que isso lhes causa agonia?

R. As penas possuem grande quantidade de magnetismo animal, e esse
magnetismo mantém a relação entre o espírito e o corpo, por vezes,
durante horas após o momento em que de outro modo teria partido.
Quanto ao algodão, dizem-nos que o excesso de magnetismo vegetal

produz resultados semelhantes. Sabendo isto ser verdade, afastai todos esses obstáculos das pessoas que andam a esvoaçar entre os dois mundos, cujos espíritos ansiosos só são mantidos em miséria aqui pela ignorância.

Por Theodore Parker, 10 de setembro de 1868.

P. Porque é que os acontecimentos vindouros projetam as suas sombras antes? Por exemplo, o escritor sofreu recentemente um desastre, antes do qual continuava a dizer aos seus amigos que algo desastroso ia acontecer; e aconteceu. Pode isto ser explicado?

R. Oh, sim, por princípios científicos. Tudo quanto vive em formas, das quais os vossos sentidos humanos podem tomar conhecimento, viveu numa forma de que os sentidos do espírito podem tomar conhecimento antes de entrar na forma meramente externa. Tudo vive na eternidade, é governado pela lei eterna, existiu no passado, vive no presente e reclama existência no futuro. Para a minha mente, a imortalidade é o dom de todas as coisas. O velho adágio de que «os acontecimentos vindouros projetam as suas sombras antes» é eminentemente verdadeiro, e aquelas pessoas sensíveis cujas vidas internas estão em íntima comunhão com a outra vida são capazes de contemplar esses chamados fantasmas, de reconhecer a sua presença.

Vós chamais-lhes aparições, avisos, e supondes, por vezes, que são especialidades, enviadas por Deus para vos informarem do perigo. Não é assim. É simplesmente o exercício de uma lei científica, e, à medida que entrais no âmbito da lei, reconhecei-la. Milhões de mundos invisíveis, não reconhecidos, existem para além do alcance do olho ou do telescópio. Quando um após outro é trazido para o campo da visão humana, a ciência não pensa em dizer: «Isto é uma interposição especial da providência divina.» Não. O tempo de tal loucura passou. Tudo quanto tem existência, mesmo na forma mais fantasmagórica, existe por força de lei. Não há nada como imaginação — não como a definis. Não há qualquer devaneio não sistematizado em todo o domínio de Deus. Tudo quanto é, é em virtude de lei natural, e, na medida em que compreendeis a lei e podeis entrar em comunhão com ela, nessa medida percebeis aquilo que, no externo, não podeis ver, não podeis ouvir.

P. É possível que uma doença interna — curável — possa ser curada simplesmente impondo as mãos externamente?

R. Decerto que é possível; pois as correntes magnéticas, ou o magnetismo curador usado na imposição de mãos, passa mais do que sobre a superfície da vida animal — permeia o ser interior.

P. Podem lactentes, de poucas semanas, recentemente falecidos, voltar e dar uma mensagem oral inteligível através de um médium? Se sim, queirais dar explicação.

R. Não, não o podem. Isso é uma das coisas que são impossíveis. Se vos disserem que podem, não o acrediteis. A criança de três semanas entra na terra do espírito como bebé, nada mais. Podia ela falar aqui? Não. Podia manifestar inteligência aqui? Não. Então não a espereis, só porque passou pela mudança chamada morte.

Por William E. Channing, 17 de setembro de 1868.

P. Queira a inteligência explicar o seguinte parágrafo: —

«Estranha Alucinação. — Um incidente estranho e surpreendente ocorreu na semana passada, no campo, algumas milhas a norte de Corinth. Um Sr. Mangrum matou um jovem durante a guerra, e há poucos dias o Sr. Mangrum estava numa batida ao veado e, estando numa das esperas, viu um objeto aproximar-se dele que tanto o alarmou que levantou a arma e disparou.

O objeto, que parecia um homem coberto com um lençol, continuou a avançar para ele, quando puxou das pistolas e esvaziou todos os canos contra o fantasma. Não parecendo que os tiros surtiram efeito, trepou a uma árvore para escapar. Quando estava a pouca distância para cima, o objeto branco estava de pé sob ele, com os olhos fixos nele, e ele declarou que era o espírito do jovem que matara. Mangrum ficou tão abalado com o olhar firme do olho que ele próprio fizera gelar na morte que desmaiou e caiu da árvore. Os amigos levaram-no para casa, o fantasma seguindo e parando diante dele constantemente, cuja visão fazia aflorar à mente, com tal força, a lembrança da sua culpa, que ele morreu em grande agonia após dois ou três dias de sofrimento.» — Corinth (Miss.) Caucasian.

R. O redator do artigo parece crer que este fenómeno não passa de alucinação, algo de irreal, um desvario do cérebro. Vós, Espiritualistas — vós, cujas mentes foram esclarecidas quanto à ciência da vida aqui e da vida no além —, sabeis melhor. Sabeis muito bem que não só é possível ao espírito regressar, como é de todo provável que, em tais

circunstâncias, regresse e, se o assassino tiver quaisquer poderes mediúnicos, se sirva deles. Ora, se o espírito fosse benigno e não conservasse espírito de vingança para com o assassino, seria impossível ao espírito procurar fazer mal ao assassino.

Mas, se o espírito de vingança permanecer com o espírito desencarnado, seria a coisa mais natural do mundo que procurasse encontrar expressão aqui e, encontrando meios por que se expressar, os utilizaria. Isto não é milagre; é uma das manifestações legítimas do vosso tempo; filha da lei, perfeita em si, e sujeita apenas à grande lei do universo. Mentes ignorantes podem trocar de tais manifestações, mas, quando a sua ignorância tiver partido, a sua troca terá partido também.

P. Podem os espíritos no outro mundo exercer o seu poder para levar as pessoas a fazer o mal?

R. Podem, certamente, e exercem esse poder em grande escala.

P. Não podem também as boas influências exercer o seu poder para as levar a fazer o bem?

R. Podem, decerto; mas, se no sujeito usado existe a propensão para fazer o mal, essa propensão atrairá muito provavelmente para si um mal semelhante. Portanto, a pilha ficaria completa, e o espírito não desenvolvido alcançaria controlo perfeito.

P. A boa influência não teria poder para contrabalançar a má?

R. Nem sempre. Nenhuma boa influência pode quebrar qualquer lei, nem infringir qualquer lei.

Por William E. Channing, 22 de setembro de 1868.

P. Porque é que, nas sessões públicas, os nossos amigos não vêm tão frequentemente como estranhos?

R. Se por sessões públicas referis este lugar, podemos assegurar-vos que todos os amigos íntimos das pessoas que aqui se reúnem de tempos a tempos estão proibidos de comunicar.

P. Refiro-me a outros círculos.

R. Então pergunta à tua própria individualidade porque é assim. Serias tão propenso a comunicar informações privadas, isto é, domésticas, aos teus amigos quando estivesse presente qualquer número de estranhos?

Certamente que não. Nove vezes em dez sentirias um recato retraído que superaria o teu desejo de encontrar os amigos e comunicar com eles. Ora, todos os espíritos que desejam comunicar com os seus muito amados que passaram além do véu devem lembrar-se de que esses amigos continuam humanos. Possuem todos os atributos da natureza humana. Prefeririam encontrar os seus amigos em privado a fazê-lo em público. Portanto, se desejais ficar satisfeitos com as comunicações que podem ter lugar entre os vossos amigos e vós, encontra-os em privado e assegura-te de que escolhes os melhores instrumentos de que tenhas conhecimento, pois os muito melhores não são bons de mais.

P. Queira definir a Divindade. Na vossa invocação pareceis dirigir-vos a um Espírito Eterno; gostaria de ouvir esse Espírito definido.

R. Só posso definir Deus para minha própria satisfação, não para a satisfação de qualquer outro indivíduo no universo. Para mim, Deus é o poder vivo e eterno do bem que vejo por toda a parte. Vejo esse poder nas flores, nas rochas, no ar, em tudo o que contemplo. Em todas as coisas com que entro em contacto reconheço esse poder. Para mim ele é o bem; é Deus. Para mim, «há algo de bom em todas as coisas». Neste sentido, sou materialista. Não creio num Deus à parte das suas obras. Não creio num Deus fora da natureza; creio num que está em nós e à nossa volta, e em tudo com que entramos em contacto. Para mim, isto é Deus. Podeis chamar-lhe Jeová, ou Brama, ou o nome que quiserdes, mas é o grande espírito vivo que permeia todas as coisas e a todas controla.

P. Porque não temos melhores médiuns, sendo tão essencial que os tivéssemos?

R. Porque não sabeis cuidar dos que tendes. Quando estes forem devidamente cuidados, e não mimados no sentido errado; quando forem devidamente compreendidos e educados por vós para o reconhecimento da vida divina, então, sem dúvida, o mundo espiritual exercerá o seu poder para desenvolver mais. Agora, mal podeis cuidar dos que tendes. Portanto, não peçais mais do mesmo jaez, nem de melhor jaez. Não cuidaríeis deles melhor. Se o Jesus de outros dias retornasse, exercendo hoje o seu poder tangível sobre a humanidade, reconheceria a humanidade esse poder? Reconhece-o? Não. Jesus diz: «Venho para os meus, mas os meus não me recebem.»

P. Se Jesus é realmente uma pessoa, e aqui entre nós, porque não vem a estas sessões e responde a estas perguntas? Não estaremos agora intelectualmente aptos a aceitá-lo, se o fizesse?

R. Seria isso mais satisfatório? Creio que não. Acrescentaria o mero apor do nome de Jesus Cristo a qualquer verdade algo à sua verdade? Certamente que não.

P. Viria ele, se fosse convidado?

R. É possível, e talvez provável. Não deveis entender que Jesus Cristo, em pessoa, como espírito distinto, não pode voltar e manifestar-se aos mortais, pois pode, decerto. Aquele que, pela tutela da verdade, tinha compreensão tão clara destas coisas, lá atrás no passado; aquele que podia ver através das trevas desse passado, vê igualmente bem através da luz mais clara de hoje; e o mesmo poder que foi tão potente noutros dias não é menos hoje. Jesus Cristo vive hoje, como viveu há dezoito séculos. Tem os mesmos dons, o mesmo amor, a mesma sabedoria; mas — se viesse in propria persona como espírito, anunciando-se como o verdadeiro Jesus Cristo de outros dias — fá-lo-ia compreender? Imediatamente se ergueria o clamor de blasfémia; mãos levantar-se-iam, por toda a parte, em santo horror; e, contudo, este manso e humilde Nazareno caminha no vosso meio todos os dias. Ficai certos disso.

Por William E. Channing, 24 de setembro de 1868.

Presidente. — A seguinte questão foi-nos enviada para publicação, com o pedido de que algum Espiritualista a pudesse esclarecer, se possível. Apresentá-la-ei aqui.

P. São os elementos no mundo além subjetivos ou objetivos? Isto é, comunicações vindas supostamente da terra do espírito afirmam que ali existem árvores, montanhas, rios e flores. Existem eles simplesmente na imaginação, subjetivos, ou são uma realidade, objetivos? Se entráis no meu salão, vós, como os outros, concordais que há janelas, cadeiras e quadros na sala; tomai toda a comunidade, ricos e pobres, instruídos e ignorantes, bons e maus — todos concordarão no mesmo facto geral. Se existe um mundo espiritual, e os seus ocupantes realmente comunicam connosco aqui na Terra, porque é que, pergunta o incrédulo, os espíritos não concordam unanimemente, como acima, quanto à realidade tangível das coisas que se supõe existirem na sua esfera?

R. Todos os fenómenos da natureza, e todas as formas na natureza que têm existência convosco, têm também existência objetiva no mundo espiritual propriamente dito. Há coisas, lugares no mundo espiritual, bem como pensamentos. O pêssago e a pera, a gloriosa árvore da floresta, a montanha e o oceano, não existem apenas na imaginação do espírito, ou na memória do que foi. Mas são realidades vivas, tangíveis, presentes. O vosso correspondente pergunta porque não concordam todos os espíritos sobre este assunto. É muito claro porque não. A pradaria do oeste está longe de ser uma cidade do leste. Isso admiti-lo-eis.

Um homem selvagem da vossa pradaria ocidental, quando lhe falam das multidões de seres inteligentes que enchem as vossas cidades do leste, duvida, não vos pode crer. E, se passasse ao mundo espiritual sem conhecer tais cidades do leste, voltaria dizendo-vos que o seu mundo espiritual era uma pradaria ou um campo de caça. Não deveis esquecer que o mundo espiritual é apenas uma condição de ser, tal como o vosso mundo aqui. Há lugares onde não há árvores, nem flores, nem legumes, nenhuma das belezas da natureza, nada que fosse belo para vós, e há espíritos inteligentes a habitar tais lugares. Se têm o poder de regressar, voltarão relatando que não há belezas naturais no mundo espiritual, nenhuma paisagem natural.

Ouviram falar dela, mas não a viram. É tudo imaginação. E assim é para eles. Mas, para os que foram mais felizes, não é imaginação. A criança feliz que regressa da terra do espírito falar-vos-á das flores, dos pássaros, das gloriosas perspectivas espirituais, de tudo quanto alegra a alma. Talvez, ao fôlego seguinte, outro regresse, dizendo: «Não há flores, não há frutos; nada vejo desse género. O meu lar espiritual não fornece nada desse género.» Terá algum mentido? Não; ambos vos disseram a verdade. O vosso lar espiritual está longe de ser o lar espiritual de qualquer outro espírito. As vossas envolvências dependem de vós mesmos. Sois atraídos, por uma lei espiritual de gravitação que não podeis frustrar, para os vossos lugares próprios no mundo espiritual. Esse lugar tem a sua paisagem natural espiritual, ou carece dela. Talvez haja árvores e flores, relvas e rios; talvez não.

O grande rolo de revelações espirituais está rapidamente a desenrolar-se, e, lentamente, as brumas e névoas da vossa antiga superstição hão de dissipar-se. Acreditais num Deus pessoal, sentado num grande trono branco. Hão de, a seu tempo, pôr essa falsa ideia debaixo dos vossos pés e abraçar uma mais racional. Tão depressa quanto a luz da sabedoria e da verdade de Deus brilha nas vossas almas, tão depressa

podeis perceber a verdade em toda a sua simplicidade. Dizemo-lo vez após vez: há coisas belas no mundo espiritual — árvores, flores, relvas, frutos; tudo quanto tendes aqui se acha fielmente representado ali; disso podeis estar certos.

Por William E. Channing, 29 de setembro de 1868.

P. Estão todos os que foram mais puros em vida e carácter aqui, e consequentemente mais exaltados na vida espiritual, de acordo convosco na busca de propagar a filosofia espiritual? e, se não, porquê?

R. Jesus disse: «Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.» Creio que aqueles que são verdadeiramente puros nas suas vidas interiores não podem deixar de ver Deus em toda a parte. À medida que a alma avança em pureza e perfeição, percebe cada vez mais das verdades de Deus, aquelas que antes chamava ocultas, misteriosas. Torna-se cada vez mais plenamente conhecedora da ciência da vida, não só da vida que é, mas da que foi e da que há de ser. Pureza, bondade, perfeição, para mim, são uma e a mesma coisa. São apenas termos usados para expressar os atributos de Deus através da humanidade.

As inteligências que partiram desta terra com pensamentos puros, com desejos santos, com o seu íntimo elevado acima das trevas da vida humana, não podem deixar de perceber este anjo, o Espiritualismo, na sua verdadeira luz; e, vendo-o e entendendo-o como a voz de Deus para os filhos da terra, se forem leais à sua pureza de alma, farão tudo o que estiver ao seu alcance para fazer avançar o carro do Progresso, no que ao Espiritualismo diz respeito. As fileiras estão bem preenchidas no mundo dos espíritos. Esse vasto exército que procura beneficiar os povos da terra sabe que o Espiritualismo há de ser o Salvador desta era. Sabem que é a luz pela qual a alma há de entender algo dos mistérios da piedade e, sabendo-o, trabalharão zelosamente na causa.

P. São os opositores desta teoria — isto é, as igrejas e os pregadores da Cristandade — assistidos por espíritos?

R. São. Ninguém fica de fora do Espiritualismo e dos espíritos desencarnados.

P. Diz-se-nos que o espírito do homem sempre existiu em estado individualizado; que tudo o que tem princípio tem fim; mas que o homem, como ser imortal, sempre existiu. Se entendi bem, então perguntaria: terá

o homem, em algum estado anterior de existência, sabido mais do que sabia ao nascer neste mundo?

R. A alma, em essência, é de Deus; sempre foi, é, e creio que sempre será. Mas essa individualidade externa através da qual a essência se expressa muda perpetuamente. Está sujeita à lei da mudança e, desde toda a eternidade passada, tem passado por um número infinito de mudanças. Creio na eternidade da alma — passada, presente e futura —, mas não na eternidade da individualidade que pertence ao presente. Nenhuma alma pode reivindicar possuir uma individualidade eterna. A nossa imortalidade, aquilo que pertence às nossas vidas interiores, é de Deus, imutável, perfeita.

P. Que é progresso? Poderá o espírito do homem ter vindo a progredir por todas as idades infinitas da eternidade passada e, ainda assim, entender tão pouco à sua entrada no nosso mundo?

R. Progresso, para mim, é simplesmente outro termo para mudança. A alma progride em ciclos, como toda a vida. Repete-se vezes sem conta, revolvendo sempre em torno do seu centro, Deus, e a cada revolução assume vida mais nova, exhibe atributos mais perfeitos, estende-se mais longe no infinito, torna-se mais sábia, torna-se, no exterior, mais santa.

P. Gostaria que nos desse a sua ideia de um poder que algumas pessoas têm há anos, pelo qual, se disserem a outra que uma mesa está mais pesada do que o seu peso habitual, essa pessoa, na maioria dos casos, reconhecerá que há um poder invisível sobre a mesa, tornando-a bastante pesada, não chegando o que fala a tocar na mesa nem usando conscientemente o seu poder de vontade.

R. Espíritos desencarnados têm o poder de acrescentar às leis da gravitação natural e de delas subtrair. Por exemplo, certos espíritos têm o poder de tornar esta peça de mobiliário (a mesa) muito leve ou muito pesada, mas o poder só pode ser usado através de certos organismos físicos. Muito provavelmente, o indivíduo de que falais possuía o poder requerido.

P. Pode este poder ser aplicado com êxito à remoção de doença à distância, por meio do envio de uma carta?

R. Decerto que pode. Pelo Rev. Henry Ware.

P. Alguém afirma que os espíritos têm de preparar a pessoa que há-de tornar-se médium, espiritualizando as suas forças antes que possam manifestar-se por seu intermédio. É facto? e qual a substância usada no seu treino?

R. Não tenho por sabido que a mediunidade seja coisa de arte. Para mim, pertence à vida e à natureza, e espécie alguma de treino pode-lhe alterar a qualidade. Espíritos desencarnados experimentam muitas vezes com médiuns, mas não para que possam mudar as forças mediúnicas — e sim para as entender. Não para fazer de alguém um médium, mas para aprender a usar os poderes já existentes. Os médiuns são-no desde a concepção. É um poder sobre o qual não tiveram controlo, e no qual não tiveram voz alguma. É parte da sua natureza e parte da sua vida. Os elementos usados pelos espíritos desencarnados encontram-se a permear os nervos. Essa força subtil que traz o espírito partido à comunhão com os que ainda estão no corpo é o princípio vital do sistema nervoso. Espécie alguma de treino físico o pode criar, ou alterar-lhe as propriedades inerentes. O poder que está dentro pode ser trazido ao exterior, mas é essencialmente o mesmo. E quem vos disser que pode «desenvolver» médiuns, ou fazê-los, ou mudá-los, diz-vos o que é de todo insustentável. Pouco importa de onde vem o ensino. A Natureza e a ciência da vida determinam-no como insustentável.

Por Thomas Paine, 12 de outubro de 1868.

P. A formação da Associação Nacional de Espiritualistas é sancionada pelo mundo espiritual? Por outras palavras, o movimento foi prematuro, ou não? Muitas mentes inquiridoras solicitam resposta concisa.

R. Há sempre maior ou menor agitação antes do nascimento de qualquer ideia, assunto ou condição nova, seja mental, física ou espiritual. O movimento em questão é em si, em parte, prematuro e, em parte, está no limiar do seu tempo próprio. Os espiritualistas e o Espiritualismo estão, de modo nenhum, no presente, unidos. Estão tão claramente separados entre si como a terra está separada e é diferente das estrelas; pertencendo a um grande sistema espiritual, mas tendo individualidades distintas. Os espiritualistas mal têm a primeira ideia verdadeira do que é o Espiritualismo e do que ele lhes exige. Estar unido ao Espiritualismo é coisa muito grande. É abdicar de todas as ideias antigas acerca das coisas do espírito. É estar de pé sobre uma plataforma nova e não experimentada. Quantos espiritualistas, no sentido mais profundo, mais verdadeiro e mais divino, fazem isto? Não conheço nenhum, porque não conheço nenhum que entenda o Espiritualismo como é — a onipotente ciência da vida de hoje e da vida que há-de vir. Este movimento acerca do qual desejas resposta, como disse, é em parte antes do tempo e em parte está no limiar do seu tempo designado. Não creio em procurar forçar coisa alguma à existência antes do seu tempo natural, marcado.

Não creio em procurar forçar um homem ou mulher a crer no que não está pronto para crer, a assinar artigos de fé de que pouco sabe. E, como creio que os espiritualistas ainda não cresceram o bastante para entender o Espiritualismo, creio que ainda não chegou o tempo para a entrada do corpo dos espiritualistas no grande templo em que tão ardentemente desejam entrar. É bom organizar; mas é bom, antes de organizar, entender o que organização significa. É bom entender-nos a nós próprios, e o grande corpo de pensadores ao qual procuramos unir-nos. Não deitaria, por um momento, uma pedra no caminho deste grande curso de progresso; mas conteria as mentes que procuram passar por cima das pequenas coisas para alcançar as grandes. Forçaria cada espiritualista, assim chamado, a estudar os princípios do Espiritualismo antes de procurar aliar-se à grande causa do Espiritualismo, espiritual ou materialmente. Estou bem ciente de que na união está a força e de que, como os espiritualistas precisam de força, precisam de união; mas estou igualmente ciente de que há uma união mais a procurar do que a externa. Quando os espiritualistas estiverem mais unidos em espírito, então, por necessidade, organizar-se-ão no material. Fluirão para essa condição, por necessidade. Mas, enquanto estiverem tão desunidos em espírito, poderão procurar organização permanente, mas hão-de procurá-la em vão. Comece, pois, a organização no interno e trabalhe para o externo. Como está agora? Ora, nem um observador casual se enganará. Enquanto, no comprimento e largura da terra, os espiritualistas estão unidos, talvez, na única ideia de que os espíritos podem voltar e podem comunicar com os seus amigos em mortal, dito isto acerca da sua unidade, dissemos tudo o que podemos.

Por Theodore Parker, 13 de outubro de 1868.

P. A inteligência, que se diz Thomas Paine, afirmou que os espiritualistas estão unidos na crença de que os espíritos podem voltar. Temos provas constantes de que os nossos amigos se manifestam, mediante condições favoráveis. Dizei-nos algo da vida íntima do Espiritualismo, por meio da qual possamos subir um degrau nesta sublime filosofia.

R. O Espiritualismo pertence à vida e está sempre convosco; e, à medida que cresceis no conhecimento das coisas espirituais, nessa medida vindes a entender o que o Espiritualismo é. É sempre bom procurar os dons mais elevados, os melhores lugares na Natureza de onde contemplar Deus e as suas obras. A alma aspira sempre ao melhor — uns a seu modo, outros a outro — e, embora no exterior algumas almas pareçam retroceder, não o fazem jamais. Todas procuram a felicidade,

um estado melhor de ser. O Sr. Paine observou que os espiritualistas estavam profundamente desunidos, excepto num ponto. Creio que é verdade; mas creio também que a unidade virá ao grande corpo dos espiritualistas à medida que cresçam nas coisas espirituais. Tão depressa quanto puserem a letra debaixo dos pés e aceitarem o espírito, assim se elevarão — e não mais depressa; entrarão na posse das belezas mais divinas que pertencem ao Espiritualismo; entendê-lo-ão melhor, fruí-lo-ão mais plenamente e estarão mais intimamente a ele aliados. Agora, como diz o Sr. Paine, estão muito afastados. Os espiritualistas e a sua crença ainda não estão casados, apesar de muitos suporem, sem dúvida, que a sua crença lhes é muito cara. Assim é; mas ainda não se tornou parte da sua vida interior. Todas as coisas na Natureza crescem por graus lentos e distintos e, como o Espiritualismo é da Natureza, tudo o que a ele pertence desdobra-se por graus lentos. A Natureza não dá passos vincados e distintos de atropelo. Não. Lenta e seguramente ela segue pela eternidade; e assim será com o Espiritualismo e com os espiritualistas. Nos anos vindouros, aquelas pessoas que reconheçam as verdades do Espiritualismo hão-de desfrutar essas verdades — estarão desposadas com as suas vidas interiores —, pois essas pessoas terão crescido o bastante para vestir as belas vestes que pertencem ao Espiritualismo; mas vós, espiritualistas de hoje, ainda não sois grandes o bastante. Mas não lamenteis por isso. Estais no alfabeto desta grande ciência da vida, e é preciso aprendê-lo bem antes de poderdes dar o passo seguinte.

Por Father Henry Fitz James, 15 de outubro de 1868.

P. Qual é a ocupação dos espíritos no mundo espiritual?

R. Cada espírito ocupa-se de modo algo diferente de todos os outros espíritos. Todas as várias ocupações que são conhecidas na terra são também conhecidas e estão em ação no mundo espiritual. O artista encontra trabalho connosco, o mecânico — todas as artes e ciências estão plenamente representadas connosco como convosco, só que numa escala maior e mais grandiosa. Não suponhais que, ao depordes os vossos corpos terrenos, deixareis de ser activos como espíritos, pois digo-vos que não. Não há zângãos na grande colmeia do mundo espiritual. Todos são extremamente activos. Sim, o mecânico encontra ocupação lá. Tudo o que a alma se apraz em ocupar-se, achará abundantes meios de alcançar no mundo espiritual.

P. Os que foram professores aqui são professores lá, ou mudam de ocupação?

R. Depende de o professor aqui o ser por espírito, ou só no exterior. Muitos são professores aqui simplesmente pela força das circunstâncias. Tais abandonam a ocupação quando esta vida se finda e tomam outra que lhes é mais congenial. Mas, se o foram por inclinação natural, podeis estar certos de que a continuarão para além desta vida.

P. São todos os que professam ser clarividentes realmente clarividentes?

R. Toda a alma é, até certo ponto, clarividente. A clarividência é atributo da alma, de todas as almas — umas mais largamente dotadas do que outras neste respeito.

P. Há tanto mal existente no mundo espiritual como há aqui?

R. Há mal existente no espírito; disso podeis estar certos. Mas defino o mal simplesmente como o menor bem. Não existe lá a classe de mal que encontrais aqui, mas há um desabrochar das mesmas circunstâncias más no mundo espiritual como aqui. Por exemplo, o bêbedo entra no mundo espiritual como bêbedo. A morte não o muda; apenas lhe tira a casca exterior. Deixa o homem precisamente o mesmo; e assim é no que respeita a todos os males ou erros da vida. O mundo espiritual encontra-vos precisamente onde este vos deita. Não vos tornais santos ao entrar no mundo espiritual quando destes saístes pecadores — de modo nenhum.

P. Que meios são tomados para corrigir o mal no mundo espiritual?

R. Todos os vários meios que a razão humana ou divina pode conceber. Não há prisões no mundo espiritual; não há forcas. A alma não é forçada ao melhor caminho pelo medo, mas sempre pelo amor; e o amor vai sempre acompanhado de sabedoria e justiça. Com estes três anjos, alma alguma pode, por muito tempo, permanecer no mal ou nas trevas espirituais. A alma propensa ao que chamais mal é lenta e distintamente mostrada ao melhor. Todas as consequências do mal são distintamente retratadas à alma em todo o seu poder e, ao mesmo tempo, as consequências de uma vida pura e santa são retratadas à alma. Escolhe então, intuitivamente, o melhor caminho e, se é fraca, não faltam os fortes para lhe dar a mão. Não há levitas no mundo espiritual. Bons samaritanos encontram-vos a cada passo.

P. É universal a ignorância na terra?

R. Certamente que é. Vai de mãos dadas com a sabedoria. Podeis ser sábios em certos pontos e extremamente ignorantes noutros. Cada alma possui certa medida — e essa medida depende das capacidades e características da alma — de sabedoria e de ignorância. Um Daniel

Webster pode ser muito sábio no que toca a Coke e Blackstone, mas muito ignorante da lei moral.

P. Vários espíritos voltaram a mim e relataram que tinham estado deitados num estado de transe, ou sono, durante a sua permanência no mundo espiritual, uns quatro, outros oito, dez ou doze anos. Podeis explicar isso?

R. A alma por vezes permanece numa condição mistificada, enevoada, após a morte. A duração depende do poder interior do espírito para quebrar as cadeias das trevas e libertar-se. O uso excessivo de certos estimulantes aqui na terra há-de tanto mistificar e enevoar o espírito que ele permanecerá durante dias, talvez semanas ou anos, nesse estado nublado, incerto — sem consciência da sua própria condição nem do que o rodeia. Não vos pode dizer se está na terra ou no mundo espiritual. Mas, quando o seu poder interior se afirma, as brumas e nevoeiros começam a dissipar-se.

Por Theodore Parker, 19 de outubro de 1868.

P. Toda a pessoa, ao entrar na vida espiritual, fica unida para sempre a um companheiro conjugal, ou muda o companheiro à medida que mudam a sua condição?

R. Os espíritos crescem e vivem de acordo com a lei da necessidade. Se um companheiro é necessidade absoluta da alma, na terra do espírito, para qualquer indivíduo, podeis estar certos de que o companheiro pode ser achado e obtido. Algumas almas crescem melhor sós por um tempo, ao passo que outras aspiram a essa íntima comunhão e companhia que só se encontra no masculino e no feminino. Há um casamento que pertence à alma. A alma profere o seu próprio cerimonial, faz os seus próprios vínculos e quebra-os sempre que a lei assim o determinar. Ora, não suponhais que qualquer condição de ser, seja ela qual for, casamento ou o contrário, seja eterna, perpétua; porque todos sois criaturas de mudança. Passais de uma condição a outra em virtude da lei da necessidade que vos governa como indivíduos. Uns sobem por um processo, outros por outro. Alguns, para subir, descem aos vales do desespero e, assim, ganham poder para subir, ao passo que outros não precisam de ir lá. Duas almas não se desdobram por exactamente o mesmo processo. Cada alma tem o seu próprio processo inerente de desdobramento, a sua própria lei inerente, e obedece a essa lei à risca.

Não há transgressão possível, nem como pô-la de lado, nem como quebrá-la. Todos têm de sucumbir à lei do seu ser. Se a lei diz que um

companheiro é uma necessidade, a lei o proverá. Disso podeis estar muito certos. Aqui, nesta vida, estais apertados e confinados por convencionalismos que não são conhecidos no mundo dos espíritos. Pertencem às coisas do tempo, e, quando acabais com o tempo, no que respeita a esta vossa vida humana, acabais com esses convencionalismos rudimentares. Passais a uma atmosfera mental mais límpida; gozais de percepções mais puras; podeis ver mais longe no futuro, e o vosso presente é melhor compreendido por vós. Sabeis melhor escolher, do que vos rodeia, aquilo que vos fará felizes. Por Theodore Parker, 20 de outubro de 1868.

P. A quem devemos orar?

R. O poder, o espírito que dá nascimento à oração ensinar-nos-á a todos, individualmente, como devemos orar. Sendo as nossas orações nascidas da vontade divina, alcançarão a fonte a que as destinámos. A alma ora sempre àquilo que concebe ser melhor do que ela própria. Eleva a sua esfera de ignorância à esfera da sabedoria. Na sua fraqueza, ora à fonte de força. Na sua imperfeição, ora à fonte perfeita. Nas suas percepções finitas, ora ao grande todo infinito. Tal como o pequeno regato que desce a encosta da montanha encontra o oceano, assim as nossas orações individuais encontrarão o grande oceano do bem infinito, a presença eterna, o espírito de todo o bem, de toda a sabedoria. Pouco importa o nome com que o designemos. Os nomes contam pouco, salvo enquanto servem para representar ideias. Oramos a Jeová como o espírito passado, presente e futuro de todas as coisas. O brâmane ora a Brama como o Grande Espírito que ele entende. O índio ora ao Grande Espírito que lhe sussurra nos ventos; que ele ouve nas águas risonhas; que vê na folha que cai e na tempestade. E assim por todo o catálogo da vida; toda a alma ora à Divindade segundo as suas concepções da Divindade, e todas as orações da alma nunca deixam de alcançar o infinito, o sapientíssimo, o perfeito pai e mãe de toda a alma.

Por Theodore Parker, 27 de outubro de 1868.

P. Porque é que os médiuns têm de sofrer tanto ao permitirem que espíritos fora da forma se manifestem? Nalguns casos tornam-se mártires vivos.

R. Tudo quanto transcende a ordem habitual da vida humana tem, de necessidade, de produzir sofrimento. As pessoas a quem chamais médiuns possuem um organismo extremamente sensível. Assim tem de ser, porque são sensíveis a coisas para além dos sentidos humanos, e essa exaltação do sistema nervoso produz, sob as mais ligeiras

condições desarmoniosas, dor, aflição. Se a atmosfera mental e moral que rodeia os vossos médiuns fosse perfeitamente adaptada à vida mediúnica, sofreriam muito menos; mas ainda estais na infância do Espiritualismo, da ciência da vida; ainda não sabeis o que deveis fazer pelos vossos sujeitos e o que não deveis fazer. Na vossa ignorância, rodeais-nos do que não deveriam ser rodeados, retirais-lhes o que deveriam ter. Não vos censuramos, porque não sabeis o que é melhor. E, no entanto, a própria miséria por que passam é de novo convertida em bem pelo grande poder que tudo rege na vida. Essas experiências sombrias são aproveitadas pelo mundo angélico para o bem, e alguns dos mais brilhantes dos seus dons mediúnicos desabrocham nas épocas mais sombrias da dor humana. Estas belas flores do solo (aludindo às flores sobre a mesa) germinam na escuridão, no solo rudimentar da crosta terrestre. Mais tarde a planta sai à luz do sol e qual é o resultado? A bela flor, as pétalas delicadas, beleza e fragrância. Utilidade e beleza ali combinadas, e assim é com os vossos médiuns. Por exemplo, vede um Pierpont. Algumas das gemas mais luminosas da sua vida intelectual nasceram no ser objectivo na sua hora mais sombria de provação. Lembrai-vos então de que inferno e céu estão muito próximos um do outro; pois é só pela escuridão de um que somos levados a perceber e a gozar o outro; e, de novo, só pela glória de um é que podemos conhecer a escuridão do outro. Há um poder que governa todas as coisas humanas, que faz bem todas as coisas; e, por muito que as nossas simpatias se excitam por causa das muitas Getsémanis e Calvários pelos quais os nossos médiuns passam, logo que podemos deitar um olhar além do presente e contemplar a glória do futuro, a nossa simpatia e pesar pela sua dor ficam, em certa medida, mitigados.

Por Theodore Parker, 10 de novembro de 1868.

P. Têm os espíritos fluxos de luz colorida a emanar dos olhos e de outros centros nervosos? Se sim, que cores são?

R. Têm, certamente. Cada centro nervoso tem a sua própria luz peculiar, e essa luz tem a sua cor peculiar, e o cérebro combina todas as cores de todos os diferentes centros nervosos. Sois, física e espiritualmente, no que toca à forma, máquinas elétricas; e, por isso mesmo, estais constantemente a exalar eletricidade sob todas as suas formas, projectando todas as suas diferentes gradações.

P. Queira dar ao círculo uma noção simples da natureza do controlo de artista-espírito.

R. Há tantos tipos de controlo de artista-espírito que não sei a qual deles

o vosso correspondente se refere.

Presidente. — Talvez possa explicar o método segundo o qual são dados os desenhos do Sr. Milson.

R. Nesse caso específico, em que a mente do artista terreno não é utilizada, o controlo é, claro está, mecânico. O poder pensante está fora e para além do artista terreno, usando-se apenas a mão. Mas, por vezes, o cérebro do artista terreno é largamente usado, outras vezes em grau muito pequeno; conforme a influência controladora melhor se possa adaptar às vossas condições externas. Às vezes faz-se melhor controlando o cérebro; outras vezes cortando a ligação entre o cérebro e o braço e usando o braço mecanicamente. Há tantos meios pelos quais os espíritos se manifestam, seja de modo artístico, seja de outro modo, que seria impossível enumerá-los todos no curto espaço de que dispomos.

Por Theodore Parker, 16 de novembro de 1868.

Presidente. — A seguinte pergunta é dirigida a Theodore Parker, na vida espiritual: —

Durante a parte final da sua vida terrena, instituiu-se a oração por todas as igrejas de certa denominação sectária para que Deus o convertesse ou o tirasse do mundo. É verdade que essa concentração de muitas mentes, agindo em uníssono para um fim especial, produziu o efeito desejado? A sua saúde foi afectada, ou a sua morte apressada, por essas orações profanas?

R. É um facto científico bem conhecido que o corpo humano é, em muito grande medida, uma máquina psicológica, porque é capaz de ser actuado, para bem ou para mal, por todas as outras mentes. Se um Dr. Newton ou um Jesus de Nazaré podia restituir um corpo doente, dando saúde por influência de uma lei psicológica, é razoável supor que uma contra-influência pudesse igualmente exercer-se, e com igual potência. Durante os últimos meses da minha vida terrena reconheci claramente a nefasta influência psicológica que fora exercida sobre mim a partir da fonte de que trata a vossa pergunta. À medida que me aproximava dos limites do mundo dos espíritos, tornou-se-me cada vez mais clara. Não a reconheci como um mal, mas reconheci-a como um poder usado em conformidade com a lei infinita. Estando eu sob o domínio da lei — em tempo algum isento dela —, tinha de curvar-me perante o seu decreto. A árvore da floresta cai perante a tempestade. Quem dirá que não é bem? O relâmpago fende o carvalho gigante, e creio que é decreto de Deus. Desde que me tornei habitante do mundo onde a lei é mais

compreendida do que aqui, fiquei claramente satisfeito de que a minha vida mortal foi encurtada, talvez muitos meses, em consequência dessa influência psicológica. As suas orações foram ouvidas e atendidas. Foi bem. Mas, como a grande influência controladora da vida faz uso de todas as condições para o bem, fez uso também desta. Cada fase de vida, maior ou menor bem, creio estar nas mãos, ou sob a orientação, do grande poder sapientíssimo do universo — de todos os universos —, e aquilo em que os homens actuam por aparente mal é sempre mudado em bem. Há-de chegar o tempo em que essas mesmas pessoas que actuaram através da sua escuridão hão-de ver precisamente onde estavam e quão perto estavam da justiça, e quão perto eu estava da justiça; sob que luz religiosa ambos nos achávamos. As escamas hão-de cair de todos os olhos a seu tempo, e toda a alma será levada a compreender as suas relações com toda a outra alma e com o grande Deus de onde todos viemos.

Por Professor Hare, 17 de novembro de 1868.

P. Se duas crianças nascessem para a vida terrena, possuindo igualmente boas organizações físicas, morais e mentais, e uma fosse favorecida com todas as vantagens que a civilização pode conceder, enquanto a outra passasse para as mãos do selvagem bruto, e ambas permanecessem na terra setenta anos e então passassem ao mundo dos espíritos, quais seriam as suas condições relativas na terra do verão?

R. Ambas seriam puras, mas de diferentes graus de pureza; ambas seriam sábias, mas de diferentes graus de sabedoria. Cumpre saber que o mundo externo, o mundo da forma em que habitais como humanos, está perpetuamente a chamar para fora, dos vossos espíritos, os seus tesouros. O externo atua sobre o interno e chama a sua beleza. Podeis estar dotados do mais perfeito organismo físico, e do mais perfeito espírito residente, mas, se as circunstâncias e envolvências não estiverem adaptadas para chamar para fora a vida interior, ela ficará dentro. Disso podeis estar certos.

Ora, vivendo aqui, a alma depende da ação externa, da vida externa, das circunstâncias externas para o seu desdobramento, tal como a rosa depende das gotas de chuva, da luz do sol, do ar, para força, para poder desdobrar a sua vida interior no exterior. Julgais que a rosa floresceria belamente num calabouço? Não, não o faria. As flores precisam de sol, sombra, chuva, atmosfera seca, todas as condições variadas da

Natureza para trazer das suas vidas íntimas a beleza que contêm. Assim é com o espírito. A criança colocada entre selvagens dará manifestações selvagens. A alma pode ser idêntica nas duas e, no que for possível à vida física ser idêntica, os corpos podem ser os mesmos. A mesma linha de vida física — a vida geminada — pode atravessar o corpo, mas é a diferença externa, a ação externa sobre o interno, que determina o grau, o feitio da manifestação da alma.

Eis aqui uma grande lição moral e intelectual. É esta: pais e mães, é uma lição para vós; guardiões de jovens mentes, não a passeis por alto, mas sabeis que, assim como chamardes para fora a beleza da vida interior da criança, assim ela há de sair. Não procureis forçar beleza alguma do exterior para o interior. Há lá o suficiente; chamai-o. Dai à criança as devidas circunstâncias externas, as melhores que puderdes. Chamai para fora o divino que está velado no humano, e fareis uma belíssima pintura espiritual, moral e intelectual, asseguro-vos. Vós que quereis ser artistas da alma, desenhai bem aqui, para que possais apresentar uma bela imagem de vida no além.

P. Podem os espíritos, enquanto na forma humana, controlar médiuns e comunicar a amigos à distância? Se podem, queira o espírito explicar como se faz.

R. Alegro-me que a pergunta tenha sido apresentada, porque é uma que desconcertou muitas mentes; mas não entenderam a verdade que mal entreveem. Como disse, o espírito governa a matéria. É superior à matéria e, conquanto renda à lei da matéria, ou forma, tudo o que lhe é devido, não faz mais. Deve entender-se que o espírito, como tal, pode deixar o corpo à vontade e voltar de novo à vontade. Se o pode, pode com igual facilidade comunicar através de um organismo sensível tal como um espírito desencarnado o faria.

Nada há de antinatural; está em perfeita conformidade com a lei natural, como vereis mais tarde, se não puderdes hoje. Ides visitar os vossos amigos em sonhos; comunicais com eles; lembrais-vos, embora aos bocados, desse sonho. Entra na vossa consciência externa, é certo, muitas vezes como um devaneio, e todavia geralmente recordais alguns fragmentos do que a alma tem estado a passar no sonho. Ora, estava o espírito no corpo nesse momento, ou estava longe com o amigo ausente? Respondo, com a maior ênfase: estava longe com o amigo ausente. Pode estar a milhares e dezenas de milhares de milhas; pode estar na terra do espírito; pode comungar com os seus queridos

falecidos. Não sabeis que vós, como espíritos, podeis entrar no mundo da alma e regressar? Digo-vos que podeis. E este dom não é concedido a poucos, mas a cada um de vós.

O lactente sorridente, no seu sonho, encontra muitas vezes os habitantes do mundo espiritual. Sai ele do corpo para manter comunhão com outros? Sem dúvida que sai. Os espíritos são atuados pela lei da atração e repulsão. Suponde, por exemplo, que tendes um amigo em Londres, a quem estais ternamente ligados. Esse amigo pode estar a pensar intensamente em vós. Deitais-vos a descansar.

O pensamento do amigo alcança o vosso espírito e, à velocidade do relâmpago, estais lá, tão presença espiritual como o podeis ser. Poder-se-á perguntar: levais convosco o corpo espiritual? Certamente que levais; não poderíeis ir sem ele; não poderíeis fazer a menor impressão sem ele. Isto explicará as muitas mensagens misteriosas que se supôs virem de um espírito falecido, quando depois se verificou que o espírito estava no corpo.

Há exceções, por certo, como a todas as regras. Não é de modo nenhum impossível a alguns espíritos desencarnados assumirem ser quem não são, e assim imporem-se à credulidade da vida humana. Limito-me a dizer-vos que isto não só é possível de fazer, como é um processo extremamente simples e natural, e tão fácil de realizar como o de eu vos falar através deste sujeito sensível.

P. Falais do espírito como superior à matéria. Que opinião tendes da teoria de que o espírito é, ele próprio, matéria refinada ou sublimada?

R. Assim creio; mas falo dele em contraposição à matéria porque assim fostes educados. Fostes educados a separar os dois, mas, para mim, espírito e matéria são uma e a mesma coisa, sendo o espírito apenas um grau refinado de matéria. Ora, bem sabeis que quanto mais fino, mais subtil é um elemento, mais poderoso é. Portanto, se o espírito for, como creio, matéria refinada, isso não destrói de modo algum a minha teoria, antes a torna, se possível, mais segura, mais perfeita. A matéria está sempre a ascender na escala e, quanto mais alto ascende, mais poderosa se torna. Alguns disseram que o espírito está sempre a ascender através da matéria. Muito bem; chamai-lhe isso. Eu chamo-lhe a parte mais pura, mais subtil da matéria, sempre a ascender, e quanto mais ascende, mais se desdobra, mais poderosa é, e mais pode exercer grande influência sobre todas as formas inferiores.

Por Theodore Parker, 3 de dezembro de 1868.

P. Supondo verdadeira a doutrina da pré-existência, está à opção do espírito o voltar e revestir-se de outra forma terrena? Diz-se que a vida do espírito é muito mais apta à progressão em santidade e pureza e, conseqüentemente, felicidade, do que a vida terrena; então porque voltar?

R. Não; não é opcional para o espírito determinar acerca das condições de ser pelas quais há de passar, e pelas quais há de progredir. Não tendo nós conhecimento de termos alguma vez tido voz acerca da pré-existência, ou, no que a nós, como espíritos, diz respeito quanto ao presente, não é nada irrazoável supor que a mesma lei continuará conosco no futuro. Afirmou-se que o mundo espiritual propriamente dito, ou a condição de ser que está para além dos sentidos humanos, é mais apto ao desdobramento do espírito do que as condições às quais está ligado na vida humana.

Considerado sob certo prisma, isto é verdade; sob outro prisma, não o é. Pois, sabendo nós que só podemos ganhar força pela ação, e retê-la pela ação, sabemos que é melhor estarmos sempre ativos, pouco importando que seja em sentido físico, moral, intelectual ou espiritual. Se não houvesse um menor bem contra o qual a alma guerreasse, os seus poderes em breve decairiam até à insignificância. Disso podeis estar certos. Creio que as experiências pelas quais a alma passa durante a sua jornada na vida humana são absolutamente necessárias ao bem-estar da alma.

Creio que certos poderes da alma são trazidos melhor para fora pelas duras experiências da vida humana do que por qualquer outro modo. Creio que a dor inerente à vida terrena é absolutamente necessária para trazer à luz e avivar e glorificar as alegrias do céu. Falai quanto quiserdes da melhor condição na qual a alma se move no mundo espiritual propriamente dito, sei-o bem; e milhares, sim, milhões de espíritos atestam a verdade desta afirmação: que a alma precisa das trevas da vida terrena; e, à medida que gira de novo e de novo, e a roda corre à roda, ganhamos, a cada revolução, algo mais alto, algo melhor. Podemos atravessar todas as fases do nosso ser, mas, ao fazê-lo, abandonamos algo do nosso menor bem e ganhamos algum maior bem.

Por Joy H. Fairchild, 7 de dezembro de 1868.

P. Quer dar uma opinião acerca do seguinte excerto dos escritos de Swedenborg? «Quando os espíritos começam a falar com o homem, deve ele acautelar-se de não acreditar em nada do que dizem; pois quase tudo o que dizem é por eles fabricado, e mentem; porque, se lhes fosse permitido narrar qualquer coisa, como o que é o céu e como devem ser entendidas as coisas nos céus, diriam tantas mentiras que um homem ficaria estupefacto.»

R. A experiência por que vós, como Espiritualistas, passastes durante os últimos vinte anos deveria responder à pergunta. Se essa não puder, duvido muito de que eu consiga respondê-la de modo a satisfazer sequer uma única alma individual.

Dizer que os espíritos regressam sempre dizendo o que é absolutamente verdadeiro para todos seria proferir o que é falso. Mas dizer que regressam sempre trazendo falsidade seria igualmente falso. Se a morte encontra um homem mentiroso, não o muda. Ele entra no mundo dos espíritos o mesmo mentiroso. Leva consigo tudo o que pertence à sua natureza espiritual. Nada deixa atrás. A morte rouba-lhe apenas os membros externos através dos quais se manifestava. Mas há muitas maneiras diferentes de definir uma mentira. Muitas pessoas decidem muito imprudentemente sobre a verdade e a falsidade.

Somos muito propensos a dizer que uma coisa é falsa quando nada sabemos dela, quando não foi trazida tão perto dos nossos sentidos que pudéssemos reconhecê-la como verdade. Somos muito propensos a apostar o carimbo de «mentira» naquilo que assim nos parece. É um defeito da nossa natureza humana, e um que só podemos ultrapassar pela experiência — sendo postos em contacto com todos os diferentes estados de vida e podendo vê-los a todos com percepção imparcial. Swedenborg foi um excelente vidente no seu tempo. Foi-lhe permitido contemplar muitas coisas pertencentes à vida do espírito, mas de modo nenhum foi um vidente perfeito, porque nunca houve um.

De modo nenhum foi um clarividente infalível, porque nunca houve um. Se o houvesse, ou se pudesse haver, então cessaria a função da vidência. A clarividência teria atingido um estado de perfeição infinita, o que não creio que alguma vez possa, ou venha a, acontecer. Como o círculo da experiência humana gira e torna a girar, não pode haver tal coisa como perfeição absoluta em qualquer esfera de vida. «Alcançamos a sabedoria por graus discretos», diz Swedenborg. Creio nisso. Mas também creio que nunca podemos atingir a mais alta sabedoria. Haverá

sempre algo além, um estado de beatitude a que não chegámos, algo de que não sabíamos, algo que não foi trazido à nossa compreensão. Se todo o espírito regressasse dando precisamente a mesma informação relativamente a factos pertencentes ao mundo dos espíritos, estaríeis vós, como espiritualistas, em melhor situação? Creio que não. Diríeis logo: «Dizem-nos sempre a verdade; podemos sempre depender deles. N

ão precisamos de exercitar os nossos poderes de observação. Estão sempre do lado certo. Deixemo-los guiar-nos.» Ora, eles vêm com toda a imperfeição da vida humana a repousar sobre os seus espíritos, e pelos seus atos, por tudo o que vos dizem e tudo o que fazem convosco, sabeis que continuam humanos e falíveis. Qual é o resultado? Pois, sois mantidos em constante atividade quanto à vossa crença espiritual. Todos os poderes da vossa melhor natureza são perpetuamente solicitados para saber qual é o melhor caminho, qual é a verdade. Em vez de permitirdes que algum outro espírito ou espíritos decidam por vós, uma vez que não podeis depositar neles fé implícita, recorreis a vós mesmos. Medi-os pelas vossas próprias ideias de justiça. Lançai-os aos pratos da balança do vosso próprio ser e pesai-os ali, e, se forem achados em falta, a vossa razão decide.

A vossa razão pode muito facilmente detetar se faltam, ou não, a tudo quanto compõe um ser espiritual perfeito. Não seria bom para vós, como espiritualistas ou cristãos, que vos fosse mostrado de pronto o melhor caminho. A vida é uma luta, e não só uma luta para o mundo angélico, mas uma luta para vós que habitais aqui no tempo; e através dessas duras lutas alcançais conhecimento; tornais-vos sábios por vós mesmos. Não colheis a sabedoria que pertence a outro espírito para a apropriar a vós, mas colheis a que vos pertence como indivíduos. Trazeis para fora todos os poderes da vossa vida interior e tornai-los fortes pela ação.

Pelo Padre Henry Fitz James, 8 de dezembro de 1868.

P. Há crescimento no domínio do espírito, e são os processos de assimilação e educação os mesmos que encontramos aqui nesta condição material? E são as mudanças químicas de algum modo análogas?

R. Há, sim, crescimento no mundo espiritual, e os vários processos pelos quais o espírito passa são de facto análogos aos da terra. Cada espírito recebe de tudo o que o rodeia e dá, por sua vez, a todos. O processo de dar e receber não é de modo nenhum inteiramente da terra. Pertence ao

espírito. Existe através da esfera da mente como da matéria. Todas as várias mudanças químicas pelas quais o corpo — o corpo físico — passa durante a sua peregrinação na vida terrena têm o seu contraponto no mundo espiritual. A química pertencente à terra é representada, divina e espiritualmente, no mundo espiritual. É levada muito além daquilo de que os vossos sentidos humanos podem tomar conhecimento. Há aquela mudança que é, em si, análoga à mudança chamada morte. Há um desgaste gradual de forças espirituais, uma acumulação gradual de forças novas. Não há tal coisa como repouso, no absoluto, em parte alguma do universo.

P. Encerrastes a invocação com o termo «Pai, Filho e Espírito Santo». Como devemos entender isso?

R. O termo é usado simplesmente para transmitir a ideia do passado, presente e futuro — uma vida sustentadora que sempre foi, que é e que sempre será.

P. É o princípio vital manifestado no reino vegetal e animal e no homem o mesmo na essência?

R. Na essência creio que seja o mesmo, mas marcado por graus distintos através da forma. A vida íntima, a essência, o princípio onnipresente que muda as formas da matéria e muda os vossos pensamentos, creio ser o mesmo.

P. Atinge ele as suas mais altas possibilidades quando culmina no homem?

R. De modo nenhum; pois o homem, como tal, está apenas uns poucos degraus acima dos seus irmãos do campo. Somos propensos a sobrevalorizar-nos.

P. Devemos então entender que há raças de seres no universo superiores ao homem?

R. Oh, sim; porque há condições de mente muito superiores àquelas com que entraís em contacto, muito superiores a quaisquer que existam nesta terra, ou em qualquer outra, no presente. A vida é uma escola, e todos somos alunos nela. Nunca abandonamos a escola. O mestre está sempre além de nós, sempre pronto a ensinar-nos algo que ainda não soubemos; conseqüentemente, somos sempre atraídos para fora. Quando atingimos uma altura gloriosa, eis que há mais além de nós.

P. (por um clérigo). Existem seres superiores a Jesus Cristo?

R. Oh, sim, muitíssimos.

P. (pelo clérigo). Que espécie de seres são?

R. Seres como ele, que tiveram experiência mais ampla. É a experiência que se ganha no mundo da mente e no mundo da matéria que faz a glória humana e divina.

P. (pelo clérigo). Esses seres superiores passaram pela humanidade? Foram homens?

R. Sim, assim creio.

P. (pelo clérigo). Então Jesus Cristo não nasceu do Pai, como se declarou, quando disse: «Eu e o Pai somos um»?

R. Oh, sim, nasceu. E tu e eu podemos afirmar o mesmo com tanta verdade; visto que não podemos viver à parte do Pai, visto que não temos existência à parte da dele — a grande existência chamada vida —, nós e ela somos um. Não pode ser de outra maneira.

P. (pelo clérigo). Porque negou ele que os judeus fossem filhos de Deus? como quando disse: «Porque não fazeis as obras de Deus, sois do vosso pai, o diabo.»

R. E com essa declaração mostrou muito claramente que não tinha atingido a mais alta sabedoria; que era humano, como era divino. Pois, se tivesse atingido a mais alta sabedoria, certamente saberia que o judeu e o gentio eram igualmente preciosos aos olhos do grande Pai de todos.

P. (pelo clérigo). Quem foi mais inspirado, Moisés ou Cristo?

R. Seria muito difícil determinar; mas não é difícil determinar quanto à ordem da inspiração. Certamente Moisés não teve uma ordem de inspiração tão elevada como Jesus o Cristo. Ficou muito abaixo dele.

P. (pelo clérigo). Então Jesus não era a luz do mundo, se tinha imperfeições e fraquezas humanas em si?

R. Oh, sim, ele era uma luz do mundo, e uma luz muito grande também.

P. (pelo clérigo). E, no entanto, reconheceis que lhe faltava sabedoria?

R. Certamente, não possuía toda a sabedoria, e, no entanto, difundiu aquelas verdades divinas que havia colhido de tudo o que o rodeava, como nenhum o fizera antes dele. E a luz dessas verdades desce até vós hoje; prostrais-vos e adorai-las; e é bem. Mas, ao adorardes o espírito de verdade, as gloriosas verdades dadas por meio de Jesus, sois muito

propensos também a adorar a forma, o nome. Isso não devíeis fazer. Somos muito propensos a fazê-lo, porque nos é muito difícil separar a vida da forma. Somos mais propensos a adorar a Igreja do que a adorar o espírito da Igreja.

P. (pelo clérigo). A morte é inevitável, ou é consequência do pecado? Pode ser evitada?

R. A morte vem como consequência inevitável da lei natural, não como resultado do pecado. A ciência provou isso ser verdade. A ignorância determina de outra forma. Dizem-nos de uma queda, lá atrás em idades passadas, e, em consequência disso, vieram o pecado e a morte ao mundo. Mas, à medida que a luz de uma dispensação mais nova e mais divina desce sobre nós, vemos a loucura de tal crença. A ciência diz-nos que a morte é o resultado inevitável da lei. A mudança tem de vir a estas formas. Não podem existir no seu estado atual senão um certo tempo; depois têm de ser reconduzidas aos seus elementos primordiais. Não é, de modo nenhum, o resultado do pecado de um par, ou de mil pares.

P. (pelo clérigo). Há tal coisa como ser transladado, como se regista de Elias — que nunca provou a morte?

R. Não; não o entendo assim. A ignorância que rodeava o povo comum desse dia deu origem a tal história. Os sacerdotes, as cabeças da Igreja, sabiam melhor, mesmo então.

P. (pelo clérigo). Então essa é uma história falsa?

R. Absolutamente; falsamente vertida no vosso registo.

P. (pelo clérigo). Jesus ressuscitou com aquele corpo que foi pregado na cruz? ou onde está esse corpo?

R. Voltou aos seus elementos primordiais; viveu de novo e de novo em mil vezes dez mil formas, pelo que sei; mas nunca ressuscitou de entre os mortos, como o vosso registo afirma.

P. (pelo clérigo). Então os apóstolos foram falsas testemunhas?

R. De modo nenhum. Assim o creram porque Jesus tinha o poder de se tornar uma realidade objetiva para aquelas mentes e aqueles sentidos humanos. Ele assumiu condições materiais e estava, para todos os efeitos, a viver e a agir através da forma material. Eles viram-no, tocaram-no; andou com eles e falou com eles. Mas era o corpo literal de Jesus? Oh, não.

P. (pelo clérigo). Não declarou ele a Tomé que «um espírito não tem carne e ossos, como vedes que eu tenho»?

R. Certamente que declarou — assim o registo diz; e convidou um dos seus amigos a meter o dedo no seu lado. Mas não afirmamos que esse corpo — esse corpo objetivo — fosse espírito. Oh, não; era um corpo material que ele ajuntara dos elementos, precisamente como os espíritos fazem, sob certas condições, a partir dos vossos médiuns hoje. Está a fazer-se hoje. Jesus tinha o mesmo poder.

P. (pelo clérigo). Então o anjo que lhes disse «Ele não está aqui; ressuscitou» mentiu?

R. Não; ele não estava ali; ressuscitou. O corpo não era o homem.

P. (pelo clérigo). Que foi feito do corpo?

R. Diz-se-nos que foi levado pelos amigos mais próximos e queridos de Jesus. Eles, como vós hoje, amavam o corpo e não queriam que caísse nas mãos dos seus inimigos.

P. (pelo clérigo). Então os judeus tinham razão ao dizer que os discípulos tinham roubado o corpo?

R. Tinham razão, certamente.

P. (pelo clérigo). Então os apóstolos eram todos mentirosos, e os judeus tinham razão?

R. Não, eles não eram mentirosos; mas os judeus tinham razão.

P. (pelo clérigo). Mas os judeus declararam que os discípulos tinham roubado o corpo, e vós confirmais o mesmo do mundo espiritual.

R. Sim, mas eles não eram mentirosos, porque não disseram «o corpo ressuscitou», mas «ele ressuscitou», querendo dizer Jesus — o espírito, não o corpo. Em parte alguma do vosso registo podeis encontrar algo que determine a ressurreição do corpo. Os discípulos não disseram: «Não roubámos o corpo de Jesus»; disseram simplesmente: «Ele não está aqui; ressuscitou.» E assim era.

P. (pelo clérigo). Mas era do Jesus que foi deposto no túmulo que se falava; claro que todos entendemos que era o mesmo corpo que foi pregado na cruz.

R. Oh, sim, entendeis assim, porque sois propensos a lidar mais com o corpo do que com o espírito. Era o homem o corpo? Direis que sim. Eu

digo que não. Era o espírito pensante, não o corpo. Que tinha Jesus a ver com o corpo morto? Nada de todo. Por isso os discípulos declararam que o espírito vivo ressuscitara; nada disseram sobre o corpo.

P. (pelo clérigo). Mas essas declarações não se coadunam. Ou todo o Cristianismo é uma patranha, ou essas declarações são falsas.

R. No que a Igreja Cristã entende de Cristo há de facto muito erro misturado ao seu entendimento dele, porque têm adorado o corpo; têm falado do corpo; têm rezado ao corpo. Esse tem sido o seu ideal. Eu cria na ressurreição literal do corpo de Jesus Cristo antes da minha morte. Mas agora sei melhor. Todo o mundo cristão foi de facto iludido, mas pela sua própria ignorância — por mais nada.

P. (pelo clérigo). Mas que garantia temos de que não estamos a ser aqui iludidos?

R. Nenhuma — nada a que possais absolutamente fiar-vos.

P. (pelo clérigo). Então podemos declarar que estamos agora a ser iludidos, tal como o mundo cristão foi?

R. Certamente, tendes direito a isso. Incumbe a todos vós pesar e medir tudo pelos vossos próprios sentidos. Nunca creiais num Paulo, ou num Moisés, ou num Jesus por serem quem são. Não acrediteis em mim por eu declarar-me espírito departed regressado aqui para comunicar convosco. Mas crede no que vos parece verdade e ignorei todo o resto.

P. (pelo clérigo). Mas de que serve ter comunicações de espíritos desencarnados, se não podemos depender delas? Se temos de receber as suas instruções pelo nosso próprio juízo, não vejo utilidade nelas.

R. O mesmo podeis dizer quanto a toda a espécie de instrução, venha pela Igreja ou pelo mundo espiritual.

P. (pelo clérigo). Há grande diferença. Nós damos autoridade às nossas.

R. Ah, tendes muito pobre entendimento daqueles do mundo espiritual. Vós, como milhares de outros, pusestes o selo de autoridade divina onde só a da humanidade pertence. Quando aprenderdes que o espírito, após a morte, é humano como antes, então deixareis de esperar tanto deles.

São falíveis, como nós. Não trazem senão as suas opiniões e a experiência que adquiriram no mundo dos espíritos. Nada mais.

P. por um clérigo: Vem um espírito, por autoridade divina, ensinar-nos isto? R.: Tudo o que é ensinado, é-o por autoridade divina.

P. por um clérigo: Não acredito nisso. R.: Tem o direito de não acreditar.

P. por um clérigo: As mentiras não são de autoridade divina. R.: Como acredito num só Deus que rege todas as coisas para o bem, reconheço naturalmente a autoridade divina a perpassar tudo. Portanto, para mim, todo o ensino é de autoridade divina. Para si, pode não ser assim.

P. por um clérigo: As mais infernais mentiras são por autoridade divina?

R.: Tudo o que não concorda com o nosso melhor juízo são mentiras para nós. Não importa o que o sejam para qualquer outra pessoa. Aquilo que não conseguimos conceber como verdadeiro não o é para nós. Os judeus julgaram Cristo um mentiroso. Não assim o mundo cristão. Mas não eram os judeus honestos? Por certo que eram.

P. por um clérigo: Então não existe tal coisa como verdade absoluta? R.: Não, não existe tal coisa como verdade absoluta. Fique certo disso.

P. por um clérigo: Então digo que é do diabo; porque Deus é a verdade absoluta. R.: Mas, como não podemos medir Deus, não podemos trazer essa verdade absoluta ao nosso entendimento e dela fazer uso.

Portanto, não temos verdade absoluta, porque, se a tivéssemos, teríamos todo Deus, o que não temos. O nosso tempo terminou. Temos de o deixar entregue às suas próprias opiniões, confiando em que, com o tempo, sairá, enquanto indivíduo, das trevas que o rodeiam. Tem o direito à sua opinião, como nós à nossa. Estamos todos a marchar para a mesma grande luz da verdade. Estamos todos sob a bênção do mesmo grande Pai. Não importa o que cremos.

Por Theodore Parker, 10 de dezembro de 1868.

P.: Não pode uma pessoa, estando ao lado de outra, beneficiá-la espiritualmente? R.: Certamente. Creio que a missão de Cristo na Terra não foi apenas para os corpos doentes, embora ele tenha curado os enfermos e devolvido a vista aos cegos. Fez muitos chamados prodígios no plano material, mas fez muitos mais no plano espiritual. Era capaz de curar o espírito, de o restaurar ao estado normal ou feliz; e o que é verdade acerca dele é igualmente verdade para todo o outro médium curador.

P.: Jesus disse: “Eis que há dezoito anos Satanás prendeu esta mulher.” São todas as doenças ataduras de Satanás? R.: Sim, tanto as pode chamar assim como outra coisa qualquer. As ataduras da ignorância, ou do bem menor, tanto podem ser chamadas Satanás como Lúcifer. Qualquer nome que lhes dê, é ainda ignorância. Continua a ser o bem menor.

P.: Swedenborg diz que toda a doença é comunicada por espíritos maus. Tem razão? R.: Tem razão, só que é mal compreendido. A doença é

espírito e, por o tornar infeliz, é mal. Portanto, é ação de um espírito mau. A batata apodrece na terra. É afetada por um espírito mau. Esse espírito mau atravessa toda a criação vegetal, o mineral, o animal, o espiritual. Mas sempre foi, e é até ao presente, largamente mal compreendido. Decerto está ciente disso.

Por Padre Henry Fitz James, 17 de dezembro de 1868.

P.: A Divindade é um ser, ou é um princípio que pervade toda a Natureza? Se for o último, por que a trata como um ser, na invocação?

R.: É igualmente verdadeiro que o nosso Deus é pessoal e também impessoal. Uma vez que o poder de Deus, ou a vida de Deus, está em toda a parte, ele, ela ou isso é, naturalmente, personificado em toda a parte. Acredito no culto de tudo quanto é digno de culto. Se for a flor, adoremos ali. Se for a alma humana, adoremos ali. Se for um pensamento elevado, adoremos ali. Onde quer que vejamos algo, ou percecionemos qualquer estado, quer de mente quer de matéria, que seja digno de adoração, aí devemos adorar. Todos os espiritualistas, creio, consideram Deus um princípio infinito que pervade todas as formas, ocupando todo o espaço. Creio nisto. Nada vi, durante a minha vida no mundo dos espíritos, que me levasse a crer de outro modo. Não o cria quando aqui estava. Mas o Livro da Vida foi-me tão amplamente aberto desde a morte que não posso chegar a outra conclusão senão a de que Deus é um princípio que pervade todas as formas e ocupa todo o espaço. Deus está na atmosfera, e é a atmosfera. Deus está na luz do sol, e é a luz do sol. Deus é o sol e a sombra. Ele é tudo, e está em todos os lugares. É absolutamente inútil tentar confinar Deus a qualquer lugar ou estado particular de ser, pois, se o pudéssemos fazer, roubaríamos a Deus o poder divino. Prenderíamos de imediato este grande princípio eterno, esta vida infinita, a um espaço finito. Trazê-lo-íamos de pronto para o âmbito da análise humana. E eu, por mim, dou graças por não o podermos fazer. Mas temos estado tão habituados a dirigir-nos a esta Divindade, a este Poder da Vida, como se fosse um homem ou uma mulher, uma personalidade como nós, que é muito difícil mudarmos de rumo; e, na verdade, não seria bom fazê-lo, porque, como disse antes, o nosso Deus é um Deus pessoal e, portanto, é adequado que assim nos dirijamos a ele.

Por William E. Channing, 21 de dezembro de 1868.

P.: Não haverá em breve uma comunhão mais nítida entre a vida espiritual e a vida terrena? R.: Se o seu correspondente pretende perguntar se, muito em breve, não haverá uma comunicação mais geral

e direta entre esta vida e a que há de vir, respondo: à medida que estiverem aptos a receber comunicações de espécie enfática do mundo dos espíritos, recebê-las-ão. Parece supor que esse mundo se situa longe de vós, quando, na realidade, está no vosso meio, e as comunicações que de lá vêm estão tão intimamente ligadas às vossas próprias almas quanto é possível estarem. Toda a alma procura luz do mundo espiritual, novas revelações acerca desta fé moderna; espera constantemente algo de maior, algo mais claramente definido, algo que responda mais definitivamente ao apelo da natureza humana, algo que apele enfaticamente aos sentidos. Isso é bom. E serão realizadas as suas expectativas? Creio que sim. O mundo dos espíritos está constantemente a fazer grandes esforços em vosso favor. Estão a formar-se sociedades por todo o nosso mundo espiritual para o vosso bem, para o bem de todas aquelas mentes que se acham cingidas por torrões de barro. Um grupo de mentes pode ser alcançado de uma maneira, e outro grupo de outra; uns exigem o abecedário da ciência da vida; outro grupo exige algo mais elevado, e assim por diante. Todos estão a pedir certos graus destas revelações espirituais. Toda a alma será atendida, creio eu, a seu tempo.

P.: Se o Espiritualismo fosse provado falso, que efeito teria sobre a história da Bíblia? R.: Ao meu ver, teria um efeito muito sério, porque pela e através da vida do Espiritualismo — o Espiritualismo antigo — a Bíblia tem a sua existência. Vive disso, se é que vive. Logo, provar que o Espiritualismo era falso seria provar que todas as ocorrências registadas na Bíblia eram igualmente falsas; pois todas elas assentam sobre a plataforma espiritual e existem por vida espiritual, se é que existem de todo.

Por Theodore Parker, 22 de dezembro de 1868.

P.: Porque é que os médiuns não conseguem dar nomes completos tão bem como partes de um nome? R.: Há várias razões pelas quais isto nem sempre pode ser feito com sucesso. Em primeiro lugar, há muito poucos médiuns através dos quais a cheia completa de informação espiritual e pessoal, ou inspiração — chame-lhe como quiser — possa ser recebida. Marque bem: são muito poucos os através dos quais a vaga inteira — pode vir em ondulações, pode espumar à beira e quebrar — mas a onda completa só pode vir através de muito poucos, em comparação com o grande todo. Suponha agora, por exemplo, que eu estivesse a escrever uma comunicação pela mão de um médium. Posso ter o que chamo controlo magnético; isto é, posso ter conseguido cortar a corrente elétrica e magnética que percorre o braço e daí ao cérebro,

transmitindo assim impressões. Assim, poderia ter uma mão e um braço para usar como usaria um lápis. E então? Pois o médium está a olhar, vê o que está escrito e sabe, nove vezes em dez, quando o poder está a diminuir, por causa do tremor que atravessa o braço. O espírito exterior está a perder o controlo e o espírito interior volta a assumi-lo. O médium consegue perceber isso e então diz: “Esta mensagem está quase terminada. Agora, pergunto-me que nome lhe será apostado.” Aí surge o obstáculo que muito interfere com a apresentação do nome. O cérebro positivo é exercitado; conseqüentemente, ele não pode ser dado. Quando os médiuns aprenderem a filosofia disto, agirão de outra forma. Hão de assegurar que as suas vontades se abstraem do trabalho do espírito. Se o fizerem, será muito mais fácil ao espírito concluir o que começou. É difícil dar um nome porque, nesse ponto, o espírito do médium torna-se positivo. As forças do espírito diminuirão. Quase esgotaram o seu poder no médium e, precisamente quando vão terminar e assinar o nome, como disse, o poder positivo do médium intervém e interfere; e assim não obtêm o nome. Não digam agora que há fraude porque não conseguimos o nome. Antes digam: é algo que não entendemos. Vejamos isso, analisemo-lo, pesemo-lo e meçamo-lo, mobilizemos todas as faculdades de que dispomos para descobrir a causa desta comunicação deficiente. Se tomassem metade do trabalho para isto do que tomam para censurar, seria muito melhor para vós e para nós. Perdoem-me; sou um indivíduo franco, habituado a dizer a verdade em termos muito claros.

P.: Como é que alguns espíritos conseguem controlar tão cedo depois de deixarem a forma? R.: Alguns espíritos têm a sorte de ter amigos espirituais que sabem regressar, que entendem o *modus operandi*. Conseqüentemente, trazem os seus amigos a certos médiuns que, sabem, hão de assimilar-se com a sua vida magnética. Qual é o resultado? Pois são forçados a voltar diretamente pela via mediúnica, queiram ou não. [Forçados, diz?] Sim, essa é a palavra que tencionava usar.

P.: Perguntei porque me tem parecido como se alguns espíritos fossem forçados a tomar posse deste médium. R.: São absolutamente forçados. Entram no poder de atração magnética do médium, e isso força-os, de modo absoluto, a entrar em controlo corporal; e então, tanto lhes é falar como fazer outra coisa qualquer. É mais fácil falar do que não falar.

P.: Alguns que passaram desta vida regressam e dizem-nos que não têm lembrança de qualquer outra existência anterior à que começou nesta

Terra. Se, como se sustentou ultimamente nesta tribuna, “a alma sempre foi, é e sempre será”, em que difere esta falta de continuidade da memória, quanto à identidade do indivíduo, da aniquilação total? De que serve para a parte pensante a que chamamos eu, se a essência do homem é imortal, se essa essência não está eternamente ligada ao seu ser individual? e como pode isto fazer-se de outro modo que não pela memória? R.: A memória está sujeita ao apelo das circunstâncias externas. Ora, lembrem-se sempre disso. A memória está sujeita ao apelo das circunstâncias externas e pode adormecer, em algumas das suas partes, durante milhares de anos, se as circunstâncias externas não a ressuscitarem. Não o esqueçam, porque todos vós haveis de ter necessidade desse simples conhecimento, mais cedo ou mais tarde. Alguns espíritos têm a sorte, mas muito poucos a têm, de serem ressuscitados, quanto à memória de uma existência passada, por circunstâncias externas. Um Pitágoras dir-vos-ia, se convosco falasse, que se lembra de três vidas terrenas distintas. Notai bem: de três vidas terrenas distintas se lembra claramente. Não de todas as suas circunstâncias, bem entendido, mas o suficiente para mostrar que são três vidas terrenas distintas. Teve a sorte de ter circunstâncias externas a evocar, a ressuscitar essa memória passada, que pertence ao passado e que adormece com milhares de almas, porque não há dobre matinal do presente, nenhum carrilhão que possa chamar o passado. Agora, permita-me ilustrar, para tornar mais simples a minha posição. Suponha, por exemplo, que um amigo da sua infância entrasse nesta sala, fosse espírito desencarnado ou ainda no corpo, e o tratasse pelo nome. Olha para o seu rosto e diz: “Não o conheço.” “Não o conhece?” “Não.” “Lembra-se”, diz ele, “de tal pessoa com quem costumava brincar na sua meninice, que morava em tal lugar, ocupava tal posição na vida?” Pensa um minuto. As palavras externas do homem são chamadas à sua memória a partir do passado. Diz: “Oh, sim, lembro-me; oh, sim, agora conheço-o”; e volta e revê com ele os seus dias de rapaz. Todos os campos verdes estão presentes na sua memória; todos os seus pequenos atos de menino são chamados e vividos de novo. Reconhece o homem com absoluta certeza. É precisamente o mesmo a respeito de uma existência passada. Milhares e dezenas de milhares de almas esperam alguma circunstância que as ressuscite, para que se lembrem, para que vejam, para que vivam de novo, em pensamento, no passado, e saibam que lá viveram. Compreende? [Sim.]

Por Theodore Parker, 28 de dezembro de 1868.

P.: O Espiritualismo, como religião, há de substituir o Cristianismo? R.: O Espiritualismo, como religião, creio, há de substituir o Cristianismo. A era da religião cristã está a passar, a mudar. Nada perderá da sua vida, nada daquilo de que o mundo da mente necessita; mas largará a escória e será absorvida no mais novo e mais perfeito.

P.: Alguma vez viu uma pessoa, enquanto habitava o corpo, em vida espiritual? R.: Sim, muitíssimas vezes; sem conta.

P.: Há espíritos do presente que tenham visto Cristo? R.: Sim; eu próprio o vi.

P.: Qual é a sua missão no mundo? R.: Uma missão de amor, como foi quando aqui estive; um mestre moral.

P.: Professa ele ser um com Deus? R.: Sim; professa ser um com Deus, mas tal como eu professo ser um com Deus; em nenhum sentido diferente. Não segundo a ideia cristã da sua unidade com Deus. Oh, não, de modo algum.

P.: Esse mesmo Cristo visita a Terra como outros espíritos, para o fim de inaugurar esta nova dispensação? R.: Sim; está na obra e visita de facto a Terra.

P.: Visitou ele Boston, ao seu conhecimento? R.: Sim; muitas milhares de vezes.

P.: Não o convidará a falar-nos aqui neste círculo? R.: Não; certamente que não. Não precisa de convite. Vem sem ser chamado e participa do banquete de sabedoria preparado por cada alma individual; não necessita de qualquer convite especial para ser vosso hóspede.

P.: O espírito, enquanto habita o corpo físico, manifesta-se alguma vez como aquele que depôs a forma? R.: Sim; isso é ocorrência bastante comum.

P.: Então vivemos em ambos os mundos? R.: Vivem. Os sentidos do corpo tomam conhecimento das coisas deste mundo, da vida objetiva e material. Os sentidos do espírito tomam conhecimento de ambos os mundos, vivem na vida interior e compreendem o que se faz na vida externa.

Por Theodore Parker, 29 de dezembro de 1868.

P.: O espírito humano individualizado é resultado da ação de forças naturais e espirituais incidentes na forma física humana e, por meio dela, elaborado, unificado, afinizando-se e aperfeiçoado até uma existência consciente individual, para além do alcance da decomposição e da decadência? ou a forma física humana é resultado de uma entidade espiritual preexistente que desce ao germe do ser, aliando-se à mais

tenra infância ou vida, e que desdobra e desenvolve a sua estatura até à maturidade, com ela permanece até à morte e então regressa a Deus que a deu? R.: Creio que o espírito detém uma vida anterior ao corpo. Não creio que o espírito seja um produto do corpo. Pelo contrário, creio que o corpo é um produto do espírito. O espírito é distinto e ascende através de um número infinito de graus de vida material. Passa pelos diferentes graus e manifesta-se segundo o grau em que vive. A vida humana manifesta-se como vida humana, a vida vegetal como vida vegetal, a vida mineral como vida mineral, e assim por diante, através de um número quase infinito de graus. Creio que, afinal, é um grande espírito, um oceano infinito de vida, atuando através de todas as formas e manifestando-se conforme a natureza da forma em que existe.

P.: É sua opinião que o espírito tem poder de escolher a forma através da qual se há de manifestar? R.: Não assim penso. Na verdade, todas as experiências passadas provam o contrário.

P.: Então existe ainda uma lei a cercar o espírito que o faz tomar a forma através da qual se manifesta? R.: O espírito, no seu todo, é lei para si mesmo. Mas cada uma das partículas individualizadas que compõem o Grande Espírito está sujeita à lei de todas as restantes. Pode ir até certo ponto, mas não mais além.

P.: Chegará cada alma individual ao conhecimento de uma existência anterior, como aconteceu com Pitágoras? R.: Há milhares, sim, milhões de almas no mundo espiritual que não têm conhecimento de terem tido uma existência anterior à que passaram na vida terrena. Estas parecem ser a regra, mas parece haver muitíssimas exceções à regra. Não estou preparado para dizer, pois não formei opinião definida sobre o assunto, se todas as almas virão finalmente a possuir este conhecimento ou lembrança de uma vida anterior. Creio, sim, sei, que há circunstâncias que, se atuarem sobre a alma, hão de evocar essa memória; mas se alguma vez hão de atuar ou não, não o posso dizer.

P.: Aprendo pela experiência que certa classe de espíritos regressa e comunica frequentemente logo após ter deixado a forma, mas cedo deixa de vir e não volta a manifestar a sua presença durante meses ou anos. Queira explicar por que é assim. R.: Muito provavelmente estão de tal modo absorvidos nas cenas da sua nova vida que não têm desejo suficiente de regressar para lhes permitir vencer os obstáculos no caminho. Tem de haver uma vontade direta e positiva da parte do espírito que regressa, para que ele tenha êxito.

P.: Como empregam os espíritos o seu tempo no mundo espiritual? R.:

Há um número infinito de modos pelos quais os espíritos empregam o seu tempo, ou se ocupam, no mundo espiritual. Aqueles que são artistas, por amor a isso, ocupam-se assim. O artífice — porque temos artífices no mundo espiritual — que o é por amor ao ofício, prossegue a mesma ocupação no mundo espiritual. Cada qual segue o curso que melhor se lhe adapta, mas ninguém é forçado à prossecução de qualquer curso.

Não há coação nestas coisas no mundo dos espíritos. Cada um age de acordo com os seus desejos. Não há pobreza que interfira aqui. Não há caminhos de ferro a exigir uma taxa de transporte; não há hotéis a cobrar preços exorbitantes; não há intermediários a gratificar; nada disso; cada um segue a ocupação para a qual está melhor adaptado e por amor a ela. Não há zângãos no mundo espiritual. Todos são ativos.

P.: Como exercem os mecânicos as suas aptidões? Têm materiais de construção com que trabalhar?

R.: Esquece que esses edifícios que habita estão no mundo dos espíritos, todos eles. Têm uma vida interior assim como uma vida exterior. Cada uma dessas obras de arte tem uma alma, e a aparência externa dessa alma precisa de um arquiteto externo — alguém que a modele, alguém que cuide dela, alguém que a embeleze. Consegue fazê-lo? Não. Pode executar a parte que pertence à vida material, mas nada mais. Na sua passagem pelo corpo, ignora a alma das coisas. É bastante natural; eu fiz o mesmo enquanto aqui estive.

Por Theodore Parker, 4 de janeiro de 1869.

Presidente. Há uma semana, na quarta-feira passada, saí daqui às três da tarde para visitar uma criança muito doente em Newark, N.J., e lá cheguei à uma da manhã seguinte. A minha esposa, que ficou em casa, disse que às três horas dessa mesma manhã me viu ao lado da cama com tanta nitidez que me falou, perguntando: “Como é que estás aqui? Eu pensava que estavas em Nova Jérсия.” Eu, nesse momento, estava de pé junto da cama da criança em Newark. Gostaria de saber se foi o meu espírito próprio, ou se foi o meu pensamento acerca dela que tomou essa forma visível.

R.: Parece esquecer que o seu pensamento é, de facto, o seu espírito — nada mais, nada menos. E também parece esquecer que o espírito tem poder para vencer o tempo e o espaço. Não ocupa tempo sensível — não conforme os sentidos humanos — a passar de um ponto a outro. Pode viajar mais depressa do que a luz. Está aqui e, instantaneamente, está ali. Um espírito habitando o corpo obedece, até certo ponto, às leis físicas que pertencem ao corpo e, em larga medida, é livre mesmo então. Vai para onde quer. Percorre o universo e outros universos. Mantém comunhão com os habitantes da estrela mais distante e, enquanto espírito, tão perfeitamente quanto pode manter comunhão com os seus semelhantes aqui. Sendo isto verdade, não seria nada de estranho — nada fora do curso natural — supor que o seu espírito de facto visitou o seu lar terreno, e de modo tão tangível que fosse reconhecido pelos sentidos da sua companheira. Digo que não seria estranho e, pelo seu relato, inclino-me a pensar que foi isso o que ocorreu. Se eu estivesse presente, sabê-lo-ia com certeza positiva. Tal como está, só posso formar uma opinião com base no que conheço de outros casos semelhantes.

Presidente. A minha esposa disse que, nesse momento, estava perfeitamente desperta e me reconheceu tão claramente como em qualquer outra ocasião da vida. Lembro-me de ter pensado nela várias vezes, mas não fazia ideia de a alcançar de maneira tangível.

R.: Fui informado de que é especialmente dotado a este respeito — que tem o dom de se retirar do corpo, deixando-o num local, e tornar-se espiritualmente patente, plenamente reconhecido, noutro lugar.

Presidente. Este não é o único caso do género. O meu espírito foi reconhecido por outros em lugares distantes, mas nunca soube que chegasse tão perto de casa.

P.: Devemos entender que o espírito se ausenta do corpo quando está num lugar distante, ou que há uma dupla consciência — o mesmo espírito ocupando dois lugares ao mesmo tempo?

R.: Todos os espíritos têm o poder de se projetarem na vida externa e de serem reconhecidos pela consciência externa, até certo ponto. Possuem, efetivamente, em todas as circunstâncias, uma dupla consciência — a que está presente com a forma externa e a que está ausente por virtude da ação da lei distante. Por exemplo, pode ter um amigo em Londres enquanto, em forma física, está em Boston. Pensa no amigo em Londres. Ele pensa em si ao mesmo tempo. Há um veículo direto sobre o qual o

espírito passa, comunica, mas, ao mesmo tempo, está consciente dentro da vida física em Boston. Há uma consciência que pertence especialmente à vida humana física, é governada por essa vida — e não se pode exprimir senão por meio dessa vida. Depois há uma consciência que pertence ao corpo espiritual, e essa pode exprimir-se em qualquer ponto distante, onde quer que escolha, por mais longe do corpo físico que se encontre, em qualquer momento em que a atração seja suficiente para a fazer deixar o corpo. Esses espíritos indwelling iludem os sentidos humanos. O bisturi não consegue detetar o espírito. Fica além dele. Não pode ser pesado nem medido pelos vossos sentidos humanos e, no entanto, atua sobre esses sentidos humanos segundo melhor lhe apraz. Sempre vos dissemos que estais a viver, aqui neste mundo, três vidas distintas — a vida que pertence ao mundo animal, a que pertence ao mundo espiritual e a que pertence à vida superior, a vida anímica ou divina — três em uma. Há uma grande verdade subjacente à doutrina da trindade que ainda há de ser revelada.

P.: Ocorre alguma mudança de temperatura no mundo dos espíritos?

R.: Sim, há um número infinito de graus de mudança — todas as várias gradações necessárias à vida do espírito.

P.: Frio extremo e calor extremo, com todas as gradações?

R.: Não o frio ou o calor que experimentam aqui, mas aquilo que lhes é equivalente.

P.: Aqueles que lá vivem ficam incomodados por essas mudanças?

R.: Não, não necessariamente, porque o espírito tem o poder, mais perfeitamente do que aqui, de se adaptar às condições. A lei da adaptação é melhor compreendida lá do que aqui. Se a compreendessem aqui, o fogo não vos queimaria, a água não vos afogaria; quando o ar estivesse a uma temperatura muito baixa não vos gelaria.

P.: Quer dizer que, se compreendêssemos a lei, poderíamos resistir a essas mudanças com os nossos corpos físicos?

R.: Sim, quero que me entenda precisamente assim.

P.: Algum dia os homens na Terra possuirão esse conhecimento?

R.: Creio que não. Em todo o caso, está tão longe no futuro, se alguma vez chegar, que seria loucura esperar por ele.

Por Theodore Parker, 7 de janeiro de 1868.

P.: Como são colocadas as letras de sangue no braço do médium? E como são escritas comunicações numa sala sem estar lá ninguém?

R.: O fenómeno de escrever no braço e noutras partes do corpo humano por processos que, claro, vos são invisíveis e desconhecidos, é em si extremamente simples. Aos espíritos comunicantes basta atrair para a zona que desejam afetar um ponto quase impercetível de eletricidade e, ao mesmo tempo, usar esse ponto de eletricidade como se usa um lápis. Uma criancinha pode realizar a operação tão bem como um adulto. É uma das coisas simples pertencentes à Natureza.

Perguntais como podem ser escritas comunicações quando não há ninguém presente. Pois bem, isso não poderia ser. Há alguém presente, embora esse alguém seja invisível a olhos mortais. Os espíritos têm mãos e sabem usá-las, e a atmosfera contém tudo o que é necessário à formação de todas as coisas que tendes aqui em uso na Terra, e milhares e dezenas de milhares de outras de que não dispondes aqui — que desconheceis. Portanto, sim — tendes o que é equivalente a um lápis, ou a uma pena e tinta. Tudo, desde o reino mineral até ao mais alto espiritual, pode ser formado a partir da atmosfera que respirais. É o grande repositório da vida deste planeta. Contém o vosso ouro, a vossa prata, as vossas pedras preciosas. Contém todos os elementos de todas as formas que se apresentam à vossa observação; de toda a forma que toma vida objetiva, o poder de a criar está na atmosfera. Deveis lembrar-vos disto e, em vez de falar da atmosfera como um vazio, falai dela como um grande repositório de vida — de todos os géneros de vida.

P.: Essas formações feitas pelos espíritos a partir da atmosfera mantêm a sua forma permanentemente?

R.: Oh, não, de modo nenhum. Isso tem de vir por e através de um processo natural ao planeta, não por arte. Todas essas formas espirituais, desde a forma da flor até à forma do corpo humano, são obras de arte e, por conseguinte, perecíveis.

P.: Por que é necessária a escuridão?

R.: Porque a escuridão é mais negativa do que a luz. A luz é positiva, portanto domina, consome as condições necessárias a estas manifestações. Porque é que não vedes o relâmpago tão bem no fulgor da luz solar como o vedes depois de o sol se pôr?

P.: Chegará o tempo em que estas coisas serão feitas à luz?

R.: Sim; quando o mundo espiritual, ou esses espíritos que se ocupam de produzir estas manifestações, estiverem mais familiarizados com as leis que estão em atividade na força positiva, quando as conhecerem melhor e as puderem dominar, estas manifestações poderão realizar-se à luz; mas, por agora, não podem.

P.: Em certa ocasião, num círculo espiritual, foi servido aos convidados, pelos espíritos, um jantar de ostras. Gostaria de perguntar se as ostras foram feitas pelo poder dos espíritos.

R.: Não estive presente nessa ocasião e, portanto, não posso dizer. Presumo que tivessem poder para fornecer as ostras da vossa esfera mundana exatamente como têm poder para vos trazer flores. Trazem flores aos seus médiuns e várias coisas. Se conseguem isso, também podem trazer-lhes ostras.

P.: Então o oitavo mandamento não tem força no mundo espiritual?

R.: O oitavo mandamento não tem força no mundo espiritual. É uma não-entidade. Cada espírito aí tem direito ao que necessita. Pode estar muito certo de que nunca será detido por furto no mundo espiritual.

P.: Então as flores não são formadas a partir da atmosfera, mas são tiradas do jardim de algum vizinho e pertencem ao dono do jardim?

R.: Têm o poder de as formar a partir da atmosfera. Mas tais flores murcham depressa; isto é, são de novo absorvidas pela atmosfera, talvez enquanto ainda as estais a contemplar; mas as que são um desabrochar natural da terra prestam, claro, obediência à lei da terra. Arrancais-nas da haste-mãe e vivem um certo tempo, e depois descem e desfalecem. Sim, tiram-nas dos jardins dos vizinhos.

P.: Como são as formas espirituais tornadas aparentes aos nossos sentidos naturais?

R.: Como disse antes, a força necessária é tirada da atmosfera e transportada para o médium, e aí condensada ou tornada objetiva e, uma vez objetiva, é patente aos vossos sentidos físicos. Podeis usá-la, podeis tocá-la. É, para todos os efeitos, uma forma objetiva. É um processo químico. Há muitos químicos no mundo espiritual.

P.: Então a forma não é deles?

R.: Não, não absolutamente. Num certo sentido é e, noutro, não é. Não é a sua forma espiritual, pois essa não a poderíeis ver, mas é uma veste para essa forma que eles recolheram da atmosfera.

Por John Pierpont, 12 de janeiro (?) de 1869.

P.: Ouvimos frequentemente pessoas exprimirem o desejo de descansar por um longo período ao entrar no mundo espiritual. Resulta isso de cansaço absoluto da sua vida terrena?

R.: Todas as experiências da vossa vida terrena projetam a sua sombra sobre o espírito. Não importa quais sejam — de alegria ou de tristeza, de cansaço ou do contrário —, e é necessário um certo tempo para que o espírito as ultrapasse, passe além das sombras que lhe ficam apegadas em consequência da sua vida terrena. Há um manto de remorso, uma atmosfera incômoda a rodear o ébrio, a rodear o avaro, a rodear todas as pessoas que não fizeram o melhor uso do seu tempo aqui. Há também uma atmosfera incômoda a rodear aqueles que estiveram sobrecarregados com corpos físicos doentios. A atmosfera é opressiva. Pesa sobre o espírito como um fardo pesado e, como o espírito, durante tal vivência na vida terrena, tem estado em conflito, em duro conflito, com essas rudes experiências, o descanso, a quietude, uma condição onde possa refazer as forças gastas, é absolutamente necessária na vida espiritual. Sei que assim foi comigo, e estou certo de que é igualmente verdadeiro para todos os demais.

P.: Esse descanso é de longa duração?

R.: O período de tempo consumido dessa maneira depende da necessidade. Se for preciso um longo descanso, pode estar certo de que a necessidade será suprida; o longo descanso virá.

P.: É esse desejo intenso de repouso que induz esse estado de repouso absoluto?

R.: Sim; porque ninguém desejará esse descanso se não tiver necessidade dele. O desejo é filho da necessidade.

P.: Estão conscientes de qualquer decurso de tempo durante esse descanso?

R.: Sim.

P.: Devemos então entender que existe tempo lá?

R.: Não o tempo entendido aqui entre vós, mas um decurso de condições, experiências, períodos. Claro que não contamos o tempo pela revolução dos planetas, como vós, nem pela passagem do dia e da noite. Não é dividido em anos, meses, semanas, dias, horas, minutos, etc.

P.: Ainda assim, é passível de medição?

R.: Oh, sim.

P.: Os espíritos não entendem o nosso tempo aqui? Não o podem contar tão bem quanto nós?

R.: Certamente que sim. Chama-se o tempo da Terra.

Por Theodore Parker, 14 de janeiro de 1869.

P.: Podem os espíritos ferir-se uns aos outros com pancadas e ferimentos?

R.: Oh, sim; mas não com força física, pois do corpo físico se desfazem na morte. Mas há uma força muito mais potente do que a que pertence exclusivamente a esta Terra.

P.: Estão os espíritos sujeitos a acidentes corporais?

R.: Sim, estão; mas não no mesmo grau em que o estão quando aqui habitam estas formas físicas. Não há acidentes físicos, nem dor física, mas tudo quanto tende a tornar o espírito infeliz desfigura o seu corpo espiritual e produz uma nódoa nas suas vestes exteriores.

P.: Diz-se que alguns espíritos, depois do decurso de anos de vida espiritual, insistem ainda em que estão na vida terrena. Qual pode ser a causa?

R.: Insistem que estão, simplesmente porque estão aqui. Tendo o vosso amigo passado pela morte, não sai por isso, de necessidade, da atmosfera da Terra, nem sequer se afasta da habitação terrena, dos laços afins que o prendiam a amigos aqui. É imprudente concluir que os vossos amigos espirituais estão ausentes de vós porque os vossos sentidos externos não os conseguem perceber.

P.: É verdade que as raças superiores da humanidade se desenvolveram a partir da tribo dos gorilas?

R.: É verdade, um facto absoluto, bem atestado na Natureza. Somos muito dados a voltar um ombro frio aos nossos parentes inferiores à medida que subimos na escala da vida humana. Não é de todo antinatural assumir assim uma superioridade que não nos pertence.

P.: Hão de indivíduos da tribo dos gorilas, agora na Terra, desenvolver-se no mundo espiritual?

R.: Desenvolver-se-ão por processos naturais e espirituais. Espírito e matéria são inseparáveis. O espírito ergue-se sempre através da matéria, ou desenvolve-se, como o entendeis, através da matéria e, ao mesmo tempo, desenvolve a matéria. O espírito depende sempre da matéria para expressão, e o género de expressão depende do tipo de matéria orgânica através do qual o espírito se exprime. O gorila, enquanto tal, não pode ser o anglo-saxónico finamente desenvolvido, e, todavia, o mesmo espírito corre por ambos.

P.: Até onde, na vida animal, se estende este nosso parentesco?

R.: Mais longe do que vós ou eu poderíamos por qualquer hipótese alcançar. Não só estamos aliados, aparentados, e intimamente, à criação animal, como o estamos à vegetal e à mineral. E a melhor e mais absoluta prova disso encontramos no sangue que circula nas veias e artérias do sistema humano. Aí encontramos representados todos os reinos animal, vegetal e mineral, cada qual positivo e distinto. Que a espécie humana subiu através de todas essas camadas inferiores de vida não há como negar, pois é absoluto.

P.: Quer então dizer que não há graus discretos, não há linhas de demarcação bem vincadas?

R.: Ao contrário da ideia swedenborgiana, não há para mim qualquer grau discreto entre a vida humana e a vida da rosa, salvo o que vemos no exterior. Estamos tão aparentados com a rosa quanto uns com os outros. Como disse, o sangue que circula nas nossas veias e artérias determina isso — mostra-nos aí o que fará a rosa. Como chegámos a possuí-lo, se não estivéssemos aparentados com a rosa? Se houvesse esses graus discretos na vida física, como é que somos microcosmos de tudo quanto está abaixo de nós, estando como ponto culminante dos reinos animal, vegetal e mineral? Esta é uma questão que a ciência nos há de responder, e de modo bem enfático.

Por Theodore Parker, 29 de abril de 1869.

Espírito Controlador. Como recebemos constantemente indagações de amigos ao longe — perguntas dirigidas ao espírito controlador da sessão —, não será descabido fazer algumas declarações simples a respeito do caso em questão. Em primeiro lugar, importa compreender que estas sessões não são controladas em todos os momentos pelo mesmo espírito; para cada ocasião seleciona-se a inteligência mais adaptada a essa ocasião. As pessoas que enviam as suas perguntas de longe não parecem perceber isto e, muitas vezes, perguntam pela diferença de opinião que parece achar expressão através do referido espírito controlador do círculo. Importa entender que cada inteligência distinta, ou espírito humano, conserva a sua própria integridade intelectual particular depois da morte como antes. Todos têm direito às suas opiniões e à expressão das mesmas, se é que se exprimem de todo. Todas as perguntas relativas a factos científicos bem estabelecidos serão, sem dúvida, respondidas, por todas as inteligências que aqui vêm, de modo semelhante. A ideia será uma e a mesma, embora a expressão ou roupagem da ideia possa, em todas, ser diferente. Mas quanto a todas as questões de teologia, devem esperar que cada espírito preserve as suas próprias opiniões e, se interpelado, as dê segundo melhor puder. A teologia não passa, no melhor dos casos, de um devaneio. Está fundada na especulação. Vive da especulação. Não pode, de modo algum, ser demonstrada pela ciência. Enquanto teologia, não tem parte com a ciência. A ciência e ela nunca foram casadas, nem o serão jamais, porque a teologia, tal como é entendida na vida humana, está totalmente

em desacordo com a ciência; portanto, todas as perguntas propostas sobre teologia, de que casta ou cor forem, serão respondidas pelo espírito que, na ocasião, controla, conforme ele a entende. O católico responde à sua maneira, o protestante à sua, o maometano à dele — cada qual de acordo com a luz teológica que recebeu. Enganam-se gravemente, muitas vezes, quando supõem que o espírito que partiu está na posse de uma soma quase infinita de conhecimento acerca de todos os assuntos. Esquecem que eles continuam humanos, cercados pelas condições da vida humana. Não são infinitos. Continuam finitos. E embora a sua clarividência se desdobre largamente na vida espiritual, não se estende ao infinito. Alcança apenas, em muito pequena medida, o futuro. Não percebe todo o passado, nem todo o futuro. Pode tomar conhecimento dos acontecimentos à medida que entram no seu campo de ação, mas não mais além. Pois então, considerem os amigos que vos vêm da outra vida como humanos, falíveis e com direito, cada um, às suas opiniões. Deste-lhes essa liberdade enquanto estavam na forma mortal e, se forem sábios e justos, não lhes dareis agora menos.

P.: Qual é o meio de troca no mundo espiritual? Ou que é ali usado como aqui é usado o nosso dinheiro?

R.: O mérito; aquilo que pertence à vida interior. Tudo o que merecerdes tereis. Não há, na nossa vida, um meio especial de troca equivalente ao ouro, à prata e às notas verdes (greenbacks), disso pode estar bem certo. Mas há um meio de troca. Se eu tenho o que não preciso e o meu vizinho precisa, passo-lho. Se ele tem o que não precisa e de que eu necessito, passa-mo. Há um intercâmbio perpétuo das coisas boas da vida espiritual. Ninguém pode reter mais do que tem necessidade. Um lugar muito difícil para os avaros chegarem, especialmente antes de se despojarem das suas propensões avaras, asseguro-vos. Se tendes alguma, melhor será livrar-vos delas aqui.

Por Rev. Joseph Lowenthal, 4 de maio de 1869.

P.: Qual a causa desses modos de sentir que às vezes varrem a alma e só encontram expressão apropriada na oração — esses desejos intensos, por vezes inefáveis, de maior luz, santidade, pureza, comunhão

mais estreita e assimilação mais perfeita com o espírito de toda a bondade? Por outras palavras, qual é o espírito que nos incita à oração?

R.: Creio que somos constantemente influenciados pelo grande espírito infinito da Natureza e, quando sentimos nas nossas almas aquele erguer-se, aquele espírito de oração que nos levaria a deixar as trevas e entrar na luz, então é, creio eu, que o espírito do bem infinito derrama sobre nós orvalhos santos. Erguemo-nos por meio da tentação. Somos tentados a deixar perpetuamente o passado. A alma sente que há um estado melhor de existência e que é herdeira desse estado melhor. Estende-se, em clarividência, e percebe o futuro e, ficando insatisfeita com o presente por causa do futuro, levanta as mãos em oração ao grande espírito infinito e assim se aproxima desse espírito, entra em sintonia com o bem superior, deixa o seu estado presente de mentalidade e eleva-se, pelo menos por algum tempo, a um estado mais alto. É, como disse um escritor, “a chave do céu”. Outro disse: “A oração são as asas dos anjos.” E outro disse: “É a voz de Deus a falar aos corações humanos”, e eu creio que é.

P.: Quando assim oramos, recebemos as coisas que pedimos? E poderão os nossos amigos ser abençoados com esses mesmos impulsos e desejos em resposta às nossas orações?

R.: É um facto evidente por si que nem sempre recebemos as coisas por que oramos, mas é também um facto evidente por si que a oração nos melhora. Ninguém pode jamais dar à luz uma aspiração alta e santa — que, para mim, é oração — sem ficar melhor por isso. Sobem na escala da mente. Despojam-se de parte das suas trevas e tomam algo de luz.

P.: Qual é o segredo dos diferentes graus de fé que sentimos em momentos diversos quanto à concessão das bênçãos que buscamos?

R.: Estamos constantemente a ser influenciados por tudo o que nos rodeia e, por isso mesmo, estamos perpetuamente a mudar. O nosso estado mental está constantemente a mudar. Às vezes estamos cheios de fé e, outras, onde a fé devia estar há um vazio. Atuamos sobre todas as outras inteligências e todas as outras inteligências, todas as outras coisas, atuam sobre nós. Somos motas nos raios de sol do poder infinito de Deus. Estamos por vezes aqui e por vezes acolá. Às vezes os raios atingem-nos perpendicularmente e outras oblíquas. Não podemos pensar sempre da mesma maneira. Não podemos agir sempre da mesma maneira. A variedade parece ser a ordem da mudança. Não há duas

expressões de uma alma exatamente iguais. Não há duas coisas exatamente iguais.

P.: O poder espiritual manifesta-se por dor intensa nos braços, e qual é o seu objetivo?

R.: Por vezes, a ação de um espírito estranho manifesta-se assim. Quando os espíritos desejam entrar em sintonia com médiuns pela escrita, procuram, às vezes, cortar o fluxo elétrico que passa entre o cérebro e o antebraço, a fim de poderem usar esse membro sem usar o cérebro. Quando isto se faz, é muito provável que produza uma dor pesada e surda; outras vezes, quando um espírito atua sobre o braço em ligação com o cérebro, há uma dor aguda e rápida. E é produzida por uma força elétrica estranha que passa através dos nervos, vindo em contacto com aquilo que é legítimo do indivíduo. Compreende?
[Compreendo.]

Por John Pierpont, 6 de maio de 1868.

P.: Qual é o princípio peculiar, ou atributo, na alma humana, distinguindo-a de uma organização inferior, sobre o qual predicamos a existência imortal?

R.: Aspiração divina e inspiração divina. Não vemos a criação bruta aspirar a algo mais alto. Não vemos que possa ser inspirada com coisas divinas. Vive na esfera da sua vida bruta. Não pede para ir além dela. Mas a alma humana nunca se satisfaz. Quando alcança um céu, pede outro ainda melhor.

Por Theodore Parker, 10 de maio de 1869.

P.: Ouvi uma vez um pregador swedenborjiano dizer que havia no mundo espiritual montanhas, colinas, rios, ossos, sangue, digestão, nervos, cérebro, mãos, pés, etc., e que o chão, no mundo espiritual, é tão sólido ao pisar de pés espirituais quanto o chão na vida terrena é para nós. É isto verdade?

R.: É, sem dúvida, absolutamente, positivamente verdade.

P.: Refere-se ao sangue e aos ossos?

R.: Refiro-me exatamente a isso.

P.: Aqueles que são escravos das circunstâncias nesta vida ficam também algemados na vida espiritual?

R.: Em certa medida, ficam. Não sois introduzidos num estado de felicidade perfeita na morte. A outra vida encontra-vos precisamente onde esta vida vos deixa. Muitas vezes estais, no mundo espiritual, cercados de condições que parecem adversas à vossa felicidade. Lutais contra elas e, lutando, ganhais forças. Por mim, eu não desejaria viver num mundo onde não houvesse senão descanso e confortável quietude. Perderia a força. Tomaria sobre mim fraqueza. Só conhecemos o bem maior comparando-o com o bem menor. Se não tivéssemos tempestades mentais, horas sombrias em que os nossos espíritos fossem banhados nos orvalhos da infelicidade, mal saberíamos apreciar uma condição oposta. Suponhamos que tivéssemos toda a paz e alegria; ficaríamos satisfeitos com isso para sempre? Creio que não. Somos constituídos, espiritualmente como fisicamente, de modo que precisamos de encontrar opostos. Não podemos existir senão como existimos entre dois opostos. Eles tocam-nos alternadamente e, em consequência desse jogo alternado, vivemos, movemo-nos e existimos. Precisamos da sombra; precisamos do júbilo; e, por mim, dou graças a Deus por termos ambos.

P.: Somos atormentados na vida espiritual por perseguição e calúnia?

R.: Não precisamente como vós, porque a sociedade está organizada de modo diferente no mundo espiritual do que aqui. Até certo ponto pode assemelhar-se, mas é muito superior à sociedade daqui. Um homem ou uma mulher no mundo espiritual é conhecido pelo que é, exatamente, nem mais. O caluniador veste a indumentária do caluniador; o pacificador veste a indumentária do pacificador. As modas, no que toca ao adorno exterior, têm origem na vida interior. Esse é o grande Paris do mundo espiritual. Podeis estar certos de que todos recebereis os vossos figurinos anuais. Não tereis de os comprar.

P.: Não estarão os ricos e folgados nesta vida — e que, por isso, possuem meios para melhorar as suas faculdades e relações sociais, morais e intelectuais — muito mais adiantados na vida espiritual do que os pobres, que, pela pobreza e circunstâncias adversas, levam vida de privação e infelicidade?

R.: Não, de modo algum. Jesus, o sábio e filósofo, era pobre. Andava com parca roupa e sem alforje, nem sequer do pobre género que tendes hoje. E se havemos de tomar a sua condição por exemplo, por certo não podemos contar muito com a felicidade que nos advenha, como espíritos, das riquezas, das riquezas deste mundo. Ora, já vi o espírito mais rico ser levantado de uma forma que não tinha bens bastantes deste mundo para manter a forma e o espírito em uníssono; por isso sobreveio a separação. E, por outro lado, vi espíritos pobres saírem de vestes de púrpura e linho fino. Não tinham veste para cobrir a sua nudez no mundo espiritual. Oh, não deveis medir a felicidade pelas riquezas. Se o fizerdes, cometereis um erro muito grande.

Por William E. Channing, 31 de maio de 1869.

P.: É sensato que os mortais aqui consultem espíritos sobre questões de natureza puramente comercial? O seu conselho é suscetível de ser valioso? e podemos fiar-nos dele mais do que do conselho de mortais na Terra?

R.: Há uma grande classe de espíritos libertos da forma mortal que estão intensamente interessados nos negócios desta vida física. Aham o seu céu aqui e nunca são tão felizes como quando exteriorizam os desejos ou as condições particulares em que se veem colocados. São atraídos à vossa esfera de negócios. Nunca se apartaram dela. Revolvem nela como motas de pó nos raios de sol e, em condições favoráveis, podem ser bons conselheiros para os que vivem na mortalidade, porque conseguem ver mais longe do que os mortais. Podem alcançar os pensamentos dos vossos amigos, dos vossos inimigos, ver os seus motivos secretos, entender o que tencionam fazer, que movimentos tencionam efetuar na vida; ao passo que vós, com os vossos sentidos humanos velados pela mortalidade, talvez não possais determinar acerca dos pensamentos que podem estar a girar no cérebro do vosso próximo, eles podem, talvez, determiná-lo acerca de todos. E, no entanto, seria um pobre conselho o de vos aconselhar a depor os vossos próprios poderes de percepção aos pés de qualquer espírito, dentro ou fora do corpo. O conselho é excelente, mas nem sempre convém apropriar-nos de todo o conselho que nos seja dado, venha ele do mundo dos espíritos fora do corpo ou dentro do corpo. Há mentes que consideram muito ímpio chamar os espíritos a auxiliá-las nas coisas desta vida. Isso é um

erro. Uma vez que ainda se movem nessa esfera, não é de todo errado chamá-los a agir por vós. Mas torno a dizer: tende cuidado com a maneira como depõe o vosso próprio poder, como falha o uso dos vossos talentos quando os tendes, e estais prontos a usar os que pertencem a outrem.

Por Rev. Phineas Stowe, 1 de junho de 1869.

P.: Pode a humanidade espiritualizar-se muito à frente das condições materiais? Se não, não deveriam essas condições ser melhoradas como primeiro passo para revelações espirituais esclarecidas?

R.: O espírito, mesmo enquanto luta no ventre da matéria, faz essa matéria crescer, desdobrar-se, tornar-se mais perfeita. Não vale a pena negar que somos influenciados para o bem, ou para o que os homens chamam mal, pelas nossas circunstâncias. Coloque o criminoso em condições belas e harmoniosas; dê a esse espírito o que o satisfaça; afaste-o dos seus antros de vício; rodeie-o de beleza; faça com que tudo o que o olho pousa apele ao seu sentido do belo, e qual será o resultado? Pois, na minha opinião, deixará de ser criminoso. São apenas as duras condições da infeliz experiência humana que fazem os vossos criminosos. Retire-os delas e a divindade dos seus espíritos mostra-se, mesmo através da crueza da vida humana.

P.: Segundo a doutrina da igreja de que sou membro, se uma família neste mundo não vive corretamente, se certos membros se extraviam aqui, quando forem para o mundo espiritual serão separados. Isto é verdade?

R.: Há uma afinidade espiritual que liga alma a alma e que não pode ser violada. Se os membros que compõem a vossa família são espiritualmente atraídos uns pelos outros, nenhum poder em todo o universo os poderá impedir de se encontrarem e conviverem após a morte. Gravitarão naturalmente uns para os outros como uma bola cai à terra se solta da mão que a sustém. A Natureza — o Deus da Natureza — fez sábia provisão para todos nós. O pecado, ou os erros que possamos cometer na vida, nada terão que ver com sermos mantidos apartados ou atraídos juntos. Se houver uma afinidade de alma atraindo alma a alma, isso é abençoado por Deus, e nenhum poder o pode separar. Há muitas mães no mundo da alma que não são atraídas à sua

prole. Dão à luz apenas o corpo, e não a alma. Pode parecer uma afirmação estranha, mas é verdadeira. E, de novo, há almas que nunca se encontraram nesta vida e que são atraídas juntas por uma lei subtil que as liga, queiram ou não. Este é o poder de Deus, operando através da inteligência. As famílias que estão agrupadas na vida espiritual aqui estarão agrupadas na vida espiritual no além. Mas, se for o inverso, estarão tão amplamente separadas como os planetas estão amplamente separados uns dos outros.

Por Theodore Parker, 3 de junho de 1869.

P.: É a vida, ou esse princípio de atividade vital que se manifesta através do organismo humano, espírito? Se não, o que é que deixa o corpo na morte?

R.: Defino espírito como algo indiscernível pelo sentido humano; algo que nenhuma alma viva pode medir ou analisar. Defino vida como sendo, na medida em que a entendemos, uma manifestação do espírito. As coisas que os nossos sentidos percebem, reconhecem, são as coisas da vida, todas as coisas vivas, cada uma delas — nenhuma morta; e todas são manifestações do espírito. Aquele poder subtil que desafia o bisturi e sai do corpo na mudança chamada morte creio ser espírito, coeterno com o espírito de Deus e parte e porção da vida divina — tal parte quanto essa vida divina julgou bem exercer sobre a humanidade. Chamais-lhe o espírito do homem, a alma do homem ou da mulher. Pouco importa por que termo é reconhecido. É o único espírito, o infinito, o que tudo permeia — um algo indestrutível, sem criação e sem fim.

P.: Considera todo o espírito imortal?

R.: Considero, com toda a certeza. E tenho provas mais que amplas de que todo ele é imortal.

P.: Então os animais não são, na morte, varridos para um grande caos — a grande massa do espírito — para serem novamente trabalhados noutra forma?

R.: De modo algum. Eis a rocha — a rocha da forma — contra a qual todas as classes de cientistas teológicos chocam, e muitos soçobram; a rocha da forma, supondo que a forma que temos ou contemplamos hoje existirá para sempre; que a imortalidade reside nela, depende dela. De

modo nenhum. As formas mudam constantemente, conforme o espírito precisa de instrumentos mais altos através dos quais se exprimir. O instrumento é aperfeiçoado. Como é quanto às flores? Não são hoje o que eram há anos. E porquê? Porque o Deus que estava nelas chamou pelo Deus que estava no intelecto humano e disse: “Vem, inteligência, derrama sobre mim os teus orvalhos, atua sobre mim, eleva-me a uma forma mais alta de bem.” Qual foi o resultado? Pois o lavrador pôs mãos à obra para fazer flores mais belas, acrescentar novas tonalidades aos seus rostos formosos, tornar mais belas as suas formas, mudar para melhor a rosa e o lírio, sem infringir de todo a Natureza ou o Deus da Natureza. A imortalidade não pede à forma o seu poder. De maneira nenhuma. As formas têm de mudar. Tendes prova disso todos os dias da vossa vida. Mas a imortalidade que pertence à forma é imortal para sempre e sempre. Não há mudança súbita dessas formas, mas um crescimento gradual. Se a mudança fosse súbita, produziria choque demasiado grande no reino da inteligência; por isso é muito lenta, vem quando estais preparados para ela. Os anos atiram as suas neves às vossas fronteiras à medida que estais preparados para as receber — nem mais depressa, nem mais devagar.

P.: Se o espírito não é matéria, todo o espírito é igual — isto é, igualmente adiantado ou perfeito? Se assim, que benefício se tira da sua manifestação através da matéria?

R.: Que o espírito não é matéria, a matéria o prova todos os dias. Mas que o espírito está inseparavelmente ligado à matéria, a matéria também o prova todos os dias. A matéria é a expressão do espírito, não o espírito; a casca exterior, a folhagem, os ramos, não a vida interior e invisível.

Qual é a vantagem? Ora, qualquer inteligência pode responder a essa pergunta tão bem como nós. De que vantagem vos é, a vós desta época, terdes maior luz do que aqueles que viveram séculos antes de vós? Como necessitais de maior luz, por certo é para vossa vantagem tê-la. Todas as expressões do espírito através da matéria não só são uma vantagem para a matéria, como também para a inteligência, para essa força subtil que se exprime através do cérebro humano e diz: “Vede, isto é muito belo, ou muito grandioso.” O mundo da matéria foi feito para o mundo da inteligência. Tendo isto em mente, mal vos admirareis de que a matéria mude de forma.

P.: O espírito do bebê é uma emanção do dos pais? e, sendo-o, fica o espírito do progenitor menos individualizado, ou sofre alguma diminuição ou desarranjo nos seus poderes?

R.: O bebê é, fisicamente, um resultado fisiológico da vida dos pais, mas espiritualmente não o é. É um espírito independente tanto do pai como da mãe; disto podeis estar certos. É de Deus, o Grande Espírito, o Pai e Mãe, o Todo, a Vida Universal.

P.: Se o espírito do bebê não é uma emanção do dos pais, donde se origina? Em que período da gestação toma posse do organismo humano?

R.: Na concepção.

Por Theodore Parker, 7 de junho de 1869.

P.: Pode descrever, do seu lado, a separação chamada morte?

R.: Na morte, a lei de atração começa a cessar entre as partículas que compõem o corpo físico. Vão-se tornando menos e menos ativas. O seu poder desfalece e toma uma forma puramente elétrica. Todas as forças do corpo passam lentamente para fora quando essa desintegração se inicia. A clarividência pode contemplá-las e descrevê-las como uma névoa, às vezes como um halo, outras como um fumo que sai da forma, formando em geral a nuvem mais densa a partir do cérebro. A Natureza parece reunir todas as suas forças no cérebro no último extremo, e a última força magnética vital que existe no corpo existe no coração e no cérebro. Quando isto já não existe, então todo o corpo fica permeado pela força elétrica. Há ausência total do magnético, e o espírito não pode manter ligação com o corpo depois de toda a força magnética se haver retirado. O espírito sai do corpo. Quando a última partícula de força magnética parte, o espírito parte com ela, e não antes. Por vezes, quando dais por morto alguém, quando dizeis que o corpo se separou do espírito, nem sempre é assim. Pode haver aparência de morte quando o espírito ainda está fortemente preso ao corpo. Mas, depois de se ir a última vida magnética, então a força elétrica é predominante, e o trabalho da mudança começa de imediato. Em circunstâncias naturais, não é nada doloroso. É bastante diferente do que supusestes que fosse. Mas quando a mudança sobrevém por violência feita a qualquer parte, ou por doença violenta que não está na ordem da natureza, então há dor que

acompanha a doença. Porém, quando a morte vem naturalmente, como viria se todos vivêssemos de acordo com as leis da Natureza, não haveria dor. A passagem seria fácil e aprazível, sem medo, mas com uma certa alegria que só a liberdade pode outorgar ao espírito.

P.: Quanto tempo leva a separação?

R.: Isso depende da vitalidade magnética natural do indivíduo, ou, por outras palavras, da sua tenacidade pela vida física.

Por Padre Henry Fitz James, 8 de junho de 1869.

P.: Tenho pesquisado e investigado esta filosofia espiritual há quase vinte anos; tenho recebido o “Banner of Light” em várias épocas e lugares, conseguido assinantes para o mesmo, sentindo que, a seu tempo, obteria alguma mensagem de um amigo falecido. Perdi muitos e muito caros amigos, um dos quais partiu há dois anos, com a promessa de que, se fosse possível, voltaria e me daria alguma prova pela qual eu o pudesse reconhecer; e como conhecia pessoalmente a Sra. Conant, talvez a prova pudesse vir através da sua mediunidade; mas nada obtenho, nem dele nem de qualquer outro amigo. Ora, a questão é — e é feita por milhares; eu apenas peço que seja respondida filosoficamente — porque não recebo eu nenhuma mensagem, ao passo que cada jornal está repleto de mensagens de que nada sabemos?

R.: Cristo veio salvar aquilo que precisava de salvação, ou, como reza o registo, veio buscar e salvar o que se havia perdido. O objetivo destas sessões não é convencer os que já estão convencidos; não é trazer prova aos que já têm mais do que podem bem digerir. O objetivo é levá-la àqueles que poderiam permanecer por muito tempo em trevas espirituais se a luz não lhes viesse desta fonte. Sete em cada dez de todas as mensagens recebidas neste lugar vão para aqueles que têm pouco conhecimento dos fenómenos espirituais. Consequentemente, mantêm-se calados sobre o assunto quando recebem as suas mensagens. Mas a obra está feita, a semente é lançada, e a colheita é tão certa de vir como é certa a colheita para o lavrador aqui na vida vegetal. O mundo espiritual recebe constantemente desejos urgentes da parte dos amigos na Terra para que os seus amigos em espírito regressem por esta via. Mas como, se se atendesse ao seu apelo e espiritualmente se cuidasse dele, outros de maior necessidade ficariam

por algum tempo excluídos, julga-se melhor deixar sem pão os que não têm fome. Aqueles cujos jardins espirituais já florescem com flores e estão verdes de folhas — o anjo passa por sobre eles com uma bênção silenciosa e pára apenas naquelas paragens desérticas em que a terra está pronta para a semente e onde nenhuma foi lançada. Conviria ao seu correspondente dirigir uma nota ao espírito em questão, selá-la devidamente e enviá-la a este lugar, para ver o que daí resultará. Com toda a probabilidade, ser-lhe-á dada alguma resposta.

P.: Se o índio há de, no futuro, gozar das suas terras de caça, não haverá algo para ele caçar? e isso não envolve sofrimento e até morte? A ideia de sofrimento e morte, nesse sentido e nesse estado ou condição, é repugnante ao meu espírito. Estas afirmações devem tomar-se à letra ou figuradamente? Queira esclarecer.

R.: Não são expressões figuradas. De modo algum. Queremos que sejam entendidas literalmente. Quando o índio vos diz que tem terras de caça na terra dos espíritos, diz-vos o que é verdade. Se tem terras de caça, isso pressupõe que tem algo para caçar. Isso também é verdade. Que há morte na terra dos espíritos é igualmente verdade. Mas o que é a morte? É apenas mudança. As flores mudam as suas formas por outras melhores. O sol da manhã e a sombra da tarde, embora procedentes da mesma fonte, diferem, e dois raios de luz nunca saem exatamente iguais da mesma fonte central. Há diferença na forma e na ação de todas as coisas, em todos os tempos. A Natureza nunca faz duas exatamente iguais. Entre vós, a morte enverga vestes negras. Mas não assim para o espírito desencarnado; posto à parte da morte e olhando-a de um ponto de vista filosófico, vemo-la despojada de todas as sombras e vestida de luz. As formas mudam; as coisas antigas passam. Todas as coisas estão a ser perpetuamente ressuscitadas. Não só é assim aqui, nesta vida, como continua a ser assim na vida futura, e não duvido de que continuará assim por todo o futuro sem fim.

P.: Causam, alguma vez, os espíritos desencarnados que mortais cometam suicídio? Justifica-se o ato em quaisquer circunstâncias?

R.: Os espíritos desencarnados influenciam, muitas vezes, os mortais nessa direção, como em todas as outras. Todo o ato é justificado pelos seus pais — por aquelas forças propulsoras que o impõem à vida objetiva. Este não é exceção. Todos os erros que a alma comete no seu trânsito pelo tempo têm de ser caramente pagos. Ninguém pode expiá-los senão quem os comete. Chamais-lhes pecados; e assim o são,

porque avultam, à vossa percepção, na luz do mal. Assim os entendeis. Tudo aquilo que não apela ao vosso senso como justo é, nessa medida, mal — pecado. Mas chamamos aos vossos erros resultados da ignorância. Ninguém cometerá suicídio se, no momento do ato, estiver na posse de uma dose adequada de conhecimento acerca do destino do suicida. Mas há uma variedade de circunstâncias que impelirão o fraco a tomar essa escolha. A pobreza, por vezes, impele nessa direção. A dor, a doença, sim, todos os males a que a vida humana é herdeira podem tornar-se alavancas, impelindo o intelecto por esse canal. E o ato é, de necessidade, justificado pela força propulsora que lhe deu nascimento. Mas a sabedoria nunca justifica ato que não esteja em harmonia com a nossa mais alta luz. Quando a alma se torna sábia — acima da ignorância — se coloca fora dela e contempla, em toda a sua deformidade, os erros que cometeu, então é que vem o remorso, e a alma recebe a sua devida medida de castigo.

P.: Pelo que entendo, a forma física serve para individualizar o espírito. Sendo assim, chegará o tempo em que todo o espírito não individualizado se terá tornado individualizado e, por conseguinte, deixará de haver necessidade de existência terrena?

R.: Cada indivíduo possui dupla individualidade, uma pertencente à vida interior e outra à vida exterior. A última é resultado de físico, educação; a primeira, de inspiração divina. São separadas e distintas entre si; embora, no corpo, mantenham a relação mais estreita, há, ainda assim, uma linha divisória nítida que sempre corre entre ambas. Como sois divinos e humanos, necessitais não só de uma individualidade divina, mas também de uma humana. Uma presta obediência às coisas desta vida humana e a outra presta obediência à vida divina. E estão perpetuamente em guerra uma com a outra, porque são dois opostos, e, em química, quando dois opostos se reúnem, há ação violenta, oposição. Mas entenda-se que toda oposição, no fim, no desfecho, redunde em bem, em grande bem. A própria fricção produzida por essa oposição é o que eleva a alma e lhe confere certa soma de conhecimento que, de outra forma, lhe faltaria. A alma, enquanto puramente alma, nunca poderia ser entendida. Tem de tocar a forma para se exprimir. A música permaneceria para sempre inaudita se não houvesse instrumentos pelos quais o seu poder místico pudesse soar. A música está no ar, em todas as coisas, mas requer instrumentos adequados, sob a lei da música, para que possa demonstrar a sua presença. Assim é com o espírito, a alma. Há também um corpo espiritual através do qual a vida interior se pode

expressar. Mantém a mesma relação com a alma ou com o espírito que o corpo mantém com a forma espiritual. Tendes todos uma natureza tríplice e, quando uma forma é posta de lado por se tornar inútil ao espírito, por ter cumprido a sua missão, feito a sua obra, não deveis supor que o espírito sai num estado não individualizado, no que ao formato respeita, que já não necessita de forma, porque não é assim. Nem deveis supor que a vossa individualidade pertencente à forma terrena é transportada intacta para o mundo espiritual e aí tem forma, porque não tem.

P.: A última parte da pergunta é: chegará o tempo em que todo o espírito não individualizado se terá tornado individualizado, etc.?

R.: Não nos foi revelado tempo algum em que tal estado de coisas exista. Enquanto a Terra for capaz de produzir formas físicas, templos pelos quais a inteligência se possa desdobrar, entrar em comunicação com os objetos exteriores na natureza, enquanto isso acontecer, na minha opinião, elas serão produzidas.

P.: Não será possível que, em idades sucessivas, tanto a matéria como o espírito, tendo passado por um processo de refinamento, se voltem a unir e repitam o círculo num estado mais desenvolvido?

R.: Não só é possível ou provável, como, segundo a lei da química na natureza, é algo que tem de acontecer.

P.: Quer dizer que estes espíritos que agora ocupam formas poderão, num futuro estágio de vida, voltar e tomar outra forma, talvez mais fina?

R.: Julgando pela experiência de outros, baseando a nossa fé na experiência deles, estamos tão certos disso quanto estamos da nossa imortalidade.

P.: Tenho sentido, pessoalmente, que habitei esta Terra noutra forma, que vivi longe, no Oriente, na Índia; se é verdade, não o posso dizer.

R.: Não é de todo improvável. Com toda a probabilidade, o seu espírito projeta através dos seus sentidos físicos presentes ténues vislumbres de uma existência anterior. Mas são tão ténues e chegam-lhe em fragmentos tão quebrados que mal os consegue entender.

P.: Não compreendo. Tenho apenas a sensação de algo muito distante e indistinto que ficou no passado.

Um dos Assistentes. Desejo declarar que, há uns quarenta anos, nesta cidade, conversava eu com um cunhado sobre este assunto, e ele disse

estar certo de que tivera existência anterior a esta. Já não vive, mas, se viesse corroborar tal afirmação, ser-me-ia muito satisfatório.

R.: Encontramos quem tenha experiência semelhante. Aquilo que era vago e sombrio, a esse respeito, na vida terrena, vai-se tornando cada vez mais claro à medida que passam para fora das brumas e sombras da vida terrena.

P.: É isto comum a toda a humanidade?

R.: É. Pertence por igual a todos.

Por Rev. Joseph Lowenthal, 23 de junho de 1869.

P.: Sendo que todas as coisas na Natureza, quer do reino mineral, vegetal ou animal, têm um ponto de começo, de completude e de decadência, no que toca às suas formas individualizadas, não virá também um tempo, nos longínquos séculos do futuro, em que este nosso planeta, a Terra, tendo levado as suas produções ao mais alto desenvolvimento possível, passará gradualmente à decadência e deixará de existir na sua forma atual, sendo os seus elementos absorvidos por outros planetas mais novos? e não será o mesmo verdadeiro de todos os sistemas de mundos no universo?

R.: As formas mudam constantemente de lugar; e não só isso — estão constantemente a desintegrar-se e, ao mesmo tempo, a tomar novas partículas, absorvendo e cedendo. Os planetas não são exceção. Os grãos de areia sob os vossos pés vão passando constantemente por uma variedade de mudanças. A forma perde a sua identidade, mas o espírito da forma não perde a sua identidade, salvo aquilo que está aliado à forma e dela depende. Cada espécie particular de vida tem missão distinta própria a cumprir e, cumprida essa missão, muda de lugar, sai da sua órbita e dá lugar a algo mais elevado. A Terra, como todos os outros planetas, tem um destino a cumprir, certa missão, no que respeita à sua carreira terrena. Cumprida essa, passará da sua órbita presente, entrará numa órbita espiritual e tornar-se-á mais eterizada, mais espiritualizada do que atualmente, e incapaz de sustentar o mesmo género de vida que sustenta agora.

P.: O uso de estimulantes de mesa, como chá, café, etc., constitui impedimento positivo ao desenvolvimento da mediunidade e, em

especial, da clarividência? e de que modo pode uma pessoa que deseje tal desenvolvimento ajudar o seu progresso?

R.: Tais estimulantes não impedem o progresso da mediunidade, nem um pouco, mas às vezes mudam o caráter da mediunidade. Afetam dessa maneira, mas não impedem o progresso. Algumas das mais raras exposições de clarividência, de visão espiritual, foram dadas quando o clarividente se achava sob a influência de algum narcótico potente. É facto bem conhecido que os videntes e videntes dos tempos antigos tinham por hábito visitar certos locais onde o ar, pela sua condição elétrica peculiar, contribuiria para a clarividência, para a segunda vista, para o transe, para a mudança de fala e todas as várias manifestações incidentes à mediunidade. Esses estimulantes de mesa são apenas filhos do mesmo progenitor. São apenas aquelas condições que, sob estados próprios, produzem esses estados exaltados chamados mediunidade. Usados em excesso, naturalmente produzem condições infelizes; e, como disse, às vezes mudam o caráter da mediunidade, mas não fazem parar as rodas do carro do progresso.

P.: Na transição para a vida espiritual, entra o espírito de imediato numa condição sã e robusta, ou tem de passar por um processo de desenvolvimento antes de chegar à sua plena estatura?

R.: Tal como a morte, ou a mudança assim chamada, vos deixa, assim o mundo espiritual vos acolhe. Alguns espíritos podem adquirir logo após entrar no mundo espiritual todo aquele vigor de varonilidade ou feminilidade tão desejável para a mentalidade; outros permanecem num estado dormiente, incapazes de ação em grande medida por longo tempo.

P.: Haverá alguma condição, nesta vida presente, em que as pessoas possam viver livres de pecado?

R.: Isso depende de como definires o termo pecado. Todo crescimento envolve erros. Enquanto as individualidades crescem, ficam sujeitas a cometer erros. A esses erros chamais pecados. A perfeição, se tal estado alguma vez puder ser atingido, exclui todo o pecado.

Mas não conheço ninguém que alguma vez tenha alcançado esse estado de perfeição por que as pessoas da igreja tanto oram com fervor. Não se encontra nesta vida, e eu ainda não o encontrei na vida espiritual.

P.: Há na vida espiritual algum critério de certo e errado?

R.: Não, nenhum, exceto aqueles critérios que são erigidos em cada alma viva. Cada um tem um padrão para si, e ninguém pode tomá-lo de empréstimo a outrem.

P.: Estão os clarividentes sempre sob o controlo de espíritos individuais?

R.: Não, certamente que não. Há o que se chama clarividência independente — um estado em que o clarividente é subitamente lançado numa condição em que o passado se lhe revela, e o futuro, juntamente com o presente, sem intervenção de qualquer inteligência segunda.

P.: Por que poder são atraídos para esse estado?

R.: Pela ação da lei natural — essa lei que se encontra na forma física e que encontra correspondência em todo o seu arredor. A clarividência depende, quanto a agentes, de tudo quanto a rodeia, até mesmo a que se chama clarividência independente, que não precisa do auxílio de nenhuma inteligência estranha. Por vezes afasta-se do corpo, em sono, sem auxílio de qualquer espírito estranho. Aí é clarividente. Toma conhecimento de coisas que passam talvez em outras terras, talvez no mundo dos espíritos. Recebe visões do porvir; recebe quadros daquilo que é passado e a realidade viva do que é presente — tudo por via de clarividência independente. Mas esta mesma clarividência independente depende do solo, das correntes elétricas e magnéticas que rodeiam o sujeito, e dessas condições, mas não da intervenção de qualquer espírito exterior.

Por Cardinal Cheverus, 22 de junho de 1869.

P.: Diz-se que o corpo espiritual possui todos os órgãos do corpo físico e que nada existe sem uso. Sendo assim, de que servem ao espírito os dentes e o estômago? Comem os espíritos alimento, mastigando-o e digerindo-o e expelindo-o do sistema no mundo espiritual como nós fazemos neste? Se não, de que servem os órgãos internos?

R.: O corpo espiritual possui todos os órgãos conhecidos do corpo natural, e todos os atributos, todas as funções, conhecidos do corpo natural — e mais também; pois a cada passo sucessivo no progresso o

espírito necessita de novas funções, novos atributos, e a Providência Divina provê a tudo quanto tem necessidade. Sim, o espírito tem estômago, tem dentes e usa-os. Os espíritos precisam de comer, como vós. Não subsistem de nada. Aqui estais no estado rudimental da vida espiritual e aqui comeis. Lá, os espíritos habitam num estado mais refinado, mas lá também comem. Receber e dar está na ordem da natureza, divina e humana. Portanto, todos os processos pelos quais o progresso se realiza aqui são igualmente conhecidos e usados no mundo espiritual.

P.: É o corpo espiritual um tipo perfeito do corpo físico natural? Quando este último é deformado, aparecerá a deformidade no corpo espiritual após a morte?

R.: As deformidades que são resultado de acidente, assim chamadas por vós, não aparecem no corpo espiritual, porque este não pode sofrer acidente. A deformidade que aparece no corpo, por ser trabalhada a partir das forças interiores, essa aparecerá também no corpo espiritual.

P.: Pode o espírito desprender-se do corpo espiritual?

R.: Pode; mas, como o espírito está sempre dependente da forma como modo de expressão, só se pode desprender de um corpo espiritual para se ligar a outro.

P.: Podemos mudar essas formas à vontade?

R.: Sim, em circunstâncias próprias — nas circunstâncias requeridas pelo caso. Aqui pode cometer-se suicídio desde que se disponha das condições adequadas, e o mesmo ocorre além.

P.: Supondo que uma pessoa nasça com deformidades nativas; veem-se estas no espírito?

R.: Veem-se na forma espiritual e ali permanecem até essa forma as ultrapassar no crescimento.

P.: Então o espírito há de, de necessidade, tornar-se aparente nessa forma ao regressar à Terra por via de médiuns? Poderia ser reconhecido clarivamente por essas deformidades?

R.: Sim, por certo — como pela cor do cabelo, dos olhos, da pele, pela estatura, pelo temperamento. Tudo isso são resultados do poder projetor do espírito através da matéria; por isso aparecem no corpo espiritual como no corpo natural. Mas se, por acidente, por violência, um membro do corpo natural se perde ou se desfigura, ou qualquer parte do corpo se desfigura, isso não se vê no corpo espiritual, pois provém do exterior e ao exterior pertence. O negro continua a ser negro no mundo espiritual; o índio continua a ser índio. E porquê? Porque assim foi feito pela ação das forças interiores ou espirituais sobre as forças exteriores ou naturais.

P.: É o poder do espírito comunicado a corpos físicos através da eletricidade como meio? ou por que meios conseguem mover cadeiras, mesas ou outros corpos materiais?

R.: A eletricidade é o agente mais poderoso que conhecemos, sob a direção do espírito. É por esse poder que todos os corpos tangíveis são movidos — todos os chamados milagres são realizados.

P.: Isto explica o poder de curar por meio da eletricidade?

R.: Sim, creio que os termos magnetismo e eletricidade são sinónimos. São apenas termos diferentes de um único poder. É uma força subtil, nas mãos da inteligência e sob direção da inteligência, que se torna todo-poderosa em toda a parte.

P.: Tem o médium, de necessidade, mais da força positiva do que da negativa ou recetora?

R.: Não. Por vezes, quanto mais negativo o médium ou sujeito, maior o poder que através dele se pode exercer; pois acontece que quase todas as vossas curas efetuadas pelos vossos curadores, modernos ou antigos, são realizadas pela intervenção do espírito — talvez de muitos espíritos. A forma material é apenas o túnel por onde o poder é vertido. É esse instrumento que faz com que as forças cheguem a um foco, para que possam concentrar-se sobre aquele que deve ser curado. Por vezes encontram-se pessoas tão largamente dotadas nos seus próprios corpos

naturais que conseguem realizar curas muito estranhas e maravilhosas sem intervenção de qualquer outro espírito.

Por Cardinal Cheverus, 24 de junho de 1869.

P.: Se, ao deixar o corpo, o espírito gravita para uma esfera afim, como pode ser infeliz? Ou, por outras palavras, como conciliar afinidade com infelicidade?

R.: Não entendo que os espíritos, na morte, sejam introduzidos imediatamente numa esfera afim. Entendo, isso sim, que podem gravitar, cada um, para a sua esfera própria, seja ela qual for ou onde for. Ninguém pode ocupar a esfera que pertence a outrem. Ela é afim às suas necessidades, ao seu estado, mas não aos seus desejos; por isso não provoca felicidade. O segundo estado de existência, ou o que assim é por vós entendido, é um estado muito natural, despojado de todas as linhas de castas, credos e convencionalismos deste estado. Aqui, as pessoas, por força das necessidades desta vida, habitam estados que não lhes pertencem espiritualmente. Não é assim na outra vida. O ouro não pode comprar lugar nem posição. A riqueza — a riqueza reconhecida como tal pela alma — só compra para a alma aquilo para que a alma está pronta a receber, nada mais.

Por Cardinal Cheverus, 28 de junho de 1869.

P.: Como obtêm os espíritos o alimento que usam? Que equivalente dão por ele? Trabalham por ele como nós fazemos aqui? e, se sim, estão sujeitos às terríveis revesses que a humanidade experimenta nesta Terra por essa causa?

R.: Diz-se que é da ordem da Natureza, na vida física, obter o pão com o suor do rosto, pelo labor, pelo esforço; e podemos acrescentar ainda que, para obter o que quer que ministre aos nossos prazeres ou às nossas necessidades, temos de nos esforçar, temos de trabalhar. Há um género de trabalho que pertence especialmente ao corpo físico, à vida orgânica física, e há outro género de trabalho que pertence à vida espiritual. Este género é o desejo — desejo ardente, sério. Vós conheceis muito bem o género que pertence à vida física. Não

desconheceis o labor das mãos, dos pés, o esforço dos membros do corpo para conseguir o que é necessário para o sustento do corpo. Mas não estais tão bem familiarizados com o que pertence mais especialmente ao espírito; embora muitos, talvez todos vós, tenhais frequentado a escola primária desse labor do espírito, mal passastes do limiar. Sim, os espíritos trabalham para obter o que lhes é necessário. Trabalham por meio de desejo ardente, mas não encontram aqueles terríveis reveses que aqui se encontram. As necessidades da alma, no mundo da alma, destacam-se de modo patente e claro e exigem provisão. E como o grande Pai Espírito forneceu provisão adequada para toda a necessidade, nenhum desejo pode ter nascimento estéril. Há de atrair para si aquilo de que a alma necessita. Um grupo muito numeroso de espíritos, que ainda estão magneticamente ligados à Terra e às condições terrenas, obtém grande parte do seu sustento através da ação da vida humana, através das condições magnéticas que pertencem em parte à vida humana, ou que funcionam como agentes entre este mundo e o mundo das almas. Este elemento subtil chamado magnetismo é o agente nas mãos de quem o sabe entender; e é um agente muito poderoso, também. A pobreza é conhecida do espírito após a morte, mas não a espécie de pobreza que aqui se experimenta. A alma pode apoderar-se, à vontade, de tudo quanto é necessário para o seu bem, para o seu progresso, para o seu desdobramento. A lei do “meu” e do “teu” é abolida no mundo espiritual. Demos graças ao grande Pai por isso. Nenhuma alma pode apertar ao peito mais dádivas de Deus do que aquelas de que necessita. Ninguém pode ter mais da beleza do mundo espiritual do que aquela que pode bem apropriar. Portanto, vede que há bastante para todos.

P.: Estou certo em crer que o corpo serve para desenvolver o espírito ou corpo espiritual e que, tendo cumprido o seu propósito, esmorece e morre? — o corpo espiritual, tendo atingido a sua maturidade, permanece firme, não partilhando, no mais pequeno grau, da decadência do corpo material, e apresentando o mesmo aspeto quando o homem morre aos noventa anos que apresentaria se tivesse morrido aos trinta e cinco ou quarenta?

R.: O seu correspondente está quase certo. O corpo espiritual é, de facto, em muito grande medida, uma produção do corpo físico e da vida física e magnética. E esse corpo espiritual nem sempre amadurece aqui nesta vida. O bebé possui o corpo espiritual do bebé, e esse corpo

espiritual amadurece após a morte, talvez tão bem como antes dessa mudança.

P.: Diferem essencialmente as almas de homens e de mulheres, independentemente das condições que rodeiam os seus corpos?

R.: Não como almas; na essência são uma só; mas na manifestação que advém da essência são mais do que uma.

P.: Qual é a diferença entre magnetismo espiritual e animal?

R.: A diferença está no grau. Um é mais refinado do que o outro. O magnetismo animal é o que se adapta à vida animal; mais rude, mais denso do que o que se adapta à vida do espírito. Na essência são um só. Diferem apenas em grau.

P.: O poder que emana dos curadores de doentes é esse poder espiritual, ou mistura-se com poder físico?

R.: É por vezes poder espiritual puro; outras vezes é poder animal puro; e outras vezes é uma mistura de ambos.

Por Theodore Parker, 29 de junho de 1869.

P.: Foi dito, em várias ocasiões, por diversas pessoas, através do médium, que um espírito está constantemente a desenvolver-se, a subir para vida mais alta, e que o corpo espiritual está constantemente a tomar novas formas para corresponder a esse desenvolvimento. Ora, para mim, há um antagonismo entre esta afirmação e a afirmação de que os espíritos voltam, ou voltarão no futuro, à Terra e a habitam de novo em corpos mortais. Visto do meu ponto de vista, o retorno de um espírito à Terra e a sua re-habitação num corpo mortal é retrogressão, não progressão. Pela segunda afirmação parece como se uma pessoa, depois de se esforçar até ao degrau cimeiro, ou lá perto, da escada espiritual, fosse compelida a ir ao fundo e a subir de novo. Pode explicar a aparente oposição entre as duas afirmações?

R.: O antagonismo reside na vossa ignorância da lei e da verdadeira definição do termo progressão. Ela não é simplesmente um curso direto, para a frente e para cima — de modo nenhum. Implica mudança, e toda a mudança se processa em ciclos ou círculos. Esta é a ordem da natureza, humana e divina. O germe progride em espiral, e o que é verdade do germe é verdade da vida madura, assim chamada. Sobeis ao cimo do monte; descendeis ao vale para poderdes subir ao cimo do monte seguinte. Parece-vos que a progressão é acompanhada de uma esfera de ação uniforme e ininterrupta. Não é assim. Há diferentes tons na grande escala da progressão humana; alguns são baixos e outros altos; por haverdes tocado uma vez as notas graves, não deveis supor que nunca mais as haveis de tocar — de modo nenhum. Por haverdes conhecido o que é a miséria humana uma vez, não deveis supor que nunca mais a haveis de conhecer. Ainda que subais ao mais alto céu, não deveis supor que não podeis descer novamente ao mais baixo inferno. Tomai, por exemplo, o homem Cristo, que se disse ser o filho especial de Deus. Toda a cristandade assim crê. Alguns consideram-no igual ao Pai. Se isto é verdade e se o registo da sua vida também é verdade, por certo não deveis esperar nada melhor do que o que ele teve durante a sua vida natural e divina. Desceu ao vale e à sombra da morte com toda a sua divindade e com toda a sua vida divina; e, mais do que isso, misturou-se com publicanos e pecadores. No jardim do Getsémani suou grandes gotas de sangue na sua agonia e clamou, na sua fraqueza humana: “Se for tua vontade, passa de mim este cálice; porém, faça-se a tua vontade, não a minha.” E na cruz clamou: “Meu Deus! por que me abandonaste?” Isto foi progressão no seu sentido mais divino e verdadeiro. Jesus nada perdeu da sua divindade, nada da sua superioridade, quando desceu a esses vales profundos de miséria humana. Diremos que então deixou de progredir? Isso seria um libelo contra Deus e contra a natureza humana, pois a progressão é incessante, eterna, nunca pára. Se Jesus, o modelo de vida divina — tal, pelo menos, para o mundo cristão —, pôde descer a vales para progredir, não deveis esperar algo melhor. A vida é sempre assim. Estudai-a na forma e a partir de um ponto de vista superficial, ou a partir da voz profunda das vossas almas interiores. Ouvi-a. Estudai-a abaixo da superfície. Sondai-a até ao fundo, se possível. Vede que ele desceu a vales de miséria humana e tornou a erguer-se, sem interrupção, ao monte da Transfiguração. Cometeis um erro muito grave ao supor que a progressão implica uma marcha constante e ininterrupta para a frente.

P.: É o homem algo mais ou algo menos do que criatura do nascimento e das circunstâncias? Se nasce com fortes características morais e mentais, e as circunstâncias em que é colocado lhe são afins, vive, naturalmente, vida moral e intelectual. Se, pelo contrário, nasce com qualidades mentais e morais apenas moderadamente fortes e o seu meio é fortemente adverso, leva vida depravada. Ora, vista a questão deste modo, pode o homem ser considerado um ser responsável, ou responsável na maneira e no grau em que o mundo, ou certa parte dele, o considera?

R.: Diz o poeta:

"Tis education forms the common mind;
Just as the twig is bent the tree's inclined."

"É a educação que molda a mente comum;
como se verga o ramo tenro, assim se inclina a árvore."

(de **Alexander Pope**, no poema "**Moral Essays: Epistle I — To Sir Richard Temple, Lord Cobham**")

E o poeta aqui diz uma grande verdade. A educação faz quase tudo no formar das vossas vidas humanas, no determinar do rumo que haveis de tomar em todas as várias veredas desta vida. Se sois educados para considerar este caminho o melhor, é muito provável que o tomeis. Se sois educados para considerar o oposto o melhor, naturalmente tomá-lo-eis. A vossa natureza humana é moldada, nesta vida, pela vossa educação.

Mas há um juiz divino colocado em todo o indivíduo pensante que chamará o indivíduo a contas por todos os atos e todos os pensamentos, e a esse juiz sois responsáveis, e a nenhum fora desse. Não há ninguém fora desse juiz divino, que vos pertence como indivíduo, para vos chamar a juízo. Podeis infringir os direitos de outrem, mas o juiz interior há de chamar-vos a contas. Tende disso certeza, se de facto infringistes os direitos de outrem. Não podeis cometer erro algum nesta vida por que não sejais punidos; por que não sejais responsabilizados pelo juiz divino que vos pertence como indivíduo.

P.: Não quer dizer que essa punição caia imediatamente sobre o transgressor.

R.: Quero dizer que, logo que, na vossa natureza externa, entraís em sintonia com a voz do juiz interior, tendes de responder, e tendes de vir a juízo. Não pode ser de outro modo, e a vossa sentença é rápida e certa.

Por Theodore Parker, 1 de julho de 1869.

P.: Deve a oração dirigir-se diretamente aos nossos amigos falecidos, ou a algum outro poder ou princípio que possa estar habilitado a auxiliar?

R.: Pouco importa que faças de agente o espírito com quem desejas comungar, ou que ores ao grande Espírito geral, àquele que está dentro de cada um de nós. Não faz diferença.

P.: Existe algo como uma Providência especial que dirija todos os atos da vida, a quem possamos orar pedindo bênçãos particulares?

R.: Toda a Providência especial de que eu saiba é lei geral, a que pertence à vida geral. Não sei — na verdade, não creio — que possamos alterar a lei um jota ou um til pelas nossas orações. Podemos, pela oração, pôr-nos em harmonia com as nossas circunstâncias, com as condições pelas quais estamos divinamente e humanamente rodeados — e, na minha opinião, é isso tudo quanto podemos fazer. Podemos orar por toda a eternidade para que o sol desça para o examinarmos. Virá? Creio que não. Podemos orar por toda a eternidade para que o Vesúvio seja removido e lançado ao mar. Nada aproveitará. Sei que o registo assim o diz, mas não o creio. A oração, nesse caso, sem obras, falharia; mas poderíamos pôr mãos à obra com pá e enxada e talvez fazer muito nesse sentido. A oração põe-nos em harmonia com a lei. Prepara-nos para receber aquilo que pedimos, mas de modo nenhum muda a lei em si.

P.: Foi Cristo um espiritualista?

R.: Sim, foi espiritualista no sentido mais amplo, e vive hoje no vosso movimento espiritual tanto quanto viveu no movimento espiritual do seu tempo.

Por Cardinal Cheverus, 6 de julho de 1869.

P.: Encontramos registada na mitologia pagã a história de um profeta quase idêntico em nome e atos a Jesus — de nome Chrishna, ou

Chrisma —, e a circunstância de mulheres lhe enxugarem os pés com os cabelos é tão notável coincidência que, ao passo que abala a fé do cristão, fornece forte prova ao cético do carácter mítico de Cristo. Podeis trazer luz sobre o assunto?

R.: Cada nação tem os seus ídolos — os seus deuses e deusas — santuários peculiares onde o povo é chamado a adorar. Nem Chrishna nem Cristo foram inteiramente seres da mitologia, mas, quanto a uma certa porção das suas vidas, há muito de mítico a eles ligado, e assim sucede com todos aqueles seres que as nações adoram. Os aborígenes do país têm as suas divindades, cujo original está na vida real, mas esse original é rodeado de tantas figuras míticas que o real quase se perde de todo à vista humana.

Ao contemplarmos o Cristo mítico, somos muito dados a esquecer a real personalidade, o espírito. Somos muito dados a ver apenas a parafernália exterior de que o real foi cercado. Não é nada de estranho. Está de acordo com a nossa organização como seres humanos. Estamos a crescer através de variedade de condições que determinam por nós, queiramos ou não. Essas condições determinam a nossa adoração religiosa, o nosso Deus mesmo. São essas condições que formam a imagem do nosso Deus e determinam que havemos de adorar esse Deus, e nenhum outro. E, à medida que a inteligência marcha através das idades, à medida que a mente fica cada vez mais esclarecida quanto à história das nações passadas e das histórias religiosas passadas, essas imagens investidas de divindade começam a assumir formas diferentes, começam a destacar-se nos seus caracteres reais, começam a ser vistas pelo que são.

Compreendemo-las melhor à medida que a luz se derrama sobre elas — a luz divina, a que dimana do passado, a que nos vem do presente, e a que sobre nós é derramada do futuro. Todas as coisas conspiram para auxiliar o espírito na sua busca da verdade — de toda a espécie de verdade. O conhecimento de que um indivíduo como Chrishna viveu não diminui em nada a realidade ou a divindade do Cristo do cristão. Mas apenas mostra, ou deveria mostrar, ao cristão que um dos fundamentos da Igreja Cristã foi tomado de empréstimo à mitologia antiga. O Cristo pode ser, ele mesmo, puro e intacto. A verdade está lá, mas a roupa foi emprestada. O rito do batismo é um rito emprestado. Com efeito, todos os ritos da Igreja Cristã, todos eles, são emprestados — alguns de Chrishna, alguns de Vishnu. De facto, todos os deuses que precederam o Deus cristão emprestaram do seu guarda-roupa, e os cristãos

apropriaram-no para que o seu Cristo pudesse ser vestido. A época presente oferece grande luz, e quem quer que se recuse a ver por ela e a aprender dela recusará comer o pão que desce do céu, que há de alimentar a alma por toda a eternidade.

Por Ab-dal-Ha-da, 12 de julho de 1869.

P.: Há um elemento de vida distinto dos germes de vida?

R.: Vida e forma são uma e inseparáveis. Espírito e matéria agem sempre em concerto. Nunca estão separados. Quando falais de espírito divorciado da matéria, entraís num vasto campo de especulação, que será sempre um campo de especulação e nada mais. Espírito e matéria são um e inseparáveis. Não os podeis separar mais do que podeis separar Deus das suas obras. Podeis fazê-lo? Nunca encontrei quem pudesse. Vi muitos que o tentaram e que trabalharam arduamente para tal, mas nunca vi um que tivesse êxito. Espírito e matéria pertencem juntos, e só podemos conhecer o espírito ou a vida como conhecemos a matéria.

Há um éter subtil que permeia o espaço, entra em todos os corpos e assiste a todas as manifestações de vida; mas, tão subtil quanto seja, está ligado à matéria. As forças invisíveis que impregnam toda a natureza estão ligadas à matéria. Só sabemos o que é o ar pela matéria a que está ligado. Nunca poderemos saber nada da vida senão como a conhecemos através de formas de matéria. Só lemos as Escrituras do nosso Deus através da matéria. Sou materialista, em todos os sentidos, porque sei, por observação e estudo sério no mundo espiritual, que matéria e espírito andam sempre juntos e nunca estão separados.

P.: O que é feito da vida, da sensação, do instinto, do conhecimento existentes na criação animal abaixo do homem, aquando da sua morte?

R.: Todos os instintos ou razões que pertencem a todas as espécies de vida abaixo do homem e até ao homem estão constantemente a trocar de lugar. O inferior toma as qualidades do superior, passa pelo superior e segue, sempre avante, mudando a sua forma e características, mas preservando intacta a sua vida. Nada se perde, mas tudo está sujeito à lei da mudança. Não deveis supor que estas formas humanas são precisamente como aquelas através das quais o espírito se manifesta depois da morte. Lá são coroadas com novos atributos, embora conservem tudo quanto alguma vez lhes pertenceu. Estão

constantemente a recolher de fresco, constantemente a mudar de lugar e a mudar de forma. O animal não perde a identidade na morte, de modo algum — continua a ser animal. Vem, através da morte, a um plano mais elevado e ali espera outra mudança. Quando esta vem, toma posição mais alta.

Passa sempre adiante e para cima, mas não perde a identidade. O cavalo é ainda cavalo; o cão é ainda cão; e, todavia, sabeis que todas as espécies de vida — animal, vegetal ou mineral — são suscetíveis de melhoria. Podeis melhorá-las pela vossa inteligência aqui; e, sendo isto verdade, não supondes que prosseguirão a melhorar por toda a eternidade? O cão é um cão mais fino no mundo espiritual do que aqui; o cavalo é um cavalo mais fino; a árvore é uma árvore mais gloriosa; a flor é muito mais bela ali do que aqui; e, no entanto, conservam tudo quanto lhes pertence, mas tomam nova vida a cada mudança.

P.: O mundo cristão não admite a árvore nem a flor no mundo espiritual.

R.: Oh, não, claro que não. O mundo cristão, como bem sabeis, sem dúvida, cometeu muitos erros. O cristianismo tem-se prostrado sempre perante o erro, e a nada mais. O cristianismo tem ignorado a vida real e tem-se prostrado sempre perante ídolos. No meu tempo, não tinha a menor fé ou simpatia com o vosso cristianismo, não com o que está corporizado em credos ou igrejas — de modo nenhum. Tinha fé em tudo quanto é bom. Acreditava no princípio do bem — num só Deus superintendendo todas as coisas e guiando tudo segundo a sua vontade; mas não tinha a menor fé na solidez, autenticidade ou veracidade da vossa Bíblia, dos vossos credos ou das vossas igrejas. Eram-me luzes falsas, que nos levavam a valas, ciladas e lameiros.

P.: Classificamos todas as existências em ponderáveis e imponderáveis. A vossa existência é para nós a do imponderável. Podeis tomar conhecimento dos elementos a que chamamos imponderáveis tão claramente e palpavelmente quanto nós o fazemos do ponderável?

R.: Aquilo que não podeis sentir ou reconhecer com todos os vossos sentidos humanos é-vos imponderável. O ar é uma substância imponderável — porque é uma substância. Para nós, o ar contém imagens, formas de substância tão tangíveis, tão reais como a terra sólida para vós. Tomamos mais claramente conhecimento dessas condições de vida que são imponderáveis para vós do que vós, porque entrámos em mais estreita relação com elas. Estamos face a face com elas. Mas há elementos subtis à nossa frente. Há elementos ainda

imponderáveis para nós. Por mais que avancemos na vida, havemos sempre de encontrar um elemento que nos seja imponderável. Aproximamo-nos de um; entramos em relação com ele; analisamo-lo; descobrimos o que é e, tendo dado conta desse, eis que outro se apresenta. O nosso Pai, Deus, não quer que sejamos ociosos, nem que jamais chegue tempo para as nossas almas em que possamos dizer que aprendemos tudo, que nada mais temos para aprender ou fazer. Deus é sábio. Sabe que os nossos espíritos precisam de ser ativos, e dá-nos apenas uma lição de cada vez, e nada mais.

P.: Há alguma verdade na astrologia?

R.: Sim, a base da astrologia é eminentemente verdadeira. Há muitos aspetos apresentados pela astrologia, moderna e antiga, que não são verdadeiros. Mas, no essencial, a ciência é eminentemente verdadeira. Sabemos que toda a forma está ligada a todas as outras formas. Há reciprocidade de ação em toda a Natureza. Os planetas atuam sobre nós e nós sobre eles. Determinam certas características do nosso ser e, possuindo eles a vida maior e o poder maior sobre nós, naturalmente guiam-nos em muito grande medida. Não podemos guiar os planetas, porque lhes somos inferiores; mas os planetas podem guiar-nos, podem determinar, em muito grande medida, quanto às nossas vidas físicas. A ciência da astrologia, quando considerada de um ponto de vista espiritual, é sublime. Apresenta aos nossos espíritos maravilhas que nenhuma outra ciência jamais apresentou. Encera em si a glória do passado, do presente e do futuro, e acena-nos para avançarmos como nenhuma outra ciência jamais o fez, ou, a meu ver, jamais poderá fazer.

Por William E. Channing, 13 de julho de 1869.

P.: Não tendem os ensinamentos destas sessões a educar-nos para rejeitarmos a crença na superioridade espiritual de Jesus sobre todos os outros homens vivos, ou que viveram? Falando por mim, como amante de Jesus, sei que tenho grande consolação nesse amor, e muito me custaria vê-lo diminuído. Mesmo aceitando que os vossos ensinamentos são verdadeiros, não resulta o meu amor especial por Jesus em benefício para mim e para a minha vida diária, por me trazer mais em rapport com os princípios de que ele foi a corporização? Tirai-nos o nosso amor por Jesus e a crença nele, e mesmo os melhores de nós não terão senão sentimentos morais gerais.

Mas deixai-nos Jesus, e temos amigo, conselheiro e exemplo — numa palavra, Deus Encarnado. Não peço (claro que não) que a verdade seja sacrificada à conveniência; mas não poderemos justamente crer que Jesus foi mais do que homem, e mais do que qualquer homem foi, ou jamais poderá ser? Tomando os vossos próprios ensinamentos sobre o que Deus é, não poderemos, com segurança, crer que Jesus foi mais disso do que os homens foram ou são? Se esta (a meu ver muito importante) série de interrogações for respondida, poderá a resposta incluir alguma referência especial a mim mesmo que me convença de que veio de “além do rio”?

R.: Se o Espiritualismo ensina qualquer alma investigadora a pensar menos das doutrinas puras de Jesus de Nazaré, então melhor fará tal alma em abandonar a investigação do Espiritualismo. O Espiritualismo é apenas a voz desse mesmo Jesus, o Cristo, a falar ao povo deste dia; mas quão poucos há que reconhecem essa voz! Mesmo aqueles que fingem saber mais acerca de Jesus são, em geral, os que menos sabem. O vosso correspondente, Sr. Presidente, parece estar casado com um ídolo. Parece ter mais amor pela personalidade de Jesus do que pelos princípios divinos que ele ensinou. Parece esquecer que há uma verdade divina no Espiritualismo precisamente análoga à que foi ensinada por Jesus. O cristianismo sempre tendeu à idolatria, e suponho que assim continuará, porque o cristianismo tem-se prostrado diante da forma e não tem pensado em adorar o espírito que animava a forma. O cristianismo tem reconhecido apenas a forma. É de lamentar, mas é verdade.

O vosso correspondente diz que é amante de Cristo. Está bem; mas seria melhor que estivesse enamorado dos princípios divinos da verdade que este homem Jesus ensinou do que enamorado do homem; pois ele nada mais é do que homem — humano, falível, como nós. Vede-o na sua agonia no horto, a orar para que o cálice passe dele! Se fosse Deus, teria assim orado? Por certo que não. De novo, vede-o na cruz! “Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem.” Se ele tivesse o poder de perdoar, teria assim orado? Se era Deus na carne, como especialidade, teria assim suplicado ao Pai que perdoasse os seus inimigos? Não; por certo que não.

Toda a nossa razão se insurge contra essa ideia. Ele foi nosso irmão mais velho, preeminente em virtude, em todos aqueles princípios gloriosos que brilham tão intensamente através de todas as eras, em meio a toda a espécie de trevas. Mas houve outros além de Jesus através de quem essas luzes brilharam. Cada nação foi abençoada com

os seus mestres divinos. Cada tribo de homens foi abençoada com os seus profetas, os seus videntes, os seus homens sábios e santas mulheres; e havemos de dizer que nenhum deles foi divinamente inspirado senão Jesus? Seria pouco justo assim determinar.

Quisera eu que houvesse mais devotos a adorarem no santuário do espírito de Cristo e menos no santuário da personalidade. Quisera eu que homens e mulheres pudessem adorar mais o princípio divino e menos a imagem. Mas assim é. A crosta da humanidade, no presente, não é suficientemente delgada para que o espírito olhe para fora e contemple, para além da forma, o espírito que anima a forma. Mas, como estamos a crescer através das condições da vida, passando mais alto e sempre mais alto, temos esperança de que virá tempo em que a religião, pura e sem mácula, será conhecida — essa religião que adora a Deus em espírito e verdade; que não conhece forma; que não reconhece altar senão os que o Deus vivo ergueu por toda a parte; que não espera juízo geral, mas sabe que o tribunal do juízo está dentro de toda alma viva. O vosso correspondente tem apenas de comparar apontamentos entre o Espiritualismo moderno e aquele Espiritualismo judeu ensinado por Jesus, e não pode senão chegar à conclusão, se for indivíduo razoável, de que são um e o mesmo, e de que, se adora o “espírito de Cristo” tal como se exibiu nas planícies da Judeia, adora o espírito do Espiritualismo tal como hoje se vê.

P.: Encaram os espíritos as faltas dos seus amigos terrenos da mesma maneira que as encaravam quando aqui na forma física?

R.: Oh, não; encaram-nas com simpatia, com caridade, com piedade; encaram-nas na plena luz da verdade; são capazes de ver por detrás do efeito e discernir a causa; sabem por que motivo os seus amigos tomam este ou aquele rumo na vida; veem as forças propulsoras, as alavancas que movem os seus amigos nesta ou naquela direção. E, quando os veem forçados pelas circunstâncias a tomar aquilo que é o menor bem, lamentam o rumo que tomaram, mas não sem esperança; porque sabem que, pela experiência que hão de ganhar caminhando por esse trilho, alcançarão força para se libertar e evitarão tal rumo no futuro, entrando em harmonia com leis melhores, dando-se a conhecer às suas circunstâncias.

Quando estivermos perfeitamente familiarizados com as leis que nos regem, naturalmente nos colocaremos em harmonia com essas leis e avançaremos de concerto com elas. É apenas por sermos ignorantes de

nós próprios e da lei, e da nossa relação com a lei, que nos revoltamos tanto contra a lei. Se não fôssemos ignorantes, nunca o faríamos, porque saberíamos que a lei é maior do que nós e nos rasgaria mais severamente se não estivéssemos em harmonia com ela.

P.: Existe algo como o que temos por hábito chamar princípio vital ou força vital, ou é apenas um modo pelo qual os princípios elementares da vida atuam?

R.: Sim; há algo como uma força vital, um princípio subtil que não só permeia a forma humana e a mantém em movimento, como permeia todas as outras formas. Por vezes chamais-lhe eletricidade, por vezes magnetismo. Dividis isso em diferentes graus ou estados e dais-lhe nomes diversos. É uma essência imponderável que mantém estas máquinas humanas em movimento ao tocar os nervos, e os nervos, por seu turno, atuam sobre os músculos. Se não fosse a presença dessa força vital no sistema, sobreviria a decadência. Onde quer que ela falte, começa a decomposição.

Se alguma parte do sistema está doente, a força vital não está lá. Se estivesse, arredaria a doença; manteria as partes em saúde. A sua ausência expõe-nos à doença. A sua presença afasta a doença e mantém-nos em harmonia com as leis da Natureza. Quando a força vital falta numa planta, ela morre. As folhas murcham; o caule torna-se incapaz de transmitir algo que, desde a raiz, lhe dê nova vida. Assim é com todas as espécies de vida animal. Quando a força vital falha, a forma animal começa a mudar, a decompor-se. As partículas começam a separar-se. Essa força vital encontra-se na atmosfera, na água, no relâmpago, na escuridão. Encontrá-la-eis em todo o lado. Tanto podemos chamá-la Deus como chamar-lhe qualquer outra coisa.

Por Theodore Parker, 15 de julho de 1869.

P.: Pode haver tal coisa como uma ideia nova e original?

R.: Não, não absolutamente, porque não sabemos quanto da ideia que pensamos originar nos pertence realmente. Não podemos dizer até que ponto somos inspirados pelas circunstâncias. Nunca somos capazes de determinar se os nossos pensamentos são absolutamente nossos, produções do nosso próprio ser, ou se foram infundidos nas nossas mentes por alguma fonte exterior.

P.: Segundo a teoria geológica, houve um tempo em que a matéria que compõe a nossa Terra existia em estado de fogo líquido. Ora, se os germes organizadores de toda a vida são eternos enquanto entidades individualizadas, onde, então, nessa época, estavam os germes de vida que, num futuro remotíssimo, haviam de cobrir a Terra de vegetação e povoá-la com vida animal?

R.: Podemos dizer, e com verdade, que os germes de toda a vida física, no que toca à vida planetária, estão contidos nos elementos primários. O fogo constitui a base deste planeta e de todos os outros. Um eminente químico francês disse um dia que, para ele, era um facto que a chama produzida de qualquer corpo em combustão continha em si o corpo inteiro; e mais: se era de natureza vegetal ou mineral, continha o germe dessa forma vegetal ou mineral. A chama mantinha esse germe intacto e uma forma que representava a forma externa da coisa que ardia. Sabemos, por conhecimento positivo, por observação, que, se queimarmos uma rosa à superfície da água, um microscópio revelará, sobre a água, a forma da rosa intacta, desde que a água esteja imóvel. Creio que não só a vida interior, mas a forma exterior, possui, em alto grau, imortalidade. Creio que a Natureza guarda em memória, e no seu vasto laboratório, todas as formas que alguma vez foram, preserva-as todas, não perde uma única.

P.: Muitas pessoas acreditam que, por vezes, a vegetação brota da terra sob condições que excluem a possibilidade de lá ter estado qualquer semente com invólucro material. Considera tal coisa possível?

R.: Sim; considero.

Por Theodore Parker, 19 de julho de 1869.

P.: É o véu que separa os mundos espiritual e material tanto obstáculo aos espíritos como o é aos mortais?

R.: Sim, é precisamente o mesmo, nenhuma diferença.

P.: Os mortais penetram esse véu pela clarividência, ou pela vivificação dos sentidos espirituais; mas como é que os espíritos tomam conhecimento das cenas da Terra? É através dos seus sentidos espirituais, ou dos sentidos corpóreos do médium?

R.: Faz-se materializando os sentidos espirituais. Este processo realiza-se entrando em relação material com certos corpos medianímicos —

corpos que estão constantemente a expelir, pelas suas vidas magnética e elétrica, a aura que pode ser usada pelos espíritos. Eles fazem uso dela para ver, para ouvir, para sentir, para entrar em relação com todos os objetos que pertencem a esta vida.

P.: Digne-se indicar o modo de nascimento para a vida espiritual. O espírito recém-nascido é uma presença espontânea para os seus amigos espirituais, ou é um processo gradual?

R.: Quando a última partícula de vida magnética se separou do corpo animal, então o corpo espiritual está completa e bem formado. É uma inteligência distinta e objetiva para todos os demais espíritos.

P.: Possui, como espírito, ideia mais definida do seu destino e do destino da raça humana do que possuía enquanto na forma terrena?

R.: Sim, mais definida, mas não absolutamente definida. Vemos um pouco mais longe no futuro do que víamos quando aqui; é só isso.

P.: Para que servem pés e pernas ao espírito, cuja locomoção acompanha e iguala a rapidez da vontade?

R.: Há uso para todos os membros, todas as partes e porções do corpo espiritual. A rosa possui beleza de cor e de forma. Não tem consciência de que possui essa beleza. Está totalmente inconsciente da homenagem que lhe prestam os mortais admiradores. Não obstante, possui a beleza. As suas pétalas são delicadamente formadas e delicadamente pintadas. O espírito precisa de forma através da qual se exprimir. A vida da rosa, o espírito da rosa, precisa da forma através da qual se exprimir. É ideia errada pensar que os espíritos não usam os seus membros no mundo espiritual. Usam.

Andam, planeiam, constroem, têm uso para cérebro, para mãos, para todos os órgãos do corpo, e, à medida que o corpo tem necessidade de desdobramento novo em forma, tem esse desdobramento novo. Não permanece sempre precisamente o que era. Se o fizesse, não cresceria. O espírito infantil, ao passar para vida intelectual madura, precisa de forma mais madura. Cada átomo peculiar de vida gera em si um género peculiar de ser elétrico e magnético. Assim, sendo o espírito dependente desses agentes — eletricidade e magnetismo — para expressão, e sendo esses agentes dependentes da forma para expressão, o espírito cresce até que a forma amadureça.

Espírito Controlador. Esta manhã chamou-se a nossa atenção, pela senhora médium cujo organismo usamos, para um artigo que surge

sobre as letras “H. C.” num jornal da Luisiana — julgo chamar-se Livingstone Herald. Parece que o autor do artigo ficou algo chocado por ver uma mensagem dada neste lugar, pretensamente, diz ele, vinda de uma rapariga negra. Para ele, tal circunstância coloca o negro não só ao nível da criação branca como um pouco acima dela; e diz que a contemplação de tal coisa lhe é perfeitamente nauseante. Sustenta, se bem o entendo, que o negro não tem imortalidade distinta.

Se a tem, é apenas a que foi tomada de empréstimo aos brancos. Tudo quanto sabe das artes e ciências, da religião, da política, de qualquer coisa pertencente à vida intelectual, tomou-o de empréstimo aos seus irmãos brancos. Sendo uma raça imitativa, como um papagaio, diz apenas o que foi ensinado a dizer, nada mais. Pois bem, quanto estamos nós, pretendendo ser inteligências sob peles brancas, adiantados em relação ao negro, a este respeito? Originamos nós um único pensamento? Dificilmente. Não copiamos nós de todo o passado por que passámos? Certamente que copiamos. Não imitamos tudo quanto por acaso nos agrada? Com certeza que sim. Se ouvimos um grande pensamento expresso, vamo-lo usar, não importa quem o exprima, em geral, salvo se o preconceito o impede.

Mais adiante, o artigo parece exprimir a ideia de que os espiritualistas cometem um erro muito grande em crer que o negro é uma alma imortal, e remata fazendo referência a uma mensagem espiritual que nos diz ter recebido de fonte fidedigna. O espírito informa-o de que toda casta e cor e grau de desenvolvimento, etc., se conservam intactos no mundo espiritual. A casta é atraída para a casta, a cor para a cor, a forma para a forma, a raça para a raça, e assim por diante. Não podemos citar a linguagem precisa, mas damos a ideia.

Seguindo esse artigo, aparece um do editor que, em si, é antes ambíguo. Não toma posição particular nele, que possamos descobrir, mas parece transmitir a ideia de que, se imortalidade significa alguma coisa, significa existência individual consciente após a morte. Parece espalhar-se pelo artigo inteiro o sentimento de que a raça branca somente tem o dom supremo da imortalidade; que nós, os favorecidos, os escolhidos de Deus, somos os únicos dotados de vida eterna; que nós, e só nós, possuímos e mantemos intacta a nossa individualidade após a morte. Ora, desejo aqui fazer uma afirmação muito ampla e sem reservas, e é esta: segundo a aceção corrente dos termos individualidade e imortalidade, nenhum de nós, absolutamente ninguém, possui

imortalidade — nem um só. Nunca houve um espírito imortal; nunca haverá.

A Natureza e o Deus da Natureza parecem tê-lo vedado. Toda a inteligência parece definir individualidade e imortalidade de uma maneira — pelo menos toda a inteligência exibida através da vida física; e, mais do que isso, essa inteligência parece ligar inseparavelmente as duas. Parece ter-lhes tecido laços à volta da sua imortalidade e da sua individualidade, e não permite que sejam separadas, quando, na verdade, estão distintamente separadas, tal como o músico está separado do instrumento em que toca. É um facto científico bem conhecido que estamos constantemente a mudar as nossas individualidades, e, se um homem ou mulher viesse a ser medido espiritualmente pelas suas individualidades e pelas características que possui, e se a imortalidade está aliada a essa individualidade — inseparavelmente —, então não podemos ser imortais, porque essas individualidades estão a mudar constantemente. Não somos hoje o que fomos ontem — nenhum de nós.

A individualidade que nos pertencia ontem não é a nossa hoje. Não pensamos hoje precisamente como pensávamos ontem; não agimos precisamente da mesma forma. Mudamos constantemente. Aqueles que nos conheceram na infância apenas nos reconhecem na idade madura talvez pelas feições exteriores, pelo nome, por esses cinzelados da vida física que se reconhecem, mas não pelos pensamentos, não por aquilo que nos faz seres inteligentes. Paulo diz: “Quando era menino, falava como menino, agia como menino, mas, quando cheguei a homem, deixei as coisas de menino”; por outras palavras, mudei a minha individualidade.

A mãe que espera encontrar o seu bebé como criança no mundo espiritual, após anos se lhe terem somado nessa vida, ficará desiludida, pois a criança cresce em forma e em intelecto. A antiga individualidade que possuía na sua vida de bebé aqui foi sendo acrescentada vez após vez, até que o pequeno germe se mudou por completo. A nossa imortalidade não consiste na forma, nem no montante de inteligência que temos, nem no género particular de inteligência de que estamos dotados. Em que consiste, então? No facto de termos o dom de vida, sob alguma condição, para sempre e sempre.

Por William E. Channing, 20 de julho de 1869.

P.: Defina o princípio cognoscente, a consciência. Diga-nos onde começa na escala da Natureza. E não é a consciência no homem a mesma que observamos na ordem inferior dos animais? E por que razão deverá a consciência do homem ter mais direito à imortalidade do que a do cão ou do cavalo?

R.: A consciência do humano não tem mais direito à imortalidade do que a do cão ou do cavalo, na minha opinião. Cada esfera de vida consciente possui o seu género de consciência distintivo. Não perdemos a consciência quando dormimos — nem o cão, nem o cavalo. As evidências em contrário são numerosas. Nem sequer entramos num estado em que nos separemos de toda a consciência — em que durmamos no absoluto.

Nas horas de sono mais profundo, aqui na vida física, os nossos espíritos estão conscientes. Há uma consciência interior que nunca dorme. O cão sonha e demonstra-o. Quem o observa apercebe-se disso. O cavalo sonha. Se isto é verdade quanto a estes dois animais, por que não quanto a todos os restantes? Cientistas que investigaram nessa direcção dizem-nos que é verdade. Não é possível definir consciência, senão dizendo que estamos despertos para o que nos rodeia.

Por Theodore Parker, 9 de setembro de 1889.

P.: Qual é o princípio atuante das forças involuntárias do corpo? Se disserdes “Vida”, perguntamos: “O que é?”

R.: Sendo o corpo físico possuidor de dois conjuntos distintos de nervos, o voluntário e o involuntário, a ciência diz-nos que a ação da subtil aura, ou força, nervosa, ao passar sobre o sistema involuntário, causa ação involuntária. No seu jogo sobre o sistema voluntário, atua sobre o cérebro; a sua força é ali aplicada primeiro e, daí, desce por todo o sistema nervoso voluntário. Podereis perguntar: “Há alguma diferença entre a força que atua sobre o voluntário e a que atua sobre o sistema nervoso involuntário?” Responderia: “Não; creio que são uma e a mesma força.” Podemos dar quantos nomes quisermos, mas, afinal, é uma força.

Chamais magnetismo e eletricidade duas forças distintas. Isto é erro — são uma. Vistas sob certas circunstâncias, chamais-lhes magnetismo — sob outras, eletricidade. Tereis de usar esses termos enquanto deles tiverdes necessidade; mas, à medida que subirdes na vida, haveis de largar um após outro e chegar à simplicidade de expressão. Hoje não o

podeis entender; por isso precisais do vosso magnetismo, da vossa eletricidade, das vossas forças psicológicas, e de mil e um termos para uma e a mesma coisa.

P.: Podem os espíritos contemplar o universo material independentemente de um médium através do qual ganhem entrada ao nosso plano de ação? Se sim, não são muitas vezes tornados infelizes por contemplarem os muitos sofrimentos e violações da lei nesta vida?

R.: Podem contemplar o universo material, mas não exatamente no mesmo sentido em que vós o contemplais. Vedes aquela parte do universo que apela aos vossos sentidos corporais; nós também a vemos, mas muito tenuemente, salvo quando estamos em nítida relação com algum organismo físico chamado médium. Mas contemplamos distinta e claramente aquilo que vós não reconheceis de todo; isso é o tangível para nós — é o intangível para vós. Para nós, no nosso estado espiritual puro, à parte do controlo medianímico, todos os objetos da vida que podeis reconhecer com os vossos sentidos humanos são-nos intangíveis; são sombrios; ao passo que aquilo que não podeis ver ou sentir é, para nós, a vida real.

“Não ficam eles muitas vezes miseráveis”, pergunta o interlocutor, “ao contemplarem os muitos sofrimentos e as violações da lei nesta vida?” Em certa medida, ficam, mas não sem esperança. Não é aquela espécie de trevas da meia-noite que por vezes se abatem sobre o espírito na vida terrena. É uma dor aguda e penetrante que deixa o espírito melhor por tê-la atravessado. Quando às vezes vemos aqui os nossos amigos em sofrimento, choramos com eles — derramamos lágrimas pelos seus padecimentos.

Quando os vemos a trilhar veredas de vício, que conduzem diretamente à fornalha da aflição, lamentamo-nos por eles, mas não sem esperança; pois sabemos que o espírito acabará por vencer a sua fraqueza e que esses flagelos e chicotes apenas terão cumprido o seu dever para com eles. Se fossem nossos filhos, poderíamos lamentar ser chamados a castigá-los e, no entanto, poderíamos sentir que o melhor seria fazê-lo. Podemos castigar por amor, para que o espírito, através da disciplina, alcance formas mais belas e se eleve a coisas melhores.

Pelo Padre Henry Fitz James, 21 de setembro de 1869.

P. É verdade que as pessoas são conduzidas ao deserto pelo espírito, tanto quanto o eram há mil e oitocentos anos? R. Não vejo por que não há de ser verdade. Se os mortais podiam ser conduzidos por espíritos

então, não vejo por que não o possam ser hoje. P. Não acha que somos conduzidos ao deserto da dúvida e aí deixados por aqueles que estão na vida espiritual?

R. Às vezes. Os espíritos têm uma variedade tão grande de meios pelos quais e através dos quais podem atuar sobre os mortais quanto as circunstâncias variáveis do caso exigem. Cada condição requer um grau diferente de ação.

P. Os espíritos possuem maior conhecimento do que nós nesta vida?

R. Só por observação, investigação e estudo. Eles têm conhecimento porque viram mais ou ouviram mais. Teria maior conhecimento acerca de Londres se tivesse vivido lá quinze anos do que tem agora.

P. Sim, mas não se eu lá acabasse de chegar. Os espíritos recebem conhecimento imediatamente ao chegar ao mundo espiritual?

R. Não; o conhecimento não é derramado sobre nós sem esforços da nossa parte. Torna-se precioso para nós apenas na medida em que é difícil de obter.

P. Os espíritos estão a par dos assuntos desta terra?

R. Estão — alguns deles.

P. Por que razão alguns hão de estar e outros não?

R. Porque alguns não têm interesse nos assuntos deste mundo. Alguns, na terra, não se interessam por política, e os que se interessam estão muito melhor informados do que eles sobre esse assunto. Assim também na nossa vida: os que não se interessam pelos assuntos da terra não sabem tanto deles como aqueles que se interessam.

P. Sabem os espíritos o futuro dos assuntos relativos a este mundo?

R. Apenas por comparação. Sabem que certos efeitos seguir-se-ão inevitavelmente a certas causas. E eles, podendo ver essas causas, enquanto vós não podeis, conseguem assim perceber mais facilmente o futuro.

P. Então sabem mais do que nós?

R. A vida é um problema matemático; passado, presente e futuro estão ligados. Quem compreende claramente o presente e conhece o passado pode julgar com grande correção acerca do futuro. Os astrónomos podem prever com absoluta certeza a aproximação de certas mudanças

nos corpos celestes. Como o podem fazer? Pelo estudo e pela demonstração matemática; comparando o passado com o presente e julgando em ligação com o futuro. A vida, no absoluto, não admite divisão; o passado e o futuro são, no absoluto, o todo — o presente.

P. A informação de um espírito não está disponível para todos?

R. Para todos os que a desejem.

P. Então por que não pode ser-nos dada toda a história do mundo, desde a sua criação até ao presente?

R. Porque não há instrumentos aptos para o trabalho. Por que não podeis ver a estrela mais distante? Porque não há instrumentos pelos quais o vosso olho possa alcançar esse conhecimento. Não porque o olho não seja capaz de ver, se tivesse um telescópio de potência suficiente para o ajudar. É porque não tendes hoje os instrumentos.

P. O que quer dizer com instrumentos?

R. Quero dizer pessoas que possam receber, na vossa vida, esse conhecimento e o reflitam na mesma luz.

Por Theodore Parker, 27 de setembro de 1869.

P. Diz-se que toda a pessoa tem um guia espiritual. Se assim é, por quem ou por que lei são eles nomeados?

R. É de supor que toda a pessoa que habita aqui na vida física tenha algum espírito, se não mais, que, em obediência à lei da necessidade e do suprimento, seja atraído por ela. Esses espíritos interessam-se profundamente por elas e exercem um cuidado vigilante sobre as fraquezas da vida humana. Tais seriam considerados espíritos guardiães. São-no em virtude da lei espiritual; vêm até vós, se é que vêm, por atração espiritual. Todas as almas, assim como os átomos da vida, repelem-se ou atraem-se mutuamente, conforme o caso, por lei fixa. Se uma alma é atraída para vós, é atraída por lei, por lei fixa, e torna-se vosso espírito guardião por lei. O amor é um atributo da lei, divino, perfeito e santo, e é o canal pelo qual e através do qual os vossos espíritos guardiães atuam. Amam-vos, por isso procuram fazer-vos o bem; vêm ter convosco e velam por vós.

Por vos terem dito que cada um tem um espírito guardião, não deveis supor que eles estão sempre presentes e nunca ausentes. Eles vêm

quando a lei do seu ser e do vosso exige que venham. Estais doentes? Desejais ficar bons, e a vossa vida interior, instintiva e naturalmente, estende-se em busca de algo mais elevado, acima de vós, para vos melhorar. Não importa se é o grande Deus ou algum espírito bondoso; e esse desejo alcança esses espíritos, e eles vêm até vós porque vos amam. Quando a necessidade é suprida, deixam-vos e esperam até que a próxima ocasião os traga de novo ao vosso lado.

P. A ideia de um guia espiritual não interfere com a liberdade dos nossos atos e a nossa responsabilidade perante Deus?

R. De modo nenhum; porque esses guias espirituais não são os vossos líderes. Seria o mesmo que dizer que não sois seres responsáveis porque não nascestes tais; porque tivestes pais e mães que diligentemente cuidaram de vós até estardes bem aptos a cuidar de vós próprios. Esses espíritos guardiães não nos tiram a responsabilidade nem a individualidade; apenas nos auxiliam quando precisamos de auxílio. São para nós como apoios quando deles necessitamos, mas não são os nossos líderes.

Pelo Cardeal Cheverus, 4 de outubro de 1869.

P. Nesta vida alguns têm boa memória e muitos têm memória fraca. Poderão os do último grupo esperar no futuro recordar todo o conhecimento de história ou ciência que em tempos adquiriram mas parecem ter perdido totalmente?

R. Cada espírito possui uma recordação distinta de todos os seus pensamentos e de todos os seus atos. Tem um registo de tudo o que experienciou em toda a sua vida passada e de tudo na sua vida presente. A memória, para o espírito, é eterna. Aqueles que aqui não têm grande faculdade ou dom nessa direção não o têm por deformidade física — carência física; os órgãos corporais pelos quais a memória se manifesta estão talvez num estado inativo, de tal modo que o espírito interior não os consegue usar com êxito. Mas não é assim na vida futura; toda a condição por que o espírito passou é registada pelo espírito, e esse registo é tão eterno quanto o espírito é eterno.

P. Qual a razão por que os espíritos encontram tão grande dificuldade em corrigir os seus erros de juízo em religião e filosofia na vida futura, embora as suas capacidades se ampliem e outros espíritos mais esclarecidos presumivelmente estejam prontos e dispostos a instruí-los?

E não serão as nossas oportunidades aqui muito melhores do que na vida espiritual para adquirir conhecimentos de toda a ordem, como se poderá inferir da dificuldade que os espíritos parecem ter em corrigir os seus erros e mudar os seus maus hábitos de pensamento e ação?

R. “Presumivelmente” — a palavra está bem usada. Presume o vosso correspondente que espíritos esclarecidos estão prontos a ajudar os ofuscados que vêm da vida terrena; mas entenda-se que, embora espíritos esclarecidos, sobre todos os assuntos, estejam prontos a dar luz a outros, só lhes é permitido comunicar de acordo com a lei que os rege. Quando o espírito entenebrecido pede, com toda a honestidade de alma, mais luz, e a procura, está pronto para a receber e fazer bom uso dela, então eles estão prontos para a dar. Mas se ela fosse imposta ao espírito obscurecido, aplicar-se-ia aqui o velho ditado da terra: “O homem convencido contra a sua vontade continua da mesma opinião.” Os espíritos não encontram a dificuldade em superar as suas opiniões erróneas que vós supondes.

Não deveis pensar que, por não saltarem para um conhecimento imediato após a morte, têm grande trabalho para o alcançar. Mas é lei para todos os espíritos que avancem por graus lentos e distintos. Não há arcos que abranjam os abismos por cima dos quais os espíritos possam marchar à vontade; eles têm de avançar por graduação regular; têm de subir a escada da sabedoria humana — não se omitindo um único degrau — antes de poderem passar das trevas à luz. O sol não aparece imediatamente quando as sombras da noite começam a dissipar-se, e a Natureza move-se, em todos os seus domínios, lenta e seguramente. Assim é com o espírito. Por Rev. Joseph Lowenthall, 5 de outubro de 1869.

P. Tornou-se o índio mais progressivo do que o branco? e é por isso que estão a exterminar o homem vermelho?

R. Espiritualmente, em sentido absoluto, o índio está muito à frente dos brancos. Sei bem que o egoísmo da raça branca se erguerá para negar esta afirmação; mas há de chegar o tempo em que as religiões de ambos serão pesadas na balança da Justiça, e bem sabemos quem há de sofrer. A religião pura e não adulterada do índio envergonhará o seu irmão branco e a sua religião; e quando, na outra esfera, a alma do homem branco se vir despojada de todos os falsos envoltórios, verá que a religião do índio está muito à frente da sua.

O índio recebeu a sua religião através dos raciocínios da sua alma — é esse o tipo natural de religião; é não adulterada, pura, intuitiva, livre das fealdades do mundo. Chegou-lhe por intuição; vê Deus em todas as coisas, ouve-o nos ventos, percebe os seus atributos em todas as obras da Natureza, que é a sua Bíblia — a Bíblia de Deus. Quem me dera que vós, de pele branca, tivésseis uma religião tão pura perante Deus como a do índio. Por Theodore Parker, 14 de outubro de 1869.

P. É verdade que, na terra dos espíritos, podemos prosseguir e desenvolver qualquer ramo de conhecimento, seja ele qual for, que tenha reclamado a nossa atenção aqui, mas que não pudemos continuar por causa da brevidade da nossa estada aqui?

R. Sim, é verdade. O botão que aqui é queimado floresce lá. Aquilo que realmente nos pertence por direito da alma podemos ali prosseguir como prazer ou como ocupação no mundo espiritual. Se o artista o era por vida interior — se o era porque amava sê-lo, não porque as circunstâncias externas o forçaram a sê-lo — então ele continua a ser artista, e todas as circunstâncias que tenderam a tolher os seus esforços aqui são ali varridas. Ele encontra maior amplitude, maior liberdade, mais poder. Ele descobre que as suas faculdades artísticas desabrocham; possui aquelas que não sabia aqui possuir.

P. De que utilidade me será o conhecimento de muitas línguas numa vida futura? Tenho paixão por elas e tenho trabalhado arduamente para as adquirir, e seria para mim um prazer continuar sempre na busca desse ramo de conhecimento; mas muitas vezes sou levado a perguntar: será o conhecimento de diferentes idiomas de alguma utilidade para mim num estado futuro, uma vez que espíritos de todas as nacionalidades se podem entender simplesmente pela leitura recíproca da mente ou do pensamento?

R. A linguagem pertence à terra. É o veículo através do qual o pensamento é aqui expresso na vossa vida, mas não o é no mundo espiritual. Portanto, a aquisição de todas as línguas conhecidas pouco aproveitaria ao estudante na vida futura.

P. Os nossos incidentes e atos quotidianos são indicativos da esfera futura para a qual as nossas almas hão de gravitar pela força da atração magnética?

R. Sim; lançamos pelo menos aqui, nesta vida, os alicerces das nossas casas espirituais. Todas essas irrupções do espírito que vemos nas características dos indivíduos, nos seus atos, nas suas palavras, em tudo

o que compõe as suas vidas, moral e mentalmente, são levadas para o mundo espiritual e tornam-se parte da sua existência ali.

Espírito Controlador. — Foi-nos chamada a atenção para um artigo saído no “Livingston Herald”, em resposta a outro que apareceu no “Banner of Light” há algumas semanas. Esse artigo intitula-se “Tem o negro uma alma imortal?” O artigo que apareceu no “Banner of Light” sobre essa questão, há algumas semanas, foi uma crítica a um que surgira no “Livingston Herald” algum tempo antes. O autor assumia então que o negro não tinha imortalidade ou, se a tinha, era apenas a que era emprestada pelos seus irmãos brancos e que a perdia na morte. Não tinha alma à parte da alma do homem branco. Parece que a autoridade das ideias em questão, a saber, que o negro não tem alma imortal, é um espírito desencarnado que vem a esta vida e, através da vida mediúnica, dá as suas opiniões acerca do negro.

Numa nota, provavelmente do editor, somos acusados de evitar o tema da imortalidade do negro no nosso artigo e de termos sido muito cuidadosos em não dizer que ele tinha alma imortal; que ele vivia depois da morte. Acusa-nos de elaborarmos ideias gerais evitando o ponto em causa e conclui dizendo que é evidentemente um tema novo para nós e que, sem dúvida, nos apanhou de surpresa. Pois bem, certamente o negro não é um tema novo para mim; não o era quando aqui estava, e não o é agora. Não tenciono entrar neste assunto longamente, porque não tenho tempo.

Limito-me esta tarde a fazer uma afirmação que, espero, será compreendida. Já que não consegui fazer-me compreender no artigo anterior, espero ser compreendido agora. Antes de mais, quero declarar clara e distintamente que sei que o negro possui tanta imortalidade quanto eu. Sei que tem existência no mundo espiritual; que o encontro a cada passo. Sei que a imortalidade não depende de peles negras ou brancas. Como o sei? Como sabemos todas as coisas: por observação, por estudo, pelo que vemos, ouvimos e sentimos.

Quando encontro e falo com o negro no mundo espiritual, ele é tão espírito desencarnado quanto eu. Sei que ele vive ali; não é matéria de especulação para mim. Se a imortalidade dependesse da raça branca, ou fosse resultado, como diz “Hiskenean”, do desenvolvimento frenológico, eu lamentaria o Deus que nos fez, pois teria cometido um erro crasso. Imortalidade dependente de desenvolvimento frenológico! Então teríamos de ir mais longe.

Teríamos de dizer que a nossa imortalidade, a nossa vida da alma, depende da natureza, da forma; que crescemos a partir da natureza; e, se assim é, também Deus. Se a alma em nós é resultado de desenvolvimento natural, então o Deus que nos protege é resultado de desenvolvimento natural. Ora, sustento que o espírito é anterior à matéria; sustento que antes que a matéria fosse, como tal, já o espírito era; sustento, também, que o espírito depende da matéria para expressão, mas não para o ser; sustento que a imortalidade depende da matéria para expressão, mas não para o ser; sustento que a imortalidade, a vida da alma, não depende de pele branca ou negra, do desenvolvimento frenológico do negro ou do homem ou mulher brancos.

Pois eu desceria muito os degraus da ciência humana, esqueceria o que me trouxe ao meu presente nível, ignoraria o meu Deus e o Deus da ciência, se acreditasse que a imortalidade dependia de algo humano. Se o nosso correspondente define a imortalidade como se define a individualidade, então, claro, tem razão. Ela muda, por certo, na expressão. A imortalidade que é nossa na expressão de hoje — reparem — a que é nossa na expressão de hoje, pode não ser nossa na expressão de amanhã, porque a vida orgânica através da qual a imortalidade se exprime está constantemente a mudar. Portanto, a expressão tem de mudar constantemente. Mas a imortalidade, como imortalidade, não depende de mudança alguma, de nada neste mundo, de nada no nosso mundo.

Agora, ficaríamos muito satisfeitos se esse espírito, esteja ele dentro ou fora do corpo humano, saísse de trás da sua máscara e nos dissesse quem foi quando viveu nesta vida terrena; dissesse quais eram os seus princípios morais; dissesse o que era politicamente; dissesse onde se situava mentalmente; então poderemos avaliá-lo — saber quanto vale ele e quanto vale a sua opinião. Se continuar escondido sob a máscara, não o poderemos saber. Nunca gostei de artigos anônimos quando aqui estava; não gosto deles agora. Eu apresento-me e declaro-me ser Theodore Parker; ninguém mais.

Respondi ao artigo em questão. Toda a gente sabe, a que me conhece minimamente, o que eu cria quando aqui estive. Toda a gente sabe, a que me conhece como espírito desencarnado, que me mantenho muito próximo de algumas das ideias que nasceram aqui. Abandonei algumas e adquiri novas. Mas, uma vez mais, deixai-me declarar distintamente, com receio de ser mal compreendido, de ser acusado de voltar a rodear o assunto e de evitar o ponto em causa: “Tem o negro uma alma

imortal?” sim, tem, enfaticamente. Eu sei-o, porque o vejo aqui, na minha vida. Eu sei-o, porque entro em rapport espiritual com ele a quase cada passo que dou. Trabalhei arduamente para o beneficiar aqui nesta vida, e continuo o meu labor naquela a que chamais vida espiritual. Deus conceda que eu possa trabalhar longamente nessa vinha, pois há necessidade disso.

Por Theodore Parker, 25 de outubro de 1869.

P. Não é verdade que homens e mulheres altamente cultos, falecidos da vida terrena, raramente encontrem prazer ou dever em voltar a comunicar connosco? e, quando o fazem, é uma espécie de espírito missionário e abnegado que os impele a tal; e, por consequência, as nossas comunicações através de médiuns vulgares parecem, em regra, de baixo nível intelectual — por vezes baixas em moral e bom gosto?

R. Não, não é verdade, em sentido algum. É absolutamente falso. Aqueles que deixaram esta vida terrena há longas eras, que ocupam altos lugares nas esferas, cujas testas estão coroadas de sabedoria, amor e poder, são os que encontram o seu mais alto céu, por assim dizer, em retornar à terra e pregar a vós, espíritos que estais nas trevas, a vós almas ainda presentes no corpo mortal, a vós que mal conseguis entrever para além do véu e crer sequer na vida futura. Eles vêm manter viva essa crença, inspirar-vos fé, dar-vos, na vossa vida interior ao menos, vagas vislumbres da terra prometida. Se não fosse a vinda deles, as portas da vossa vida espiritual interior estariam firmemente fechadas.

Recebeis deles luz, se alguma luz recebeis, acerca do estado futuro. Vós estaríeis todos na dúvida. Eles vêm até vós quando não o sabeis; ministram às vossas necessidades espirituais; eles fortalecem a vossa fé. O antigo lar terreno continua-lhes caro e, por maiores que sejam as dificuldades que enfrentam ao regressar, alegram-se em combatê-las; alegram-se por ver os pés feridos de espinhos ao voltar; alegram-se por voltar a misturar-se com as cenas terrenas para vos conduzirem ao plano em que ao menos possais ter fé noutra vida e forte esperança de que essa outra vida será melhor do que esta.

P. Têm os espíritos no céu o mesmo nome que tinham na terra?

R. Nem sempre. Às vezes é assim, mas geralmente não.

P. Como, então, podemos saber se são as pessoas por quem perguntamos?

R. Ao regressarem aqui, espera-se que digam os nomes pelos quais eram conhecidos na terra.

P. Sempre?

R. Sempre.

P. Que devo pensar se uma criança, ao voltar, dissesse que era minha filha e ainda assim se chamasse por outro nome — um que nunca ouvi?

R. Se tal criança teve um nome terreno, deveis perseverar em exigir esse nome. É vosso direito. Muito provavelmente, a criança não o sabe. Na sua experiência como espírito, pode ter perdido esse nome terreno, mas há outros que a podem informar. Persisti nos vossos esforços para o obter e, muito provavelmente, acabareis por consegui-lo. É vosso direito tê-lo.

P. Outros espíritos chamarão essa criança pelo nome que teve aqui na terra?

R. Não, não necessariamente; mas sabem — alguém, sem dúvida, no mundo espiritual — que nome ela teve aqui, por que nome vós a conhecereis.

P. As más ações que cometemos aqui vêm à memória na vida espiritual e perturbam a nossa felicidade? R. Vêm, com toda a certeza; e essa perturbação é mais aguda do que poderia alguma vez ser aqui. P. Há algum limite para a continuação dessa infelicidade?

R. Há, mas não um limite geral. Quando a alma tiver ultrapassado as condições que geraram aqui o erro, então o remorso passará. O mal é transitório e tem de passar, enquanto o bem é permanente e há de permanecer para sempre.

Por William E. Channing, 26 de outubro de 1869.

P. O uso do tabaco prejudica o espírito, ou o corpo espiritual, na vida espiritual? E impede o desenvolvimento das faculdades mediúnicas?

R. Não pode haver dano permanente para o espírito. Tudo o que possa parecer ferimentos infligidos ao espírito não passa de sombras que sobre ele caem de modo transitório. O tabaco é um daqueles venenos subtis que impedem a alma, ou a mente, de se exprimir naturalmente através do corpo. Paralisa de tal modo os sentidos, ou teclas do ser mortal, sobre as quais o espírito toca ao exprimir-se na vida exterior, que é impossível

usá-los de forma natural e perfeita. Mas, como disse, todo o dano que possa causar ao espírito é apenas transitório.

Não pode deixar ali cicatriz permanente, embora o efeito seja levado com o espírito para o seu lar futuro, para aquela outra vida que lhe pertence como espírito; porém, à medida que o sol do amor natural e divino se derrama sobre ele, essas nuvens dissipar-se-ão e vereis que o espírito é puro, incólume e não traz cicatriz.

Perguntais: “Impede o desenvolvimento da mediunidade?” Não, não impede; mas afeta a mediunidade. Temos em mente o caso de um médium, o Sr. Foster. Os que melhor o conhecem sabem que é fumador inveterado, faz largo uso do veneno, o tabaco. E este, a que se pode chamar um mal, é permitido, desculpado, tolerado pelos espíritos estrangeiros que o dirigem, os que vêm a ele de tempos a tempos para trazer mensagens aos seus amados aqui. Poderíeis perguntar porquê.

Respondo: porque, num estado estritamente normal, seria muito difícil usá-lo como médium. O poder estaria lá. A sua mediunidade, enquanto tal, estaria tão bem desenvolvida e desabrochada como agora, mas os espíritos que vêm a ele para usar esses poderes não os poderiam usar com tanta facilidade; e assim eles dispõem-se a vir, mesmo através de uma nuvem de fumo de tabaco — que, asseguro-vos, lhes é muito ofensiva — para que possam chegar àqueles que ficam aqui e precisam de bem; aos que estão na sombra e precisam de luz.

Fazem por vós sacrifícios que, estou certo, dificilmente estaríeis dispostos a fazer por eles. Põem de lado toda a formosura e prazer dos seus belos lares para além do rio da morte para vos servirem; eles vêm; são os vossos mais humildes servidores; ensinam-vos o melhor que podem; respondem aos vossos apelos; consolam-vos na vossa tristeza; asseguram-vos outra vida; dão-vos uma esperança para além da mortalidade, uma realidade sólida de que há um mundo melhor do que este, uma condição de ser onde sereis libertos de muitas das opressões que aqui, na vossa vida mortal, vos gravitam em torno.

P. São tão boas, na vida espiritual, as condições para adquirir as ciências naturais como aqui?

R. Quando dizem respeito especialmente às coisas que podem ser reconhecidas, medidas e analisadas pelos vossos sentidos físicos e mortais, então é mais difícil familiarizar-se com as ciências; mas, quando não se relacionam especialmente com as coisas desta vida, e sim mais intimamente com o espírito, então têm vantagens muito superiores às

vossas. Aqueles que fizeram de um certo ramo da ciência o seu estudo aqui, que o dominaram, lançaram para si uma base ampla sobre a qual continuar ou erguer um edifício de beleza, poder e firmeza no outro mundo.

Por exemplo, o geólogo que dominou a ciência da geologia, tal como se relaciona com esta vida, vai para o mundo espiritual com os alicerces bem assentes. Pode pôr-se logo ao trabalho e erguer uma estrutura espiritual sem dificuldade alguma. Não há o impedimento da pobreza a travá-lo; não tem de lutar lá com a doença. Pode viajar como quiser. Encontra mestres a cada passo da vida, aqueles que sabem mais do assunto do que ele. Basta-lhe pedir, e recebe. Há escolas de ciência na nossa vida que estão muito para além da vossa concepção.

Estais no abecedário da ciência, mesmo quanto às coisas desta vida, ainda. Sabeis muito pouco acerca do que vos rodeia. O geólogo não pode descer muito fundo na terra. Até certa profundidade pode ir; além disso é tudo especulação. Quando considerais que tudo quanto há nesta vida que possais reconhecer — tudo quanto a terra contém à superfície e debaixo dela, tudo quanto o ar contém e tudo quanto há no mar — tudo isso tem existência espiritual bem como material, e que o espiritual é suscetível de análise, isso desafia a ciência do mundo espiritual a analisá-lo; e, ao considerardes isso, não vos admirareis que vos diga que a ciência da vida no mundo espiritual está muito além da vossa concepção humana. Por Theodore Parker, 28 de outubro de 1869.

P. Não é uma desgraça, e prejudicial à felicidade e ao progresso harmonioso de alguém, ser espírita, filantropo ou reformador — se for pobre, sem meios e influência para corrigir as muitas desordens da sociedade, e quando a corrente das loucuras populares é demasiado forte, tornando vãos os seus esforços e muitas vezes arrastando o reformador com ela contra a sua vontade?

R. No que respeita às coisas desta vida, é uma desgraça, e terrível, porque a alma filantrópica está constantemente em guerra contra aquilo que não pode vencer, e as duras condições do destino batem continuamente sobre a alma. Mas há outra vida além desta, e quem foi reformador aqui — homem ou mulher de bem aqui — levará essa bondade consigo para essa outra vida. Então é que todas essas dificuldades, pobreza, doença, várias incapacidades que se apresentam dia após dia, desaparecerão. A estrada estará aberta e não haverá pontes a atravessar onde se cobrem portagens. Tudo será livre, e a alma

benévola poderá cumprir plenamente os seus desejos benévolos e levar avante o que aqui não pôde. Aquilo que aqui foi desgraça constituirá lá o seu mais alto céu. Portanto, acalentai-o, ainda que vos traga espinhos aqui; guardai-o junto ao coração e nunca o largueis — levai-o convosco; será um salvo-conduto que vos admitirá a um alto céu no porvir.

P. Não fomos dotados pelo nosso Criador de paixões e apetites para usos legítimos e santos e, portanto, não será errado estar sempre a denegrir e negar as propensões animais, em vez de as controlar e dirigir nos seus usos, como Deus evidentemente ordenou?

R. Todas as funções inferiores das nossas vidas humanas pertencem exclusivamente às coisas deste mundo, às necessidades da vida física, do corpo e do sentido; e, portanto, devem ser mantidas sob devida sujeição a fins mais altos, sujeitas, se quiserdes, à lei moral, às funções da nossa natureza que são preeminentes acima dessas funções animais. O uso delas é bom, muito bom. Isso é dar às coisas desta vida o que lhes é devido; mas o abuso delas não só vos causa miséria nesta vida, como também envolve o vosso espírito em trevas na outra vida, pelo menos por um tempo, de tal modo que dificilmente seria bom conceder-lhes demasiada liberdade.

Foram dadas a cada um de nós pelo mesmo poder que nos deu as faculdades morais, a razão, e devemos sempre permitir que a razão, a mais alta luz da nossa natureza, a sabedoria mais divina que possuímos, guie e dirija em todas as necessidades inferiores que dizem respeito às nossas vidas, nada ignorando, mas dirigindo, guiando e dando a cada uma o seu devido lugar, devido uso e devido tempo. É grande coisa saber governar o nosso “eu” inferior. É uma coisa divina, e quando todos soubermos fazê-lo tornar-nos-emos deuses em sabedoria, em moralidade, em tudo o que constitui deuses.

Por Theodore Parker, 1 de novembro de 1869.

P. Num número recente do Banner os espíritos dizem que este é o período mais perigoso da história do mundo. Pergunto: referem-se à ação vulcânica ou à ação dos governos humanos, na medida em que afetam o bem-estar do homem?

R. A referência nesse sentido é geral — refere-se ao vosso espiritual e material — às mudanças vitais que estais a atravessar neste momento. E, como ides passando por mudanças, também a terra as atravessa.

Atingistes, religiosa, política, física e espiritualmente, um certo ponto que, ao serdes além dele, desenvolverá mudanças muito grandes, que vos hão de revelar, como mortais e como espíritos, aquilo que nunca vos foi revelado antes. A terra e os seus produtos têm vindo a subir constantemente na escala do ser até ao presente, e esse presente está prenhe de grandes mudanças. Mudanças marcadas estão hoje a ter lugar entre vós; outras ainda mais marcadas hão de vir.

As religiões estabelecidas do mundo estão prestes a ser varridas, e o ouro fino do bem que há nelas há de ser revelado. As que tiverem o suficiente para se perpetuarem no futuro fá-lo-ão; as que não tiverem extinguir-se-ão. Em certos períodos ou ciclos da história do mundo, têm ocorrido grandes mudanças. Sempre foi assim; e, sem dúvida, sempre será. À medida que a terra envelheceu e o homem se tornou mais maduro, e o espírito ajuntou para si elementos pelos quais se pode exprimir mais perfeitamente, deveis esperar que as mudanças que estão sobre vós sejam maiores do que todas as que precederam este tempo na história do mundo.

P. Existe algo como sexo da alma, independente do sexo do corpo? E, se existe, acontece alguma vez que almas masculinas se encarnem em formas físicas femininas e vice-versa?

R. As forças positivas e negativas da vida, as forças masculinas e femininas da vida, são em toda a parte distintas em si mesmas até atingirem tal altitude espiritual que se fundem numa só. É então que o masculino e o feminino se tornam um em espírito, agindo em harmonia divina com o Espírito de Deus. São então, para todos os efeitos, deuses, masculino e feminino. Nesse sentido, o masculino torna-se feminino e o feminino masculino, mas em nenhum outro.

P. Virá tempo, na sua vida espiritual, em que tais almas assumirão uma forma espiritual apropriada, em aparência exterior, ao seu verdadeiro sexo?

R. Sim; uma lei, divina e humana, está constantemente a realizar-se através da forma, para a perfeição da forma, para a mais alta revelação da vida de Deus; e o que se pode esperar para um — a perfeição — pode esperar-se para todos.

Por William E. Channing, 9 de novembro de 1869.

P. Há pessoas no mundo que realmente desejam e se esforçam por reformar-se e, no entanto, são incapazes disso por circunstâncias e predisposição?

R. Certamente; vemos tais manifestações quase todos os dias. Circunstâncias sobre as quais nós, enquanto humanos, não temos controlo cercam-nos muitas vezes de tal modo que não podemos escapar. Temos de obedecer às suas ordens, queiramos ou não. Certas condições, forças pré-natais, são muito rígidas nas suas exigências. Conduzem-nos como servos. São nossos senhores. E, contudo, é missão da alma guerrear sempre contra tudo quanto tenda a retardar o seu voo para o alto. Não importa se consegue vencer a coisa ou não, compete-lhe combatê-la, e fá-lo-á sempre.

P. Há dois tipos de espíritas. Os primeiros são os bastante dedicados à ciência natural, sabem algo dos princípios da lógica e nada veem de inconsistente ou contrário às leis da natureza na ideia da comunhão dos espíritos no corpo com os fora do corpo. Estes estão constantemente alerta para que lhes seja dada alguma prova conclusiva e demonstrativa, segundo essas leis naturais, da sua fé; mas, sendo muito exigentes, parecem geralmente falhar em obter essa satisfação. O outro grupo parece não ter dificuldade alguma em satisfazer a mente, embora tenha pouco conhecimento de qualquer espécie e nenhuma predisposição da razão a favor da comunhão dos espíritos. Estes últimos têm evidências em abundância, ao passo que os primeiros as acham mais raras do que “visitas de anjos”. Ora, a questão é: não seria melhor o primeiro grupo retirar-se de vez da busca e deixar o campo aos “bebés e lactentes”?

R. Isso seria muito parecido com a idade madura abandonar o campo da ciência à juventude e às crianças. É este primeiro grupo que faz o trabalho duro no Espiritualismo; pois, embora tenha mais vezes insucesso do que sucesso, quando por acaso consegue, é geralmente no ponto certo. É geralmente bem equilibrado. É geralmente bem comprovado por factos da ciência que não podem ser mal-entendidos, ao passo que o outro grupo, que pouco exige e, conseqüentemente, pouco procura, mal passa da superfície. Apenas vos dá ideias de superfície e apenas recebe ideias de superfície; enquanto o pensador profundo, o raciocinador claro, aquele que exige as provas mais perfeitas nesta matéria, são os que mais bem fazem à causa. Retirar-se? Não; o vosso Espiritualismo morreria sem eles.

Pelo Cardeal Cheverus, 23 de novembro de 1869.

P. Sofremos aqui pelos pecados dos nossos pais nas partes física, mental e espiritual da nossa natureza. Essas predisposições seguem-nos para o mundo espiritual e são ali também fonte de desarmonia, incômodo e desconforto?

R. Está escrito que os pecados dos pais são visitados sobre a terceira e quarta gerações; e podemos ir ainda mais longe: todo o pecado físico, ou seja, o mal ou doença que é resultado de erros físicos, não acompanha o espírito além dos limites da vida humana; pertence ao corpo, portanto cai quando o corpo cai. Mas tudo quanto chamais pecado e que teve origem no mental será levado pelo espírito pensante para o mundo espiritual. Pertence ao reino do pensamento do indivíduo e ao reino do espírito; portanto vive depois da morte.

P. É errado mentir em resposta a uma pergunta ardilosa destinada a apanhar-nos por confissão, ou transmitir a impressão ou informação requerida pelo silêncio?

R. Uma mentira é tal em virtude do motivo que a inspirou. Nem sempre é a mais alta sabedoria dizer aquilo que considerais ser a verdade absoluta; às vezes é sensato ocultar o que é pedido. Quando se dá a uma pergunta uma resposta negativa que a verdade decidiria dever ser afirmativa, o mal, ou aquilo a que chamais a mentira, residiria no motivo. Se esse motivo fosse bom, então não poderia haver mal; e, se não fosse bom, então daria à luz um filho, ou pensamento, correspondente a si mesmo.

Por Theodore Parker, 30 de novembro de 1869.

P. Diz-se que há amplo espaço para o exercício de todas as nossas faculdades na vida espiritual; mas haverá espaço para o exercício da manha do político, da malícia e domínio do tirano e da ambição de um Xerxes ou Napoleão?

R. Sim, há liberdade em todas essas direções; mas aqui, no mundo espiritual, os espíritos são muito cedo educados a saber que, sempre que ferem outro, ferem-se a si próprios de modo correspondente. Tudo quanto fazem que seja prejudicial à felicidade de outrem é, de modo correspondente, prejudicial à sua. Por isso aprendem muito cedo a ser cuidadosos em todos os seus atos para com os seus semelhantes.

P. Isso produz efeito imediatamente? R. Muito cedo; pois a educação começa no nascimento lá, como a educação física começa no nascimento físico aqui.

P. A lei do “a força faz o direito” prevalece, em alguma medida, na vida espiritual?

R. A lei do justo é melhor compreendida no mundo espiritual do que aqui, e os espíritos têm mais desejo de agir segundo a regra da lei do justo do que segundo a regra da lei do forte, pois nunca estão seguros sob esta. Pode virar-se e despedaçá-los a qualquer momento.

P. A faculdade de secretismo não é uma forma de egoísmo?

R. Não; pode estar muito próxima do egoísmo, mas não é, de modo nenhum, uma forma de egoísmo.

P. A vida no mundo espiritual é uma luta, turbilhão e autodefesa contínuos, como na vida terrena?

R. Por algum tempo é, até que o espírito tenha superado as propensões terrenas, as tenha deixado para trás, ido além delas.

P. Nós, que nascemos para esta vida terrena, havemos de encontrar algum dia outro lar que não este orbe?

R. É bastante certo que as vossas atrações mais fortes estarão aqui; daí podeis inferir que o vosso lar será aqui.

P. Onde ficam localizados os espíritos depois de terem deposto o corpo mortal?

R. Em qualquer lugar e em todo o lado. Onde houver vida, aí está o mundo espiritual — aí habitam os espíritos.

P. Alguma vez ultrapassamos as nossas atrações por este lar terrestre?

R. No que toca a esta vida material, haveis de as ultrapassar; mas há atrações espirituais que é difícil ir além.

P. Têm os espíritos que partiram há um ano ou dois poder para comunicar com os que partiram há milhares de anos?

R. Têm.

P. Porque é que alguns conseguem ver espíritos enquanto no corpo mortal e outros não?

R. Alguns estão quimicamente organizados de tal maneira que, sob certas condições químicas, podem ver espíritos, ou a roupa que cobre o espírito — não o espírito. É simplesmente uma diferença química que existe entre corpos humanos.

P. Essa “roupa” é composta por partículas químicas de matéria?

R. Sim, é.

P. O espírito em si é matéria?

R. Tão eterizado que, em circunstância alguma, é patente aos sentidos humanos.

P. Pode esse corpo espiritual ser visto com os nossos olhos naturais, ou de outra maneira?

R. Nunca homem, mulher ou criança viram um espírito, em tempo algum ou sob quaisquer circunstâncias. Só viram o invólucro exterior do espírito.

P. Isso vê-se com os olhos naturais?

R. Às vezes com o olho natural, outras vezes com o olho clarividente, ou segunda visão (interior).

P. Alguns supõem que conversam com espíritos. Isso faz-se oralmente?

R. Às vezes; mas mais frequentemente mentalmente.

P. A história sagrada regista a comunhão de Saul com a mulher de Endor. Era ela como os médiuns de hoje?

R. Sim, precisamente igual. A mulher de Endor, que chamou o espírito de Samuel, era um médium tal como os que tendes entre vós no presente.

P. Por que processo muda o espírito de localidade?

R. Exerce a sua vontade, que se torna o veículo para o transportar de um ponto a outro. O espírito desliza pelo ar como a luz ou o som atravessam a atmosfera.

P. Leva consigo o seu corpo espiritual?

R. Certamente; sem ele não poderia exprimir-se — o espírito não poderia dar expressão sem matéria.

P. Podem os nossos amigos falecidos regressar e ajudar-nos de algum modo?

R. Isso é um facto evidente por si — pelo menos, para mim. Podem regressar — podem ajudar-vos em todas as várias ocupações desta vida. Por Theodore Parker, 6 de dezembro de 1869.

P. Cada um de nós tem um espírito guardião?

R. Com toda a probabilidade, cada um de vós tem muitos, pois é de esperar que tenhais cada um, talvez mais de um, amigo no mundo espiritual, ansioso pelo vosso bem, leal para convosco, desejoso de vos fazer bem.

P. Como podemos saber?

R. Podeis nunca o saber enquanto aqui no corpo.

P. Velam por nós para nosso bem?

R. Se vos amam e são vossos amigos, certamente velarão por vós para vosso bem.

P. Hão de orientar-nos no caminho certo?

R. Na medida em que o possam; mas o poder deles é finito, como o vosso.

P. Podem espíritos que viveram há dois mil anos voltar à terra e ver o avanço da ciência?

R. Sim; há muitos que regressam, comunicando convosco, que estiveram fora milhares de anos.

P. Podem ver o progresso feito na ciência?

R. Às vezes veem; depende muito de quanto se interessam por essas coisas.

P. Os nossos espíritos guardiães são necessariamente nossos parentes terrenos?

R. Oh, não; quem quer que encontre proveito ou prazer na vossa esfera mental ou espiritual pode tornar-se vosso espírito guardião.

P. Supõe-se que estejam connosco continuamente, ou apenas ocasionalmente?

R. Nem sempre estão convosco.

P. Como sabemos quando estão?

R. Nem sempre sabereis, a menos que sejais suscetíveis à influência espiritual. Nesse caso, é muito provável que saibais.

P. Não devemos ser muito dóceis à influência espiritual para o sabermos?

R. Sim, deveis estar negativos, passivos, prontos a receber todo o bem que estiver pronto a vir até vós.

P. Há espíritos tão baixos que não conseguem comunicar com os seus amigos?

R. Sim, há muitos tão baixos que não têm desejo especial de comunicar com os seus amigos e, portanto, não o fazem.

P. Que hora é mais adequada para comungar com inteligências invisíveis?

R. A hora em que estiverdes mais quietos, mais livres de contrariedades terrenas; seja de dia ou de noite, não importa.

P. Quando nos tornamos primeiro inconscientes neste mundo, nesse momento despertamos para a consciência no mundo espiritual?

R. Nem sempre. Às vezes as almas permanecem inconscientes durante anos, durante séculos.

P. Porquê?

R. As razões são várias. Por vezes, remédios administrados na doença deitam tal mácula ou sombra sobre o espírito que ele não os consegue sacudir por muito tempo depois de entrar no mundo espiritual. Uma variedade de narcóticos usados fará muitas vezes isto.

P. Então o espírito e a mente não são duas coisas, dois seres ou substâncias?

R. Para mim, o espírito é a vida interior. A mente pode chamar-se o vidro através do qual o espírito reflete os seus atos, os seus desígnios. A mente é resultado de formação física, enquanto o espírito não.

P. Alguns espíritos não regressam muito cedo após a morte?

R. Sim, quase antes de estardes cientes de que partiram.

P. Os nossos amigos espirituais sabem o que estamos a fazer neste mundo?

R. Muitas vezes sabem os vossos pensamentos mais secretos.

P. Farão tudo o que lhes pedirmos, se for para nosso bem?

R. Nem sempre. Depende das condições, tal como existem convosco ou com o espírito que deseja ajudar-vos; de condições na atmosfera, espiritual e material, que vos rodeia e os rodeia.

P. Não podem os espíritos ler os nossos pensamentos a qualquer momento?

R. Nem sempre, mas muito frequentemente podem.

P. Não está destinada a raça dos índios norte-americanos a extinguir-se?

R. No que respeita à existência terrena, creio que é esse o seu destino. Mas vivem no mundo espiritual — uma nação mais poderosa e grandiosa do que podeis imaginar.

P. Qual é a condição da raça indígena no mundo espiritual, comparada com a raça branca?

R. O índio vive mais perto da Mãe Natureza e, conseqüentemente, mais perto de Deus, do que seus irmãos brancos. Os seus irmãos brancos procuraram muitas invenções e seguiram-nas em larga escala. Vivem mais na arte do que na Natureza, e, por isso, estão mais longe da sua Mãe, a Natureza, e do seu Pai, Deus. Em aquisições intelectuais, claro está, o homem branco é muito superior ao índio, porque assentam mais na arte do que na Natureza.

P. O negro é capaz de estar no mesmo nível de inteligência que o homem branco?

R. Na minha opinião, o negro tem capacidades que, quando desabrochadas, ficariam lado a lado com as nossas.

P. Diz que o índio vive mais perto de Deus do que o branco. É ele mais feliz no mundo espiritual?

R. Em geral, é.

P. Porque lhes é permitido extinguir-se?

R. Não o podemos dizer, a não ser que seja o seu destino — escrito no livro do seu fado.

P. Pode esse destino ser mudado pelo mundo angélico exercendo influência sobre o Governo para os proteger?

R. Têm sido feitos grandes esforços nesse sentido. Se forem coroados de êxito, talvez a maré mude. Se não, podemos estar bem certos de que o fim que vem aí não se desviará por nossa causa.

P. Qual a diferença na origem do homem branco e do homem negro?

R. Nenhuma; pelo menos não fui capaz de encontrar diferença alguma — de traçar linha de demarcação entre o essencial do branco e o essencial do negro.

P. Que raça é mais antiga?

R. É difícil determinar. Alguns autores declaram que o negro existiu neste planeta muito antes do branco. Eu inclinaria a duvidar. Penso que é o inverso.

P. É verdade, como alguns sustentam, que quanto mais antiga a raça, mais alto o intelecto?

R. Não creio. Os chineses, como povo, são muito antigos; mas, salvo em certas direções, sabemos que estão muito abaixo de outras raças muito mais jovens do que eles.

P. Os espíritos dos nossos amigos falecidos sabem de nós sempre que querem?

R. Não, não possuem poder absoluto para vir quando querem. São governados por lei e circunstâncias, e estas nem sempre favorecem a sua vinda.

P. Todos os nossos amigos espirituais podem vir em algum momento?

R. Creio que sim. Creio que há tempo para tudo.

Por John Pierpont, 7 de dezembro de 1869.

P. Suponhamos que um indivíduo herdou ou possui forte inclinação para roubar, suicidar-se ou assassinar; é possível superar tais inclinações sem a prática efetiva dos atos, quer na vida terrena quer na espiritual? Se sim, indique, por favor, os princípios e meios pelos quais se alcança tal resultado.

R. Podemos ter certos germes de mal implantados em nós, mas eles podem nunca chegar à maturidade, nem encontrar exibição no mundo externo, a menos que circunstâncias se lancem em seu redor para favorecer o seu aparecimento, para fomentar o seu desenvolvimento.

“Prevenido, armado”, disse certo escritor; e creio que é uma afirmação verdadeira. É nosso dever, como espíritos imortais, familiarizarmo-nos connosco próprios, exterior e interiormente, o mais cedo possível.

Logo que somos capazes de receber instrução, é nosso dever buscá-la. E, se descobrirmos que alguns desses germes de mal estão implantados na nossa natureza, é nosso dever usar todos os meios possíveis para os destruir; e só o podemos fazer de um modo: negando as condições sob as quais eles se podem desdobrar. Quando tendes certos órgãos pouco desenvolvidos, que fazeis? Procurais desenvolvê-los — cultivá-los. Se procedeis bem, fazeis isto. Criais em redor deles as condições mais favoráveis ao desenvolvimento. Se tendes outros sobreativos, procurais retirar as condições que promovem o seu desdobramento.

Se o podeis fazer no vosso desenvolvimento frenológico, certamente o podeis fazer em todos os diferentes departamentos da vossa vida física. Se esses germes de mal estão inequivocamente implantados na vossa natureza, se fordes apenas suficientemente sábios para saber da sua existência, podeis fazer algo para os impedir de vir à vida atual. O lavrador sábio não deixa o seu jardim ser invadido por ervas daninhas; quando vê uma a nascer, arranca-a.

P. É necessário que esses germes se desenvolvam no outro mundo?

R. Não, não é necessário. Essas coisas pertencem especialmente a esta vida mundana.

Por Theodore Parker, 9 de dezembro de 1869.

P. Como explica o facto de um espírito dar uma mensagem através de um médium e, depois, ao controlar outro, não ter recordação de ter falado pelo primeiro?

R. Permitti-me ilustrar. Estou aqui a falar-vos por meio de um certo organismo especial, e, se me lembro do que digo, lembro-me através do poder desse organismo, e de nenhum outro. Sou dependente, quanto aos meus pensamentos e palavras enquanto em controlo, desse organismo; mas, quando dele saio, não levo comigo memória do que ocorreu nesse organismo; ela permanece nele, e só posso chamar plenamente os acontecimentos que aí ocorreram, em relação a mim, voltando a entrar em rapport com ele. Não o posso fazer através de outro, porque a lei se me opõe. Tenho de atuar no mesmo terreno,

através da mesma vida orgânica, para recordar os acontecimentos que ali tiveram lugar.

P. Então não vos lembrarieis de nada do que ocorre hoje, depois de deixar este médium, enquanto permanecerdes afastado?

R. Não digo que não me lembraria no meu espírito, porque lembrar-me-ei; mas não posso projetar essa memória por outro organismo que não aquele através do qual os eventos ocorreram.

P. Não há casos em que ela possa ser projetada, em certa medida, por um segundo médium?

R. Oh, sim; mas fragmentariamente, portanto de modo não fiável.

P. Ao passar de um plano para outro, não passam os espíritos por algo análogo à morte física aqui?

R. Oh, sim; separámo-nos dos nossos corpos espirituais quando já não podem servir-nos.

P. Faz-se isso em algum período particular, ou gradualmente?

R. Não; a decadência do corpo espiritual vai surgindo gradualmente e, quando já não o podemos usar bem — já não o podemos fazer servir-nos —, dele nos separamos, e dá-se uma separação química espiritual.

P. Fica alguma forma organizada?

R. Há uma forma espiritual organizada, invisível ao olho humano, mas, ainda assim, existente.

P. Deixada para trás no progresso do espírito?

R. Sim.

P. Diz-se, entre os que conhecem os escritos de Theodore Parker e as suas falas nesta vida, que há grande queda no que agora recebemos dele. É assim? Pode explicar?

R. Eu não o determinaria assim, senão vendo do ponto de vista terreno. Se Theodore Parker mudou as suas opiniões desde que vive apartado da vida humana, então, se ele vem, se regressa, refletindo a mudança, e se isso não agrada aos seus antigos ouvintes, claro que, na opinião deles, caiu em desgraça; por outras palavras, já não está à altura, segundo o juízo deles.

P. Não há outra razão?

R. Há; como nem Theodore Parker nem qualquer outro espírito jamais foi, nem, com toda a probabilidade, jamais será, capaz de encontrar um organismo precisamente igual ao seu, os seus espíritos terão, por necessidade, de ser medidos pelo organismo através do qual se exprimem.

Por Theodore Parker, 28 de dezembro de 1869.

P. Os espíritos dizem-nos em geral que, na Terra do Verão, o que uma pessoa quer vem por o desejar. Explique isto. Dizeis, por exemplo, que, se um espírito quer ir de um lugar a outro, basta desejar ir, e lá está. Num plano material, isto é incompreensível. Pode torná-lo inteligível por qualquer plano de pensamento? Os espíritos nunca têm de lutar, suportar fardos, sofrer derrotas, gozar conquistas? Nunca têm de planejar o seu trabalho, de urdir como fazer isto e aquilo? A vida espiritual é apenas desejar, e não trabalhar? Se assim for, então não penso que seja grande vida, afinal.

R. Desejar algo, no mundo espiritual, é agir em conjunção com a lei que o trará à alma que o deseja. Na vida da alma, a alma nunca deseja coisa alguma sem empregar todas as suas forças para a obter. O mundo da mente é o mundo das causas; o mundo da matéria é o mundo dos efeitos. Aqui vedes através de um vidro, em enigma; ali vemos face a face. A lei é mais claramente entendida pelo espírito que passou além da sombra chamada morte; ele deixou de usar os órgãos físicos; por isso, conhecendo melhor a lei, pode dela fazer melhor uso.

Para vós, na maioria dos casos, a lei está para além da visão; sentis, credes que existe, porque tendes evidências de que existe; mas não sabeis — não a podeis apreender como podeis depois da morte. Depois da morte, se a alma deseja certa coisa, isso prova que dela necessita. E mais: o desejo não pode nascer na alma sem que a alma empregue todas as suas forças para a obter. E, ao empregar todas as suas forças, quero dizer que se põe em harmonia com a lei — age em harmonia com ela; conseqüentemente, o resultado tem de ser favorável.

P. Ao observar o fenómeno da morte, em geral, ele é muito semelhante em homens e animais. Em ambos os casos, é mais como a extinção da vida do que o nascimento de uma alma. Porque, se uma alma sai na morte, não conseguimos alcançá-la de algum modo tangível, e demonstrá-la, não só aos espíritos, mas a toda a gente?

R. Simplesmente porque não ides pelo caminho certo para o fazer; porque, na vossa ignorância, ergueis um modo pelo qual desejais obtê-la, e não é o caminho correto. O sentido humano não pode, por qualquer possibilidade, estar plenamente ciente do espírito. Vede-o na sua manifestação, e só nela; e, quando esta cessa, já não tendes prova de que ele existe. Mas há um poder fora do sentido físico, de que podeis lançar mão, se quiserdes.

Tendes sentidos espirituais que, mesmo aqui, nesta vida, podeis usar com grande vantagem. Esses sentidos espirituais podem seguir a alma além da morte e conhecer qual é a sua condição; mas temeis exercitar esse sentido espiritual, porque a vossa religião vos ensinou de outro modo. É mais que tempo de tereis uma religião que pertença mais especialmente à alma. Por Theodore Parker, 30 de dezembro de 1869.

P. As descobertas científicas modernas mostram que os agentes imponderáveis, como o calor, a luz, a eletricidade e o magnetismo, que dantes se consideravam fluidos separados, são simplesmente modos de movimento; e, na medida em que tudo o que sabemos de qualquer coisa o sabemos através do movimento, isso sugeriu a ideia de que toda a chamada matéria, todos os diferentes objetos que constituem o mundo exterior, são simplesmente tantos modos diferentes de ação de um e o mesmo elemento onnipenetrante; que toda a matéria são tantas forças diferentes a agir e reagir umas sobre as outras e entre si, produzindo todos os fenómenos do universo físico; que, sendo essas forças espirituais ou inteligentes na sua origem, as coisas materiais são simplesmente forças-pensamento que se tornam fixas e congeladas, por assim dizer, de modo a serem palpáveis aos sentidos externos. Quais são as vossas ideias sobre este assunto?

R. Precisamente as mesmas do vosso correspondente.

P. As raças brancas que agora ocupam o território da América são de algum modo influenciadas pelos seus ocupantes anteriores, os índios vermelhos? A raça do homem vermelho, passada ou existente, afeta realmente o homem branco?

R. Sois afetados pela vida magnética que o índio deixou na terra — grandemente afetados por ela; e, por sua vez, ele, como espírito, é grandemente afetado pela vida magnética que extrai de vós, espíritos em corpo humano.

P. Os nossos amigos que partiram desta vida são impedidos pela dor extrema dos seus amigos?

R. São. O vosso luto pelos que passaram além da vossa vista retém-nos — às vezes, não sempre, mas geralmente retém-nos dentro da esfera dos vossos próprios pensamentos melancólicos, e eles não podem sair disso até que vós vos eleveis dessa condição melancólica.

Por William E. Channing, 10 de janeiro de 1870.

P. Quero pedir aos nossos amigos espirituais se não podem e não querem, com outros favores inestimáveis, dar aos mortais sofredores um substituto do ópio, ou tais instruções que lhes permitam libertar-se do seu uso habitual. Peço isto sinceramente, não só em meu nome, mas para que todos os outros que acreditam na orientação espiritual partilhem livremente a bênção. Se não segui o procedimento adequado para obter tal informação, rogo-vos perdoeis o erro e indiqueis a via correta.

R. A aplicação do magnetismo de forma adequada, não inadequada, está destinada a abolir todos os narcóticos como agentes terapêuticos. São, no presente, uma necessidade absoluta da ignorância humana. Mas, quando a ignorância der lugar ao conhecimento, a mais tenra criança saberá usar os poderes magnéticos com que todo e qualquer corpo humano está dotado. Todos vós tendes ao alcance da mão todos os agentes de cura de que necessitais, mas não sabeis usá-los. Sendo a doença um imponderável, pode ser melhor tratada pela aplicação de um imponderável.

Essa força todo-poderosa a que chamais magnetismo contém em si o poder de harmonizar todas as forças do corpo humano — de prevenir a doença. Quando a doença, ou desarmonia — que é o mesmo — encontra morada na forma física, o magnetismo tem o poder de a erradicar, de a vencer; não só de a dominar, mas de a vencer por completo; porém, ainda não chegou o tempo dessas coisas. Estais hoje a postos no limiar desta nova ciência. Ela sempre esteve convosco, mas, pela sua simplicidade, homens e mulheres consideraram-na sem importância.

Contudo, aproxima-se velozmente o tempo em que entenderéis o que é a doença e qual o seu remédio. Sabereis também como aplicar o remédio. Mas cresceis devagar, e não podeis crescer mais depressa do que a terra cresce. Se fôssemos dotados, neste instante, de sabedoria infinita, pouco nos serviria, porque não estamos preparados para ela. Temos de crescer até uma condição apta a recebê-la e a usá-la bem, antes que ela nos possa vir. Assim, a humanidade tem de sofrer mais um pouco, antes

que o anjo da cura possa entrar plenamente nas vossas vidas conscientes e vos ensinar aquilo que tão ardentemente desejais saber no presente.

Por Theodore Parker, 11 de janeiro de 1870.

P. Porque é Deus chamado Pai e Mãe?

R. Simplesmente porque não encontramos termos melhores para transmitir a nossa ideia do princípio todo-sustentador que cuida de nós por toda a eternidade, que nos trouxe à existência e nos protege com a sabedoria de um pai e o amor de uma mãe. São apenas termos usados para levar a ideia ao sentido humano.

P. A ressurreição de alguns espíritos completa-se antes do que a de outros?

R. Sim; é raro que o espírito esteja plena e absolutamente livre do corpo e da sua lei antes do terceiro dia. Leva sensivelmente esse tempo a retirar todas as forças elétricas, ou o corpo espiritual magnético. Às vezes faz-se mais depressa, mas não frequentemente. Portanto, acautelai-vos ao colocar os vossos corpos sob a terra antes do terceiro dia do que chamais morte.

P. Algum dos outros tratamentos que damos aos cadáveres interfere com a separação completa da forma espiritual?

R. Sim; abandonar o corpo logo após a morte nas mãos de estranhos — de quem não tem particular simpatia pelo espírito recém-nascido. Isso prende-os mais estreitamente ao corpo, porque o espírito ainda não abandonou o cuidado do corpo. Não o consegue fazer com tanta facilidade quando foi entregue a estranhos. Devem ser sempre os amigos, os que mais amaram o espírito habitante, a cumprir esses sagrados deveres. Lembrai-vos disso, cada um de vós.

P. A prática de colocar os corpos dos mortos no gelo tem algum efeito sobre o espírito?

R. Se forem colocados no gelo antes do terceiro dia, tem certamente um efeito muito mau.

P. Qual é o efeito?

R. Produz sofrimento efetivo para o espírito. Retarda o processo natural de dissolução química. Interferis com a operação da lei da Natureza e,

por essa interferência, sobrevém desarmonia, que o espírito sente com muita acuidade, asseguro-vos.

P. Por vezes parece necessário fazê-lo muito pouco depois da morte.

R. Sei que, para proteção da vida física, é absolutamente necessário fazê-lo. Nesses casos, talvez seja melhor que o espírito sofra do que muitos espíritos aqui, juntamente com os seus corpos físicos, venham a sofrer. Mas, em circunstâncias ordinárias, não se deve fazê-lo.

P. Pode conservar-se o espírito por mais tempo no corpo congelando-o?

R. Não, certamente que não.

P. As autópsias antes do terceiro dia produzem sofrimento?

R. São uma interferência com a operação natural e serena da lei — não precisamente do mesmo modo, mas de forma semelhante. E, novamente, a introdução de venenos no sistema venoso para preservar a forma tem muito mau efeito sobre o espírito, se se fizer antes do terceiro dia, ou antes de o espírito se ter separado inteiramente desse corpo — seja ao terceiro, ao quarto ou ao décimo dia.

P. Como afeta a rápida decomposição do corpo, como sucede em tempo quente, a libertação da forma espiritual?

R. Acelera-a. É um dos meios da Natureza, em certas circunstâncias, para acelerar a ressurreição do espírito do corpo.

P. A morte por afogamento, com submersão do corpo por tempo considerável, retarda a separação da forma espiritual?

R. Não.

P. A separação do corpo espiritual do físico requer mais tempo quando o corpo está contuso?

R. Não; não requer mais tempo, mas realiza-se em circunstâncias mais difíceis e, se o espírito está consciente delas — e geralmente está —, é doloroso para o espírito.

Por Father Henry Pitz James, 18 de janeiro de 1870.

P. Os nossos amigos espirituais informam-nos de que o presente é o período mais momentoso e perigoso da história do mundo, mas deixam-

nos às escuras quanto às forças naturais que produzem a crise. Pode o mundo espiritual esclarecer-nos mais em detalhe?

R. É, de facto, o mais momentoso, pelo menos desde que despontou a era cristã, porque encerra em si tão grande influxo de verdade espiritual que atua na religião, na filosofia, em todas as artes e ciências em que estais empenhados, que, num certo sentido, está a transtornar o mundo, mental e socialmente. Ora, todo o efeito tem a sua causa. Qual é a causa disto? É que as vossas mentes e corpos humanos se desdobram em correspondência com o crescimento da terra.

A terra alcançou aquela condição material que a habilita a sustentar a vossa ligação com as grandes verdades espirituais que se estão a manifestar através de corpos humanos por toda a parte. Houve tempo em que essas verdades não podiam ser proferidas. Estavam no ar; estavam à vossa volta, mas faltava o meio por que se expressassem, porque a terra, vossa mãe, não tinha poder para vos sustentar, fisicamente, na expressão das verdades de que o ar estava cheio. Mas, no presente, a vossa mãe terra pode sustentar-vos, e, portanto, podeis dar expressão a essas verdades.

E qual será o resultado? A era cristã tem de morrer. Viveu quase o seu tempo marcado. Cumpriu a sua missão, e já os anjos a chamam. Não lamenteis o vosso ídolo, porque o Pai faz tudo bem; e, nisto, fê-lo bem. Deixar-vos-á sem consolador? Não; dar-vos-á o consolador que se encontra no santo espírito da nova revelação. Já o tendes convosco, nesta hora.

Encontrou pouso por toda a terra. A sabedoria nunca derruba sem estar pronta para construir de novo. Não deixa vazios, desertos. Está sempre pronta a erguer estruturas mais belas sobre as ruínas do antigo. A vossa religião serviu-vos bem; mas hoje viveis no próprio vórtice da mudança — mudança religiosa; e, como viveis social, política, mental e moralmente segundo as vossas crenças religiosas, vê-se logo quão grande efeito terá em vós quando a mudança se operar.

P. Em que condição aparece um espírito ao entrar no mundo espiritual, depois de ter vivido na terra até idade avançada? Ou o que morre na infância? Aparecem ali externamente como aqui?

R. A criança entra no mundo espiritual como criança, porque o seu crescimento não foi completado, quer em estatura quer em mente. Mas o velho entra-o, não como velho, mas como espírito plenamente

desenvolvido, correspondente ao que foi na idade madura aqui. As condições da velhice pertencem à terra, e não à vida espiritual.

P. Existem na vida espiritual condições como calor e frio, fome e sede?

R. Há, na vida espiritual, o que corresponde a essas condições que conheceis, mas não é exatamente essa fome, sede, calor e frio que o corpo físico reconhece. É algo espiritual equivalente a isso; um algo que apela aos sentidos espirituais, mas não aos sentidos físicos.

P. Que requer o sentido espiritual de fome?

R. Ser-me-ia absolutamente impossível demonstrá-lo claramente, porque não há nada por que o possa demonstrar. As coisas espirituais discernem-se espiritualmente. É um sentimento de carência de sustento espiritual. O corpo espiritual reconhece as suas perdas e a necessidade de as suprir, obtendo sustento do alimento adequado ao espírito.

P. Supunha que a fome espiritual fosse o contraponto da fome física, e que requeresse alimento espiritual.

R. Assim é — é o contraponto da fome física.

P. Falais de haverdes árvores e frutos como nós temos aqui. Supus que a fome espiritual requeresse tal alimento.

R. Sim, tendes razão.

P. Era fome nesse sentido especial que eu entendi que o primeiro perguntador queria dizer, não um mero sentido geral de carência. Temos aqui esse sentimento geral de carência, e temos também a fome específica de algo para satisfazer o estômago. Às vezes ouvimos dizer de um espírito com grande sede de bebida que procura um médium por cujo meio se saciar. Podeis explicar isto?

R. Assim é, certamente. Ele tem essa sede porque ainda está em rapport com alguma forma física aqui que é dada ao mesmo excesso. É atraído para essa forma porque há sobre o seu espírito uma sombra lançada pela vida que levou aqui. Regressa e, talvez, entra em contacto com algum médium que naturalmente não tem inclinação nesse sentido. Mas lança sobre ele o seu desejo, porque, assim que entra em contacto com a vida física, o seu desejo torna-se intenso. Psicologiza os seus sujeitos e satisfaz o desejo através deles. Geralmente não se repete; uma vez basta, e ele ergue-se redimido desse estado de cativo terreno.

P. Comem os espíritos o fruto das suas árvores de fruto?

R. Comem.

P. Então a fome com que o desejam não é análoga à fome dos nossos corpos aqui?

R. É, sim.

P. Então têm a fome e a sede que nós temos aqui?

R. Sim.

P. Negar esse desejo causa desconforto ao espírito, como nos causa a nós?

R. Sim; mas, felizmente para o espírito, a lei do “meu e teu” não existe no mundo espiritual. Há fartura para todos lá, como há aqui. Os vossos falsos costumes fazem com que seja tido por justo que uma pessoa tenha mais do que o suficiente, enquanto o seu vizinho passa fome. Não é assim no mundo espiritual; as bênçãos do Espírito Infinito são livres para todos, e ninguém pode reclamar mais como seu do que aquilo que bem possa apropriar. Não há acumulação ali; podeis ter tudo o que precisais, mas não mais.

Por Thomas Paine, 20 de janeiro de 1870.

P. É digno de nota que os espíritos índios, ao regressarem, tanto quanto podemos julgar, exibem maior dose de veracidade e exprimem menos pesar pela sua conduta na vida terrena do que espíritos oriundos do que se denomina sociedade altamente civilizada e refinada. Como se explica? Serão a civilização, a instrução e o chamado refinamento prejudiciais ao progresso espiritual?

R. Que o índio vive mais perto da Natureza, e assim mais perto do Deus da Natureza, é facto bem atestado. Eles demonstram-no ao regressarem da outra vida até vós, e demonstram-no aqui, antes de passarem para essa outra vida. Se pudésseis viver com eles nas suas casas e conhecê-los a fundo, veríeis que vivem mais perto da Natureza e do Deus da Natureza do que vós. A civilização é fruto da arte. Quanto mais civilizados estais, mais afastados da Natureza vos encontrais. Os índios que regressam até vós são mais verazes, e por esta razão: são mais simples.

Contam-vos a sua história na sua própria linguagem simples; não recorrem à arte; não vestem as suas ideias de modo a que não as

possais entender; não têm desejo de vos levar ao engano — nenhum motivo para vos desviar da verdade; sentem intuitivamente, na outra vida, a vossa necessidade de verdade e sentem, com igual intuição, que hão de tornar-se agentes nas mãos do Grande Espírito para vos conduzir à verdade; sentem que o Grande Espírito vos concedeu muitas bênçãos que lhes negou, mas estão ansiosos por vos dizer o que o Grande Espírito fez por eles — o que veem — por que estão rodeados — como vivem na outra vida; e contam-no de modo tão claro e simples que não os podeis mal-entender.

P. O autor conhece em Nova Iorque uma senhora médium que tem um pequeno cão que nunca descansa enquanto ela está a dar sessões, a não ser no colo dela, ou atrás dela, na cadeira. Afirmo que, quando ela própria, ou o seu filho (o único outro membro da família), está doente, esse cão está sempre doente também e manifesta sintomas de doença semelhante. Um espírito índio, que por vezes controla a médium, afirma que o cão é médium espírita. Poderá a influência controladora deitar alguma luz sobre o assunto, se possível, e obsequiar alguém que afinal aprendeu que não é seguro negar nada fora da matemática pura, e mal mesmo aí?

R. Tudo, desde o menor átomo até ao maior corpo na vida, é médium para o espírito — tudo — e, quanto mais alto subis na escala do progresso humano ou do ser natural, tanto maiores e mais claramente definidos são os atributos mediúnicos da coisa, do indivíduo, do animal, do átomo, que seja. É absolutamente inútil, nestes dias de investigação, dizer que os animais não podem ser influenciados pelo poder espiritual. Sabeis muito bem que os podeis influenciar aqui com um olhar — simplesmente fixando neles a vossa atenção. Podeis psicologizá-los; podeis magnetizá-los; podeis investi-los com certas qualidades da vossa própria vida. Ora, se vós, no corpo, podeis fazer isto, certamente os que estão fora do corpo, e sabem mais das leis destas coisas, podem fazer muito mais. Não tenho conhecimento deste caso particular a que referis, mas não duvido, eu próprio, de que o índio tenha informado corretamente a senhora.

Pelo Padre Henry Fitz James, 24 de janeiro de 1870.

P. É possível, estando um médium em transe e o espírito do médium fora do corpo, que o cordão magnético que une o espírito do médium ao seu corpo seja cortado, e o espírito controlador continue a manter posse do

corpo do médium e a manifestar-se por seu meio, e todos os processos da vida prossigam como dantes, por largo tempo?

R. Não, não é possível, porque é diametralmente oposto às leis da natureza e do espírito.

P. Disse-se, por intermédio de Mrs. Conant, que os espíritos mudam as suas formas, como os humanos mudam as suas. Ora, se assim é, pergunto se, ao operar-se tal mudança, o espírito assume forma invisível à visão espiritual, ou aos amigos espirituais que ficam, como sucede connosco humanos quando morremos, isto é, mudamos a forma mortal pela espiritual? E a morte, ou mudança de forma, na vida espiritual, é semelhante, nas circunstâncias que a acompanham, à morte na vida terrena?

R. Os espíritos estão constantemente a mudar de forma. Estão constantemente a depor o de que já não carecem e a ajuntar para si o de que carecem. No mundo espiritual, tomam-se certas mudanças assinaladas com referência ao espírito e ao seu corpo, tal como aqui convosco. Há mudanças equivalentes à mudança a que chamais morte. Os espíritos, ao passarem de graus inferiores para superiores, tornam-se invisíveis para os que ficam abaixo deles. Assumem formas mais sublimadas; saem do grau de vida que pertence aos que lhes estão abaixo, e, por isso, os habitantes dessa esfera não os podem ver, tal como vós não podeis ver os que habitam onde eu habito.

Pelo Father Henry Fitz James, 25 de janeiro de 1870.

P. Benjamin Franklin, o filósofo e filantropo, foi visto recentemente na cidade de Nova Iorque. Teríeis jurado pelo vosso sagrado juramento que ele estava presente, e, no entanto, podia achar-se a um milhão de léguas do lugar das manifestações químicas. Podeis explicar?

R. Os espíritos têm o poder de projetar semelhanças de si mesmos a quase qualquer distância dos seus espíritos. Por exemplo, podem desejar mostrar-vos aqui em Boston a parte exterior, objetiva, do seu ser, enquanto eles próprios, a sua parte pensante, podem estar em Londres, ou talvez na estrela mais longínqua. Pela ciência da química, no mundo espiritual, isto faz-se. Os que deram tais demonstrações dizem-nos que é simples e facilmente aprendido.

P. Quando se mostram ao clarividente, conseguem transmitir os seus pensamentos na forma objetiva?

R. Sim, porque há uma ligação magnética entre a imagem e o espírito do seu pensamento. Podem entender os vossos pensamentos e responder-lhes. P. E podem projetar esses corpos a diferentes pessoas ao mesmo tempo?

R. Sim. P. É porque o vosso modo de pensar é tão mais rápido do que o nosso?

R. Sim, e tão mais volátil. Tendes relatos bem atestados do aparecimento de aparições de pessoas que ainda estão no corpo. Os espíritos que fizeram desta ciência um estudo dizem-nos que essas aparições nem sempre resultam da vontade por parte do espírito de quem são projetadas, mas que por vezes surgem como consequência elétrica do seu estado mental.

P. Pode um espírito ser visto em diferentes localidades ao mesmo tempo?

R. Não o espírito, mas a forma espiritual pode.

P. Há uma senhora que nunca vi e que dá testemunho da minha presença e do meu poder de a aliviar de sofrimento extremo, por alguma maneira totalmente desconhecida para mim na minha consciência exterior. É possível tal coisa?

R. Certamente que é.

P. Existe uma esfera espiritual em volta de cada planeta, separada e distinta da de qualquer outro planeta?

R. Há uma esfera espiritual em redor de cada objeto de ser, por pequeno ou grande que seja; portanto, tem de haver uma em redor de cada planeta. Nessa esfera, por certo, habitam espíritos.

P. Podem passar de uma para outra?

R. Certamente que podem.

P. Serão reconhecidos noutros planetas como espíritos de seres humanos?

R. Sim.

P. Podem comunicar uns com os outros?

R. Sim.

P. Podemos obter semelhanças (retratos) dos nossos amigos espirituais por via de médiuns?

R. Desde que o médium possa ser usado pelos espíritos que desejam representar-se. Sem isso, não.

Por Father Henry Fitz James, 27 de janeiro de 1870.

P. A feiticeira de Endor era médium?

R. Com toda a probabilidade humana, era; mas porque lhe chamais a feiticeira de Endor?

P. Assim é chamada na Bíblia.

R. Não, estais enganado. Não é assim chamada na Bíblia. A Bíblia fala dela como a mulher de Endor.

P. Teve a feiticeira de Salem algo a ver com o Espiritualismo?

R. Foi, decerto, uma fase do Espiritualismo moderno.

P. Os que viveram na vida mortal levam a sua orientação para a vida espiritual? E podem controlar as nossas circunstâncias aqui?

R. São muitas vezes autorizados, por lei natural e divina, a vir e a ajudar-vos a permanecer aqui. Levam consigo o seu amor, e todos os propósitos que enchem a alma passam com a alma para a vida espiritual.

P. Podem os que transgrediram as leis desta vida, pela lei do progresso, controlar-nos e guiar-nos para a pureza?

R. Decerto que podem.

P. O que é que leva os homens a fazer o mal: o humano ou o espiritual?

R. É questão difícil de responder. Como a humanidade, apartada do espírito, não poderia agir, devemos supor que, se o espírito faz mal ou erro, fá-lo por força de causas espirituais, não materiais.

P. Tem o espírito poder para manter o carnal em sujeição?

R. O espírito tem domínio sobre toda a matéria.

P. Então pode dele resultar o mal?

R. Um mal aparente, ou o menor bem.

P. A humanidade não está por vezes em ascendência?

R. Não o entendo assim. A matéria nunca se sobrepõe ao espírito.

Por Joseph Lowenthall, 8 de fevereiro de 1870.

P. A loucura afeta o espírito depois de deixar o corpo?

R. Só relativamente. Não fica qualquer efeito permanente no espírito. É apenas uma sombra temporária. Não há espíritos loucos. Às vezes fazem manifestações insanas por causa da condição desarmoniosa do organismo através do qual têm de se manifestar; e é tudo.

P. Segundo essa teoria, um espírito não poderia manifestar o seu verdadeiro eu senão por um organismo físico correspondente ao seu antigo eu.

R. Sim, essa inferência é correta.

P. E quanto mais de perto o organismo corresponde ao do espírito, mais fiel é a concepção que obtemos do espírito?

R. Sim.

P. A cor da pele acompanha o espírito para a terra dos espíritos?

R. Sim, relativamente. Como não provém do exterior, mas vem do interior para o exterior, é por força de natureza profunda. Fica incorporada em toda a vida física do ser e, mais do que isso, é parte do corpo espiritual — pertence-lhe —; por isso o corpo espiritual é afetado por ela, fica “colorido”, se quiserdes. Deste modo transfere-se do físico para o mundo espiritual e afeta o espírito após a morte. O índio continua índio em cor, traço e forma. O negro continua negro.

P. Então o homem terá tido origem em pluralidade e não em unidade?

R. Não o entendo assim. Creio que de uma única essência espiritual Deus fez todas as nações da terra, sim, de todos os universos, por mais distantes deste planeta. Creio num único princípio de vida. Ele é o mesmo nesta mesa que em ti e em mim. O bosquímano e o anglo-saxão, em essência, são um. Na expressão diferem muito, mas em essência são um.

P. Onde vem a divergência de compleição?

R. As influências climáticas produzem-na em muito grande medida — as circunstâncias exteriores. As condições de uma raça geram as suas características, orgânicas e outras.

P. Que resultará, nos anos vindouros, da grande emigração para este país, para as classes mais pobres?

R. Há de redundar na elevação do anglo-saxão. É facto conhecido que as raças que se excluem, que se isolam de todas as outras, cedo se extinguem. Ananicam-se intelectualmente e muito brevemente desaparecem da face da terra. Assim sucede com os aborígenes deste país. Estão a esvair-se simplesmente por falta de amálgama com uma raça mais alta. Os habitantes deste país estão destinados a tomar um grande lugar na escala do intelecto, e isso deve-se principalmente à vaga de emigração que flui de todos os pontos cardeais, trazendo o capital físico, intelectual, moral — na verdade, a riqueza de todas as diferentes condições de que dimana — para este centro, semeando o solo intelectual com sementes que hão de brotar em fruto para glória e honra do grande Condutor dos acontecimentos humanos.

Por William E. Channing, 10 de fevereiro de 1870.

P. É facto bem estabelecido que o espírito comunica independentemente dos sentidos animais, o que indica duas entidades. A natureza animal tem a sua experiência, e somos informados de que o espírito é puro como Deus. Sendo isto verdade, que é feito da vida animal quando deixa o corpo, e qual será a sua missão futura? Como o espírito tem a sua experiência no mundo espiritual, que não se pode conciliar com a consciência externa, também as faculdades externas têm a sua experiência no mundo externo, o que indica duas naturezas distintas, de que desejo explicação dos nossos amigos invisíveis.

R. A roda gira sem cessar. Espiritualmente e fisicamente, parecemos repetir-nos perpetuamente. Noutras palavras, movemo-nos em círculos, giramos para sempre em torno do grande sol central de todo o ser, de toda a vida. A alma, o espírito — para mim termos que procuram exprimir uma só ideia —, enquanto peregrina no tabernáculo da vida física, tem de se exprimir segundo as leis desta vida física. É um poder a tocar um maquinismo.

Difícilmente me compreenderíeis se vos dissesse que vós, cada um de vós, enquanto espíritos, estais fora e à parte dos vossos corpos físicos e “tocaís” neles como um músico num instrumento. Mas é assim. A vida animal, ou vitalidade elétrica, que pertence ao corpo, faz a sua parte para manter afinadas todas as funções do corpo animal. Não pensa; não se

exprime inteligivelmente; não aspira. Pode ser inspirada segundo o seu grau, mas nunca aspira. O corpo espiritual e o espírito são um.

O corpo animal e a vida animal são outra entidade distinta, tal qual o instrumento é o instrumento e o executante é dele claramente distinto. A natureza dual da humanidade vai sendo lentamente entendida. Passo a passo ides chegando à compreensão do que sois; mas o crescimento nesta direção, como em todas, tem de ser lento. Não podeis facilmente entender como vós, enquanto indivíduo, podeis estar em dois lugares ao mesmo tempo. Muitos de vós não o credes, mas é um facto. O corpo pode estar aqui, e o espírito a milhares de milhas, comunicando com os seus amigos, falando através do seu corpo espiritual.

A ciência deste mundo está a rolar lentamente a pedra, e, a seu tempo, o anjo aparecerá em puros, alvos mantos. Compreender-vos-eis melhor a vós próprios e, à medida que vos entenderdes, entenderéis o vosso Deus. Mas não cabe a mim, nem a espírito algum, por mais exaltado que seja, por mais sábio, voltar e despejar-vos o que saber possuo sobre o tema. Tem de crescer com a vossa consciência, devagar, para que o possais entender e apreciar.

P. Não julgais que os adornos artificiais usados pelos homens e, sobretudo, pelas mulheres prejudicam o crescimento e desenvolvimento normal do espírito humano? Não seria melhor adornarmo-nos mais em harmonia com a Natureza e a saúde física?

R. A raça humana, sem exceção, é dotada de amor pelo belo, do mais rude selvagem à mente mais cultivada. A alma venera instintivamente tudo o que é belo, seja uma rosa, seja uma obra de arte. Esse amor ao belo causa todo este aparato de vestir que vemos em todas as eras. O que um indivíduo concebe por belo, deseja apropriar-se. O selvagem entende que fica melhor quando está com as pinturas — por isso pinta-se. A beldade moderna pensa o mesmo — e pinta-se.

O selvagem e a beldade moderna colhem ambos o amor do belo na Natureza e em Deus. Ainda não sabem exprimir esse amor plena e perfeitamente. Quando souberem, não pintarão o rosto. E, com toda a probabilidade, não se carregarão de atavios inúteis. Digo: quando aprenderem melhor, não o farão. Mas, a pouco e pouco, o homem, no exterior, vem a conhecer as joias, e o seu brilho e uso, que jazem no interior do seu ser. Esse amor do belo é um dos mais belos dons de Deus ao homem. Mas, por agora, está mal compreendido e, por isso, é feito ídolo.

P. Disse-se na semana passada, pela influência controladora, que a punição por o mal feito nesta vida era infligida por outro no mesmo sentido na vida espiritual. Ora, se houve arrependimento aqui, permitir-se-á que a punição se estenda na outra vida por algum espírito vingativo com poder de a infligir?

R. Há espíritos ignorantes fora, como há dentro, de corpos físicos; e enquanto os houver, teremos de esperar manifestações de ignorância. Exemplifico: o Sr. A., neste mundo, imagina que foi lesado — e talvez tenha sido — pelo Sr. B., e deseja vingar-se. Entende que ele não foi punido pelo crime contra si. Ambos vêm ao mundo espiritual. Talvez o Sr. B. se tenha arrependido do mal e, segundo a sua consciência, pago a pena em profundo remorso. Ambos surgem no palco da vida espiritual.

O Sr. A. sente que o Sr. B. o lesou e que não foi punido. Deseja infligir-lhe punição e tem poder para isso. E fá-lo. Mas não o faria se fosse suficientemente sábio para ver que o homem já fora punido, que sofrera, e que não havia necessidade de mais sofrimento; que fora seu próprio juiz, se condenara e pagara até ao último centil e, segundo a sua luz, seguira livre. Mas o Sr. A. não vê isto. É ignorante e procura tirar o trabalho de Deus das mãos de Deus, como tantos nesta vida. Assim, põe-se a puni-lo — distribui-lhe a “justiça” que supõe. Os espíritos têm poder para isto na nossa vida, como o têm nesta.

P. Vemos nos funerais mortos e caixões cobertos de flores. Embelezamos os cemitérios com elas. E em todas as ocasiões, alegres ou tristes, temos flores, se possível. Nas vossas sessões pedis flores aos interessados. Qual é o sentido disso? Para que servem?

R. As flores não podem deixar de inspirar a alma com amor pelo Autor das flores; não podem deixar de elevar a alma, ainda que de modo transitório, um grau na escala do ser. Quereis elevar-vos acima da tristeza quando os vossos mortos estão diante de vós, e a Natureza chama instintivamente por flores. Nas ocasiões de alegria quereis ser ainda mais alegres. A Natureza volta a chamar por flores. Um escritor disse, com verdade, que são a linguagem dos anjos. Falam à alma de Deus. À medida que subirdes em amor por Deus e pelo belo, amareis mais e mais as flores.

Por Father Henry Fitz James, 14 de fevereiro de 1870.

P. Como é que questões em envelopes selados são respondidas por outros espíritos em vez daquele a quem são dirigidas?

R. Permitti que explique o processo. Ao responder às vossas cartas, escolhe-se algum espírito mais apto ao trabalho para tomar o controlo do médium, parcial ou total, conforme os casos. Esse espírito fica então, para todos os efeitos, habitante na vida física, aqui convosco. Ao mesmo tempo, está ligado aos invisíveis que são vossos hóspedes neste lugar. O espírito que está a responder às cartas não pode ver para além do exterior, mais do que o vosso médium, mais do que vós. Sabe apenas o que está no exterior, o que apela ao olho — nada mais.

Por isso é necessário que algum nome figure no envelope, quer do espírito que desejais chamar, quer o vosso. Então o espírito que responde chama — silenciosa, mas poderosamente para o espírito — o nome do envelope. Se alguém estiver presente que lhe possa responder, responde; se não, o envelope é geralmente posto de lado, por não ser possível responder. Gastar-se-ia muito mais tempo e muito mais magnetismo para fazer vir, a cada chamada, o espírito próprio para controlar o médium e dar a resposta.

Talvez em sete de cada dez tentativas falhassem; por isso escolhe-se um que sirva de amanuense para todos os restantes, sendo mais fácil para o médium e para os espíritos que querem responder. Temos apenas tanto tempo ao nosso dispor e só tanta força magnética que possamos gastar.

P. Informaram-me muitas vezes que as crianças, morrendo muito novas, progridem e aprendem no mundo espiritual como quando vivas. Se assim é, por que motivo, como tenho notado várias vezes, crianças falecidas há muitos anos voltam, controlam o médium e falam infantil e indistintamente, como quando aqui?

R. Tais manifestações não são normais; são anormais, até para o espírito que as produz; são dadas para apelar à vossa vida passada. Por exemplo, conhecestes o vosso filho como pequenino. Ele cresceu até à maturidade no mundo espiritual, mas quer apelar à vossa consciência, ser lembrado. Portanto vem ter convosco como foi quando aqui esteve, o mais que pode. Se viesse como é agora em espírito, veríeis que fez, enquanto espírito, o mesmo progresso que faria, em adequadas circunstâncias, na vida física aqui.

Por Theodore Parker, 15 de fevereiro de 1870.

P. Os nossos espíritos estiveram revestidos de mortalidade antes da presente existência?

R. Muitos de vós. O que é verdade num caso não o é em todos. Alguns de vós, sem dúvida, mal começastes a estrada da experiência humana; outros já a trilharam longamente.

P. Depois de os nossos espíritos passarem deste corpo, voltarão algum dia da terra dos espíritos para habitar de novo na terra?

R. Creio que sim.

P. Pode um homem viver tão bem nesta vida que consiga vencer muitas leis da Natureza, como se diz que Cristo fez?

R. Não creio que Cristo tenha vencido qualquer lei natural. Creio que, entendendo a lei, agiu em harmonia com ela — fez dela sua serva — não a venceu.

P. Foi pela perfeição da sua natureza, por aproximação espiritual ao Pai?

R. Creio que muito contribuiu.

P. E não tudo?

R. Não.

P. É acaso da Natureza?

R. Não.

P. Incidência da Natureza?

R. Sim.

P. Pode alguém transmitir tal Natureza?

R. Julgo que sim. Quanto mais santo fores, maior confiança terás em ti, mais positivo serás. Jesus, se viveu vida irrepreensível, naturalmente tinha confiança em si. Sentia que teria a força necessária. Para produzir qualquer grande obra, de mente ou de matéria, a confiança em si mesmo é absolutamente necessária.

P. A sua humanidade perfeita habilitava-o a ligar-se mais plenamente à lei da Natureza?

R. Certamente. Atraía a si aquelas inteligências altas e poderosas que melhor o podiam auxiliar na obra.

P. A consciência de fazer o bem dá poderes extraordinários.

R. Dá, decerto.

P. Jesus ergueu-se do túmulo no seu corpo natural?

R. Não o creio.

P. Então que quis dizer com “Um espírito não tem carne e sangue, como vedes que eu tenho”?

R. Quis dizer que, por então, se adornara de um corpo físico. Não disse que retomara o corpo antigo que fora crucificado e posto no túmulo. Reuniu para si, pelo seu conhecimento da lei natural, os elementos que apelariam ao sentido físico. Noutras palavras, fez para si um corpo físico, através do qual podia agir temporariamente. Não viram o seu espírito — viram apenas aquele corpo.

P. A oração e o jejum aperfeiçoam a natureza de alguém?

R. Sim, desde que ores porque sentes que deves. Muitos oram porque aprenderam que é “certo”. Isso não é oração honesta — nada aproveitará. Mas, se, ao orares, sentes que a oração te nasce do fundo sagrado da alma, fará algo por ti.

P. E o jejum?

R. Valerá pouco ou nada, salvo no que toca à vida física. Muda, por algum tempo, os elementos da vida física. Só isso.

P. Havia necessidade do jejum de Cristo?

R. Ele assim o disse.

P. E de Elias e João?

R. Assim afirmaram.

P. E dos antigos santos que se tornaram notáveis pela santidade?

R. Muitos assim afirmaram. Não temos direito de os contestar. Se criam nesse rito, era-lhes sagrado. Se jejuavam porque sentiam que deviam, do íntimo sagrado da alma, estava certo. Elevá-los-ia na escala espiritual do ser.

P. Não reduz o jejum a natureza animal, enquanto a oração ressalta o espiritual? Não se devem empregar ambos?

R. Há, sem dúvida, verdade nessa ideia. Mas há pessoas a quem se pode levar a relações espirituais muito melhor pelo caminho oposto. Não é regra aplicável a todos com êxito.

P. Muitos afirmam que o corpo natural de Cristo foi ressuscitado. Ele disse a Tomé: “Mete os dedos no meu lado”. Como é isso?

R. Sei que muitos assim creem, mas também sei que não é verdade. Esse corpo, como há pouco observei, pelo qual Jesus se manifestou quando apareceu aos discípulos após a crucificação, foi um corpo que ele “fabricou”, se quiserdes, do ar. Reuniu esses elementos do ar e “fabricou” um corpo físico, exatamente como os espíritos, hoje, “fabricam” rostos e mãos com que vos saúdam através dos gabinetes dos Davenports e outros.

É a mesma lei.

P. Era carne e sangue?

R. Sim, carne e sangue para todos os efeitos.

P. Quais são os equivalentes de carne e sangue no mundo espiritual? Serão eletricidade e magnetismo?

R. Sim; podeis chamar-lhes esses nomes como quaisquer outros. Compreendê-lo-íeis do mesmo modo.

Por Theodore Parker, 21 de fevereiro de 1870.

P. Quando o corpo sofre decapitação, o corpo espiritual sofre mutilação em algum sentido?

R. Não, não sofre. Podeis matar, podeis decapitar o corpo físico, mas não podeis ferir o corpo espiritual. Esse desafia tais processos. Nunca sofre por acidente. Está sempre íntegro em si.

P. Diz-se que a cabeça de um decapitado conserva sensação, às vezes durante três horas, e parece exercer o cérebro por cerca de uma hora. Isto interfere com a formação do corpo espiritual?

R. Não, porque o corpo espiritual já está formado.

P. Há alguma diferença entre o efeito disso e o da morte natural?

R. Sim, a diferença que pertence às circunstâncias. O espírito deixa o corpo muito lentamente. A atração que prende o espírito ao corpo físico

foi violentamente rompida e, como resultado natural, o espírito mantém o seu apego à vida física muito mais tempo do que noutros casos, porque aí a atração é mais forte do que seria se a separação tivesse ocorrido por doença.

P. Fica alguma vez no cérebro consciência do seu estado?

R. Creio que não. O cérebro pode agir magneticamente, mas não intelectualmente.

Pelo Rev. Arthur Puller, 28 de fevereiro de 1870.

P. Numa das vossas sessões, a inteligência controladora, em resposta à pergunta “Porque não comunicam alguns dos meus amigos espirituais?”, deu como razão “que há uma lei que controla as comunicações dos espíritos. Quando a lei é favorável, então comunicarão”. Pedimos que explique como e com que princípio opera essa lei. Muitos desejam ardentemente mais luz sobre o assunto.

R. É uma lei universal da natureza que permite o regresso dos espíritos, comunicando com os que ficam na Terra. Presume-se que sabeis todos que essa lei natural impõe certas exigências a cada alma viva, que devem ser cumpridas. Por exemplo, se desejo manter o controlo deste corpo, tenho de respirar, tenho de usar a atmosfera em que me encontro. Tenho de agir em conformidade com a lei tal como a encontro expressa através deste organismo humano, ou não posso permanecer no controlo.

E, ainda, se ao aproximar-me deste, ou de qualquer outro organismo estranho, descubro que ele não está naquele momento adaptado ao meu uso — isto é, está magnética e eletricamente em oposição a mim —, a lei da repulsão atua sobre mim. Se ela diz “Não podes aproximar-te”, eu não posso. Tenho de esperar até que a lei da atração, ou aquele aspeto da lei chamado atração, me acene e me convide a usar o organismo. Por vezes, a esfera física do médium pode repelir-nos, enquanto a atmosfera espiritual pode atrair, e vice-versa. Nunca podemos saber se vamos conseguir controlar um médium até entrarmos no raio da sua esfera magnética. Aí sabemos de imediato. Há um número infinito de pontos nesta grande lei natural, infinitos mesmo no que respeita à causa do controlo espiritual; portanto seria impossível desenvolver todos.

P. Quais são algumas das condições necessárias a observar por quem pede que o espírito exerça controlo?

R. Uma condição necessária é um estado de espírito passivo por parte de quem pergunta. Estai dispostos a receber o que o espírito puder dar, pesando sempre o que é dado na balança da vossa própria razão e aceitando apenas o que a vossa razão sanciona — nada mais. Além disso, é necessário depor todo o preconceito. Ponde todos os vossos conceitos prévios debaixo dos pés e sede dispostos a receber o que for verdadeiro, pelo próprio valor da verdade.

Quem procura investigar este fenómeno deve lembrar-se de que é a voz de Deus a falar aos seus filhos. E, lembrando-o, vireis com humildade pedir ao Grande Espírito Pai que vos conceda o de que mais precisais. Pedi com toda a honestidade de coração, sem evasivas, quer no pensamento quer na palavra. Enviai, do centro do vosso ser, pensamentos honestos, propósitos honestos, e ficai certos de que recebereis em retorno da mesma espécie.

P. Peço a um espírito comunicante acerca da condição de certa alma na vida espiritual, e respondem-me que a alma sofre severamente de remorso de consciência. Um espírito índio vem e testemunha que a vê coberta de vermes, ou de outro modo muito aflita fisicamente. Por que motivo o primeiro espírito não vê os mesmos arredores externos da alma que o índio descreve? Explicai o porquê, tanto quanto possível em termos ao nosso alcance.

R. As almas estão continuamente a mudar de estado — de condição de existência. Assim, é perfeitamente possível que uma inteligência veja uma alma em certas condições específicas, enquanto outra, olhando para ela noutro momento, a veja sob condições diferentes. Não deveis supor que as almas no mundo espiritual são sempre externamente as mesmas, porque não o são.

P. No caso referido, o espírito foi visto por ambos ao mesmo tempo, e a inteligência disse que o índio o via do modo descrito.

R. O índio está, espiritualmente, sempre na plataforma da Natureza e, se lhe há de ser apresentado um estado de mente, é-lhe mostrado algum símbolo por que possa reconhecer a verdadeira condição dessa mente. Aprende por símbolos no mundo espiritual como aqui. Começou a sua educação assim e, em geral, ela prossegue assim no mundo espiritual. Pode ainda explicar-se deste modo: por exemplo, posso ver grande beleza numa rosa. Para mim, pode ser excessivamente bela — pode falar-me do céu —, enquanto meu irmão pode não ver nela beleza alguma. É apenas uma forma de vida vegetal. Ele não vê, não apreende

a beleza. Deus, na beleza, não lhe fala a partir da rosa. Mas fala-me a mim, porque somos constituídos de modo diferente. Percebemos as coisas a partir do nosso plano particular de percepções; ainda aqui, na vossa vida, procedeis assim — e, na terra dos espíritos, isso leva-se a maior perfeição.

Presidente. Lerei a seguinte carta:

Frankfort-on-Maine, Alemanha, 23 de janeiro de 1870.

Aos Editores do “Banner of Light”.

Prezados Senhores: Há quinze anos convenci-me da verdade do Espiritualismo, que desde então tem sido o meu maior conforto e consolação. Residia então em Nova Iorque. Desde a minha chegada aqui, verifico que a nossa bela filosofia se está a difundir amplamente na Alemanha; mas surpreendeu-me constatar que os guias espirituais das sociedades de Viena, Breslau, Leipzig, etc., bem como os de Paris e Bordéus, ensinam invariavelmente que temos de passar por muitas reencarnações neste ou noutros mundos; que, quanto mais alto o nosso desenvolvimento e maior o progresso durante a estada na Terra, menos reencarnações necessitamos. Queiram pedir aos guias espirituais do vosso “círculo do Banner” que me informem se esta doutrina é correta, pois nunca a ouvi ser promulgada nos Estados Unidos.

Vossa, pela verdade e pelo progresso,
Eosetta Klein.

R. A teoria da reencarnação na América é ainda um bebé — está na infância. Em algumas partes da Europa, atingiu a maioridade. Como temos o testemunho de milhares de espíritos — digo “temos”, referindo-me a mim e ao grupo espiritual com quem me associo —, como temos o testemunho de milhares de espíritos que se lembram de terem vivido várias existências físicas, claro está que sabemos que a teoria é correta. Não sabemos se nós próprios voltaremos a ser reencarnados repetidas vezes na vida física, mas cremos que sim. Julgando pela experiência de outros, cremos que será também o nosso destino.

Por William E. Channing, 7 de março de 1870.

P. Como explicais tanta apatia entre espíritas quanto aos fenómenos do Espiritualismo?

R. Todos os estados de ser, de pensamento e de sentimento têm as suas marés altas e marés baixas. Por vezes, o crente é levado, queira ou não, aos cumes da inspiração e aspiração. Estende as mãos intuitiva e instintivamente às coisas do espírito. Outras vezes, parece sentar-se no vale e sombra de escuridão espiritual, apatia espiritual. Porquê? Porque está constituído de modo a não poder estar sempre a procurar. Não pode estar sempre a pedir. Tem de haver um tempo de acalmia nestas coisas. Há poucos anos, os espíritas eram levados na maré alta do desejo por Espiritualismo fenomenal.

Lutaram com as ondas por meses, sim, por anos, e a maioria saiu satisfeita desse combate. Saíram vitoriosos e, na sua ignorância, disseram: “Agora já temos o suficiente. O mundo já não precisa do Espiritualismo fenomenal, porque, em boa verdade, nós estamos satisfeitos.” Digo que, na sua ignorância, dizem isto, esquecendo que há outros, e sempre haverá, a subir a mesma escada que eles subiram, que necessitam do Espiritualismo fenomenal. Precisam dele para satisfazer as primeiras exigências da curiosidade neste assunto. Os que disseram que o mundo já teve suficiente Espiritualismo fenomenal hão de perceber o seu erro. Serão em breve chamados a olhar para trás, a rever as cenas por que passaram. Hão de parar e refletir sobre a necessidade que existe de outros passarem pelo mesmo, para que também eles conheçam o Espiritualismo.

P. Doença, acidente ou hábitos de dissipação destroem o poder mediúnico, como no caso dos Davenports e outros?

R. Sabe-se que a doença pode alterar de tal modo as correntes ou forças magnéticas dos médiuns que destrói o seu poder mediúnico. Creio ser uma lei aplicável a todos os médiuns.

P. Nem sempre acontece, pois não?

R. Nem sempre. A dissipação, por si, raramente destrói o poder mesmérico, a menos que arruíne a constituição física e sobrevenha doença. Então é questão secundária.

P. É este o início da nossa existência?

R. Tomando o testemunho daqueles que nos declaram ter vivido antes desta existência humana, eu diria que, no caso deles, certamente não foi o início; e inferiria também, pelo seu estado, que talvez não tenha sido o início com nenhum de nós; que vivemos há idades, talvez ciclos de idades.

P. Há alguma certeza disto, para além do que afirmam?

R. Não, para nós não há certeza, porque não podemos estar certos de algo que não experimentámos. Para eles é certeza absoluta; para nós não é.

P. É possível que alguns tenham existido antes desta vida e outros não?

R. Sim, é o que creio.

Peli Padre Henry Pitz James, 8 de março de 1870.

P. Na comunhão entre espíritos e mortais, vêm eles até nós, ou vamos nós até eles? Noutras palavras: é requerida locomoção para espíritos ou clarividentes?

R. Sim. Embora eu pudesse comunicar convosco residindo na estrela mais distante, sem sair da minha posição, pode acontecer que deseje ir pessoalmente até vós e, desejando, tenho poder para o fazer. Não é necessidade absoluta que o espírito esteja pessoalmente convosco para comunicar, mas é geralmente o caso.

P. A onnipresença não é atributo da alma humana?

R. Não o entendo assim.

P. Não há possibilidade de desenvolvimento para tal?

R. Não; isso pertence a Deus e a nós enquanto partes de Deus; mas não a podemos exercer, porque não somos o Todo.

P. Então nunca nos tornaremos deuses?

R. Não nesse sentido.

Por Cardeal Cheverus, 10 de março de 1870.

P. Tendo lido, nas “Perguntas e Respostas”, numa edição recente do “Banner”, sobre o efeito que os vários destinos dados ao corpo nos três dias após a morte produzem no espírito, gostaria de perguntar, se for próprio, qual seria o efeito — ou vantagem, se alguma — tanto para o espírito como para a humanidade física em geral, de queimar o corpo, e qual o momento mais adequado para o fazer?

R. Esse era um método favorito de destruição de cadáveres entre certa classe de antigos. Criam que estava mais conforme à natureza e ao espírito. Criam que, enquanto os átomos que compõem o corpo físico se mantivessem unidos como corpo, o espírito não podia gozar plena liberdade; que era atraído com tanta força por esse corpo que, nesse sentido, era um prisioneiro. Tomavam, pois, o caminho mais curto para o destruir, dissolver os elementos e alterar tão completamente as condições que separassem o espírito e lhe dessem a liberdade. Sabemos que havia uma grande verdade, um facto científico, subjacente a essa crença dos antigos. Digo “sabemos”: nós, que experimentámos por esse lado, nós, libertos da carne. Podemos estar de fora e contemplar a operação da lei com respeito à matéria e ao espírito. E, ainda assim, creio que há um bem que advém ao espírito pelo processo de decomposição lenta do corpo.

É a mesma lei.

P. Era carne e sangue?

R. Sim, carne e sangue para todos os efeitos.

P. Quais são os equivalentes de carne e sangue no mundo espiritual? Serão eletricidade e magnetismo?

R. Sim; podeis chamá-los por esses nomes como por quaisquer outros. Compreendê-lo-íeis do mesmo modo.

Por Theodore Parker, 14 de março de 1870.

P. De que benefício é a barba no rosto do homem?

R. Os médicos dizem-nos que é dada como proteção para aquelas glândulas faciais sensíveis peculiares ao homem. A mulher não necessita, porque essas glândulas são menos sensíveis. A Natureza provê a todas as necessidades dos seus súbditos, por pequenas ou por grandes que sejam.

P. Reconhecem-se sexo e afeições na terra dos espíritos? Se sim, até que ponto?

R. Sim, por certo. Há ali o masculino e o feminino claramente definidos; e, como a afeição não pertence ao corpo, mas à alma, naturalmente a alma a leva consigo depois de deixar o corpo.

Pelo Padre Henry Fitz James, 17 de março de 1870.

P. Na secção de mensagens, há algum tempo, ao referir-se a formas espirituais vistas por médiuns, afirmou-se que a atmosfera da nossa Terra contém tudo quanto pertence a este planeta e muito mais, e todos os elementos necessários à formação de tudo quanto é conhecido aos nossos sentidos; que as formas espirituais, tal como vistas pelos médiuns, não são na realidade as formas absolutas e genuínas dos espíritos, mas as que eles criaram temporariamente a partir da atmosfera e, conseqüentemente, perecíveis. “A minha esposa vê espíritos — pelo menos a aparência exata de pessoas que habitaram o corpo mortal; a questão é: se o que ela vê não é a forma real do espírito, que género de forma possui ele?”

R. Por forma real entende-se o corpo espiritual permanente. Pelo que podemos chamar a irreal, entendemos o que foi temporariamente tecido a partir de elementos atmosféricos. Tal corpo pode ser visto pelo olho natural, mas um corpo espiritual só pode ser visto pelo olho espiritual, percebido pelos sentidos espirituais. Quando os espíritos se vestem da atmosfera, todos vós os podeis ver, tocá-los. Têm corpos que são carne e sangue, e ossos, e tendões, e nervos — tudo fabricado a partir da atmosfera. Mas quando apenas os médiuns os veem, veem-nos com o olho espiritual. As suas percepções espirituais abrem-se, enquanto as das massas não, e veem o corpo espiritual — aquilo que é permanente com o espírito.

P. Numa das orações feitas aqui, pediu-se que Deus abençoasse os que pedem bênçãos. Serão as pessoas mais propensas a receber bênçãos por rezarem por elas?

R. A oração aproxima-nos do espírito do bem, desse espírito infinito de bem que existe em toda a parte. Muda a nossa condição espiritual e torna-nos mais recetivos às bênçãos que pedimos. Isto é tudo o que a oração pode fazer por nós. Não pode alterar os desígnios do Infinito. Não pode trazer Deus para mais perto de nós, senão à medida que nós nos aproximamos de Deus.

P. Na medida em que forem os nossos desejos, estaremos preparados para receber essas bênçãos?

R. Sim.

P. Não há mais benefício do trabalho do que da oração?

R. Para mim, o trabalho é oração e a oração é trabalho. Por oração, não entendo simples palavras ditas da boca para fora.

P. O bem-estar moral da sociedade não depende mais do trabalho do que da oração?

R. Sim, certamente. Um homem poderia rezar por toda a eternidade para que o seu campo fosse semeado de trigo e a colheita recolhida, mas, a menos que ele ou outrem trabalhe nesse campo, o trigo não será semeado nem a colheita recolhida.

P. A oração sem obras vale alguma coisa?

R. Não, certamente que não. É oração sem espírito, sem alma.

P. À medida que o Espiritualismo avance, as igrejas ruirão e erguer-se-á uma nova organização sobre as suas ruínas? Ou é provável que as igrejas adotem o Espiritualismo e mantenham a sua organização?

R. O mais provável é que as igrejas o adotem. Não vedes que já está a ser incorporado em todas as igrejas? Estão a bebê-lo tão depressa quanto podem. As suas antigas trevas teológicas retirar-se-ão silenciosamente perante esta luz espiritual. Noutras palavras, este fermento, que está em todas as igrejas, acabará por levedar toda a massa. Serão mudadas sem disso se darem conta. É propósito dos espíritos que regressam não derrubar, mas espiritualizar todas as igrejas.

Por John Pierpont, 21 de março de 1870.

P. Teremos alguma evidência na Natureza de um desígnio inteligente a operar na Natureza para o cumprimento de fins específicos, ou são as percepções de aparente adaptação e desígnio apenas a relação necessária de causa e efeito às forças inerentes aos elementos primordiais da matéria?

R. Essas forças primordiais que são inerentes à matéria hão de ter tido uma causa. Tem de ter havido um poder por trás delas, e esse poder creio ser espírito, e também inteligência.

P. Há alguma inteligência consciente em si no universo exceto a inteligência consciente em si organizada do espírito humano?

R. Não; não conheço nenhuma; conseqüentemente, é correto que responda como respondo.

P. Não podemos, com igual legitimidade, inferir que há um poder para além do espírito, como vós inferis que o espírito excede todas as forças primordiais?

R. Sim, é legítimo inferirdes isso, mas o passo seguinte é demonstrá-lo.

P. Podemos esperar em breve algumas mudanças importantes neste movimento geral a que chamamos Espiritualismo?

R. Sim, e penso que não esperareis em vão.

P. Podeis indicar algumas dessas mudanças, em traços gerais?

R. Haverá manifestações físicas mais marcadas, como lhes chamais, pois deve entender-se que ainda delas necessitais. Haverá manifestações intelectuais mais marcadas. A clariaudiência tornar-se-á mais geral; a clarividência, visão clara, tornar-se-á mais geral. Na verdade, todas as diferentes fases com que estivestes familiarizados no passado se tornarão mais elevadas, e ser-vos-ão reveladas outras fases.

P. Que se entende por respiração espiritual?

R. Referis-vos à ação do corpo espiritual em algumas pessoas, enquanto o espírito está incorporado no corpo físico. Há alguns entre vós cujos corpos espirituais são tão ativamente usados, mesmo enquanto estão aqui no corpo físico, quanto os seus corpos físicos. Por exemplo, os seus pulmões espirituais são usados pelo espírito; os seus sentidos espirituais são usados; os seus corpos espirituais são usados tanto quanto os seus corpos físicos o são, e mais ainda. A essas pessoas chamais médiuns. A ação deste corpo espiritual dá-lhes predominância sobre a vida física. São capazes de se afastar dos seus corpos quase à vontade. Espíritos de fora conseguem controlar não só os seus corpos espirituais, mas também os seus corpos físicos, produzindo uma variedade de manifestações do Espiritualismo com que todos estais familiarizados.

Como a varíola (small-pox) é agora prevalente, encerramos o volume com algumas declarações (fora de ordem cronológica) feitas em referência a um caso particular.

Pelo Doutor Sidney A. Doane, março de 1871.

A varíola dá geralmente certos sintomas premonitórios — envia certos correios adiantados da sua vinda que não podem ser confundidos, sobretudo se se espera tal hóspede. Pois bem, se sentirdes esses

sintomas, que, no vosso caso, serão dor intensa na base do cérebro, frio nas mãos e pés, calor excessivo no estômago acompanhado de náusea — estes serão os primeiros avisos da vinda do vosso hóspede —, então tereis tempo de sobra para arranjar para vós uma casa o mais na periferia da cidade possível; assegurar para vós dois assistentes que já tenham tido a doença; escolher o maior e mais arejado aposento da casa para o quarto em que haveis de estar doente; e, se não for devidamente ventilado, abrir um buraco em qualquer lado da casa, se não houver chaminé no quarto. Se houver, abrir uma via para o local e mantê-la sempre aberta.

Depois, manter uma das janelas entreaberta no topo, mas não de modo a que a corrente vos atinja; manter o quarto a uma temperatura de sessenta e cinco graus, não muito abaixo nem muito acima. E isto deve ser feito com fogo de lenha, com nada mais. Tomar então bastantes bebidas quentes e beber, em particular, livremente, um caldo de farinha de milho (Indian-meal) feito com água, muito ralo, e usar pouco sal, se algum, na comida.

Se a doença se mostrar renitente em vir à superfície, os assistentes devem enrolar-vos num lençol torcido de água morna — não fria — e embrulhar-vos bem em cobertores até ficar completamente “cozido” a vapor, dando-vos, entretanto, a beber um chá de abeto (hemlock) e açafraão (saffron). Deve-se ter sempre cuidado que o quarto esteja escuro, tão escuro que mal possais ver uma mão diante de vós. Esta precaução preservará a pele e tornará a doença menos propensa a tomar um rumo invertido depois de ter vindo à tona por algumas horas, como às vezes sucede pela entrada de luz em excesso no aposento.

Segui este curso, sem tomar alimento sólido por catorze dias e, a menos que esteja decretado que deveis deixar o corpo, vencereis a doença e saireis melhor do que entrastes nela.

P. Recomenda a vacinação?

R. Nunca! nunca! nunca! É uma das mais danosas de todas as práticas alguma vez introduzidas; é um entrave direto ao esforço da Natureza para vos fazer bem, e os que sofreram com a prática são legião. Os vossos manicômios transbordam das suas vítimas, e a tuberculose, tão prevalente nos Estados da Nova Inglaterra, pode — noventa e nove centésimos dela — ser rastreada à vacinação; na verdade, a maioria dos males que afligem a humanidade pode ser rastreada a essa prática terrível; e o Dr. Jenner hoje, na terra dos espíritos, lamenta a sua vinda

ao mundo. A varíola, para o ignorante, é uma maldição, mas para quem entende a Natureza e as suas leis e modos de agir, é uma bênção; porque, então, havemos de pedir que se impregne o organismo com o vírus que só produzirá maus resultados por toda a vida, impedindo a entrada do médico que a Natureza manda com sonda e bisturi para expulsar a doença?

FIM